



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

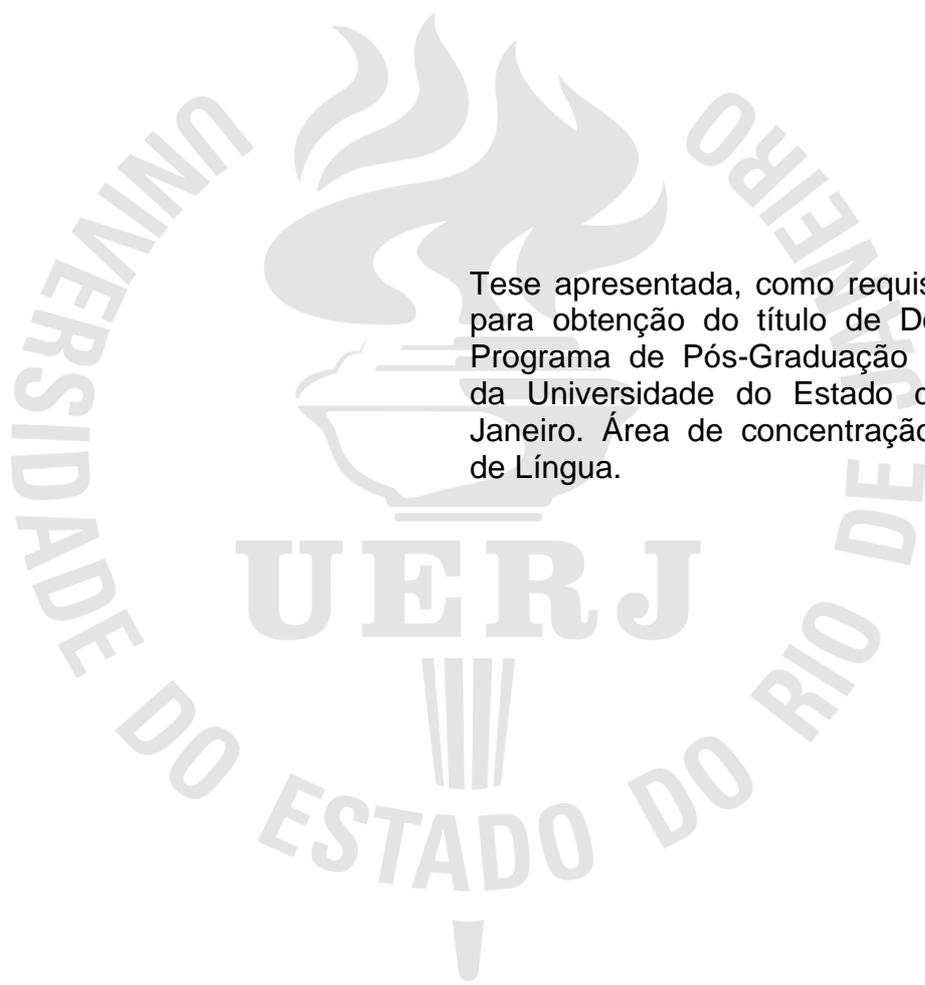
Viviane Carlos de Oliveira Tavares Campos

**O poder de falar bem: um estudo sobre o ensino de Oratória em
escolas cristãs brasileiras por meio do Sistema de Avaliatividade**

Rio de Janeiro
2022

Viviane Carlos de Oliveira Tavares Campos

**O poder de falar bem: um estudo sobre o ensino de Oratória em escolas
cristãs brasileiras por meio do Sistema de Avaliatividade**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof.^a Dra. Tania Maria Granja Shepherd

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C198 Campos, Viviane Carlos de Oliveira Tavares.
O poder de falar bem : um estudo sobre o ensino de oratória em escolas cristãs por meio do sistema de avaliatividade / Viviane Carlos de Oliveira Tavares Campos.– 2022.
265 f.: il.

Orientadora: Tania Maria Granja Shepherd.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Oratória – Estudo e ensino - Teses. 2. Retórica – Teses. 3. Educação cristã - Teses. 4. Linguística – Teses. 5. Análise do discurso – Teses. I. Shepherd, Tania M. G.(Tania Maria Granja). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Viviane Carlos de Oliveira Tavares Campos

O poder de falar bem: um estudo sobre o ensino de Oratória em escolas cristãs brasileiras por meio do Sistema de Avaliatividade

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 29 de julho de 2022.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Tania Maria Granja Shepherd (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Vivian Mendes Lopes
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Cristiane Pinheiro
Universidade Federal do Piauí

Prof.^a Dra. Mônica Pinz Alves
Florida Christian University

Prof.^a Dra. Janaina da Silva Cardoso
Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

A Jesus Cristo, fonte e fim de todo conhecimento. Razão da minha vida. Meu Senhor
e Salvador.

À minha família, por não desistirem de mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus toda a honra e toda a glória. Por sua misericórdia e graça pude chegar até aqui. Ele é fiel em cumprir todos os Seus propósitos.

À minha mãe, Felisbela Tavares, que é um exemplo de determinação e persistência para mim. Sei o quanto sonhou com a conclusão desta etapa.

Aproveite a Deus que meu pai, Homero Tavares, não pudesse estar aqui para receber a minha gratidão por ter sido para mim um exemplo de mestre e educador que me incentivou em todo seu tempo de vida a amar o conhecimento e prosseguí-lo.

Ao meu marido, Alexandre Campos, a outra parte de mim, que sofre comigo as agruras do penoso caminho e também a alegria das conquistas.

Aos meus filhos Miguel e Felipe Campos, que renunciaram à minha presença e atenção muitas vezes e que, me transformando numa educadora muito melhor, me inspiraram a amar a educação ainda mais.

À minha irmã, Kátia Tavares, sempre incentivadora e exemplar.

Ao meu irmão Homero Tavares, pelo suporte técnico em tantas ocasiões.

Ao meu irmão João Carlos Tavares, pelo suporte técnico e por me presentear com um computador que aguentasse bem até o fim dessa jornada.

À minha orientadora, Profa. Tania Shepherd, por ser simplesmente impecável, amável, criativa, sensível, profissional. Minha total admiração.

À Ana Beatriz Rinaldi, que colocou a primeira pedra para o caminho do sonho de formar exímios oradores em nossas escolas de Abordagem Educacional por Princípios e me prestou auxílio inestimável.

Ao Professor André Lima, por me atender, responder e esclarecer em todas as vezes que a ele precisei recorrer.

À Associação das Escolas de Educação por Princípios e todos que com ela colaboram, pelo apoio logístico e espiritual.

Ao Colégio Pedro II, em especial ao Departamento de Inglês, por renunciar a minha força de trabalho pelo tempo necessário para me dedicar a este projeto.

Aos meus amigos, irmãos, pais e mães e educadores, que oraram por mim, me estimularam a não desistir e acreditaram que valia a pena.

RESUMO

CAMPOS, Viviane Carlos de Oliveira Tavares. **O poder de falar bem:** um estudo sobre o ensino de oratória em escolas cristãs brasileiras por meio do sistema de avaliatividade. 2022. 265 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta tese afilia-se à Análise do Discurso Positiva (Bartlett, 2010), no sentido de ser um estudo linguístico que objetiva retornar suas descobertas para a comunidade envolvida, a fim de contribuir para a melhoria da interação social e promover mudanças nas práticas sociais. A presente investigação mapeia, por meio de pesquisa linguística, como são construídos e negociados os conceitos e valores do ensino de Oratória em escolas de Abordagem Educacional por Princípios (AEP), localizadas em diferentes estados do Brasil. A compreensão do que é Oratória, neste trabalho, repousa na definição de Webster (1828), assim como na teoria retórica de Aristóteles (384-322 a.c.) complementada pela teoria de argumentação de Perelman (1996). A premissa é de orientação funcionalista (Halliday, 1985; 2004), através da qual compreende-se que pelo estudo de sequências linguísticas é possível desvelar significados que nelas são instanciados. Assim, as escolhas linguísticas do falante, no que diz respeito à forma, indicam os significados por ele produzidos a partir de sua visão de mundo particular. A tese utiliza como categoria de análise o Sistema de Avaliatividade (Martin & White, 2005), segundo o qual marcas linguísticas encontradas nos diferentes discursos apontam para a maneira como os enunciadores, implícita ou explicitamente, atribuem juízos de valor a pessoas, objetos, situações e acontecimentos, assim como o modo pelo qual o autor de um texto alinha-se ou distancia-se dos seus interlocutores e de outros discursos presentes no seu próprio. O *corpus* de análise é constituído de dois tipos de textos. Os textos escritos são materiais didáticos de ensino de Oratória do Brasil e do exterior, além de respostas de 184 professores brasileiros a questionários sobre o tema ensino de Oratória. Os textos de natureza oral são a transcrição de discussão realizada em Grupo Focal com quatro desses professores. Os resultados das análises do material didático permitiram entender os itens que compõem e deveriam compor material didático com esse fim. Mediante a análise do discurso dos participantes do Grupo Focal, foi possível entender o que pensam sobre Oratória, que valores atribuem ao ensino de Oratória e algumas das principais barreiras à implantação do ensino de Oratória em suas escolas. A aplicação do Sistema de Avaliatividade às suas falas permitiu também mapear categorias de Afeto e Julgamento que refletem como esses profissionais se veem e como se sentem em relação à disciplina em tela. Deste modo, e a fim de contribuir com a inserção da Oratória na prática pedagógica desses professores, foi apontada a necessidade de conscientização, baseada em refletir, criar e aplicar e de capacitação específica dos professores de AEP para ensinar Oratória. A fim de colaborar com essa capacitação foram apontados os elementos considerados essenciais que devem constar de seu processo de formação profissional.

Palavras-chave: Oratória. Retórica. Educação. Abordagem educacional por princípios. Linguística Sistêmico-funcional. Sistema de avaliatividade. Análise do discurso positiva.

ABSTRACT

CAMPOS, Viviane Carlos de Oliveira Tavares. **The power of public speaking: a study about the teaching of oratory in Brazilian christian schools by means of the appraisal theory.** 2022. 265 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This theses lines up with Positive Discourse Analysis (Bartlett, 2010) in the sense that it is a linguistic study which intends to turn the results back to the community involved, in order to contribute to the improvement of their social interaction and promote changes in their social practices. The present investigation maps out by means of linguistic analysis, how the concepts and values about the teaching of Oratory in Principle Approach schools located in different Brazilian states are built and negotiated. The understanding of what we call Oratory lays on the definition given by Webster (1828), as well as on the rhetoric theory by Aristotle (384-322 arc.) and the treatise on argumentation by Perelman (1996). The premise is functionalist oriented (Halliday, 1985; 2004), through which we understand that by the study of linguistic sequences it is possible to unveil the meanings that are instantiated in them. Thus, the speaker's linguistic choices point to the meanings produced by them from his particular point of view. The analytic categories applied here come from the Appraisal Theory (Martin & White, 2005), according to which the linguistic marks found in different discourses point to the manner in which the speaker, implicitly or explicitly, attribute value judgment to people, objects, situations, or events, as well as the way in which an author of a text joins or disjoins his interlocutors or other discourses present in his own. The corpus of this analysis is constituted by two kinds of texts. The written texts are school classroom material on Oratory, along with the answers given by 184 teachers to written questionnaires about the Teaching of Oratory. The oral texts are the transcription of the discussion that took place in a focus group with four of these teachers. The results of the classroom material allowed us to understand the topics that compose and should compose classroom material with this purpose. Through the analysis of the discourse of the participants in the Focus Group, it was possible to apprehend what they think about Oratory, what values are attributed to the teaching of Oratory and some of the main barriers to the implementation of this teaching in their schools. The application of the Appraisal Theory (Martin & White, 2005) to their speech also allowed us to map out categories of Affect and Judgement which reflect how these professionals see themselves and feel in relation to the discipline in focus. Thus, in order to contribute to the insertion of Oratory in these teachers' teaching practice, the need of awareness, based on considering, creating and applying and specific professional development for Principle Approach teachers to teach Oratory was pointed out. For the purpose of collaborating with this professional development, the elements considered essential to be part of their process of professional qualification were indicated.

Keywords: Oratory. Rhetoric. Education. Principal approach. Systemic functional linguistics. Appraisal theory. Positive discourse analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Diagrama esquemático da retórica aristotélica	38
Figura 2 –	Visão integral do currículo de linguagens	62
Figura 3 –	Texto em contextos	66
Quadro 1 –	Variáveis do contexto de situação e metafunções da linguagem	67
Figura 4 –	O sistema de avaliatividade – recursos	72
Figura 5 –	Tipos de afeto	74
Quadro 2 –	Tipos de julgamento	77
Figura 6 –	Tipos de apreciação	78
Figura 7 –	Tipos de engajamento	82
Figura 8 –	Tipos de gradação	84
Figura 9 –	Diagrama esquemático: influências da ADP	89
Figura 10 –	Faixa etária dos professores pesquisados	111
Figura 11 –	Área de atuação dos professores pesquisados	111
Figura 12 –	Formação dos professores pesquisados	112
Figura 13 –	Região de trabalho dos professores pesquisados	113
Figura 14 –	Presença do ensino de Oratória nas escolas pesquisadas ...	113
Figura 15 –	Como se dá o ensino de Oratória nas escolas pesquisadas..	114
Figura 16 –	Importância do ensino de Oratória	115
Figura 17 –	Peso do ensino de Oratória	116
Figura 18 –	Atenção da escola ao ensino de Oratória	117
Figura 19 –	Nível de dificuldade de ensinar Oratória	119
Figura 20 –	Sentimento de capacitação dos professores	121

Figura 21 –	Responsabilidade da escola cristã no ensino de Oratória	127
Figura 22 –	Integração dos componentes curriculares na AEP.....	132
Figura 23 –	Atividade de Oratória 1 - Sementes da Verdade	134
Figura 24 –	Atividade de Oratória 2 - Sementes da Verdade	135
Figura 25 –	Atividade de Oratória 3 - Sementes da Verdade	135
Figura 26 –	Atividade de Oratória 4 - Sementes da Verdade	136
Figura 27 –	Atividade de Oratória 5 - Sementes da Verdade	136
Figura 28 –	Atividade de Oratória 6 - Sementes da Verdade	137
Figura 29 –	Atividade de Oratória 7 - Sementes da Verdade	137
Figura 30 –	Atividade de memorização 1 - Sementes da Verdade	140
Figura 31 –	Atividade de memorização 2 - Sementes da Verdade	140
Figura 32 –	Orientação para o professor de Oratória 1 - Sementes da Verdade	141
Figura 33 –	Quadro de requisitos de pesquisa por série – <i>The Oration Project</i>	147
Figura 34 –	Quadro de requisitos gerais de escrita por série – <i>The Oration Project</i>	148
Figura 35 –	Diagrama da abordagem de Oratória do programa <i>National Oratory Fellows</i>	150
Figura 36 –	Ferramentas da abordagem retórica do <i>National Oratory Fellows</i>	152
Figura 37 –	Exercício de triângulo retórico	153
Figura 38 –	Annotation Guide	155
Figura 39 –	Presentation Rubric	156
Figura 40 –	Fluxo de causa e efeito a partir da capacitação do professor.	165

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEP	Abordagem Educacional por Princípios
EP	Educação por Princípios (sin. AEP)
AECEP	Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios
FACE	<i>Foundation for American Christian Education</i>
LSF	Linguística Sistêmico Funcional
ADP	Análise do Discurso Positiva
ADC	Análise do Discurso Crítica

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	REVISÃO DE LITERATURA	23
1.1	Termos de trabalho: Oratória, retórica e argumentação	23
1.2	O que é ensinar Oratória?	34
1.2.1	<u>Alguns currículos de oratória</u>	45
1.3	Um histórico sobre o ensino de Oratória no ambiente escolar	51
1.4	Pesquisas sobre o ensino de Oratória no âmbito da escola brasileira	56
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	64
2.1	A Linguística Sistêmico-Funcional	64
2.2	O Sistema de Avaliatividade	70
2.2.1	<u>Atitude</u>	72
2.2.1.1	Afeto	73
2.2.1.2	Julgamento	75
2.2.1.3	Apreciação	77
2.2.2	<u>Engajamento</u>	79
2.2.2.1	Expansão dialógica	80
2.2.2.2	Contração dialógica	80
2.2.3	<u>Gradação</u>	82
2.3	Análise do Discurso Positiva (ADP)	84
2.3.1	<u>A Análise do Discurso Positiva, A Linguística Sistêmico Funcional e a Análise do Discurso Crítica</u>	85
2.3.2	<u>A Análise do Discurso Positiva e a Antropologia Funcionalista</u> ..	91

2.3.3	<u>A Análise do Discurso Positiva e o Sistema de Avaliatividade ...</u>	93
3	METODOLOGIA	95
3.1	Etapas do trabalho	95
3.2	A técnica de questionário e suas características	98
3.3	Elaboração e aplicação dos questionários	99
3.4	A técnica de Grupo Focal e suas características	100
3.5	Planejamento e desenvolvimento do Grupo Focal nesta pesquisa	104
3.6	A descrição dos participantes	106
3.7	A Educação por Princípios como contexto educacional dos participantes	106
4	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .	110
4.1	Análise e discussão dos questionários	110
4.2	Análise e discussão de material didático	131
4.3	Análise do Grupo Focal	158
	CONCLUSÃO	186
	REFERÊNCIAS	196
	APÊNDICE A – Questionário	205
	APÊNDICE B – Roteiro para o Grupo Focal	210
	APÊNDICE C – Transcrição do Grupo Focal	212
	ANEXO A – Material do <i>Oration Project</i>	226
	ANEXO B – Sugestão de ideias-guia para o ensino de gramática – <i>Noah Plan</i>	239
	ANEXO C – Material projeto “Companheiros Nacionais da Oratória”	244
	ANEXO D – Material de ensino de Oratória preparado pela iniciativa pessoal de uma professora de escola de AEP	251

ANEXO E – Apresentação utilizada na Seção Temática
intitulada: *Ensino de Oratória em escolas de AEP: Você pode
começar já!*

259

INTRODUÇÃO

Falar em público é uma atividade que se situa no horizonte de todos os indivíduos. Esta é a opinião de Aristóteles, expressa em seu tratado intitulado “Retórica”, considerado a gênese da sistematização do ensino do falar em público (ARISTÓTELES [384-322 a.c.], 2011, 1354a). Aparentemente, dominar técnicas de Oratória serve não apenas àqueles que desejam progredir profissionalmente em algumas áreas como jornalismo ou direito, mas a todos os seres humanos que desde a mais tenra idade precisam se comunicar, expressar opinião, se fazer entender, argumentar, questionar ou persuadir. Recursos retóricos são utilizados diariamente por todos, seja de maneira inconsciente, por hábito, dever profissional ou, ainda, por dedicação ao estudo da ciência da Oratória e seus métodos. Embora hoje em dia seja reconhecida pelo senso comum como extremamente relevante, a necessidade de falar bem não é uma exclusividade da modernidade, já que desde os tempos mais remotos a história registra brilhantes oradores que, por bem elaborarem e executarem seus discursos públicos, obtiveram conquistas grandiosas. A famosa frase “um bom orador é capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa”, atribuída ao filósofo grego Górgias, aponta para a relevância da Oratória de qualidade (MARTINS RENOVATO, 2014).

O reconhecimento da importância da Oratória parece fazer parte do senso comum na contemporaneidade. Carneiro (1981) destaca que nenhum elemento contribui tanto para o êxito social ou profissional quanto a capacidade de expressar ideias bem, concordando com William Gladstone, renomado estadista, para quem “saber falar e saber vencer na vida são uma e a mesma coisa”. Ainda, de acordo com Furini (1992), as pessoas que têm boa Oratória têm mais chances de conquistar sucesso social e profissional. Para ela, a Oratória é uma arte sempre atual, cujo conhecimento é imprescindível.

Entretanto, falar com eloquência e persuasão parece ainda não ser a realidade da maior parte das pessoas em nosso tempo. Por um lado, estudo de 2015 do jornal britânico *The Times* indica que o receio de falar em público é o maior medo de 41% dos entrevistados (foram ouvidas 3 mil pessoas no Reino Unido), ficando à frente do temor de conviver com problemas financeiros (22%) e medo de doenças e

da morte (19%)¹. Por outro, a falta de exposição ao ensino de Oratória de forma sistematizada pode justificar essa enorme dificuldade de expressar-se com sucesso, tanto de crianças quanto de indivíduos adultos.

São recorrentes as reclamações de professores quanto à pouca habilidade dos alunos em fazer uso adequado do discurso oral, de maneira efetiva e persuasiva. Ainda que os estudantes consigam compreender o que leem ou ouvem, fica claro que há obstáculos para de transferirem seus sentimentos e ideias para o discurso oral, de forma a argumentar para persuadir. Para Albuquerque (2006) o uso do discurso oral “continua a ser como um parente pobre que tanto professores quanto alunos não sabem como abordar, desconhecendo claramente os limites do oral, assim como os trajetos do seu aperfeiçoamento”.

Preciso, então, aqui, parar e me questionar. O que é a Oratória? Apenas falar bem? Apenas fazer uso do discurso oral? O termo Oratória, assim como outros termos relacionados, como Retórica e Argumentação, por exemplo, têm sido utilizados de diferentes formas ao longo da História. Tratarei disso com mais detalhes mais adiante. Por agora, basta entendermos que a Oratória de que falo nesta tese é a arte de falar bem, utilizando-se de uma linguagem gramaticalmente correta, metódica e embelezada e técnicas próprias de argumentação a fim de persuadir um auditório. Ela envolve diversos fatores como recursos corporais, recursos linguísticos metodicamente organizados, a pessoa do orador, o auditório a que se dirige e o relacionamento com ele. Oratória é, como entendo neste trabalho, uma habilidade adquirida através de estudo de suas técnicas. Embora o termo mais usado aqui seja Oratória, nesta tese ocorrerá também o uso do termo Retórica em alguns momentos como sinônimo.

Na história moderna da educação escolar, a habilidade de Oratória parece não receber a devida atenção nas instituições de ensino. Na Inglaterra, por exemplo, o termo *oracy* (Oratória) foi cunhado em 1965 por Andrew Wilkinson, pesquisador da Faculdade de Educação da Universidade de Birmingham, para dar à expressão oral um status similar ao dos *literacy skills* (habilidades de leitura e escrita), mas o esperado não ocorreu. Segundo Niel Mercer, diretor do Centro de Oratória de Cambridge:

¹ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/falar-em-publico-medo-atinge-mais-pessoas-do-que-se-pensa-shtml/>

Aprender a falar em público deveria ter o mesmo peso que aprender matemática nas escolas e o fato de não se dar importância a Oratória no programa acadêmico nacional inglês reflete o desconhecimento dos políticos, que veem a discussão em sala como uma mera distração de outras matérias mais relevantes. Eles alegam que as crianças aprendem a falar de forma natural, mas não a ler. (MERCER, 2018).

O pesquisador e professor canadense T. Smith, em postagem do ano de 2016 no blog “*Edu*Rhetor Blog*”, afirma que as gerações ainda vivas na Europa e Canadá nunca tiveram contato com o estudo de Oratória em nenhum grau, nem mesmo no seu aprendizado de línguas na universidade. Ele acredita que a degradação deste ensino ocorreu em parte porque a “boa retórica” tornou-se totalmente invisível e inominável devido à perda generalizada da educação sistemática e formal de retórica nos sistemas educacionais de muitos países. O acadêmico faz exceção aos Estados Unidos, onde, segundo ele, algumas iniciativas de ensino de retórica ainda aparecem nos currículos escolares e cursos introdutórios em universidades.

No que diz respeito ao sistema educacional americano, não encontramos o estudo de Oratória nas diretrizes curriculares nacionais para a rede pública de ensino (*Common Cores*²). Na grande maioria das escolas não ocorre o ensino de habilidades de Oratória como uma disciplina obrigatória integrante do currículo. Entretanto, iniciativas como disciplinas eletivas de Oratória, cursos em contraturno escolar e competições de discurso público locais, nacionais e internacionais são bastante comuns naquele país e contemplam alunos do ensino básico e superior. Assim como no Reino Unido, muitas escolas específicas de Oratória suprem a necessidade daqueles que procuram desenvolver as habilidades retóricas.

Ainda no contexto americano, chama a atenção a presença de Oratória como disciplina formal nas escolas cristãs clássicas. Observa-se uma valorização das habilidades retóricas nas escolas de Educação Clássica e nas escolas de Abordagem Educacional por Princípios, ambas metodologias cristãs clássicas.

As escolas de Educação Clássica que integram a rede educacional americana, e, embora em muito menor número, também compõem a rede de educação privada brasileira, utilizam o método educacional chamado *Trivium*. A palavra *Trivium*, que significa “o lugar em que três estradas se encontram”, cujos três estágios educacionais de acordo com o desenvolvimento da criança são: 1) Gramática (até por volta dos 10 anos); 2) Lógica (dos 11 até por volta dos 14 anos)

² Disponível em: <http://www.corestandards.org/>

e; c) Retórica (dos 15 aos 18 anos aproximadamente). As habilidades de falar em público começam a ser desenvolvidas desde o primeiro estágio, de modo que quando alcançar o ensino médio, o aluno estará equipado para “aprender a expressar-se com fluência, graça, elegância e persuasão”, conforme descreve Bauer (1999). A autora argumenta que expressão pessoal é um dos grandes desejos dos adolescentes e, por isso esse período da vida seria o ideal para o aprendizado da arte retórica, pois os estudantes estariam motivados para tal. A metodologia da Educação Clássica prevê que o indivíduo precisa ser treinado formalmente para falar bem e, assim, o estudo de retórica é planejado para fazer com que o sucesso na expressão oral seja uma questão de habilidade e prática. “[...] o aluno vai estudar os princípios de expressão pessoal e exercitá-los tanto na escrita quando no discurso oral, usando textos modernos para construir sobre as fundações clássicas” (BAUER, 1999). No estágio da Retórica, a Oratória não é necessariamente uma disciplina separada, mas, todas as disciplinas do currículo são abordadas de forma a desenvolver a capacidade criativa e de expressão, sistematizando o ensino de Oratória, tornando o aluno capaz de argumentar persuasivamente os dois lados de uma questão.

Já a Abordagem Educacional por Princípios (AEP), de origem estadunidense, contexto educacional que é o foco desta tese, também se destaca pela valorização do ensino de Oratória. A AEP é uma abordagem de ensino e aprendizagem que parte do raciocínio sobre os princípios bíblicos e identifica os fundamentos do conhecimento, conduzindo à reflexão de causa-efeito. Conforme apresentada por Rosalie J. Slater (*The Principle Approach – F.A.C.E. – Foundation for American Christian Education, EUA*), que definiu e estruturou a abordagem, a AEP é “um método cristão histórico de raciocínio bíblico, que faz das verdades da Palavra de Deus a base de cada assunto no currículo escolar”. A metodologia da AEP prevê que os conteúdos de todas as disciplinas sejam abordados através da chamada Pesquisa 4 Passos: 1) Pesquisar; 2) Raciocinar; 3) Relacionar e; 4) Registrar. Esse procedimento de pesquisa fundamenta-se no padrão tríptico da mente apresentado por Souza (2015): reflexão, criatividade e aplicação. Dessa maneira, a abordagem visa criar condições para que os estudantes possam buscar conhecimento de todas as disciplinas de maneira autônoma, raciocinar sobre o que pesquisaram, relacionar com outros conhecimentos ou situações aplicáveis à sua vida e por fim serem capazes de expressar-se criativamente sobre o tema estudado. Na sugestão

curricular para a AEP, apresentada por Paul Jehle (2006), palavras como retórica, dicção, memorização e discurso aparecem nas ideias-guia para o ensino de gramática desde os 3 anos de idade. A partir do 9º ano, observa-se que toda a diretriz para o ensino de gramática gira em torno de Composição e Discurso, com tópicos como análise da audiência, organização de discursos persuasivos, lógica, estilos de fala e defesa de tese. Uma das práticas das escolas de AEP é a realização da Conferência Final de Série, na qual estudantes desde o 3º ano do ensino fundamental devem proferir um discurso oral sobre algum tema estudado no ano letivo como requisito parcial para sua aprovação. Observa-se, portanto, nesta abordagem uma grande valorização das habilidades de Oratória³.

Diante deste cenário mundial, trato agora de voltar o olhar para o sistema educacional brasileiro e sua relação com o ensino de Oratória. Observam-se nos documentos oficiais, como os PCN's, algumas importantes menções ao ensino de habilidades orais nas escolas. Assim é tratado o papel da escola no ensino destas habilidades:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas com realização de palestras, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. (PCN's, 1998, p.27).

Este trecho aponta para o papel da escola em capacitar o aluno para a produção oral, mas faz ressalvas quanto ao treinamento do aluno em um nível mais formal da linguagem, estimulando a consideração em primeiro lugar da aplicabilidade prática desta linguagem para a vida do estudante, afastando-se aí da teoria aristotélica de retórica, segundo a qual o uso correto e formal da linguagem é parte importante das habilidades do bom orador.

Já na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas da educação básica e que norteia os currículos dos sistemas e redes de ensino, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas do Brasil, aparece a

³ As escolas de Educação Clássica e Educação por Princípios são mais comuns nos EUA. Entretanto, a AECEP – Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios no Brasil – registra 114 escolas associadas que utilizam o método de EP no nosso país. Disponível em: <https://www.aecep.org.br/>

orientação de propiciar espaço para a expressão pessoal e debate entre os estudantes fundamentada na necessidade de debate político e aceitação da pluralidade.

A política está na origem do pensamento filosófico. Na Grécia Antiga, o exercício da argumentação e a discussão sobre os destinos das cidades e suas leis estimularam a retórica e a abstração como práticas necessárias para o debate em torno do bem comum. (BRASIL, 2018, 567).

Segundo o mesmo documento uma das competências gerais da educação básica é que os alunos sejam capazes de:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2018, p.9).

Entretanto, a Base não apresenta orientação curricular específica para o ensino de técnicas de Oratória. Uma leitura apurada do documento mostra que há apenas uma proposição de desenvolvimento de habilidades de fala no contexto jornalístico, no eixo oralidade no 9º ano do ensino fundamental. No ensino médio, observa-se maior ênfase na análise de textos, gêneros textuais e produção de textos escritos do que desenvolvimento de habilidades de argumentação e apresentação orais.

Uma rápida apuração em escolas públicas e particulares brasileiras aponta para a ausência do ensino de Oratória como uma disciplina escolar integrante do currículo ou ainda como uma ênfase de algum estágio de aprendizagem, na atualidade. Em comunicação pessoal com professores de escolas públicas e privadas da cidade do Rio de Janeiro, tomei conhecimento de algumas iniciativas realizadas por eles em suas aulas de língua portuguesa ou mesmo de língua estrangeira, que visam ensinar conceitos e técnicas de Oratória. Em algumas escolas da rede privada, cursos extracurriculares de Oratória são oferecidos com pagamento à parte. Fora do ambiente escolar, dezenas de cursos prometem ajudar as pessoas a vencer os obstáculos profissionais melhorando sua habilidade persuasiva.

Diante deste cenário, pesquisar e discutir sobre o ensino de Oratória em escolas brasileiras parece pertinente e relevante, já que o contexto aponta para a necessidade do desenvolvimento desta habilidade por parte dos alunos e para a modesta presença deste tipo de instrução em escolas de modo geral. Como professora da área de linguagem e cidadã cristã, tenho interesse pelo ensino de linguagem em escolas confessionais, notadamente as de Abordagem Educacional por Princípios. Em contato recente com a AECEP – Associação das Escolas Cristãs de Educação por Princípios, órgão nacional que associa e orienta as escolas deste tipo, tomei conhecimento das dificuldades da associação em persuadir gestores e professores para a implementação do ensino de Oratória em suas escolas. Em contato informal com uma docente de língua portuguesa de uma escola de AEP recebi o relato sobre o seu dilema profissional no ensino de Oratória:

Apesar de entender o valor inegável do desenvolvimento da Oratória, ainda não encontrei um caminho claro sobre o estudo, visto que a demanda dos conteúdos exigidos para a minha disciplina acaba sobrepujando aquilo que é, também, tão importante. (Fala de uma professora de Língua Portuguesa de escola de AEP).

Esse contexto leva-me aos seguintes questionamentos:

- a) Se a boa Oratória é reconhecida como um dos elementos mais importantes para o sucesso pessoal e profissional de um indivíduo, porque ela não recebe a devida atenção na escola básica, ambiente principal de formação da maior parte dos cidadãos?
- b) Por que parece ser tão difícil ensinar Oratória na escola básica, mesmo que os professores reconheçam essa necessidade?
- c) Quais os entraves que gestores e professores encontram para implantar um currículo de Oratória em suas escolas?
- d) Escolas cristãs de Educação por Princípios, cuja filosofia curricular é pautada na educação para erudição e formação de caráter cristão, dedicam-se proporcionalmente ao zelo por falar bem como marca da sua abordagem educacional?

Diante deste cenário, compreendendo que a análise da língua em uso pode apontar para os atos sociais do ser humano. Interessa-me investigar, por meio de pesquisa linguística de perspectiva funcionalista, baseada no Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005), como são construídos e negociados os

conceitos e valores do ensino de Oratória em escolas de Abordagem Educacional por Princípios em vários estados do Brasil. Esta tese propõe a análise de materiais didáticos, além da análise do discurso escrito e oral de professores e gestores escolares acerca do ensino das habilidades de Oratória. O interesse é, portanto, identificar a perspectiva particular pela qual o mundo é representado, através de traços linguísticos que podem ser vistos como “realizando” um discurso (FAIRCLOUGH, 2003).

Esta pesquisa alinha-se com a perspectiva da Análise do Discurso Positiva (ADP) que, de acordo com Tom Bartlett (2010), muda ênfase de iluminar as injustiças, característica da Análise do Discurso Crítica, para identificar e promover alternativas. O objetivo das análises em ADP seria retornar as descobertas para a comunidade envolvida, a fim de contribuir para a melhoria da interação social e promover mudança nas práticas. A ADP identifica discursos que podem ser eficazes em promover a mudança almejada e, essencialmente, destaca onde o discurso atua e, dessa maneira, engaja-se em problemas do mundo real, assim como a Análise do Discurso Crítica. É através da linguagem em uso que podemos verificar as representações e seus efeitos, a fim de oferecer a possibilidade de compreender o que pensam estes atores sobre o assunto do ensino de Oratória e apontar ações para uma melhoria das práticas de ensino desta área.

Sob uma perspectiva funcionalista a língua é vista como um sistema semântico e pelo estudo de sequências linguísticas é possível desvelar os significados que são instanciados nessas sequências. Assim, as escolhas linguísticas do falante, no que dizem respeito à forma, são apenas o caminho que conduz às descobertas do funcionamento da língua (HALLIDAY, 1985; 2004) e indicam os significados por ele produzidos a partir de sua visão de mundo particular.

Sendo assim, e considerando a fala de professores sobre este assunto, esta tese pretende responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Que valor é atribuído ao ensino de Oratória por docentes e gestores escolares?
- b) Qual o papel social é atribuído ao ensino de Oratória em escolas confessionais cristãs de Educação por Princípios?
- c) É possível reconhecer, através da análise linguística do discurso, na perspectiva sistêmica, alguns dos entraves e desafios acerca da implantação de um currículo de Oratória nas escolas de AEP?

d) De que maneira a análise do discurso destes atores sociais pode apontar para melhoria da qualidade e soluções às dificuldades encontradas na implantação de um currículo de Oratória nas escolas pesquisadas?

e) A partir dos resultados da análise, é possível propor soluções para uma implantação ou melhoria do ensino de Oratória em escolas de Educação por Princípios?

Do ponto de vista mais específico do quadro teórico que será adotado, as questões de pesquisa que orientam este trabalho são:

a) Que tipos de avaliações dentro do Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005) e seus subsistemas são mais privilegiados no discurso de professores e gestores de escolas de AEP e de que forma estes atores se utilizam destas avaliações para traçar um conceito de ensino de Oratória?

b) De que forma o uso destes recursos de avaliatividade no discurso destes atores sociais se relaciona com o panorama da educação confessional cristã no Brasil?

A fim de ampliar a discussão sobre o tema, responder às perguntas propostas e contribuir para os estudos nas áreas de linguística e educação, esta tese traçará o seguinte percurso:

No capítulo I apresento uma revisão da literatura sobre o tema desta tese. Início o capítulo discutindo os termos de trabalho através de uma perspectiva histórica do uso de palavras como retórica, Oratória e argumentação. A seguir discuto o que compreende o ensino de Oratória, mediante as teorias de autores clássicos e modernos sobre o assunto, bem como apresento exemplos de alguns currículos que propõem o ensino de Oratória em escolas de ensino básico. Depois disso, apresento um panorama geral histórico sobre o ensino de Oratória no ambiente escolar, procurando entender quando ele ocorreu, quando deixou de ocorrer e em que momento nos encontramos agora. Finalmente registro algumas pesquisas sobre o assunto e seus resultados, a fim de encontrar a lacuna a ser preenchida por esta tese no âmbito dos estudos acadêmicos.

O capítulo II traz a fundamentação teórica desta tese. Nele, apresento uma descrição da Linguística Sistêmico Funcional (LSF) (HALLIDAY, 2004) e do Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005), que é o recurso analítico empregado aqui. A opção por este recurso deu-se pela sua produtividade em investigações que analisam dados de fala. Apresento ainda uma visão geral da proposta da Análise do

Discurso Positiva (MARTIN, 2004) e seu desenvolvimento a fim de situar a pesquisa nesta linha de pensamento da linguística.

No capítulo III é apresentada a metodologia desta investigação, enquadrando-a no paradigma de pesquisa qualitativa, mas também com aspectos quantitativos que auxiliam a análise. Apresento, neste capítulo, a trajetória percorrida ao longo do desenvolvimento desta tese, explicitando as etapas do trabalho, além da descrição dos procedimentos de coleta de dados, a justificativa de sua escolha e a elaboração do roteiro do grupo focal. Registro ainda a descrição do grupo de participantes e a descrição do contexto social desses professores, a saber, as escolas de Abordagem Educacional por Princípios.

A análise dos dados coletados e a respectiva discussão dos resultados são registradas no capítulo IV desta tese. Ali, apresento a análise das respostas aos questionários escritos, a análise de material didático de Oratória e a aplicação das categorias do Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005) ao discurso dos professores durante o grupo focal. Concomitantemente, ocorre a discussão dos resultados a fim de apontar caminhos para a conclusão desta tese.

Finalmente é apresentada a conclusão desta pesquisa na qual ofereço sugestões e recomendações para a capacitação de professores ao ensino de Oratória como maneira de colaborar com a melhoria das práticas sociais dos sujeitos envolvidos e apontar para possíveis desdobramentos.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, apresento uma revisão da literatura sobre o tema ensino de Oratória. Início o capítulo discutindo os termos de trabalho através de uma perspectiva histórica do uso de palavras como retórica, Oratória e argumentação. A seguir, discuto o que deve ser ensinado quando se ensina Oratória, mediante as teorias de autores clássicos e modernos sobre o assunto, bem como apresento exemplos de alguns currículos que propõem o ensino de Oratória em escolas de ensino básico. Depois disso, apresento um panorama geral e histórico sobre o ensino de Oratória no ambiente escolar, procurando entender quando ele ocorreu, quando deixou de ocorrer e em que momento nos encontramos agora. Finalmente registro algumas pesquisas sobre o assunto e seus resultados, a fim de encontrar a lacuna a ser preenchida por esta tese no campo dos estudos acadêmicos.

1.1 Termos de trabalho: Oratória, retórica e argumentação

Nesta tese, proponho-me a investigar questões relativas ao ensino de Oratória em escolas de Abordagem Educacional por Princípios. Mas o que estou chamando de Oratória? Antes de responder a esta pergunta mais precisamente, proponho uma discussão sobre alguns termos que se mesclam, muitas vezes, quando tratamos do assunto. Tratarei dos termos Oratória, Retórica e Argumentação⁴ buscando verificar a maneira como estes vocábulos têm sido usados por estudiosos do tema ao longo da História. Finalmente apontarei para a minha própria concepção de Oratória tal qual a uso aqui. Este percurso teórico é realizado por entender que o professor deve ter conhecimento das teorias sobre Oratória a fim de oferecer conteúdo específico que ajude seus alunos a desenvolverem suas habilidades neste campo.

Embora a necessidade humana de argumentar e persuadir date da fundação do mundo, por conta do perfil democrático de sua sociedade, inclusão de populares

⁴ Utilizo aqui as palavras com iniciais maiúsculas a fim de destacá-las como os termos-chave discutidos.

nos debates gerais e forenses, a antiga Grécia dos sofistas e filósofos mostrou-se o ambiente perfeito para a estruturação da Oratória como uma arte, e, ainda, ciência. A civilização grega tinha em alta consideração homens que dominavam a arte da Oratória. A busca de instrução para o sucesso em causas judiciais levava ao aconselhamento sobre como falar bem com homens como Córax e Tísias. Mais tarde, em Atenas, Aristóteles (384-322 a.c.), discípulo de Platão, escreveu as bases da Oratória em seu famoso tratado intitulado *Retórica*, fundamentado em princípios disciplinados de conduta.

Neste contexto, a palavra retórica, assim como seu estudo mais sistematizado, tem origem em Aristóteles, o qual escreveu seu tratado de mesmo nome afirmando, no contexto forense, que conhecer os elementos metódicos do falar bem é útil para valorizar aquilo que é verdadeiro e justo. Segundo o filósofo, todos os seres humanos se utilizam da retórica de certa forma, todos têm necessidade de persuadir:

Ambas (Retórica e Dialética) igualmente dizem respeito a estas coisas que se situam, mais ou menos, no horizonte geral de todos os indivíduos, sem ser do domínio de nenhuma ciência determinada. Assim, todos, de uma maneira ou de outra servem-se de ambas; de fato, em uma certa medida, todos procuram discutir e sustentar teses, realizar a própria defesa e acusação de outros. (Aristóteles [384-322 a.c.], 2011, 1354a).

A habilidade retórica, na opinião de Aristóteles, estaria diretamente ligada à persuasão e, principalmente, aos meios pelos quais se pode persuadir outrem que são os únicos autênticos elementos constituintes da arte, tudo o mais não passando de acessório. Neste sentido, Aristóteles define retórica como “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função.” (ARISTÓTELES [384-322 a.c.], 2011, 1356a). O autor do tratado diz ainda que a retórica é por ele vista como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de descobrir o que é adequado para persuadir. Para ele, esta é a razão pela qual o estudo da retórica não pertence a nenhum domínio particular, mas ao seu próprio.

Levando em conta que o discurso é composto de três elementos, o orador, o assunto e a pessoa a quem se dirige, Aristóteles considera que há três tipos de meios de persuasão supridos pela palavra falada: o primeiro depende do caráter do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o

terceiro do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar. Há, portanto, uma preocupação com o fato de o orador ser alguém digno de crédito, no ponto de vista daquela plateia, assim como com a construção dos argumentos em si, de forma a proporcionar uma disposição dos ouvintes a concordarem com a tese proposta. É o ouvinte que determina a finalidade e o objeto do discurso. Esses meios precisam ser escolhidos de forma cautelosa para que o ato de persuadir seja bem-sucedido. (ARISTÓTELES [384-322 a.c.], 2011, 1356a, 1358b).

Aristóteles destaca, ainda, o importante papel da retórica na preservação da verdade, especialmente no contexto forense, mas não somente nele:

A retórica é útil porque o verdadeiro e o justo têm naturalmente mais valor do que seus opostos. O resultado é que se os julgamentos não forem proferidos como devem ser, o verdadeiro e o justo estarão necessariamente comprometidos, resultado censurável a ser atribuído aos próprios oradores. (ARISTÓTELES [384-322 a.c.], 2011, 1355a).

Observa-se, assim, na obra de Aristóteles, uma concepção de que a Oratória, ou retórica, é uma habilidade, ou seja, algo que deve ser estudado e aprendido. Para ele, “é necessário estar capacitado a empregar a persuasão, para que se possa ver com clareza o que são os fatos e, no caso de outrem argumentar sem justeza, sermos capazes de destruir sua argumentação.” (ARISTÓTELES [384-322 a.c.], 2011, 1355a). Assim, ainda em nome da preservação da verdade, o filósofo propõe que a construção do discurso deve ser cuidadosa, escolhendo meios de persuasão, empregando o estilo próprio de cada orador e buscando o correto modo de dispor as várias partes do discurso.

Se até este momento da História utilizava-se a palavra retórica para os estudos da persuasão, alguns autores que sucederam Aristóteles passaram a usar o termo Oratória, que seria o similar da retórica em Latim. O político romano Cícero (106-43 a.c.), em sua obra *De Oratore*, defendia que a História sempre foi associada a tradições retóricas e que uma técnica de retórica serve para a história, pois auxilia nas instruções morais. O autor argumenta que somente o orador pleno, um homem simultaneamente sábio, prudente e eloquente (a desejável unidade entre a filosofia e a retórica) está apto a produzir uma história rica em ensinamentos, útil por ser capaz, inicialmente, de deleitar seus ouvintes e, persuadi-los a mover-se no sentido de uma ação virtuosa.

Em sua extensa obra, composta de vários livros sobre o assunto, Cícero debate os mesmos gêneros do discurso que Aristóteles e ressalta também a importância da relação entre o orador e o seu público de forma que o conhecimento desses dois elementos é a ferramenta para a escolha de argumentos efetivamente persuasivos que produzam a ação esperada. Assim como seu predecessor grego, Cícero associava o conceito de Oratória não somente à fala oral, mas também à expressão escrita, essencialmente como a arte da composição do discurso utilizando meios para persuasão de um auditório, ferramenta literária de grande importância para a carreira política, segundo ele.

A persuasão, sendo, portanto, o objetivo final da Oratória, é alcançada através de “um discurso agradável, fácil, abundante, com frases engenhosas e palavras harmoniosas.” (CÍCERO [104-43 a.C.] 2004, p. 47). Exímio orador, Cícero destacou-se pela construção cuidadosa e metódica do discurso, conforme observa Sears (1896):

A primeira era de oradores romanos cultivava a imponência, a segunda tentou a força, mas Cícero criou uma língua ao invés de um estilo, não muito pela descoberta de novas palavras, mas mais pela combinação das palavras antigas e familiares. Sua grande arte reside na aplicação de materiais que estão a mão para produzir resultados incríveis. (SEARS, 1896, p. 119).

O termo Oratória, também foi usado por Quintiliano (35-100 d.C.), orador e professor de retórica romano, que contribuiu significativamente para os estudos deste tema com sua obra *Institutos de Oratória*, regida em 12 livros. O autor, assim como os que o precederam no estudo de Oratória, destaca a importância da Oratória, cuja excelência deveria ser buscada por todos os seres humanos.

Mas se é verdade que não recebemos dos deuses nada mais requintado que esse poder de falar, o que pode ser mais digno de cultivar com esforço e trabalho, ou em que aspecto podemos ser mais desejosos de superar os nossos semelhantes, senão no exercício, exatamente, do poder através do qual os homens suplantam os animais? (Quintiliano, Instituto Oratoria, II, XVI, p.17).

A definição de Oratória, o termo latino equivalente à retórica grega, para Quintiliano é a arte de bem falar e demonstrar loquacidade e expressividade diante de um auditório, com o objetivo de ganhar a adesão para a sua causa (Quintiliano, 1840). Nota-se, aqui, já uma ênfase na oralidade e implica-se um

carácter argumentativo, na medida em que a adesão se baseia na apresentação discursiva e racional de teses devidamente justificadas perante uma situação de indefinição ou discordância. A ligação da Oratória com o ato de persuadir fica mais uma vez evidente.

Outro ponto de ênfase na concepção de Oratória para Quintiliano é o compromisso do orador com seu carácter, justeza e a verdade. Quintiliano declara:

Aquilo que melhor caracteriza [a Oratória] é ter sido definida como a ciência do bem-dizer (*bene dicendi scientia*) porque isso abrange simultaneamente todas as perfeições do discurso e a própria moralidade do orador, uma vez que não se pode falar verdadeiramente se não formos homens de bem. (Quintiliano, 1840, p.14)

O termo Oratória foi também utilizado, no mesmo sentido da Retórica Clássica (greco-romana), pelo professor de retórica e filósofo Agostinho de Hipona, conhecido por Santo Agostinho (354 d.C. – 430 d.C.). Neste período da História, o estudo da retórica antiga deu lugar à chamada Retórica Cristã, da qual Agostinho foi um dos principais pilares. O filósofo escreveu vários livros da obra *A Doutrina Cristã*, cujo livro IV dedica-se inteiramente à Oratória. Agostinho revela sua herança retórica clássica, ao mesmo tempo em que caminha para as peculiaridades de sua própria perspectiva cristã. Observa-se em sua obra uma forte defesa do uso do conhecimento de retórica por aqueles que irão pregar o evangelho de Cristo, ainda numa perspectiva de preservação da verdade, aqui, a verdade da Palavra de Deus:

É um fato, que pela arte da retórica é possível persuadir o que é verdadeiro como o que é falso. Quem ousará, pois, afirmar que a verdade deve enfrentar a mentira com defensores desarmados? [...] Visto que a arte da palavra possui o duplo efeito (o forte poder de persuadir seja para o mal, seja para o bem), por qual razão as pessoas honestas não poriam seu zelo a adquiri-la em vista de se engajar ao serviço da verdade? (A doutrina cristã, IV, 2.3).

Como arte da persuasão, a retórica adequa-se aos objetivos da pregação cristã, que visa “conquistar o hostil, motivar o indiferente e informar o ignorante”, bem como “comover os corações” (A doutrina cristã IV,4.6). Entretanto, Agostinho insiste para que o pregador cristão não esqueça que tem o dever de ser fiel, antes de tudo, às Escrituras Sagradas, o que deve levá-lo a colocar a sabedoria acima da forma. Mas, de maneira nenhuma, o cuidado com técnicas de argumentação deve ser deixado de lado, pois “o orador que deseja falar, não somente com sabedoria,

mas também com eloquência, será mais útil se puder empregar essas duas coisas.” (A doutrina cristã IV,5.8).

Durante muitos séculos, os estudos de Oratória permaneceram baseados nos autores clássicos citados até aqui. A partir do final do século XV e início do século XVI, o pensamento renascentista junto com o advento da ciência e da filosofia moderna, proporcionam um declínio do estudo de Oratória, que permaneceu sendo estudada, na sua integridade, apenas no âmbito religioso. Os estudos da Oratória para fins da pregação do Evangelho mantiveram-se presentes nos seminários e cursos universitários cristãos. Fora dessa esfera, ela ficou reduzida a ser uma teoria das figuras de estilo (TODOROV, 1996).

Após um período de estagnação da retórica, momento em que só se valorizava a atividade científica, na qual é possível a experimentação e a prova, percebe-se hoje um renascimento da arte de persuadir. Foi o século XX que experimentou uma grande transformação nas exigências dos ouvintes e, conseqüentemente, na orientação do ensino da arte de falar. Os meios de comunicação de massa (a imprensa, o rádio, a televisão, a internet, entre outros) colocaram aos oradores novos desafios para chegarem às suas audiências, sendo o mais importante deles, terem de ser convincentes, não apenas em situações de interação face-a-face, mas em contextos de interação midiaticizada (THOMPSON, 1995).

O início daquilo que seria a última fase da retórica, a contemporânea, veio com a publicação da obra *Tratado da Argumentação: A nova retórica*, de 1996, que é uma das mais importantes composições modernas sobre o tema. Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1996) retomam as discussões procurando reestabelecer o vínculo entre a retórica e a teoria da argumentação. Nesta obra, os autores usam majoritariamente o termo argumentação para tratar da arte de persuadir através do discurso. O uso do termo retórica aparece na obra, na maior parte das vezes, remetendo à retórica clássica. A concepção de argumentação para esses autores contemporâneos está, assim como as anteriores, intimamente ligada ao objetivo de persuadir.

Baseados em um estudo matemático, Perelman (1996) teoriza que a lógica governante de argumentos não formais poderia ser derivada de princípios de teoria retórica e de considerações sobre os valores de uma audiência em particular. Essas considerações afetariam a estrutura específica dos argumentos, incluindo as bases

de concordância ou do, por eles chamado, "contato de espíritos" entre o comunicador e a audiência.

A questão da audiência é um dos pontos mais explorados na obra de Perelman (1996). Para ele, a disposição do auditório em ouvir o orador e a conformidade do orador e da mensagem a cada auditório são os aspectos mais relevantes na construção dos discursos. O autor sustenta que esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias de argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. "Com efeito, como a argumentação visa obter adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar." (PERELMAN, 1996, p. 21)

O contato entre orador e auditório é de tal forma importante na nova retórica de Perelman que, para ele, a retórica é a adesão intelectual de um ou mais espíritos apenas com o uso da argumentação; é o preocupar-se mais com a adesão dos interlocutores do que com a verdade; é não transmitir noções neutras, mas procurar modificar não só as convicções daqueles espíritos, como as suas atitudes. O objeto da retórica, segundo Perelman é, então, "o estudo das técnicas discursivas que visam provocar ou aumentar a adesão das mentes às teses apresentadas a seu assentimento" (PERELMAN, 2004, p. 141).

Embora o teor filosófico das discussões de Perelman seja bastante destacado, o autor dedica uma parte de sua obra à maneira como selecionar e apresentar dados, à forma do discurso e técnicas argumentativas, sempre visando o auditório a que se destina. Entretanto, ele esclarece que não pretende uma análise formal e que critica os estudos que se dedicam demais à forma:

Essa técnica da apresentação obteve tamanho desenvolvimento que reduziram ao seu estudo toda a matéria da retórica, concebida como arte de bem falar e de bem escrever, como arte da expressão do pensamento, de pura forma. É contra essa concepção que deu origem à degenerescência da retórica, à sua esterilidade, ao seu verbalismo e ao desprezo que ela acabou por inspirar que devemos insurgir-nos. Recusamos separar, no discurso, a forma do fundo, estudar as estruturas e as figuras de estilo, independente da meta que devem cumprir na argumentação. (PERELMAN, 1996, p. 161-162).

Embora Perelman (1996) remeta-se a Aristóteles diversas vezes em sua obra, algumas dessas vezes o faz para mostrar um ponto de vista dissonante. Isso ocorre, por exemplo, na concepção do tipo de discurso "epidítico". Para Aristóteles este discurso era uma espécie de espetáculo onde o auditório comparecia apenas para

apreciar o talento do orador. Perelman, entretanto, acredita que todo tipo de discurso tem um objetivo persuasivo a fim de gerar uma ação no auditório. Embora esses discursos sejam em torno de assuntos sobre os quais orador e plateia concordam, não gerando conflitos, discursos epidícticos “têm um efeito sério, o de criar uma comunhão em torno de certos acontecimentos, de certas pessoas, de certas realizações, cuja valorização caracteriza a cultura de uma sociedade”. (PERELMAN, 2004, p. 147-148). A nova retórica, diferentemente da retórica clássica, sabe da possibilidade de a argumentação se dirigir a auditórios distintos, razão por que se diz que toda argumentação é relativa ao auditório, seja ele qual for.

Outro ponto importante em que a argumentação difere da retórica clássica é no que diz respeito à preservação da verdade. A valorização da verdade na retórica clássica deu lugar à preocupação com a adesão. Bernard Meyer (2008), em consonância com autores modernos, destaca que a argumentação se preocupa mais com a adesão do que com a verdade. A argumentação não procura determinar se uma tese é verdadeira ou falsa, mas influenciar outra pessoa. Logo, ela nunca será automática ou obrigatoriamente aceitável, como o é a demonstração matemática. Diz-se que ela é bem-sucedida não quando atinge a verdade, mas quando convence o destinatário (MEYER, 2008, p. 4).

Tratando ainda da nomenclatura utilizada, observa-se que a maioria das obras modernas utiliza o termo argumentação para designar o estudo dos meios de persuasão através do discurso. Com um objetivo mais didático e dando ênfase à forma, a linguista Koch (2001) baseia-se na premissa de que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental de todo ser humano. Em sua obra *Argumentação e Linguagem*, a autora afilia-se ao pensamento de Perelman (1996), mas orienta seu trabalho no sentido de analisar recursos linguísticos das articulações argumentativas de textos. Sobre o uso dos termos em sua obra, Koch ressalta: “[...] os termos argumentação e retórica são aqui utilizados como “quase sinônimos”, postulando-se conforme se disse, a presença de ambas, em grau maior ou menor, em todo e qualquer tipo de discurso.” (KOCH, 2001, p.18).

O autor contemporâneo Samuel Mateus, em sua obra *Introdução à Retórica* no séc. XXI, debate sobre a nova realidade dos estudos de retórica, ao mesmo tempo que evidencia a influência dos estudos passados.

Apesar destas diferenças de natureza tecnológica, continuamos, tal como na Antiguidade Clássica, a atribuir à Retórica uma função essencial na vida política e cultural das sociedades, na educação dos jovens e na vida cívica e geral dos cidadãos. Alicerçada na Oratória (sermões, discursos políticos e forenses, conferências académicas, etc.) – ainda que não exclusivamente – a Retórica é uma contribuição incontornável para o diálogo e o compromisso entre partes discordantes sendo frequentemente a expressão crítica de um indivíduo dotado de razão capaz de ajuizar não apenas a força da eloquência, mas também o rigor do raciocínio e da argumentação. (MATEUS, 2018, p. 17)

Observamos neste excerto que Mateus (2018) considera a Oratória a parte da retórica que se dedica ao estudo dos meios de persuasão em gêneros discursivos orais, como por ele citados, sermões, discursos, conferências académicas. Embora o autor mencione esses gêneros orais, ele destaca o cuidado que se deve ter não apenas com a eloquência (beleza do falar), mas com a construção dos argumentos a fim de persuadir uma plateia, considerando tanto o orador como os ouvintes indivíduos críticos.

Dado o contexto desta pesquisa, o universo das escolas cristãs de Abordagem Educacional por Princípios, cabe aqui ainda um levantamento do uso dos termos retórica, Oratória e argumentação dentro desta abordagem. O dicionário Webster (1828), uma das principais fontes de consulta usadas por alunos e professores nas aulas em AEP, por ser um dicionário que contém definições das palavras com cosmovisão bíblica, apresenta as seguintes definições:

RETÓRICA: 1. A arte de falar com propriedade, elegância e força. 2. O poder de persuasão ou atração; aquilo que fascina ou encanta. Fala-se da retórica da língua e da retórica do coração ou olhos.

ORATÓRIA 1. A arte de falar bem, ou de falar de acordo com as regras da retórica, a fim de persuadir. Para constituir Oratória a fala deve ser justa e pertinente ao assunto; precisa ser metódica, todas as partes do discurso dispostas de maneira ordenada e conectada; deve ser embelezada com as belezas da língua e pronunciada com eloquência. 2. Exercício da eloquência.

ELOQUÊNCIA: 1. Oratória; o ato ou a arte de falar bem, ou com fluência e elegância. Eloquência compreende a boa elocução ou enunciação; correta; apropriada e com expressões ricas, com fluência, animação e ação apropriada. Consequentemente, eloquência é adaptada para agradar, afetar e persuadir. Demóstenes na Grécia, Cícero em Roma, Lord Chatham e Burke na Grã-Bretanha, distinguiram-se por sua eloquência na declamação, debate e argumentação. 2. O poder de falar com fluência e elegância.

ARGUMENTAÇÃO: ato de raciocinar; ato de inventar ou formar razões, fazer induções, chegar a conclusões, e aplicá-las ao caso em discussão. A operação de inferir proposições, não conhecidas ou admitidas como

verdadeiras, a partir de fatos e princípios conhecidos, admitidos, ou provados serem verdadeiros⁵ (WEBSTER, 1828).

Webster (1828) utiliza os termos retórica e Oratória como quase sinônimos. Ambos são definidos com “a arte de falar bem”. Observa-se, entretanto, uma ênfase no discurso oral quando se usa a palavra Oratória.

Da mesma maneira, cabe aqui uma pesquisa das palavras deste campo semântico no texto Bíblico, já que a Bíblia Sagrada configura a fonte de consulta primária de qualquer estudo em Abordagem Educacional por Princípios em todas as disciplinas. Encontramos a palavra Oratória na segunda carta de Paulo aos Coríntios, onde o apóstolo admite não ter “boa Oratória”, referindo-se às técnicas da boa fala oral: “Pois, ainda que não use de *eloquente Oratória*⁶, no entanto, não me falta conhecimento. Em verdade, nós vos temos demonstrado isso em todo tipo de situação⁷.” (II Co 11, 6). Paulo escreve essas palavras em defesa de si frente às críticas feitas a ele pela igreja em Corinto. De acordo com a *Life Application Study Bible* (2011), ao usar a expressão “eloquente Oratória”, Paulo queria dizer que ele não era um orador profissional. Isso não significava que fosse um mau orador, apenas que não usava as técnicas de Oratória grega, para convencer seus ouvintes. Observamos aqui o uso da palavra Oratória em conformidade com a definição de Webster (1828), referindo-se à fala oral bela e ordenada. Paulo tinha excelente capacidade de argumentação, mas era considerado de “fala rude”.

A palavra eloquência aparece também no texto sagrado na primeira carta de Paulo aos Coríntios: “Eu mesmo, irmãos, quando me dirigi até vós, não o fui apenas com um *discurso eloquente*⁸, nem ostentando sabedoria para vos anunciar o testemunho de Deus⁹” (I Co 2,1). A palavra Eloquência é utilizada aqui como sinônimo de Oratória, o que se reflete nas definições de Webster (1828).

O termo Oratória tem sido usado também pela AECEP – Associação de Escolas de Educação Cristã por Princípios, na tentativa de incentivar as escolas associadas a inserir este ensino em seus currículos. A palavra Oratória, neste caso,

⁵ Tradução minha de todos os verbetes do original em inglês.

⁶ Grifo meu.

⁷ Versão King James Atualizada.

⁸ Grifo meu.

⁹ Versão King James Atualizada.

seria o equivalente ao termo *Oration*, utilizado pela *Dayspring Academy*, escola cristã americana de Educação por Princípios ligada à FACE – *Foundation for American Christian Education*. A escola desenvolve o *Oration Project*, que seria um projeto de ensino da expressão contundente e bela na fala oral. Esse projeto tem sido o modelo de ensino de Oratória estudado pela AECEP, a fim de adaptá-lo às escolas brasileiras.

O breve panorama traçado até aqui dos conceitos relacionados à Oratória tem como objetivo compreender o que há de comum no uso dos termos Retórica, Oratória e Argumentação desde a antiguidade clássica até hoje. Em primeiro lugar, o objetivo de persuadir e o estudo dos meios para alcançá-lo. Em segundo lugar, a possibilidade de empregar esses meios na fala oral, embora não exclusivamente em alguns casos, utilizando-se da fala organizada correta e embelezada.

Levando em consideração o uso dos termos aqui expostos ao longo da história, o entendimento desses termos na atualidade e, notadamente no ambiente escolar, neste trabalho usarei principalmente o termo **Oratória**. Porém ele não se restringirá a definir o ensino de técnicas de apresentação oral no sentido do uso da voz, controle emocional e linguagem gestual, mas engloba a preparação de argumentação lógica, de conteúdo e disposição das ideias de forma a expressar a alma do indivíduo, através da linguagem organizada e bela, a fim de persuadir seu interlocutor. Prefiro o termo 'Oratória' por estar tratando do desenvolvimento dessas habilidades no discurso oral, que é nosso interesse maior. A definição que uso aqui mais se aproxima da de Webster (1828), considerando-a como a arte de falar bem, utilizando-se de uma linguagem gramaticalmente correta, metódica e embelezada, a fim de persuadir um auditório. A Oratória aqui será tratada conforme o autor considera, uma habilidade que pode ser ensinada, aprendida e desenvolvida. Utilizarei também alguns conceitos de autores clássicos e modernos citados nesta seção, como por exemplo a valorização da verdade da retórica Aristotélica, a retórica cristã de Santo Agostinho, especialmente por se tratar de um contexto de escolas cristãs, e a noção de "contato dos espíritos" de Perelman (1996). Embora o termo mais usado aqui seja Oratória, ocorrerá também o uso do termo retórica em alguns momentos como sinônimo.

Na próxima seção, passo a uma discussão mais específica sobre o ensino de Oratória.

1.2 O que é ensinar Oratória?

Nesta seção, registro a visão de alguns autores sobre o que deve ser ensinado quando se ensina Oratória. Começo dedicando-me aos autores clássicos com um recorte da obra de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, após o que me concentro nos escritos de Perelman, estudioso moderno do assunto. Apresento aqui também conceitos e exemplos de *currículos* a fim de esclarecer o escopo da atividade pedagógica de ensinar Oratória.

Para compreendermos a estruturação didática do ensino da Oratória é mister aprofundarmo-nos na Retórica de Aristóteles, já que os conceitos por ele formatados moldam a compreensão do que é a retórica até os dias de hoje. Para Aristóteles a retórica é o poder de descobrir o que é necessário para persuadir. Assim, o estudo dela ultrapassa em muito os aspectos da linguagem em si, mas permeia diversos elementos da vida humana, notadamente no que diz respeito ao orador e ao ouvinte.

A natureza dos estudos de retórica em Aristóteles é majoritariamente filosófica, fornecendo uma extensa teoria da argumentação que constitui o eixo principal de sua obra. Ao mesmo tempo, o autor apresenta também uma teoria da elocução e uma teoria da composição do discurso, o que serve de maneira mais prática ao ensino da arte retórica. Barthes (1975) resume os três livros da obra *Retórica*, de Aristóteles, da seguinte maneira:

O Livro I é o livro do emissor da mensagem, o livro do orador. Aí trata-se principalmente da concepção dos argumentos, na medida em que eles dependem do orador, da adaptação ao público. Tudo isso de acordo com os três gêneros reconhecidos de discurso (judiciário, deliberativo e epidítico). O Livro II é o livro do receptor da mensagem, o livro do público. Aí são focalizadas as emoções (paixões) e, novamente, os argumentos, mas somente na medida em que forem recebidos (e não concebidos, como dantes). O Livro III é o livro, por excelência, da mensagem: nele se focaliza a lexis e o elocutio, isto é, “as figuras”, e também a taxis ou dispositivo, a ordem das partes do discurso. (BARTHES apud COHEN et.al., 1975, p.156).

Para Aristóteles existem três tipos de meios de persuasão supridos pela palavra falada. O primeiro depende do caráter pessoal do orador, isto é, quando o discurso é proferido de dada maneira que nos faz pensar que o emissor é digno de crédito. Aqui, o filósofo destaca que a admiração ao orador se dá pelo que ele diz e

não pelo que se pensa dele antes de o discurso começar. O caráter do orador é construído no discurso, de maneira que pelo que e como fala ele se mostra digno de ser ouvido e acreditado. A esse aspecto, Aristóteles dá o nome de **Ethos**, a impressão que orador dá de si próprio por meio do discurso. Ou seja, não basta ser bom, honesto e acreditável, é preciso parecer tudo isso para ter autoridade para falar e persuadir.

O segundo meio de persuasão disposto por Aristóteles tem a ver com o ouvinte que deve ser levado a uma certa disposição de espírito. Isso ocorre quando o discurso afeta suas emoções, já que os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia, júbilo, amizade ou hostilidade. Aristóteles denomina este aspecto de **Pathos**, segundo o qual orador precisa esforçar-se para produzir este efeito emocional para gerar a adesão do seu auditório.

O terceiro meio de persuasão está ligado ao próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar. Este aspecto, que diferentemente dos outros dois possui feição racional e não afetiva, é chamado **Logos**. Diz respeito ao próprio discurso que, se contiver uma argumentação persuasiva para o caso em pauta, demonstrará a verdade ou o que parece ser a verdade. O logos diz respeito à lógica com que os argumentos são apresentados no discurso. Assim, o orador que conseguir compreender esses três meios, conseguirá persuadir com efeito (ARISTÓTELES [384-322 a.c.], 2011, 1356a).

Aristóteles apresenta ainda o que considera serem os três gêneros da retórica, ou os três tipos de discurso, cada um identificado por um tipo diferente de auditório, associado a diferentes tempos, realizando diferentes atos e utilizando diferentes tipos de argumentos. O primeiro seria o **discurso deliberativo** (político), que ocorre diante da Assembleia com o objetivo de induzir a fazer ou não fazer algo, aconselhar ou desaconselhar, determinando aquilo que é útil ou danoso de um procedimento. Esse gênero refere-se ao futuro e nele o orador deve utilizar-se dos exemplos, argumento retórico do tipo indutivo. O segundo gênero seria o **discurso forense** (judiciário), que teria com auditório os juízes e comporta a acusação ou defesa de alguém, uma ou outra sempre sendo sustentada pelas partes em um caso. O tempo do discurso forense é o passado, pois há fatos ocorridos que devem ser julgados como justos ou injustos. O orador deve utilizar-se do entimema, argumento do tipo dedutivo. O terceiro e último gênero do discurso para Aristóteles seria o **discurso epidítico** (demonstrativo). Proferido diante de uma plateia de

espectadores, ocupa-se do louvor ou censura de alguém ou algo, julgando-o nobre ou vil. O tempo relacionado a este gênero é o presente e para persuasão o orador deve utilizar-se do tipo de argumentação de amplificação.

Aristóteles apresenta as quatro fases pelas quais, segundo ele, passa todo aquele que compõe um discurso. Compreender estas etapas do processo argumentativo seria de fundamental importância para aquele que deseja ser um bom orador. São elas: a) a **Invenção** (*inventio*, em latim; *euresis*, em grego); b) a **Disposição** (*dispositio*, em latim; *taxis*, em grego); c) a **Elocução** (*elocutio*, em latim; *lexis*, em grego) e; d) a **Ação** (*actio*, em latim; *hypocrisis*, em grego). Estas seriam etapas didáticas para a construção de um discurso bem-sucedido.

A **Invenção** consiste em encontrar o assunto que vai se tratar, achar do que falar. Uma vez tendo o tema do seu discurso, o orador precisa buscar todos os argumentos e meios de persuasão relativos a este tema. É o momento da busca das provas que sustentarão o discurso, os argumentos que contribuirão para a defesa da tese. Essa etapa também implica em buscar pontos de vista diferentes além daqueles estabelecidos pelo senso comum. De acordo com Reboul (2004) a noção de invenção se situa entre dois polos opostos: “Por um lado, é o ‘inventário’, a detecção pelo orador de todos os argumentos ou procedimentos retóricos disponíveis. Por outro, é a ‘invenção’ no sentido moderno, a criação de argumentos e de instrumentos de prova.” (REBOUL, 2004, p. 54) Essa noção exige que o orador conheça bem o assunto que será abordado. Embora a invenção possa ser praticamente invisível para o auditório, ela é a etapa que sustenta todas as outras na construção do discurso.

A segunda fase proposta por Aristóteles é a **Disposição** e consiste na ordenação dos argumentos levantados durante a etapa da invenção. Esta é uma etapa textual onde se organiza o modo de dizer gerando um plano do discurso. O texto é organizado e os argumentos são distribuídos de maneira racional e plausível, buscando uma solução para o problema em foco a fim de alcançar a persuasão. Essa etapa proposta pelo filósofo evidencia a relevância da ordem lógica dos argumentos no efeito causado pelo discurso. Para Reboul (2004, p. 44), “a disposição, em si, é um lugar, ou seja, um plano tipo ao qual se recorre para construir o discurso”.

Elocução é a terceira etapa da construção do discurso proposta por Aristóteles. Esta etapa refere-se à redação escrita do discurso, ao estilo, à

expressão. Aqui inicia-se propriamente dito o trabalho com a linguagem. Esta etapa é a que mais revela a habilidade do bom orador e seu estilo, pois é por meio dela que o orador se expressa como tal. O estilo, por sua vez, precisa adaptar-se ao do auditório. Isto significa dizer que não adianta conhecer o tema, pesquisar sobre ele, organizar os argumentos, se o orador não souber usar a linguagem apropriadamente para expressar seus pontos a uma determinada audiência. A esta etapa estão associadas a clareza, o estilo a correção gramatical, a construção da frase, o ritmo do texto, além do uso de recursos linguísticos como símiles e metáforas.

A quarta e última fase da construção do discurso, segundo Aristóteles, é a **Ação**. Nesta etapa ocorre a proferição efetiva do discurso de maneira oral, com tudo que ele pode implicar em termos de efeitos de voz, mímicas e gestos, interação com o espaço. Esses recursos objetivam captar a atenção do auditório para finalmente concluir a persuasão. É por meio da ação que o orador aparenta aquilo que deseja. Sobre este conceito de ação em Aristóteles, Ferreira (2010, p. 138-139) pontua que a ação “é uma forma particular de interação: orador e auditório estão plenamente envolvidos no processo de transmissão e recepção do discurso num contexto enunciativo-pragmático-interacional.”

Além das 4 etapas do processo argumentativo descritas acima, Aristóteles propõe também as quatro partes do discurso, a saber:

a) **Proêmio** (ou Exórdio): refere-se à introdução de um discurso retórico. O objetivo desta primeira parte é obter a atenção e benevolência do auditório, assim como torná-lo dócil para receber o discurso. Também chamada Exórdio, tem a função de preparar o caminho para o que se seguirá.

b) **Exposição** (ou Narração): exposição aparentemente objetiva dos fatos referentes ao tema, orientada pelas necessidades da causa. Deve ter objetividade clareza e credibilidade.

c) **Provas** (ou Confirmação): a parte mais longa do discurso, apresenta os argumentos para a sustentação da tese. Argumenta-se, nesta parte do discurso, recorrendo tanto à razão quanto à emoção, com objetivo de levar o auditório a uma adesão à tese proposta.

d) **Epílogo** (ou Peroração): conclusão do discurso onde o orador refresca a memória do auditório sobre o que foi dito, reforçando o elogio à sua verdade e a oposição à falsidade do adversário. Sublinha-se, novamente, o assunto

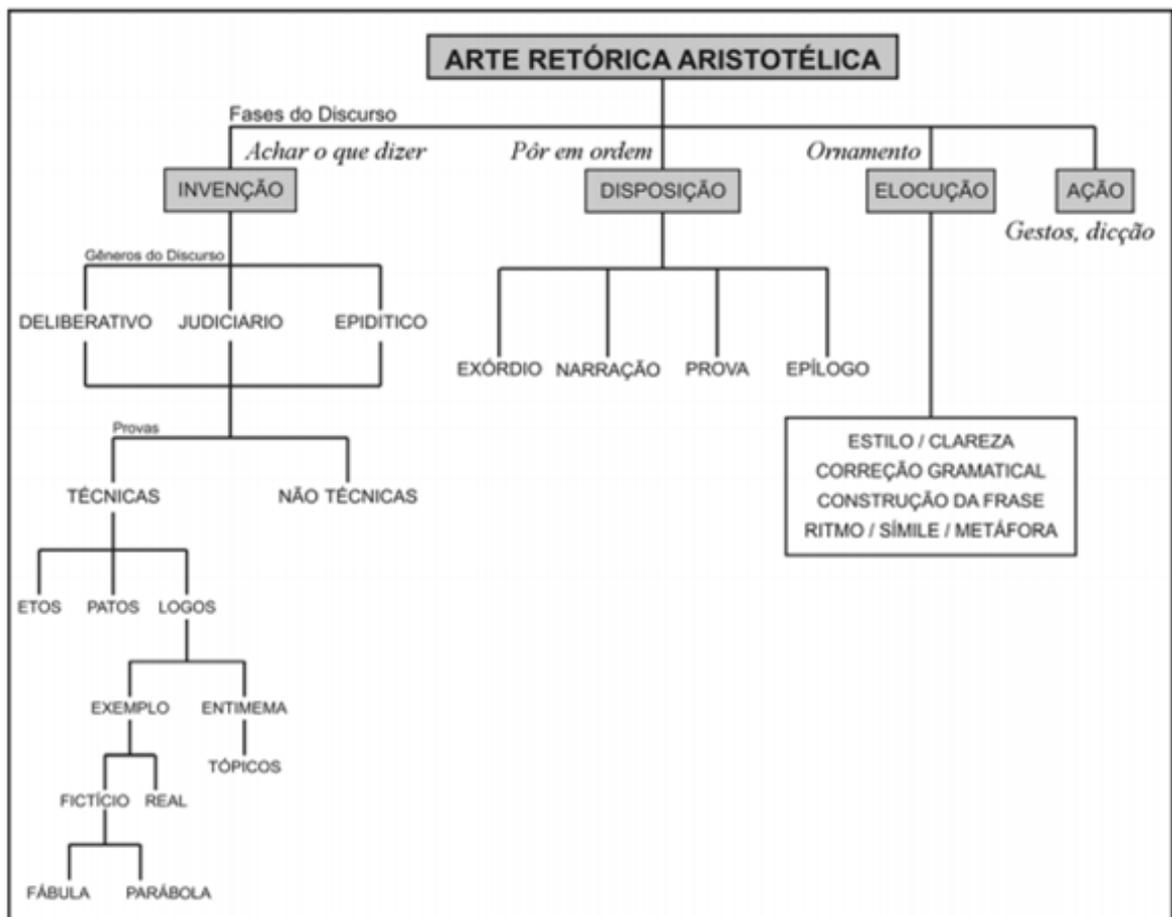
para amplificar ou minimizar aquilo que se deseja e dispor o ouvinte a um comportamento emocional.

Sobre a importância de cada parte do discurso, Aristóteles destaca:

As partes necessárias são, pois, a exposição e as provas. Estas são então as sessões apropriadas; no máximo, digamos proêmio, exposição, provas e epílogo. A refutação dos elementos do oponente pertence às provas e a refutação por comparação é uma amplificação delas, de tal forma que também faz parte das provas. Pois aquele que formula isto procura a demonstração de algo. Porém não é o caso nem do proêmio, nem do epílogo, que têm como função apenas lembrar. (ARISTÓTELES [384-322 a.c.], 2011, 1414b).

Para melhor compreensão da proposta retórica de Aristóteles, Almeida Jr. (2009) apresenta um quadro que me parece útil e didático:

Figura 1 – Diagrama esquemático da retórica aristotélica



Fonte: ALMEIDA JR., 2009, p. 235.

Embora a obra de Aristóteles sobre retórica seja muito mais extensa e profunda, optei pelo recorte destes itens em função de acreditar serem relevantes tanto para a compreensão do processo de criação e elaboração do discurso, como para a análise e interpretação dos aspectos argumentativos de textos em geral. Esses seriam elementos fundamentais da retórica, possíveis de serem ensinados na escola básica. A maioria dos currículos de Retórica ou Oratória encontrados, de alguma forma baseiam-se nas premissas da Retórica Clássica grega.

Enquanto a Retórica Aristotélica se concentrava mais na persuasão, a Oratória da Roma Antiga, que se desdobrou com Cícero (106-43 a.C.) e Quintiliano (35-100 d.C.) entre outros, passou a visar mais a eloquência. Às quatro fases do processo argumentativo, Invenção, Disposição, Elocução e Ação, a Oratória romana acrescentou a **Memória** como quarto passo, antes da Ação. O foco na beleza do discurso oral produziu uma valorização da memorização do discurso de maneira a proporcionar um maior impacto no momento da sua proferição. O bom orador deveria então cultivar a sua memória. Cícero afirma, no prefácio ao livro I do *Diálogo do orador* (1.18), que a memória é guardiã de tudo o que o orador pensou e refletiu sobre os temas e palavras que usará, e que, sem ela, por mais ilustre que sejam os demais aspectos de sua Oratória, tudo mais morrerá. Quintiliano, por sua vez, no livro III de sua *Formação do orador* (3.3.2), afirma que apenas a memória permite ao orador dizer tudo o que a causa exige, e fazê-lo em cada momento específico do discurso. O autor liga a memória intimamente às demais partes da retórica, permitindo ao orador guardar na mente e reter os argumentos descobertos ou inventados, bem como a maneira de dispor tais argumentos ao longo do discurso e as palavras e a forma que usará.

Cícero dedicou-se ao estudo da Oratória baseado nos estudos aristotélicos, mas pautando-se também na análise dos discursos de grandes oradores gregos e latinos, para deles extrair aquilo que compunha a Oratória romana. Para o autor, a eloquência precede a retórica; a retórica saiu de exemplos dados por oradores. Antes de falar, conhecer, estudar, refletir sobre o assunto, o orador deve preparar-se em tudo: direito, literatura, filosofia, história, ciências. Esta é para Cícero a base da arte Oratória, para tornar-se orador, os mestres, as regras, os exercícios ordinários não bastam (CÍCERO, 2004, p.146).

Quintiliano (35-100 d.C.) teve um importante papel em relacionar a arte da Oratória com o ensino de gramática no ambiente escolar, aconselhando a leitura

como elemento fundamental na formação de um orador e apresentando uma lista comentada de autores gregos e latinos cuja leitura seria de proveito aos bons oradores. A análise dos discursos de grandes oradores é um dos passos apresentados por ele para o aprendizado da Oratória. Enumerou também as qualidades que deve reunir quem se dedicar à Oratória, tanto no que se refere à conduta quanto ao caráter. Sua obra exerceu grande influência, mais tarde, durante o Renascimento, não apenas quanto aos ensinamentos retóricos, mas também no que diz respeito à teoria pedagógica.

Os estudos de Retórica ou Argumentação que sucederam a Retórica clássica, sempre dialogam com ela. O principal autor da modernidade sobre o assunto, Chaim Perelman, parte da Retórica clássica aristotélica para criar uma nova teoria da argumentação jurídica, que ele mesmo chamou de Nova Retórica. Faz-se importante, portanto, observar as ponderações de Perelman (1996) e as suas contribuições para o ensino da Oratória nos dias atuais.

Considerando a obra de Aristóteles, Perelman (1996) destaca a importância de compreender os três elementos: orador, auditório e mensagem, como um todo integrado. Entretanto, o autor dá grande ênfase em sua obra ao auditório, quando trata da necessidade de o orador promover um “contato dos espíritos” a fim de ser bem-sucedido em sua persuasão. Por esse motivo, o auditório encontra papel nuclear em sua teoria. Para que haja argumentação é necessário que se realize uma comunidade efetiva de espíritos (PERELMAN, 1996, p. 26). Definido como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (p. 21), o auditório é o grupo de pessoas que o orador pretende atingir com os argumentos utilizados, de forma a convencê-los ou persuadi-los, conseguindo sua adesão à tese desejada.

A Nova Retórica vem sublinhar o fim persuasivo da retórica como um encontro entre interlocutores onde cada um exercita a sua razão em coorientação e codependência. A decisão e a conclusão que nascem da argumentação fundam-se nesta relação do orador com o auditório. Enquanto Aristóteles propunha argumentar em prol da verdade e daquilo que é considerado virtude, para Perelman, não há, nos negócios humanos, nenhuma tese eminentemente verdadeira ou transcendente. Portanto cabe à Retórica fornecer o quadro de interação argumentativa onde os interlocutores estabelecem aquilo que é razoável ou crível. Daí a importância de o auditório e orador estarem em acordo.

Perelman (1996) critica a distinção clássica entre os gêneros oratórios, definidos a partir das funções ocupadas por seus auditórios, em deliberativo, judiciário e epidítico, proveniente da teoria aristotélica. Ao autor moderno parece-lhe mais produtivo considerar que um auditório pode ter facilmente um caráter heterogêneo, ou seja, um mesmo grupo pode reunir pessoas diferentes, seja pelo caráter, vínculo ou funções (Perelman, 1996). Nesse caso, cabe ao orador dar-se conta disso e levar tal informação em consideração, sendo que o traço que diferencia os grandes oradores é justamente essa capacidade de ter em mente a diversidade de opiniões presentes em seu auditório. A importância do auditório é tal para Perelman que afirma que “é, de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores” (p. 26). Assim, Perelman (1996) trata então das argumentações:

a) **direcionadas a um auditório universal:** o orador precisa encontrar aquilo que há de comum entre os ouvintes e procurar argumentos que os levem a transcender as oposições de que têm consciência. O estudo do auditório universal é de extrema importância para o orador a fim de conhecer o que os homens consideram, no decorrer da história, real, verdadeiro e objetivamente válido (p.37);

b) **perante um único ouvinte:** essa argumentação estaria mais ligada à dialética, incluindo as atividades diárias de discussão persuasiva. Destaca-se a possibilidade de o interlocutor fazer interrupções e perguntas, o que o leva a ter a impressão de que as teses a que adere são mais solidamente alicerçadas do que se o orador estivesse proferindo um discurso contínuo. Na maior parte das vezes, quando não se conhece especificamente o papel institucional que o ouvinte possui (no caso do júri, por exemplo, já se sabe o que esperar de cada ouvinte), o ouvinte único é considerado a encarnação de um determinado auditório particular.

c) **deliberadas consigo mesmo:** o sujeito que delibera consigo mesmo é considerado uma encarnação do auditório universal. Neste tipo de deliberação o sujeito pretende formar para si uma convicção e por seu auditório tratar-se de si mesmo, ele não pode deixar de ser sincero e experimentar o valor dos seus próprios argumentos.

O conhecimento do tipo de auditório é de extrema importância para Perelman, que afirma que “como a argumentação visa obter a atenção daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar.” (p. 21).

Entretanto, Perelman (1996) admite que a presente classificação é imprecisa na prática e acredita que assim deva permanecer. Explica-se, dizendo que a fronteira que distingue diversos auditórios é também muito incerta.

Sua preocupação com o conhecimento do auditório a fim de utilizar os argumentos mais adequados para persuadi-lo, leva Perelman (1996) a considerar o discurso proferido oralmente como mais eficaz do que o discurso escrito. O contato visual entre o orador e o auditório seria um dos fatores importantes para alcançar a persuasão. Este ponto parece-me importante para esta tese, já que trato aqui da habilidade de Oratória focada do discurso oral. Sobre isso o teórico afirma:

Portanto, percebemos melhor a argumentação quando é desenvolvida por um orador que se dirige verbalmente a um determinado auditório, do que quando está contida num livro posto à venda na livraria. (...) Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias de argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. (PERELMAN, 1996, p. 21)

No que diz respeito às etapas da construção da argumentação apresentadas por Aristóteles, Perelman (1996) enfatiza na etapa da Disposição a necessidade de que os argumentos sejam dispostos em uma ordem específica. Para ele, a apresentação dos dados não consiste em uma mera escolha de elementos prévios, mas numa organização que explica, em parte, o dinamismo da linguagem e do pensamento. A ordem de apresentação dos argumentos modifica as condições da sua aceitação. Portanto, quando se trata de argumentar, tendo em vista a obtenção da adesão de um auditório, a ordem é de extrema importância. (p. 159)

Embora Perelman (1996) não se atenha à divisão das partes do discurso propostas por Aristóteles (Proêmio, Exposição, Provas e Epílogo), o autor comenta essa divisão em alguns aspectos. Enquanto Aristóteles considera o Proêmio (ou Exórdio) algo acessório, com significado estético, Perelman (1996) admite que esta parte do discurso pode ser indispensável à persuasão uma vez que garante as condições prévias para a argumentação. É nesta parte do discurso que, segundo Perelman (1996), o orador demonstra sua competência, sua imparcialidade e sua honestidade, assim como mostra ao auditório porque aquele é o momento certo de falar sobre este tema e a necessidade de que seja tomada uma posição. O Proêmio teria, então, tudo a ver com o auditório a que se dirige, a fim de obter sua atenção e autorização para falar sobre o assunto.

Enquanto Aristóteles concentra-se mais na discussão filosófica dos argumentos e do estilo, Perelman (1996) dedica uma grande parte de sua obra a enumerar, classificar e exemplificar tipos de argumentos possíveis de serem usados para atingir o objetivo primeiro de todo discurso, que é conseguir adesão. Ele assim os classifica:

I. **Argumentos quase lógicos:** são aqueles raciocínios que se aparentam com os raciocínios demonstrativos da Lógica Formal. Eles baseiam-se na dedução lógica, retirando da matemática e da sua estrutura formal e universal os seus princípios de funcionamento.

a) **Argumentos por contradição e incompatibilidade:** contradição pura, muito pouco frequente na argumentação retórica, a incompatibilidade, uma tese sustentada que acarreta, sem que se queira, um conflito com uma ideia ou tese apresentada anteriormente. Assim, a incompatibilidade obriga a escolher a regra que se seguirá em caso de antagonismo.

b) **Argumentos por identidade:** afirmam o princípio de identidade “A é A”. Estabelece a identidade entre a definição e aquilo que é definido

c) **Argumentos por transitividade:** fazemos derivar, a partir de uma relação entre dois elementos, a existência da mesma relação relativamente a um terceiro elemento.

d) **Argumentos por inclusão:** salienta-se alguma coisa que é parte de uma categoria maior e que, por isso, dela será dependente. A maior parte dos argumentos sobre patriotismo, ou qualquer tipo de identidade comunitária se assenta neste princípio.

II. **Argumentos fundados na estrutura do real:** inspiram-se, não na força lógica e demonstrativa, mas na experiência, salientando os aspectos que ligam as coisas. Partem de uma relação existente para fazer valer determinada ideia. O uso do argumento é explicativo: o orador afirma determinada coisa porque identifica vantagens em explicar como determinadas coisas do mundo são, com vista a fazer provar a sua tese.

a) **Argumentos por sucessão ou causalidade:** surgem da elaboração de um dado fato a partir de um nexos causal. É a sequência da nomeação que permite concluir a tese que pretende persuadir.

b) **Argumentos de desperdício:** desperdício, o orador incita a prosseguir algo em função do esforço já dispendido.

c) **Argumentos de autoridade e *ad hominem***: o argumento de autoridade fundamenta a pertinência ou importância de afirmação pelo valor reconhecido ao seu autor. É, no fundo, um argumento completamente baseado na opinião de um especialista. O argumento *ad hominem* seria o inverso disso, objetar uma tese através da alusão a uma personalidade altamente repudiada, criticável, abominada ou desprestigiada.

d) Argumentos de grau e ordem: consideram-se os acontecimentos em termos da sua qualidade e quantidade.

III. **Argumentos que fundam a estrutura do real**: criam o real através da apresentação desses acontecimentos. Eles recriam a maneira do auditório entender determinado assunto ao tornarem notórios ou visíveis os aspectos que até aí permaneciam ocultos ou despercebidos.

a) **Exemplo**: o que está em questão é enfatizar uma regra e o seu grau de generalização. Procura, a partir do caso particular, chegar à lei ou estrutura que ele contém, ou seja, visa passar do particular para uma generalização.

b) **Modelo**: é um exemplo oferecido ao auditório como digno de imitação ou de ser seguido. O modelo serve de norma e é utilizado como argumento para fazer agir o auditório de acordo com a norma instituída.

c) **Ilustração**: usada para tornar alguma coisa mais concreta, permitindo ao orador, não apenas expor um ponto, mas mostrar o que ele significa.

d) **Analogia e metáfora**: a analogia permite determinar uma verdade a partir de uma semelhança de relações idênticas. A analogia estabelece uma proporção ou uma relação de semelhança entre duas ou mais entidades completamente distintas. A metáfora é uma analogia condensada, que exprime certos termos de comparação enquanto omite outros.

IV. **Argumentos por dissociação**: consiste em separar ou dissociar noções em pares hierarquizados. Determina um rearranjo dos dados conceituais que fundamentam a argumentação quebrando a unidade e destacando as diferentes noções que um conceito envolve. Reordenam os fatos aparentemente incompatíveis, ao fazer desaparecer, pela dissociação, essa incompatibilidade ou antagonismo.

Parece-me que tão importante quanto ensinar para os alunos a estrutura do discurso ou os elementos que o envolvem é instruí-los nos tipos de argumentos de

que podem lançar mão na construção de sua argumentação. Este parece-me um dos pontos importantes que devem compor um currículo de Oratória.

1.2.1 Alguns currículos de Oratória

Após entender os fundamentos da Oratória estabelecidos por teóricos clássicos e modernos, concentrando-me no ensino destes fundamentos aos estudantes, passo a discutir alguns currículos de Oratória de escolas americanas e brasileiras a que tive acesso, a fim de compreender melhor os elementos que são incluídos nestes programas de ensino e iluminar a posterior análise dos dados. Conhecer o que tem sido selecionado para compor o programa de ensino dos alunos do campo da Oratória me parece primordial para que esta análise possa, como proposta da Análise do Discurso Positiva, colaborar com as escolas pesquisadas na melhoria da sua prática pedagógica no ensino desta disciplina.

A influência da Retórica Clássica, grega e romana, tornou-se parte da formação

dos estudantes no currículo de educação clássico chamado *Trivium*, bastante utilizado durante a idade média como parte do ensino universitário inicial, com pouca, mas existente, aplicação na atualidade. Conforme Bluedorn (2001), no *Trivium*, os jovens estudam as três artes liberais relacionadas à linguagem: a Gramática, a Lógica e a Retórica. Parece-me interessante dedicar alguma atenção ao ensino de retórica no *Trivium* por ser um currículo atualmente ligado a escolas cristãs, que pode trazer inspiração para nossa análise. A respeito do currículo da retórica, em sua obra “Ensinando o Trívium”, na qual orienta educadores ao ensino das disciplinas que o compõem, Bluedorn (2001) afirma que a aplicação útil da retórica aos estudantes é:

- Escolha efetiva de palavras;
- Ter bom controle da língua;
- Ser habilidoso no fraseado;
- Ser claro e preciso em sua expressão;
- Ser tanto preciso quanto interessante ao mesmo tempo;

- Ser eloquente, impressionante e persuasivo em seu discurso.

Apesar de entender que a retórica é aplicada tanto ao discurso escrito como ao oral, Bluedorn (2001) salienta a importância das habilidades no discurso oral que devem ser incluídas no currículo:

As partes da Retórica chamadas *Inventio*, *Dispositio*, e pelo menos uma parte do *Elocutio*, são cobertas nos *curricula* padrão de produção textual ou composição escrita. Qualquer um dos muitos livros “Como escrever” serve como suplemente para ajudar a aprimorar certos detalhes de uma composição. Mas Retórica vai além de mera escrita. Qualquer currículo de Retórica precisa incluir atividades de fala em público. Aqui, *Elocutio*, *Memoria* e *Pronuntiatio* avançam com papéis importantes. (BLUEDORN, 2001, p. 178).

Ainda sobre o ensino de retórica no currículo clássico *Trivium*, Bluedorn (2001) aponta alguns aspectos importantes no ensino da disciplina nas diferentes fases da vida do estudante. Até os 10 anos de idade o trabalho deve ser dedicado ao desenvolvimento do vocabulário e ortografia que ajudam a aprimorar a leitura e a escrita. As atividades mais importantes são a leitura, incluindo leitura em voz alta, recontagem de narrativas em suas próprias palavras, memorização de textos em prosa e poemas. Dos 10 aos 12 anos, já com um bom vocabulário, o trabalho deve focar em ortografia e gramática, que avançarão rapidamente nesta fase. É o momento da escrita de narrativas ao invés de apenas construí-las oralmente. No lugar de apenas memorizar e recitar textos em prosa e poesia, o aluno pode passar, nesta idade, a interpretar tais textos imprimindo-lhes um sentimento na fala. Dos 13 aos 15 anos de idade, o estudante deverá começar a focar nos elementos mais tradicionais da retórica como composição, argumentação e discurso. É o momento de iniciar o uso de um discurso formal e desenvolver projetos escritos maiores com exigência de mais pesquisa. Finalmente, dos 16 aos 18 anos as habilidades de composição, argumentação e discurso são aprimoradas. É o momento de o aluno ser exposto formalmente às regras da Retórica Clássica e desenvolver seu discurso baseado nelas. Além disso, deve ser estimulado a aplicar essas regras na expressão de todos os conteúdos que vem aprendendo em todas as disciplinas. Em todos os seus estudos de retórica, o aluno deve combinar seu aprendizado das diversas disciplinas em projetos que demonstrem sua habilidade de expressar-se com clareza, beleza e persuasão, estabelecendo teses e defendendo-as. Bluedorn (2001) recomenda ainda que estudantes a partir de 16

anos façam parte de grupos de discurso público e debates, a fim de consolidar sua prática de Oratória.

Observa-se que o método *Trivium* estimula as habilidades de expressão oral desde muito cedo, mas é a partir dos 13 anos que os elementos mais formais da retórica começam a ser abordados. No que se refere à prática do discurso público e debate, habilidades mais ligadas à expressão oral, Bluedorn (2001) estabelece os objetivos deste ensino da seguinte maneira:

- I. Ensinar os alunos a falar diante de um auditório.
- II. Aprender a mecânica da fala:
 - A. Qualidade da voz;
 - B. Articulação/ Enunciação/ Dicção;
 - C. Sonoridade;
 - D. Expressividade;
 - E. Técnicas de Respiração.
- III. Proporcionar aos estudantes experiência em variadas formas de discurso.
 - A. Leitura Interpretativa (aluno lê material não-original):
 1. Prosa;
 2. Poesia;
 3. Duetto;
 4. Oratória não-original.
 - B. Discurso (original):
 1. Informacional;
 2. Extemporâneo;
 3. Oratória (discurso persuasivo);
 4. Humorístico.
 - C. Debate:
 1. Lincoln-Douglas¹⁰;
 2. Debate Interrogatório¹¹.
- IV. Expor os estudantes a uma variedade de tipos de prosa e poesia.

¹⁰ Modelo de debate político inspirado nos debates de Abraham Lincoln e Stephen A. Douglas em 1858 quando em campanha eleitoral nos EUA.

¹¹ Modelo de competição de debate nos quais equipes argumentam a favor e contra uma tese a partir de uma pergunta de 3 minutos, seguida de um discurso de cada equipe.

- V. Desenvolver técnicas efetivas de discurso público através da participação em concursos e programas especiais.
- VI. Aprender a maneira adequada de escrever e proferir um discurso original.
- VII. Aprender a debater.
- VIII. Formar uma equipe de discurso e debate e competir com outros times.

O programa de Oratória da escola americana *Dayspring Christian Academy* denominado *Oration Project* é também um exemplo importante para esta pesquisa. A escola, que compõe a rede de ensino privada do estado da Pennsylvania, é uma escola cristã de Educação por Princípios que pertence à FACE – *Foundation for American Christian Education*¹². Este projeto americano, portanto, é de grande interesse para essa tese, pois aproxima-se daquilo que a AECEP almeja oferecer nas escolas brasileiras de mesma metodologia. O depoimento de uma professora da escola americana no website da instituição afirma que “o processo de escrever discursos e proferi-los é desafiador, mas é uma das marcas da Educação por Princípios e um elemento que faz da educação em *Dayspring* distinta¹³.” A professora defende ainda que o processo de escrita e apresentação de discursos públicos por parte dos alunos é um fruto tangível da aspiração da escola de ensinar seus alunos a raciocinar a partir das Escrituras e relacionar com aquilo que eles têm aprendido com elegância e eloquência.

Dr. Michel Myers, que escreveu o documento das diretrizes do *Oration Project*, vincula o projeto de ensino de Oratória na escola cristã à necessidade de os alunos serem capacitados a fazer a defesa da sua fé de maneira própria e relacionando-a aos conteúdos de todas as áreas do conhecimento.

Cada um dos alunos de Dayspring é ensinado a apresentar uma nobre e sã defesa da esperança que nele há. O propósito de promover o engajamento dos alunos com a ciência de escrever discursos e, em seguida, utilizar-se da arte da Oratória para proferi-los é treiná-los para ‘levar todo pensamento cativo a Deus, para torná-lo obediente a Cristo’ (II Co 10,5b): primeiro o seu próprio e depois o dos outros. Assim, preparados para proclamara as verdades e maravilhas de Deus, suas bem fundamentadas e bem apresentadas visões de mundo bíblicas poderão promover em seus leitores

¹² Fundação para Educação Cristã Americana. Fundação que dá suporte às escolas de Educação por Princípios nos Estados Unidos da América. Disponível em: <https://face.net/>.

¹³ Tradução minha. Original disponível em: <https://www.dayspringchristian.com/blog/the-oration-process/>.

e ouvintes uma mudança de ponto de vista, reconciliando-lhes, assim, com Deus. (II Co 5,20) (Myers, M. *Oration Project Overview* p. 3)¹⁴

O projeto ensina Oratória para crianças a partir do 2º ano do ensino fundamental e vai aumentando as exigências conforme as crianças vão avançando em idade. A definição de *Oration* apresentada aos alunos é: um discurso persuasivo que aborda um tema significativo e discutível de uma maneira acadêmica e bíblicamente equilibrada para alcançar o efeito de persuasão de uma plateia, que será convencida, a partir das evidências apresentadas, de que a tese do discurso é verdadeira. O material do *Oration Project* será analisado com parte do corpus desta tese.

Outro documento de fundamental importância para esta pesquisa é o *Noah Plan*, a mais importante sugestão curricular ligada à Educação por Princípios. Esta sugestão curricular para a área de linguagens, escrita por Carole Adams (2006) e distribuída pela FACE, apresenta as principais ideias-guia que devem construir o caminho do ensino e aprendizagem de gramática dos alunos. Observa-se desde o jardim de infância até o 3º ano do ensino médio uma preocupação com a habilidade de falar em público. Inicia-se com o trabalho de memorização, pronúncia, dicção, dramatização, articulação, respiração durante a fala e força no discurso aos três anos de idade. Do 1º ao 3º ano persevera-se no trabalho de dicção e memorização, ao mesmo tempo que ocorre expansão do vocabulário e da gramática. A partir do 4º ano, de acordo com o *Noah Plan*, inicia-se a preparação de discursos em sala de aula e até o 6º ano consolida-se a construção de parágrafos a partir da aprendizagem da estrutura de um discurso. A partir do 7º ano de escolaridade o aluno começa a basear-se em discursos históricos para criar seus próprios discursos originais que devem ser memorizados. No 8º ano ocorre também a análise do estilo de grandes oradores e consolidação das partes do discurso.

No 9º ano, o currículo de linguagens passa a abordar a disciplina de gramática como Composição e Discurso. Neste momento, observa-se tópicos como “Organização e comunicação de discursos persuasivos”, “Introdução e conclusão de discursos”, “Análise de audiência”, ao mesmo tempo que os estudantes passam estudar a lógica de construção de argumentos. Ainda neste 9º ano o aluno começa a participar de clubes de debate tanto na própria escola como fora dela. Os três anos

¹⁴ Citação retirada do material didático do *Oration Project*, em anexo.

do ensino médio testemunham um aprofundamento da construção de argumentos lógicos, conhecimentos de quatro estilos de discurso, estilos de fala, técnicas de apresentação oral e defesa de dissertação. O quadro com os conteúdos que devem ser abordados na área de linguagens, de acordo com o *Noah Plan*, encontra-se no Anexo 3 e ajuda-nos a perceber a presença do ensino de habilidades de Oratória durante toda a vida escolar do estudante.

No que se refere a programas de ensino e aprendizagem de Oratória, destaco ainda um programa de capacitação de professores promovido pelo instituto americano *Ford's Theater*. Inspirado pela Oratória de Abraham Lincoln, o programa intitulado *Companheiros Nacionais da Oratória*¹⁵ configura uma rede de professores que cultivam as vozes dos alunos de 5º a 8º anos fazendo do discurso público uma experiência diária de sala de aula. O programa oferece planos de aula para que os professores ensinem habilidades de discurso público aos seus alunos. O material didático utilizado no programa fará parte do corpus a ser analisado nesta tese.

Mediante a revisão da literatura sobre Oratória incluindo a teoria aristotélica e autores modernos, além de currículos e programas de ensino de Oratória para a educação básica aqui revisados, compreendo então que ensinar Oratória exige uma atitude didática específica e abordagem de conteúdos direcionados à construção da argumentação, à disposição dos argumentos, às partes do discurso, ao conhecimento do auditório e sua relação com o orador, além de técnicas de memorização e dicção que poderão auxiliar o aluno a proferir seu discurso com eloquência e beleza. Ensinar Oratória, entendo, está ligado não somente a propiciar espaço para a fala, mas ao treinamento específico para fazer uso do discurso oral a fim de persuadir o auditório a aderir à tese proposta. Isto significa dizer que o professor deve ter conhecimento das teorias sobre Oratória a fim de oferecer conteúdo específico que ajude seus alunos a desenvolverem suas habilidades neste campo. Não digo com isso que para haver ensino de Oratória é necessário haver uma disciplina específica com este nome, embora isto fosse melhor que não a ter. Refiro-me ao fato de que a Oratória está intimamente ligada à área de linguagem e faz parte do processo de aprimoramento do estudante no uso da língua, seja ela materna ou estrangeira. Parece-me que a literatura indica que é possível ensinar Oratória como parte das aulas de língua portuguesa, por exemplo, desde que haja

¹⁵ *National Oratory Fellows* no original.

conhecimento do professor e planejamento de atividades específicas nos vários anos da escolaridade dos jovens.

Uma vez compreendendo o que se deve ensinar, passo a analisar como a Oratória tem sido historicamente ensinada no ambiente escolar.

1.3 Um histórico sobre o ensino de Oratória no ambiente escolar

Nesta seção trato do ensino de Oratória no ambiente escolar sob uma perspectiva histórica, a fim de entender o momento em que nos encontramos hoje. Já se estudou Oratória nas escolas brasileiras ou em outros países? Quando? Como? Quando isso deixou de acontecer? Esta compreensão nos parece imprescindível para entendermos a situação do ensino de Oratória na atualidade e o valor que ele tem recebido.

Na antiguidade, podemos considerar que os sofistas foram os primeiros professores de Oratória (SANTOS, 2016). Eles eram professores itinerantes de eloquência e filosofia, muito bem remunerados, dado o valor que a habilidade de Oratória tinha na sociedade da época. Eles preparavam os jovens para o exercício da vida política, ensinando-os a ter um bom desempenho nas assembleias de cidadãos. Aristóteles trouxe uma enorme contribuição ao estudo da retórica sistematizando de forma didática a disciplina. Também na Roma Antiga, através da obra de Quintiliano, a Oratória (nome grego da retórica) era parte da formação do cidadão na medida em que o exercício da cidadania pressupunha a capacidade de expor, de maneira eficaz, os pontos de vista e os argumentos. Desse modo, neste momento da História, a Oratória pertencia ao campo da educação, já que incluía toda uma série de preceitos que habilitava o homem a exercer seu papel de cidadão, série essa ligada também a elevados padrões morais na atitude e na fala do orador.

Na transição entre o período clássico e a era cristã, o estudo da Oratória ganhou visibilidade no âmbito religioso com os ensinamentos de Santo Agostinho (354-430 d.C.) (Ver seção 1.1). Agostinho considerava que o conhecimento da língua era imprescindível para a compreensão das escrituras (acessíveis apenas a uma minoria clerical da época) e que era necessário estudar a retórica para transmitir a mensagem cristã e ensiná-la a outros. Assim, o estudo de Oratória era considerado

obrigatório a todo cristão. Nas escolas, eram, portanto, ensinados o Latim, as doutrinas religiosas e a retórica ciceroniana, aquela adotada por Agostinho como o modelo para a pregação cristã. Entretanto, neste período, a educação escolar era restrita aos filhos da nobreza somente, excluindo a grande maioria da população que era analfabeta e não tinha acesso a livros.

A partir da queda do império romano, no século V d.C., a retórica foi perdendo importância. Entretanto, ainda se manteve na idade média o estudo das sete artes liberais, especialmente para aqueles que pretendessem o sacerdócio ou qualquer posição na hierarquia eclesiástica. Essas artes constituíam-se das disciplinas do *Trivium* (Gramática, Lógica e Retórica) e do *Quadrivium* (Aritmética, Música, Geometria e Astronomia). Os anos iniciais da escolaridade dos jovens eram dedicados aos estudos da língua, incluindo a Retórica neles alicerçada (JOSEPH, 2015).

No contexto escolar brasileiro, ainda até o século XVII, o ensino de retórica fazia parte da maioria dos currículos dos cursos universitários, como parte do grupo das artes liberais. Até mesmo no ensino básico, a disciplina constava no currículo do Colégio Pedro II (tomado como padrão de centro educacional à época) entre 1850 e 1883, onde os alunos de 7º e 8º anos eram expostos à prática de produção textual escrita e oral. No que diz respeito a oralidade, os estudantes eram avaliados “nas regras essenciais da Oratória, declamação e reta pronúncia (...) aproveitando com tino pedagógico as doutrinas dos grandes mestres da antiguidade clássica.” Era esperado que o aluno “aprendesse a bem falar e a bem escrever” (Instrução de 27 de Outubro de 1880, art. 11, apud SOUZA, 1999, p. 180).

A estrutura pedagógica da disciplina de retórica na época era caracterizada por um ensino baseado na prática constante de exercícios orais e escritos, que objetivava o desenvolvimento da expressão oral e escrita por parte dos alunos. Percebia-se a tentativa de formar o estilo dos jovens estudantes a partir da apreensão dos princípios utilizados por bons autores, através do contato com obras clássicas portuguesas. Embora os estudos de retórica ainda permanecessem ligados aos elementos da cultura clássica, percebia-se uma tendência a uma valorização dos estudos literários, quando a disciplina de retórica passou a dividir espaço com a disciplina de literatura nacional (SOUZA, 1999; RAZZINI, 2000).

De modo geral, é possível afirmar que o ensino de retórica e poética, no colégio Pedro II, caracterizava-se pela tentativa de conciliar a autoridade e a

doutrina, próprios da formação clássica antiga, ao conteúdo da história literária. A presença da disciplina nos Exames Preparatórios, fez com que ela se mantivesse no programa da escola durante alguns anos, embora com espaço cada vez mais reduzido. Quando a disciplina foi eliminada dos Exames em 1891, ela foi finalmente extinta (SANTOS, 2010).

A extinção da disciplina de retórica dos currículos brasileiros acompanhou a tendência de todo o mundo com relação à disciplina. Com o passar do tempo e a crescente especialização dos vários domínios do saber, a retórica – ou a Oratória – ficou relegada a um plano secundário em favor de disciplinas consideradas mais “científicas”, num processo acentuado a partir dos séculos XVI e XVII no mundo ocidental, quando o período conhecido como Renascimento marcou o enfraquecimento do estudo desta disciplina. Esse movimento se deve, em parte, ao fato de que, na produção dos discursos, a retórica também lidava com as paixões humanas e com formas de “sedução” dos sujeitos – algo tido como menos científico ou passível de ser racionalizado. No contexto pedagógico, a disciplina foi banida da maioria dos currículos escolares, como na França e mais tarde no Brasil, e seus estudos foram minimizados, ainda que ela fosse praticada (BERTRAND, 1999). Desde o século XVI até o final o início do século XX, a disciplina de Oratória (valorizada até ali como parte da formação para cidadania) viveu um período de esquecimento e obscurantismo, praticamente desaparecendo do domínio filosófico, literário e pedagógico.

Na atualidade, no âmbito acadêmico, algumas universidades ainda mantêm o ensino de retórica em seus cursos de graduação. A disciplina é dada em alguns cursos da área de humanidades como o da *University of California-Berkeley*, nos Estados Unidos da América, na Universidade de São Paulo, no Brasil, e na Universidade da Madeira, em Portugal, por exemplo. Ainda há, em algumas universidades, associações ligadas aos estudos retóricos como a Sociedade Portuguesa de Retórica e o Grupo de Trabalho de “Retórica” da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM). Na Europa como um todo, encontramos uma lista¹ de universidades que oferecem curso de Retórica, em sua maioria em nível de Pós-Graduação. No Brasil, encontramos grupos de pesquisa em pós-graduação como a Sociedade Brasileira de Retórica da Universidade Federal de Minas Gerais ou o Grupo de Estudos de Retórica ou Argumentação (GERAR), da Universidade de São Paulo.

Nos dias atuais, os estudos da arte de persuadir ganharam espaço nas atividades profissionais. O foco passou, então, a serem os discursos públicos orais (*public speaking*). O *Public Speaking* vem agora buscar muitos ensinamentos da arte retórica e constitui, em muitos aspectos, o seu desenvolvimento prático no que diz respeito à oralidade. Neste caso, a Retórica é dirigida, não apenas ao ambiente forense ou político, mas sobretudo às audiências das mídias à formação de muitos profissionais, desde consultores de vendas a CEOs de grandes multinacionais. Dessa maneira, muito cursos livres ou institutos profissionalizantes oferecem cursos de Oratória para impulsionar a performance profissional dos interessados. São dezenas de cursos desses institutos cujo foco é na fala oral. Esses cursos utilizam então a palavra Oratória para designar o ensino de técnicas da fala oral com o objetivo de persuadir uma plateia.

Em minha investigação pessoal não encontrei escolas brasileiras que atualmente oferecem o ensino de Oratória dentro da sua grade curricular. Tomei conhecimento de algumas iniciativas pessoais de professores em utilizar suas aulas para ensinar “técnicas de argumentação”, “técnicas de debate”, “fala em público” e outras práticas deste tipo. Cursos fora do horário de escolaridade, pagos à parte ou projetos específicos em língua portuguesa ou língua inglesa, como *Public Speaking Competition*, ocorrem em algumas poucas escolas brasileiras. No âmbito das escolas de Educação por Princípios, o cenário é bastante parecido conforme será possível ver no capítulo de análise¹⁶. Todas essas iniciativas utilizam-se do termo Oratória referindo-se ao estudo de estratégias de persuasão apenas na fala oral, como discursos públicos, conferências, debates, apresentações acadêmicas.

Embora não haja uma área de conhecimento dos currículos brasileiros atuais que vise ao ensino de Oratória especificamente, Reboul (2004) corrobora minha avaliação e acredita que ela se faz presente nas aulas “diluída” nas disciplinas escolares e em muitas estratégias pedagógicas, como, por exemplo, no júri simulado, na elaboração de uma redação, ou na exposição oral de um trabalho. O autor acredita que “a retórica permaneceu, só que desarticulada, privada de sua unidade interna e de sua coerência. Em todo caso, os professores, quase sempre sem saberem, fazem retórica” (REBOUL, 2004, p. 22).

Observa-se então que o chamado “ensino de Oratória” nas escolas, ao longo do tempo passou a ser reduzido a uma prática do discurso oral. Professores

¹⁶ Investigação feita pela pesquisadora entrando em contato com escolas e professores.

procuram, dentro das aulas de outras disciplinas, ajudar seus alunos a falar bem dando-lhes oportunidade de expressar-se de maneira mais formal. A ausência de uma orientação curricular para este ensino aponta para uma prática pedagógica menos estruturada do que o que se tinha, por exemplo, nas escolas do século XVII. Parece-me que o ensino de Oratória passa a confundir-se hoje com a prática da oralidade, ou o ensino da fala, hipótese que será discutida e verificada mais adiante nesta tese.

Sobre o ensino da oralidade, Marcuschi (1993) pondera que há três entendimentos diferentes para o que seria este ensino da fala:

A questão aqui formulada, 'é possível ensinar a fala?', é ambígua e podemos entendê-la de várias maneiras. Em primeiro lugar pode referir-se ao ensino de formas e estratégias de processamento linguístico típicas da fala, diversas da escrita tais como, hesitações, os marcadores, as correções, a entonação e assim por diante; em segundo lugar pode referir-se ao ensino de boas maneiras de expressão, da Oratória e da melhor maneira de se expressar em público; em terceiro lugar, pode referir-se ao ensino dos estilos de adequação oral e contextos específicos, considerando a natureza da situação de fala; também pode referir-se ao ensino da fala culta ou padrão (...) (MARCUSCHI, 1993, p. 18).

O autor admite que uma das possibilidades de "ensinar a fala" é o ensino da Oratória (entendida como saber falar em público), mas não a única.

Em que momento da História do ensino de Oratória nas escolas brasileiras estamos nós? Eu chamaria de momento da informalidade e ignorância. Não existe um currículo formal de Oratória na escola brasileira e este é presente apenas nas iniciativas pessoais de professores, o que aponta para a informalidade. O ensino de Oratória parece ser confundido com a prática da oralidade, parecendo ignorar, de modo geral, a necessidade de um treinamento formal em conceitos e técnicas de argumentação para a persuasão baseado nos estudos de autores clássicos e modernos sobre o assunto. Mesmo os professores que promovem projetos sobre o tema, parecem ignorar o que seja a Oratória em toda a sua integridade

Diante deste panorama do ensino de Oratória no ambiente escolar, passo na seção seguinte a descrever algumas pesquisas acadêmicas sobre este ensino na esfera da escola brasileira, a fim de evidenciar a lacuna a ser preenchida por esta pesquisa no campo dos estudos linguísticos e educacionais.

1.4 Pesquisas sobre o ensino de Oratória no âmbito da escola brasileira

Uma busca de textos acadêmicos sobre o tema Oratória nos mostra numerosos trabalhos de pesquisa na área de Linguística sobre análise da retórica de textos no contexto forense, análise da retórica de discursos políticos e a construção de *ethos* nestes discursos, análise de discurso jornalístico e midiático de forma geral, assim como análise do estilo de fala de grandes oradores da História. Na área de Psicologia e Fonoaudiologia são encontrados alguns trabalhos que versam sobre as dificuldades de falar em público e os fatores emocionais que afetam esta habilidade. Na área de Língua Portuguesa, foram encontrados trabalhos sobre a estrutura da argumentação, análise de movimentos retóricos de diversos gêneros textuais com destaque para o contexto político, religioso e midiático.

No que diz respeito a pesquisas sobre o ensino de Oratória, alguns trabalhos sobre o ensino de linguagem oral, seja em escolas ou em outros ambientes, foram encontrados. Há algumas pesquisas nos campos da Linguística, Educação e estudos de Língua Portuguesa. Entretanto, observamos que a maioria desses trabalhos trata da questão da oralidade no sentido da adequação do uso da língua para o registro oral e não sobre Oratória em si, no sentido do uso de um discurso oral estruturado com movimentos retóricos específicos para persuadir. Nesta revisão, incluo trabalhos que pesquisaram a linguagem oral, uma vez que percebo que muitos professores e pesquisadores entendem que estão trabalhando “Oratória” quando estão oportunizando o uso do discurso oral. Esses trabalhos também nos ajudam a compreender como este ensino tem sido abordado em pesquisas acadêmicas.

Entrevistando assistentes técnico-pedagógicos de língua portuguesa em escola pública do estado de São Paulo, Reis (2007) busca verificar como esses agentes operacionalizam os conteúdos relativos ao ensino do texto oral nas capacitações direcionadas a professores de ensino fundamental e médio, como compreendem a oralidade e o domínio que possuem das teorias sobre estruturação da linguagem oral. Em sua pesquisa de mestrado, a autora observou que embora esses agentes tenham conhecimento teórico, não há o desenvolvimento de projetos para ensino de oralidade nas aulas de língua portuguesa nestes segmentos da rede pública de ensino paulista. A pesquisadora considera que a possibilidade ou não de

se ensinar a língua oral na escola está ligada à perspectiva teórica de cada professor e ao contexto educacional em que a escola se situa. Reis (2007) parece compreender que o ensino sistematizado do uso da língua oral de acordo com os padrões da retórica não é papel da escola básica. Segundo ela:

Há casos em que o ensino da fala é possível e necessário: nos cursos de Oratória em que se aprendem técnicas de retórica ou um conjunto de regras de eloquência para se desenvolver a arte de falar bem, com a finalidade de convencer e persuadir; nos cursos de teatro; de radiojornalismo, de dublagem. (REIS, 2007, p. 107)

A autora considera ainda que o papel mais importante do professor de língua portuguesa no ensino do texto oral seria permitir ao aluno a percepção das variantes linguísticas, ou seja, o professor deve:

Demonstrar aos alunos, por um lado, a existência das variantes linguísticas e, por outro, a existência de uma variante de maior prestígio, a norma padrão da fala, cujo ensino é dever da escola, mas que tem de se realizar por meio de textos orais gravados ou filmados contextualizados, produzidos na própria escola. (REIS, 2007, p. 109)

Observo que na perspectiva de Reis (2007), o ensino de Oratória, segundo o entendemos aqui, como arte de falar bem, utilizando-se de uma linguagem gramaticalmente correta, metódica e embelezada, a fim de persuadir um auditório, não faz parte do escopo da escolaridade, mas é responsabilidade de outras instituições para alunos que tenham objetivos específicos. A pesquisadora considera que a escola deve trabalhar com a própria linguagem dos alunos, apresentando a variante culta, mas não apontando seu uso como a forma “correta” de usar o discurso oral. Há uma valorização da variante linguística utilizada pelos alunos na escola e uma espécie de “preconceito” com a norma padrão por considerá-la limitadora para os alunos.

Os resultados da pesquisa de Reis (2007) apontam para uma resistência de realizar atividades com textos orais na escola pública, relacionada principalmente com a formação do professor que, segundo ela, não tem nenhuma orientação de base linguística para tratar do assunto.

Reflexões sobre a necessidade do ensino de técnicas de comunicação oral, bem como a importância de oportunizar a prática da oralidade em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Estado do Paraná, também são

propostas por Machado (2008), da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. O acadêmico analisa a influência direta dos conhecimentos de Oratória dos professores com o sucesso na expressão oral dos alunos em seu artigo intitulado “Técnicas e Práticas de Oratória nas Aulas de Língua Portuguesa”. Para ele o ensino de Oratória nas aulas de língua portuguesa deve merecer atenção e empenho necessário de todos, “pois dele resulta o sucesso ou fracasso dos alunos (comunicadores) nos diversos setores onde estão atuando ou irão atuar.” (MACHADO, 2008, p. 1). O pesquisador acredita que a escola deveria proporcionar aos seus estudantes, desde o mais cedo possível, as técnicas de bem falar em público e condições para que praticassem com o acompanhamento de um orador bem-sucedido e experiente, que deveria ser o professor, se este tivesse capacitação para tal. A perspectiva de que a escola possui este papel vai ao encontro da visão desta tese.

A importância da presença deste ensino e prática na escola básica é ressaltada por Machado (2008) em vários de seus trabalhos. Como pesquisador e professor de Oratória, ele considera o ensino de Oratória um “trabalho técnico, desenvolvido no interior de uma *práxis*” já que “nada substituí a importância do treinamento. Um orador aprende na prática a se comunicar bem”. Para ele o local mais adequado para treinamento e desenvolvimento da Oratória é a sala de aula escolar (MACHADO, 2008). Dentre as suas perguntas de pesquisa Machado discute “Até que ponto a inclusão de técnicas de Oratória, nas aulas de língua portuguesa, acarreta diminuição das inibições e das dificuldades dos alunos para falar em público?”. O autor lista algumas ideias que os professores podem abordar com seus alunos no que diz respeito ao ensino de Oratória, dando dicas para a construção de diversos gêneros orais, como conferência sobre um tema, despedida, homenagem, agradecimento, além de técnicas de improviso.

Os resultados da pesquisa de Machado (2008) apontam para a necessidade de preparação dos professores com relação a Oratória como o principal fator que pode determinar o sucesso dos alunos neste aspecto. Evidencia-se a necessidade de capacitação de professores nesta área, considerada por ele de extrema importância. Neste aspecto, a pesquisa dialoga com esta tese, já que compreendemos a Oratória como algo que é ensinado e, portanto, necessita de um professor capacitado a fazê-lo.

Uma experiência pessoal do projeto chamado “Aula de Oratória” de Bergmann (2009), da UNISINOS, é relatada em sua dissertação de mestrado intitulada “A voz dos alunos em sala de aula: a prática da Oratória”. O projeto compreendia a oportunização de um espaço nas aulas de Português onde os alunos de 5º ano do ensino fundamental recebiam orientação para apresentar oralmente, uma vez por semana, diante da turma, um tema de sua escolha. A professora considera que é na escola que as crianças têm oportunidade de praticar uma fala formal e que “o domínio e o desembaraço numa variedade linguística formal oral, como variedade prestigiada em algumas situações de interlocução, pode representar um importante ganho para os alunos” e que esse conhecimento será muito importante para eles na vida adulta. (BERGMANN, 2009, p. 82). Os resultados apontam para o melhor desenvolvimento global dos alunos que participaram destas atividades. A dissertação levanta ainda a questão da viabilização da inclusão desta atividade nas aulas regulares de língua portuguesa e da relevância deste conteúdo, uma vez constatado que fora do ambiente escolar os estudantes não têm oportunidade de adquirir esse conhecimento. Observo aqui alguns aspectos importantes levantados nesta dissertação: a) os alunos precisam de instrução formal para aprender a falar de acordo com a norma culta; b) os alunos precisam praticar essa fala oral culta para se tornarem melhores nela; c) os alunos não têm outro espaço para treinamento destas habilidades senão a sala de aula e; d) o ensino destas habilidades na escola é dependente de iniciativas individuais de professores de língua portuguesa. Estes aspectos nos ajudam a enxergar um contexto do ensino de Oratória em escolas no Brasil.

Embora não faça referência ao ensino de Oratória e suas técnicas, o trabalho de Morales (2009) pode trazer algumas contribuições. A autora objetiva com sua dissertação de mestrado em Língua Portuguesa da PUC-SP, intitulada “A oralidade no ensino de língua portuguesa: um estudo da fala como prática discursiva”, destacar o paradoxo entre a relevância do ensino do discurso oral e a desvalorização que esse discurso recebe frente ao ensino do texto escrito na escola básica. Falar seria considerado menos importante que escrever e, por isso, o discurso oral receberia menos importância na escola. A autora utiliza-se de teorias da Análise da Conversação e Socio interacionismo para apresentar uma proposta para o ensino da oralidade, a partir do processo de retextualização. Embora seu trabalho não trate especificamente no ensino de Oratória, Morales (2009) tem como

um dos objetivos iniciais verificar se há entraves para a implementação de um trabalho sobre discurso oral nas aulas de língua portuguesa, assim como esta tese também se propõe a verificar se há entraves para a implantação do ensino de Oratória nas escolas pesquisadas. A conclusão da autora é que há entraves a serem superados e alguns deles são: as condições de trabalho nas escolas, a necessidade de capacitação dos professores para o assunto e a falta de autonomia de trabalho do professor.

A mesma relação de desvalorização da língua falada aparece na dissertação “Ler é preciso, falar não é preciso: o lugar da oralidade nos livros didáticos recomendados pelo PNLD”, Santos (2013), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ¹⁷. O referido trabalho pode contribuir para esta tese na medida em que aponta para uma educação escolar marcada predominantemente por práticas que objetivam desenvolver a linguagem escrita, questionando o lugar e o papel da linguagem oral nas relações de ensino-aprendizagem da língua. O estudo objetiva investigar se, e como, as proposições didáticas em materiais selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático exploram e sistematizam a proficiência das habilidades relacionadas à linguagem oral do mesmo modo que o fazem com a leitura e a escrita. Os resultados apontam para um protagonismo das atividades de leitura e escrita diante das atividades relativas ao discurso oral. Este fato nos leva à reflexão da ausência do ensino de habilidades orais e de Oratória em si, uma vez a maioria dos currículos está pautado naquilo que é proposto pelo livro didático adotado, sendo a “obrigatoriedade de cumprir o livro” uma queixa recorrente de muitos professores¹⁸.

A dissertação de mestrado de Cury (2016), da PUC-SP, por outro lado, reflete acerca do ensino da oralidade nas aulas de língua portuguesa no ensino superior buscando responder de que maneira a oralidade é ensinada, quando é ensinada, a sua importância nas diversas áreas de conhecimento como modo de transformação dos alunos em cidadãos críticos e quais os benefícios deste ensino para alunos de cursos universitários. Após analisar programas de cursos de língua portuguesa e entrevistar professores, Cury (2016) aponta para o fato de que os estudantes chegam ao ensino superior com um nível de fluência oral muito baixo e o

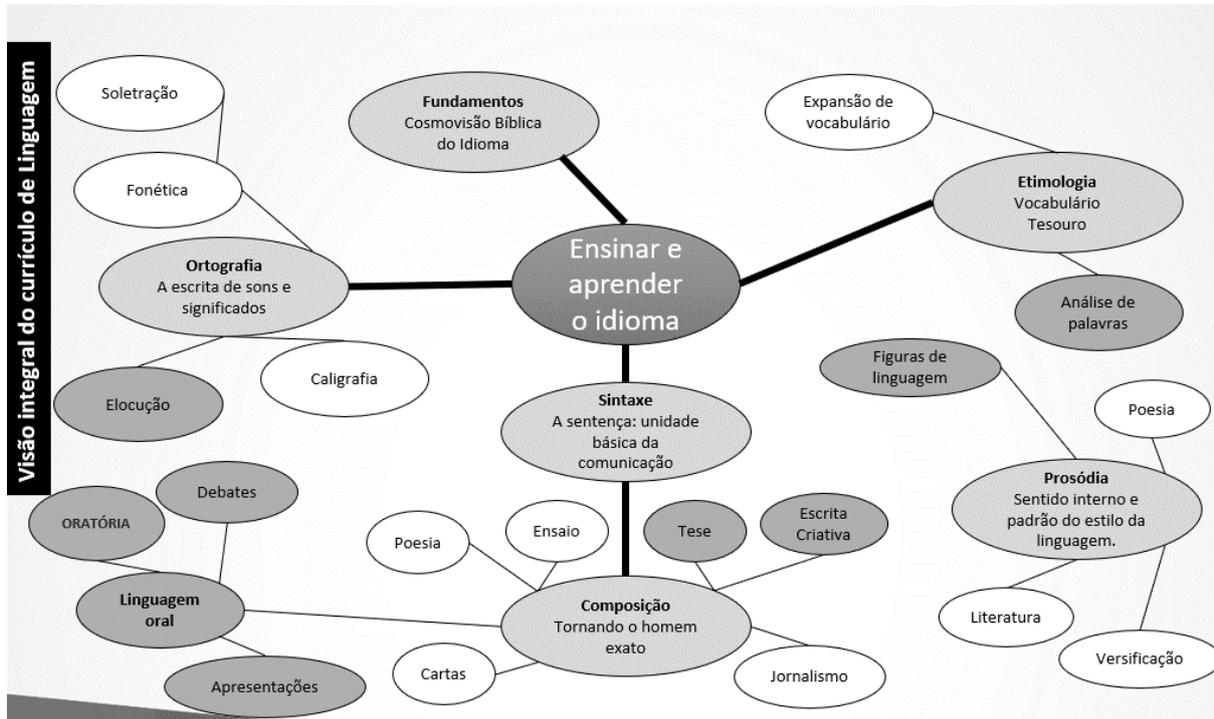
¹⁷ São colocadas as instituições de origem dos pesquisadores para podermos entender a dispersão, ou falta dela, dos trabalhos no âmbito do Brasil.

¹⁸ Informação obtida através de experiência própria de docência na área de linguagens e conversas com colegas professores.

desenvolvimento dessas habilidades antes da chegada ao ensino superior se faz necessário, apontando para a necessidade de ensino de Oratória na escola básica.

Há uma notória escassez de pesquisas sobre o ensino de Oratória situadas no contexto de escolas cristãs. Uma reflexão do poder da Oratória na vida de todos os indivíduos, apontando-a como uma das principais habilidades para o desenvolvimento de liderança transformadora na sociedade é proposta pelo trabalho de Lima (2018), único encontrado no contexto de escolas cristãs. Fundamentada em Adams (2006), a autora defende que o propósito do ensino da língua materna numa escola de cosmovisão cristã é o total domínio da linguagem para anunciar o evangelho – expressão lúdica e efetiva na fala e na escrita – e para bem-sucedidos empreendimentos na vida. Lima (2018) apresenta ainda a base bíblica para o desenvolvimento das habilidades de falar bem e persuadir, argumentando que a missão cristã de fazer discípulos coloca sobre a vida do cristão a responsabilidade de buscar desenvolver plenamente as capacidades de pensar, falar e persuadir, características que diferenciam o ser humano dos outros elementos da criação divina. Além de sugestões práticas de como desenvolver habilidades retóricas nos alunos no dia a dia da sala de aula desde a educação infantil, Lima (2018) aponta que a Oratória pode ser ensinada como parte do currículo de língua portuguesa, mas não necessariamente, podendo ser desenvolvida por professores de diversas disciplinas. A autora apresenta um gráfico da visão integral do currículo de linguagem para uma escola de Educação por Princípios no qual a Oratória faria parte das habilidades a serem desenvolvidas, partindo do campo da composição, ligada à linguagem oral. O gráfico apresentado pela autora é reproduzido abaixo para nos iluminar com relação ao lugar que a Oratória ocupa no currículo segundo Lima (2018)

Figura 2 - Visão Integral do currículo de linguagens



Fonte: LIMA, 2018.

Após rever os trabalhos citados, percebo que:

- Há algum interesse no ensino de habilidades orais;
- Como a nossa hipótese inicial mencionada nas sessões anteriores, este ensino parece em sua maior parte estar pautado em iniciativas individuais de professores e pesquisadores;
- A maior parte dos trabalhos dedica-se ao estudo da oralidade na sala de aula e não ao ensino de Oratória em si, como uma habilidade específica que possui regras e técnicas a serem ensinadas para o desenvolvimento das habilidades.
- A maioria dos professores e pesquisadores que se interessam pelo ensino do discurso oral nas escolas, apontam para uma necessidade de dar mais voz aos alunos do que necessariamente ensiná-los a falar bem;
- Há uma tendência a associar o uso da gramática culta nos discursos orais a uma prática que desconsidera as particularidades dos sujeitos e contextos;
- Há uma enorme lacuna de estudos acadêmicos sobre o ensino de Oratória no âmbito da escola cristã;

- Os trabalhos acadêmicos encontrados são notadamente da região sul e sudeste, não tendo sido encontrado nenhum trabalho na região nordeste do Brasil e poucos nas regiões norte e centro-oeste.

Esta revisão das pesquisas sobre o tema ensino de Oratória aponta para a necessidade de mais trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Não encontramos nenhum trabalho que utilizasse a análise do discurso dos professores com a finalidade de compreender o que eles pensam sobre o tema. Ainda, a ausência de pesquisas realizadas em escolas cristãs aponta para a relevância de pesquisar este universo. Esta tese pretende, portanto, contribuir de maneira única para os estudos de Oratória, de educação escolar cristã, de linguística aplicada e de linguística sistêmico funcional.

No próximo capítulo, passo a tratar da fundamentação teórica utilizada nesta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo farei uma breve apresentação da base teórica adotada nesta pesquisa. Inicialmente, apresento uma descrição da Linguística Sistêmico Funcional (LSF) (HALLIDAY, 2004). Na sequência, é feita uma apresentação do Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005), que é o recurso analítico usado aqui. Na seção seguinte, apresento uma visão geral da proposta da Análise do Discurso Positiva (MARTIN, 2004) e seu desenvolvimento, além da sua relação com a Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003), a Linguística Sistêmico Funcional (HALLIDAY, 2004), a Antropologia Funcional (MALINOWSKI, 1935) e o Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005).

2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), cujo principal teórico é Halliday (1985, 1994, 2004), é uma teoria de linguagem metafuncional, que contempla a análise textual estabelecendo uma relação entre o texto e o contexto social. A LSF aborda a linguagem como um sistema aberto e compreende a relação de intervenção mútua entre o sistema linguístico e o seu contexto. A partir da perspectiva funcionalista, a LSF permite investigar a interface entre a estrutura do sistema interno da língua e as funções que ela exerce em um contexto específico, relação essa que é central na discussão que relaciona linguagem e sociedade.

A linguagem é compreendida pela LSF como um sistema de escolhas. Para Halliday (1985), uma gramática orientada funcionalmente é primariamente paradigmática, ou seja, volta-se para o eixo das escolhas como fundamental no uso da língua. O falante seleciona elementos linguísticos apropriados à determinada situação a partir de um sistema de opções válidas que é a “gramática” da língua. Essa seleção é responsável por construir significados. A LSF se fixa, portanto, na noção de sistema como um conjunto de escolhas e na noção de estrutura linguística como uma organização em diferentes níveis, associando “traços” (categoria das escolhas significativas) e “funções” (categoria que constitui a manifestação

superficial das escolhas). A relação entre as funções sociais da linguagem e a organização do sistema linguístico é, para Halliday (1985), um traço geral da linguagem humana. Assim, a preocupação da LSF é entender como um texto significa por meio das escolhas linguísticas nele manifestas. De acordo com Halliday (1994), as escolhas que o falante faz operam em todos os níveis do discurso (lexical, sintático e modal) e através delas é possível perceber o nível de expressividade presente em uma determinada situação comunicativa. A análise linguística sob esta perspectiva permite interpretar os significados presentes no texto, já que o léxico carrega traços do contexto e, também, da identidade do falante.

Sob a perspectiva da LSF, a linguagem é compreendida como parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos sociais. Há uma preocupação em entender que a linguagem não é suficiente em si mesma, mas tem funções externas ao sistema linguístico, as quais são responsáveis pela organização interna do sistema (SCHIFFRIN, 1994). O objetivo de uma análise sob esse paradigma é, portanto, compreender a relação entre o uso da linguagem e as ações que ela exerce nas práticas sociais. A linguagem é, então, inseparável do seu contexto, fazendo com que os critérios para a análise de um texto sejam não apenas linguísticos, mas também de caráter social (HALLIDAY, 1978).

Adoto, assim, neste trabalho, um conceito de discurso alinhado com a perspectiva funcionalista de estudos da linguagem, já que o interesse não é apenas a interioridade materialidade do sistema linguístico, mas, sobretudo, o funcionamento desse sistema na representação de eventos, na construção de relações sociais. Fairclough (2001) define o discurso como forma de prática social, modo de ação sobre o mundo, um elemento da vida social ligado a outros elementos. Nas palavras do próprio teórico temos que:

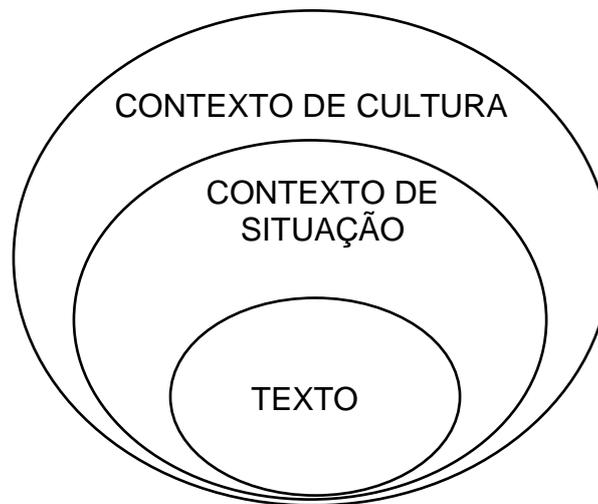
O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Discurso é entendido nesta pesquisa, portanto, como a linguagem em uso, que envolve necessariamente a prática social na qual está inserido. A maneira como a língua é utilizada varia de situação para situação numa relação mútua, dinâmica e

de permanente influência entre linguagem e sociedade. Reconhece-se então na LSF a necessidade de equilíbrio entre a forma e a função da linguagem.

Halliday (2004) afirma que qualquer uso linguístico em um texto está sempre envolvido por um contexto. O linguista estabelece uma distinção entre dois tipos de contexto, o Contexto de Cultura e o Contexto de Situação. Um texto está sempre inserido nos dois contextos conforme mostra a figura 2:

Figura 3 – Texto em contextos



Fonte: A autora, 2022 (adaptado de RESENDE; RAMALHO, 2006).

Halliday (1985) descreve os dois contextos da seguinte maneira:

a) **Contexto de cultura:** trata-se das práticas mais amplas associadas a diferentes culturas e grupos étnicos, além de práticas institucionalizadas em grupos sociais, como a escola, a família etc. Este conceito inclui ideologia, convenções sociais e instituições. O Contexto de cultura está relacionado à noção de propósito social, de maneira que grupos de pessoas usam a linguagem para propósitos semelhantes através de práticas sociais e gêneros textuais intrinsecamente ligados à sua cultura. Pode ser entendido como um macro contexto e é mais estável do que o contexto de situação, já que suas práticas, valores e crenças permanecem ao longo do tempo numa sociedade e são compartilhados no grupo social.

b) **Contexto de situação:** trata-se do ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando. Dependendo do contexto de situação em que o enunciado for usado, o uso da linguagem será diferente e serão também diversas as

possíveis leituras. Assim como o Contexto de cultura, o Contexto de situação influencia as escolhas linguísticas de um falante. Utiliza-se a noção de Contexto de situação para explicar por que certas coisas são ditas ou escritas em uma situação particular e o que mais poderia ter sido dito ou escrito, mas não foi (Halliday, 1989). O Contexto de situação é descrito por Halliday como tendo três variáveis:

i. **Campo:** refere-se à atividade que está acontecendo, à natureza da ação social que está ocorrendo, na qual os participantes estão envolvidos. Inclui as noções de atividade, objetivo e finalidade;

ii. **Modo:** remete à função que a linguagem exerce e o veículo utilizado naquela situação específica. Aborda o papel da linguagem (constitutivo ou complementar), o compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico); do canal (gráfico ou fônico) e do meio (falado – com ou sem contato visual, ou escrito).

iii. **Relações:** Refere-se aos participantes e à natureza do papel que desempenham, a relação hierárquica ou não entre eles, o grau de controle de um participante sobre o outro e o grau de formalidade que reflete a distância social. Leva em conta que fala ou escreve, quem ouve ou lê, quem participa do texto e como todos esses se relacionam.

A perspectiva defendida por Halliday (2004) é de que a LSF é baseada na metafuncionalidade, ou seja, a capacidade do sistema linguístico de manifestar propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio, relacionar-se com o outro e organizar a informação. Assim, Halliday (1994) relaciona cada variável do Contexto de situação a uma metafunção:

Quadro 1 – Variáveis do contexto de situação e metafunções da linguagem

VARIÁVEIS DO CONTEXTO	METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM
Campo	Ideacional
Modo	Textual
Relações	Interpessoal

Fonte: FUZER; CABRAL, 2010.

As três metafunções descritas por Halliday ocorrem simultaneamente em todo uso de linguagem, a saber.

A **função Ideacional** é responsável pela representação da experiência e através dela é possível perceber como o falante reflete a “realidade” na língua. Por meio de relação simbólica, os enunciados remetem a eventos, ações, estados e outros processos da atividade humana. Esta metafunção está dividida em: a) experiencial – responsável por um modelo de representação do mundo com unidade de análise na oração; e b) lógica – responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais como unidade de análise no complexo oracional. A parte da gramática (entendida aqui na perspectiva sistêmico-funcional) em que se manifestam os significados experienciais é o sistema de Transitividade.

Quando falamos em transitividade a ideia recorrente é a que se relaciona com a gramática tradicional, que parte da presença ou ausência de um objeto direto ou indireto para a classificação dos verbos. Entretanto, Thompson (1996) nos lembra de que na LSF o sistema de Transitividade nada tem a ver com o conceito da gramática tradicional, mas refere-se a um sistema por meio do qual o falante constrói representações baseado na escolha de um número tangível de tipos de processos, ou seja, de elementos verbais. A análise da Transitividade nos mostra, então, que cada proposição consiste sempre em três elementos: 1) o processo, que é elemento central; 2) os participantes; e 3) as circunstâncias. Os processos são a ação propriamente dita, representada na oração por grupos verbais. Já os participantes, que são representados por grupos nominais, são aqueles envolvidos na ação, que podem realizá-la ou serem de alguma forma afetados por ela. Finalmente, as circunstâncias têm função de adicionar informações ao processo, sendo representadas por grupos adverbiais.

A **função Textual** diz respeito à criação do texto e é através dela que a linguagem contextualiza as unidades linguísticas fazendo-as operar no contexto e na situação. É responsável, portanto, pela organização dos significados experienciais e interpessoais de uma maneira coerente. Embora o texto seja a unidade operacional, essa metafunção não se limita ao estabelecimento de relações entre as frases, mas abrange a organização interna da frase, o seu significado como mensagem, tanto em si mesma como em relação ao contexto. Para análise, a metafunção Textual apoia-se em dois sistemas: a) Sistema Temático – tem relação com a organização dentro das orações e entre elas e envolve as funções Tema (tem a ver com o que foi visto antes) e Rema (tudo que não é ponto de partida da oração) e, b) Sistema de Informação – relaciona-se com o grau de proeminência da informação e seu

consequente grau de novidade, tendo como categorias a Informação Dada (elemento conhecido) e a Informação Nova.

A última metafunção proposta por Halliday (2004) é a **Interpessoal**, que recebe ênfase nesta pesquisa. É a função através da qual o falante interage com as outras pessoas no meio social, estabelecendo e desenvolvendo papéis sociais e identidade. Por intermédio da interação, não só expressamos opiniões e atitudes, mas também as negociamos, produzindo significado nos textos. A este respeito Halliday (1976) afirma que:

A linguagem serve para estabelecer e manter relações sociais: para a expressão de papéis sociais, que incluem os papéis comunicativos criados pela própria linguagem [...]; e também para conseguir que coisas sejam feitas, por via de interação entre uma pessoa e outra. Através desta função, que podemos chamar interpessoal, os grupos sociais são delimitados e o individual é identificado e reforçado, pois a linguagem, além de capacitá-lo a interagir com as outras pessoas, serve também para a manifestação e o desenvolvimento de sua própria personalidade (HALLIDAY, 1976, p. 136-137).

A parte da oração que desempenha a metafunção interpessoal é o Sistema de Modo que se caracteriza por ser um recurso gramatical através do qual se realizam movimentos interativos no diálogo (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 1997), isto é, os recursos gramaticais que indicam a interação entre os participantes. Compreendendo a oração como uma troca, são analisadas as circunstâncias em que ela ocorre e que marcas o emissor utiliza para estabelecer e indicar sua opinião e seu comando a respeito do que é dito, tanto em termos de fornecer informação (dar) quanto no sentido de demandar uma resposta (solicitar). As orações podem apresentar-se no modo declarativo, no interrogativo e no imperativo.

Temos ainda como um importante recurso interpessoal a Modalidade, que é utilizada para expressar significados relacionados ao julgamento por parte do falante em diferentes graus, ou seja, como o falante assume uma posição, expressa seu ponto de vista ou faz um julgamento. A Modalidade divide-se em: a) Modalização – diz respeito às proposições (informações) e subdivide-se nas categorias de Probabilidade e Usualidade, e b) Modulação – diz respeito às propostas (bens e serviços) e subdivide-se nas categorias de Obrigação e Inclinação.

Com o propósito de desenvolver e ampliar os estudos da interpessoalidade da LSF, Martin & White (2005) propõem o Sistema de Avaliatividade como expressão da metafunção interpessoal, quando o falante diz quem é, do que gosta, o que julga

ético, moral, positivo ou negativo e alinhando-se com uma comunidade ou com outra. O sistema vai além da análise da Modalidade e dá conta de posicionamentos atitudinais que estão ligados às questões de autoridade e relações de poder, conforme justificam os autores.

Essas avaliações atitudinais interessam não somente porque revelam os sentimentos e valores dos falantes/escritores, mas também porque sua expressão pode relacionar-se com o status ou autoridade como construídas no texto, e porque operam retoricamente para construir relações de alinhamento e entendimento sobre o escritor/falante e seus respondentes potenciais ou reais (Martin; White, 2005, p.2). Isso é fundamental na discussão de tópicos, como realizada no grupo focal desta tese, uma vez que os interactantes podem recrutar posicionamentos atitudinais ou descartá-los.

Na seção a seguir, trataremos com mais detalhes do Sistema de Avaliatividade, parte da metafunção Interpessoal, que é o recurso analítico empregado em nossa pesquisa.

2.2 O Sistema de Avaliatividade

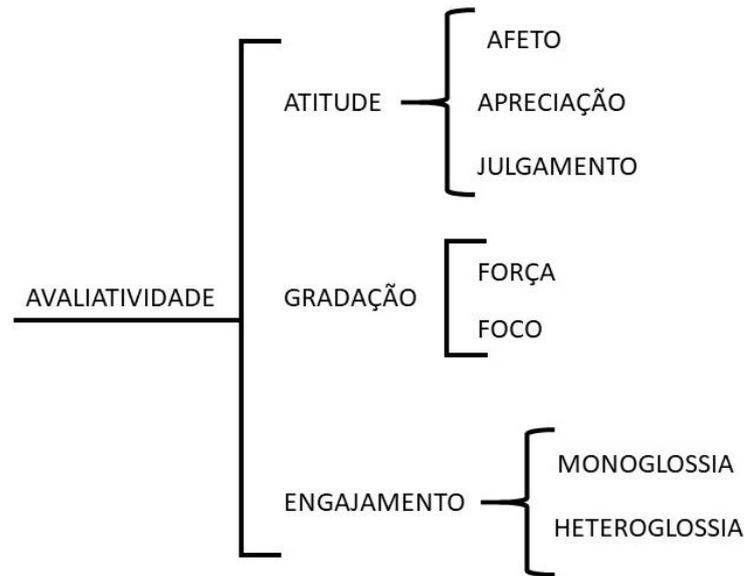
Ao utilizar-se da linguagem, os falantes dispõem de diversos mecanismos que os ajudam a atribuir avaliações aos mais variados aspectos da vida e cotidiano humanos. Martin & White (2005) partem do pressuposto de que os recursos através dos quais se pode adotar pontos de vista valorativos e negociar posicionamentos e relações interpessoais estão à nossa disposição. Além disso, alguns destes recursos colaboram na construção de uma “persona”, ou seja, uma identidade autoral particular que o falante molda para si mesmo no texto. Marcas linguísticas encontradas nos diferentes discursos apontam para a maneira como os enunciadores, implícita ou explicitamente, atribuem juízos de valor às pessoas, objetos, situações e acontecimentos, assim como o modo pelo qual o autor de um texto alinha-se ou distancia-se dos seus interlocutores e de outros discursos presentes no seu próprio.

Tomando por base a Linguística Sistêmico-Funcional e categorias semânticas para análise das representações sociais, Martin & White (2005) consolidaram o

Sistema de Avaliatividade (*Appraisal Theory*) com o objetivo de mapear os índices avaliativos que ocorrem em qualquer evento comunicativo, descrevendo-os e explicando-os. Segundo os autores, é possível verificar no discurso expressões de avaliações de ordem emocional, estética e ética, a intensidade com que elas são expressas e como o falante/escritor negocia seu posicionamento com seu interlocutor. Esse sistema está situado, como já mencionado, na metafunção interpessoal, uma vez que está ligado ao posicionamento do enunciador em relação ao outro, aos fatos, aos objetos do mundo e estado das coisas.

Segundo o modelo proposto pelos teóricos Martin & White (2005), os recursos linguísticos de avaliatividade podem ser estudados em três subsistemas: a) ATITUDE (*attitude*); b) GRADAÇÃO (*graduation*); e c) ENGAJAMENTO (*engagement*). Esses subsistemas são divididos em categorias de análise que serão descritas posteriormente. Em linhas gerais, temos que o subsistema de ATITUDE permite o levantamento de como são expressos emoções e sentimentos, julgamentos de caráter/comportamento e avaliações estéticas. Através das categorias de afeto, julgamento e apreciação, este subsistema dá conta do posicionamento atitudinal, ou seja, julgamentos positivos ou negativos de pessoas, lugares, coisas, acontecimentos e situações. Já a gradação diz respeito à análise do quanto as avaliações que fazemos são amplificadas, isto é, o quanto desejamos aumentar ou diminuir o grau da avaliação. Verifica-se o aumento ou diminuição da força dos enunciados e a maior ou menor clareza do foco pelo qual são projetadas as categorizações semânticas. O último subsistema, o do engajamento, trata do posicionamento dialogístico, ou seja, o quanto o falante se compromete com as proposições que faz, como se posiciona frente às posições do seu interlocutor, como reutiliza ou responde a enunciados anteriores e como antecipa reações de futuros interlocutores. A figura abaixo representa a proposta das categorias abordadas por Martin & White (2005) no estudo da avaliatividade.

Figura 4 – O sistema de avaliatividade – recursos



Fonte: CAMPOS, 2013.

As marcas linguísticas de AVALIATIVIDADE podem ser encontradas em qualquer discurso, sendo que os três subsistemas ocorrem de maneira concomitante no uso da linguagem. Seria possível, então, analisar as categorias de cada um desses três subsistemas no corpus por nós coletado. Entretanto, algumas de suas categorias constitutivas são mutuamente excludentes evidenciando que as escolhas linguísticas dos falantes privilegiam determinadas categorias e negligenciam outras como forma de significar, sempre cumprindo uma função ou propósito naquela situação comunicativa. Segue uma descrição dos subsistemas da AVALIATIVIDADE através de exemplos em língua portuguesa. Os exemplos apresentados nas seções a seguir, em sua maioria, foram retirados do próprio corpus de análise desta pesquisa. Quando não havia possibilidade de extrair um exemplo do corpus por falta de ocorrência de determinado tipo de avaliação, a fonte do exemplo é registrada em nota de rodapé.

2.2.1 Atitude

O subsistema de ATITUDE compreende os recursos linguísticos utilizados para expressar avaliações positivas e negativas e abrange três regiões semânticas apontadas por Martin & White (2005): a emoção, a ética e a estética. Cada um desses domínios semânticos corresponde a uma categoria avaliativa de acordo com o objeto da avaliação, respectivamente: AFETO, JULGAMENTO e APRECIAÇÃO.

O posicionamento atitudinal pode ser expresso de maneira implícita ou explícita nos textos. A atitude explícita pode ser verificada quando uma avaliação positiva ou negativa está materializada em elementos léxico-gramaticais e é facilmente depreendida, ou seja, no simples uso de palavras ou frases, como ocorre nos exemplos abaixo:

- (1) Eu gosto do que faço.
- (2) Na maioria das vezes o nativo não é o melhor professor.
- (3) O trabalho é muito desgastante mesmo.

Entretanto, algumas vezes a ATITUDE é expressa por um processo mais complexo de interação de elementos do enunciado. Nestes casos, AFETO, JULGAMENTO e APRECIAÇÃO são subentendidos, pressupostos ou assumidos pelos falantes e dependem inteiramente do conhecimento de mundo do interlocutor. Este tipo de ATITUDE implícita, ou **evocada**, pode ser visto no exemplo abaixo:

(4) (...) a diretora chegar e falar: “na sicrana não dá por que é matemática, na fulana não dá por que é português, mas você pode dar ponto, isso é inglês”.

Em (4), é preciso que aquele que ouve a fala articule elementos do discurso com elementos do seu conhecimento de mundo para compreender que, se um professor pode dar pontos gratuitamente para um aluno, isso significa que aquela disciplina tem um valor menor ou é levada menos a sério do que as outras. Assim, seria possível compreender uma apreciação negativa da disciplina de inglês. Um interlocutor com outro ponto de vista ou experiências de mundo diferentes poderia compreender a avaliação de outra forma.

Passamos então à descrição de cada uma das categorias de avaliação em ATITUDE.

2.2.1.1 Afeto

A categoria de AFETO se refere às emoções/sentimentos positivos ou negativos realizados linguisticamente no discurso. Em sua obra, Martin & White (2005) relacionam o AFETO com o sentir-se triste ou feliz; confiante ou ansioso; interessado ou entediado. Através da expressão de AFETO, o autor de um enunciado projeta sua presença como sujeito no processo de comunicação, revelando sua subjetividade através das emoções.

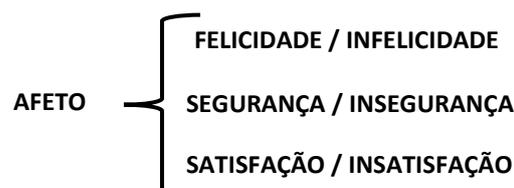
Existem diversas formas por intermédio das quais um falante pode expressar suas emoções. De acordo com Martin (2000), o AFETO pode ser realizado através de processos, como em (5), através de qualidades, como em (6) e na forma de comentários, como em (7).

- (5) Ou então o professor desestimula...
- (6) Eu me vejo como uma pessoa feliz (...).
- (7) Felizmente, ele tirou um cochilo.

Martin & White (2005, 46-49) apontam ainda seis fatores que devem ser observados na identificação da expressão de AFETO:

- a) sentimentos podem ser considerados culturalmente positivos – agradáveis – ou negativos – desagradáveis;
- b) sentimentos são compreendidos como resultados de emoções, sendo que a distinção entre eles é expressa na oposição entre comportamentos e processos mentais ou relacionais;
- c) os sentimentos são realizados em reação a algum fenômeno emocional, ou seja, há um fenômeno deflagrador da emoção;
- d) a gradação dos sentimentos é lexicalizada e segue uma escala que pode variar na intensidade baixa, média ou alta;
- e) sentimentos envolvem intenções mais do que reações;
- f) as emoções são sempre classificadas como positivas ou negativas e podem ser agrupadas em três conjuntos conforme o quadro abaixo:

Figura 5 – Tipos de afeto



Fonte: CAMPOS, 2013.

A categoria de FELICIDADE/INFELICIDADE trata de emoções relacionadas ao coração como amor, ódio, alegria, tristeza. Refere-se, portanto, ao humor e ao fato de se gostar ou não de alguma coisa ou alguém. Exemplos podem ser vistos em (1) e (6).

O grupo de SEGURANÇA/INSEGURANÇA refere-se ao conjunto de emoções relativas ao bem-estar social, a saber: ansiedade, temor ou confiança. Exemplo pode ser visto em (7B).

(7B) (...), mas eu tenho um certo medo, um certo receio com a profissão.

O conjunto de emoções categorizado como SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO dá conta de sentimentos como tédio, prazer, desagrado, respeito, curiosidade. Há aqui a expressão de frustração ou satisfação em relação às atividades em que o falante se engaja. Um exemplo está em (8):

(8) (...) às vezes me sinto desvalorizada em sala de aula sabe, por pais, até mesmo pelo próprio salário né.

2.2.1.2 Julgamento

É através dessa categoria semântica que os falantes podem fazer avaliações normativas do comportamento humano. Essas avaliações giram em torno de conceitos da moralidade, legalidade, capacidade, normalidade e, portanto, referem-se a convenções ou normas de conduta (ética) ligadas a uma determinada cultura. Ao fazer um JULGAMENTO de uma pessoa, o enunciador o faz segundo suas experiências, expectativas, pretensões e crenças individuais e inserido em seu contexto cultural. Esse tipo de atitude pode ser compreendido como um sentimento institucionalizado, funcionando como regras comportamentais que determinam como uma pessoa deve ou não agir. São dois os tipos de julgamento: estima social e sanção social.

O JULGAMENTO de estima social não está ligado a implicações legais e envolve apenas admiração ou crítica a uma pessoa na sociedade. Está geralmente ligado à cultura oral, sendo comum em conversas informais, boatos, brincadeiras e histórias. Este tipo de avaliação se divide em:

a) Normalidade: refere-se ao quão usual, especial ou comum o comportamento de um indivíduo é. Temos um exemplo deste tipo de julgamento em (9):

(9) O adolescente não esquenta, se ele não entendeu mais pra frente ele vai pegar.

b) Capacidade: refere-se à demonstração ou não de competência por parte da pessoa avaliada. (10) exemplifica este tipo de JULGAMENTO.

(10) A Andressa, ela reclama que na escola dela o inglês é fraco, que é chato, que a professora é burra, que várias vezes ela corrige a professora.

c) Tenacidade: refere-se ao quanto a pessoa avaliada é confiável e dedicada. Pode-se contar com ele/a ou não? Uma avaliação deste tipo é encontrada em (11):

(11) Ah professora, a gente vê que a senhora faz com prazer, que a senhora não falta, que senhora dá a sua aula com amor, que a senhora prepara a sua aula, que a senhora gosta, que a senhora tem carinho pela gente, que a senhora não vem de má vontade.

Por outro lado, o JULGAMENTO de sanção social está mais ligado a normas e padrões rígidos estabelecidos, geralmente através de leis, preceitos morais ou religiosos. Assim, esse tipo de JULGAMENTO tende a ser codificado na forma escrita por meio de regras de comportamento estipuladas pelo Estado ou pela Igreja e, segundo as quais, se pode atribuir louvor ou punição. Essas avaliações dependem da visão institucional daquele que fala e se estabelecem no domínio do certo e do errado. JULGAMENTOS de Sanção Social podem ser divididos em dois tipos:

a) Veracidade: refere-se à honestidade da pessoa avaliada, como podemos ver em (12):

(12) Quando vejo trancarem na cadeia um homem inocente, meu coração dói.

b) Propriedade: refere-se à ética da pessoa avaliada. Esse tipo de avaliação está em (13):

(13) Mas essa mulher é muito fofqueira mesmo. Só cuida da vida dos outros.

Almeida (2010 p. 108) nos apresenta um quadro que resume e exemplifica as avaliações por JULGAMENTO:

Quadro 2 – Tipos de julgamento

Estima Social	Julgamento Positivo	Julgamento Negativo
Normalidade	<i>engraçado, vaidoso</i>	<i>maluco</i>
Capacidade	<i>sábia, esperto</i>	<i>boba, ignorante, burrona</i>
Tenacidade	<i>valente</i>	<i>indecisa</i>
Sanção Social	Julgamento Positivo (elogio)	Julgamento Negativo (condenação)
Veracidade	<i>inocente, sério</i>	<i>mexeriqueira</i>
Propriedade	<i>prestimosa, excelente</i>	<i>bruxa</i>

Fonte: ALMEIDA, 2010.

2.2.1.3 Apreciação

Através deste subtipo da ATITUDE, os falantes podem avaliar coisas/objetos, artefatos, bens e serviços, fenômenos da natureza, relacionamentos e qualidades de vida. É também através dele que se podem avaliar textos (orais ou escritos) ou processos (fenômenos) e por isso, essa é considerada por Eggins & Slade (1997) uma das categorias mais produtivas em termos de expressão atitudinal disponíveis na língua. Em termos gramaticais, a APRECIAÇÃO pode realizar-se tanto por elementos lexicais quanto por orações. Alguns recursos gramaticais que podem ser utilizados para expressão de APRECIAÇÃO são as nominalizações (14), os adjuntos de circunstância (15) e os processos (16):

(14) (...) o salário (...) é uma desvalorização.

(15) Perfeitamente, Visconde! Isso é que é o importante.

(16) (...) eu escuto as pessoas valorizarem um pouco mais essa profissão que eu não ouvia muito no passado.

Assim como em JULGAMENTO, na APRECIAÇÃO há uma institucionalização de sentimentos; entretanto, neste último, as avaliações estão ligadas à aparência, à forma, à composição, ao valor e ao impacto. Assim, este subtipo se divide em três grupos:

a) **REAÇÃO:** refere-se à reação que o objeto avaliado causa nas pessoas. Essa reação pode ser ainda subdividida em **IMPACTO** (17) – o quanto o objeto cativa o avaliador – e **QUALIDADE** (18) – o quanto o objeto agrada ao avaliador.

(17) (...) É, porque (o trabalho do professor) é muito desgastante mesmo.

(18) (...) ele queria ter um inglês bom na escola também, mas às vezes não vê.

b) **COMPOSIÇÃO:** refere-se à avaliação da organização, da elaboração e da forma como foram construídos os objetos avaliados, segundo a percepção de proporcionalidade e detalhe em um texto/processo. Pode ser subdividido em **PROPORÇÃO** (19) – o quanto o objeto é equilibrado – e **COMPLEXIDADE** (20) – o quanto o objeto avaliado é complexo.

(19) Sei dizer coisas engraçadas e até filosóficas.

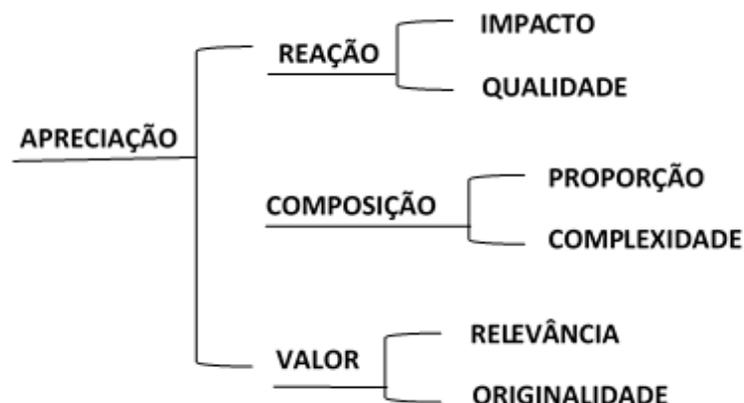
(20) (...) ela reclama que na escola dela o inglês é fraco, que é chato...

c) **VALOR:** refere-se à avaliação da significação social dos textos/processos e o valor dado aos objetos, tratando-se do quanto uma coisa vale a pena ou não. Um exemplo de apreciação do valor está em (21).

(21) (...) eu vim de um desses colégios, “ah eu dou um trabalhinho, uma musiquinha e dane- se”. Não é valorizado (a disciplina de língua inglesa).

A figura abaixo resume o subtipo **APRECIÇÃO** e suas divisões:

Figura 6 – Tipos de apreciação



Fonte: CAMPOS, 2013.

2.2.2 Engajamento

O ENGAJAMENTO, proposto por Martin & White (2005) como um dos três subsistemas do Sistema de Avaliatividade, parte da noção bakhtiniana de dialogismo. De acordo com Bakhtin (1981), todo enunciado é essencialmente dialógico pressupondo um diálogo permanente entre os diferentes discursos que circulam em uma sociedade. É essa ideia que afirma a natureza interdiscursiva da linguagem que se realiza na maneira como o falante se compromete com as proposições que faz, como ele se posiciona frente às atitudes do seu interlocutor, como reutiliza ou responde a enunciados anteriores e como antecipa reações de futuros interlocutores.

A partir dessa perspectiva dialógica, que prevê uma posição responsiva, compreendemos que o subsistema de ENGAJAMENTO reúne os recursos linguísticos que um falante usa para negociar seus posicionamentos, comprometendo-se mais ou menos com aquilo que é dito. Martin & White (2005) utilizam a noção de dialogia, mas a adaptam à perspectiva sistêmico-funcional, já que pretendem enfatizar a importância do contexto na análise do texto e o uso de recursos linguísticos cumprindo funções na linguagem. Através da análise desses recursos é possível verificar a relação da voz autoral com seu próprio posicionamento e com as múltiplas vozes, de diferentes atores sociais, que aparecem em um enunciado.

A sistematização do ENGAJAMENTO começa com a distinção entre um uso de linguagem monoglóssico ou heteroglóssico. A MONOGLOSSIA compreende o uso de afirmações categóricas sobre as quais o autor não reconhece possibilidade de diálogo. Já a HETEROGLOSSIA reúne recursos através dos quais o falante reconhece as outras vozes que podem dialogar com a sua própria. A categoria de MONOGLOSSIA, portanto, não está subdividida já que admite uma “voz única”, enquanto a HETEROGLOSSIA apresenta diversas subdivisões para abarcar todos os níveis de diálogo.

O uso de linguagem heteroglóssico divide-se em EXPANSÃO DIALÓGICA e CONTRAÇÃO DIALÓGICA e suas subdivisões. A seguir apresentamos cada um desses tipos.

2.2.2.1 Expansão dialógica

Através da EXPANSÃO DIALÓGICA o autor demonstra adesão/solidariedade a uma ou mais vozes presentes no enunciado. Essa categoria pode realizar-se através de dois tipos: CONJECTURA e ATRIBUIÇÃO.

Através dos recursos de CONJECTURA, o autor apresenta a voz autoral como apenas uma das diferentes opiniões acerca do que é dito, deixando abertura para posicionamentos alternativos. Como este tipo está baseado na subjetividade do autor, um dos recursos mais produtivos em CONJECTURA (22) é a modalidade. É frequente o uso de expressões como “Parece que”, “Eu acho”, “No meu ponto de vista”, “Ouvi dizer que”, “É possível que”, além do uso de algumas perguntas retóricas.

(22) Isso é normal, isso eu acho que é da vida, né? Faz parte, né?

Já o uso da ATRIBUIÇÃO indica a voz do outro no texto, podendo a voz autoral interagir com ou distanciar-se dela. Confere-se a uma ou mais vozes, diferentes da autoral, a responsabilidade por aquilo que é dito. Quando o autor apenas cita a argumentação da voz externa como forma de usar a voz do outro e não expressar explicitamente seu posicionamento sobre o que é dito, ocorre o uso de RECONHECIMENTO (23). Por outro lado, ao utilizar o DISTANCIAMENTO (24), o autor de um texto é explícito em seu posicionamento, mas exime-se de responsabilidade pela proposição externa, como vemos nos exemplos a seguir:

(23) A Andressa, ela reclama que na escola dela o inglês é fraco, que é chato,

(24) (...) quando eles percebem e falam: “nossa, mas você (a professora) está falando com tanta paixão”, né? Isso aí dá...né? Não sei...até emociona.

2.2.2.2 Contração dialógica

Ao contrário dos recursos de EXPANSÃO DIALÓGICA, a CONTRAÇÃO DIALÓGICA é utilizada para expressar desacordo ou rejeição à posição de uma ou mais vozes externas presentes no texto. O autor está, portanto, desafiando, evitando ou restringindo o escopo das vozes alternativas. Ainda segundo Martin & White (2005), a CONTRAÇÃO DIALÓGICA divide-se em dois tipos, PROCLAMAÇÃO e DISCORDÂNCIA, sendo essas também subdivididas.

A PROCLAMAÇÃO divide-se em:

a) CONCORDÂNCIA (25): refere-se à proposição representada como parte do senso comum. Falante e ouvinte estão de acordo com a proposição.

(25) (...) é porque você é professor de inglês, você teve a capacidade de aprender outro idioma. Na cabeça de outras pessoas é surreal.

b) PRONUNCIAMENTO (26): refere-se à rejeição de opiniões alternativas por parte da voz autoral.

(26) Ele acha que só porque ele é nativo tem a credencial de que “ah, eu tô tendo aula com o melhor”. A verdade é essa.

c) ENDOSSO (27): refere-se ao fato de o autor asseverar as opiniões alternativas fazendo-as parecer legítimas ou inegáveis.

(27) Ficou não apenas comprovado o risco de o sistema de cotas degradar o ensino universitário (...).

Já a DISCORDÂNCIA divide-se em:

a) NEGAÇÃO (28): refere-se ao fato de o autor refutar o ponto de vista de uma voz externa.

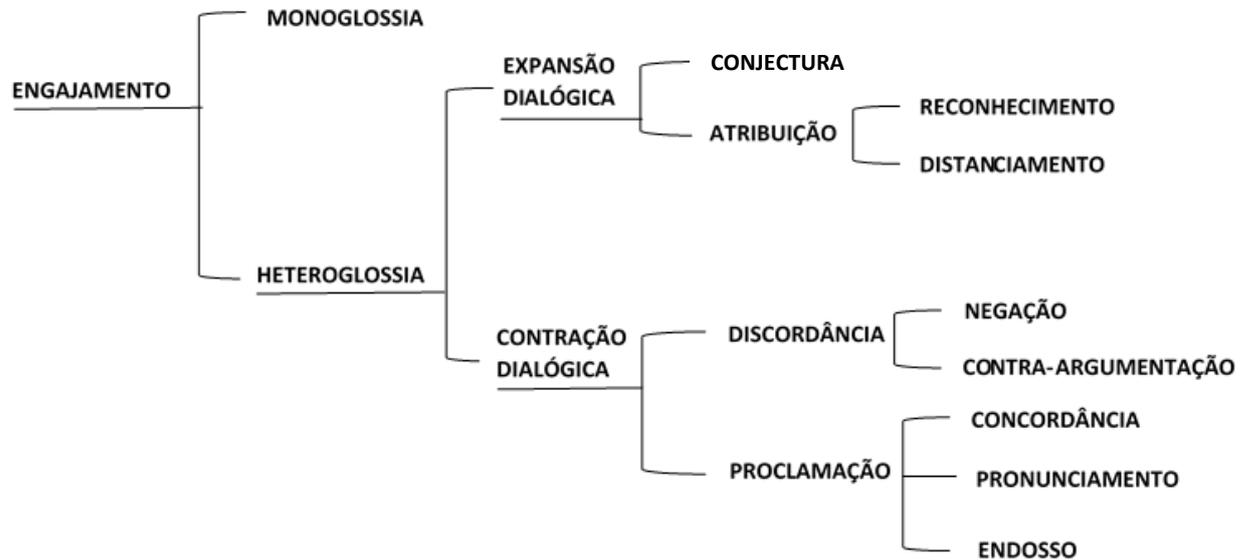
(28) Diz que você tem que ter essa experiência pra você ser um bom professor. Eu discordo totalmente, não necessariamente.

b) CONTRA-ARGUMENTAÇÃO (29): refere-se ao uso de uma proposição para suplantar a outra, contrariando a expectativa criada pela última.

(29) (...) a liberdade foi uma conquista. Todavia (...) cada solução dá ensejo a novos problemas.

A figura a seguir resume os recursos de ENGAJAMENTO propostos no Sistema de Avaliatividade:

Figura 7 – Tipos de engajamento



Fonte: A autora, 2022.

2.2.3 Gradação

Os elementos estudados neste subsistema são aqueles que podem indicar o grau de impacto do caráter interpessoal enunciado ou a precisão das avaliações. O conceito de GRADAÇÃO pressupõe a existência de uma escala de valores onde em um lado estão as avaliações socialmente consideradas menos intensas e do outro as consideradas mais intensas. Na variação brasileira da língua portuguesa podemos exemplificar com a expressão “não gostar”, considerada de mais baixa intensidade e “odiar”, considerada de mais alta intensidade. O sistema de GRADAÇÃO constitui-se de dois subsistemas: FORÇA e FOCO.

O subsistema de FORÇA possui recursos utilizados para graduar qualidades (ex: grande, inteligente, importante) e processos (ensinar, estudar, falar). Neste subsistema Martin & White (2005) identificam as categorias de INTENSIFICAÇÃO, que se refere à GRADAÇÃO de processos, qualidades e indicadores de modalidade, e QUANTIFICAÇÃO, que se refere à GRADAÇÃO de entidades apenas.

A INTENSIFICAÇÃO pode ser dividida em:

a) FUSÃO (30, 31, 32): o grau de intensidade é incorporado ao significado do item lexical, podendo ser qualidades ou processos.

(30) Ela arrastou-se até a porta. (baixa)

(31) Ela caminhou até a porta. (média)

(32) Ela correu até a porta. (alta)

b) ISOLAMENTO (33, 34, 35): o aumento ou diminuição da intensidade da gradação ocorre por meio de um advérbio ou locução adverbial associado ao processo ou qualidade.

(33) Oratória é um pouco importante. (baixa)

(34) Oratória é bastante importante. (médio)

(35) Oratória é extremamente importante. (alta)

c) REPETIÇÃO (36): Diz respeito ao uso repetido de um mesmo item lexical pertencentes a um mesmo campo semântico.

(36) Ele falou, falou, falou e não disse nada.

A QUANTIFICAÇÃO pode ser dividida em:

a) QUANTIDADE (37): refere-se ao uso de numerativos quantitativos indefinidos para expressar uma quantidade indeterminada de uma entidade concreta (ex.: livros, textos, escolas) ou abstrata (dúvidas, desejos, sonhos).

(37) Existem poucas escolas na região.

b) VOLUME OU PRESENÇA (38): refere-se à noção de tamanho (grande, pequeno), altura (alto, baixo), peso (leve, pesado), espessura (grosso, fino) e luminosidade (claro, escuro).

(38) A escola tem um espaço grande.

c) EXTENSÃO: é subdividida nas categorias de Distribuição Espacial (39), que indica o quão difusa uma entidade está no espaço, e Distribuição Temporal (40), que indica a extensão de uma entidade no tempo.

(39) A apatia é generalizada.

(40) A aula foi curta.

O subsistema de FOCO oferece recursos para a gradação de categorias semânticas prototípicas que, experiencialmente falando, em princípio não são passíveis de ser graduadas. Categorias específicas que não teriam um “meio-termo”, elas são ou não são. Entretanto, as estratégias deste subsistema permitem ao falante conferir precisão à sua avaliação. Pode ser dividido em:

a) **ACENTUAÇÃO (41)**: envolve o uso de locuções tais como puro, verdadeiro, de verdade, legítimo, genuíno, real, mesmo.

(41) O vestido é de seda pura.

b) **ATENUAÇÃO (42)**: reduz o grau de pertencimento de um item lexical à certa categoria experiencial e representa-o como um item “menos autêntico” da categoria. Envolve o uso de locuções como uma certa, uma espécie de, certa, suposto, tipo assim.

(42) A igreja é uma espécie de escola para eles.

A figura a seguir resume os recursos do subsistema de GRADAÇÃO:

Figura 8 – Tipos de gradação



Fonte: CAMPOS, 2013.

Descrevi até aqui a Linguística Sistêmico Funcional, que informa a análise de textos, sob uma perspectiva socio-semiótica. Furneci também um panorama do Sistema de Avaliatividade, já que será o recurso de análise utilizado aqui, a fim de, em última análise, evidenciar sua produtividade na análise de textos orais. Passo a fazer uma exposição sobre a Análise do Discurso Positiva, abordagem na qual esta tese se insere.

2.3 Análise do Discurso Positiva (ADP)

A Análise do Discurso Positiva (ADP) é uma abordagem transdisciplinar ao estudo dos textos que se coaduna com a LSF, pois considera a linguagem como uma forma de prática social. Essa abordagem é bastante recente no campo dos estudos linguísticos, apresentando ainda poucas publicações acadêmicas sobre o tema, em especial no Brasil. Até o término desta tese, não havia, por exemplo, uma entrada no Wikipédia para o termo Análise do Discurso Positiva e as pesquisas que se utilizam dessa abordagem no nosso país ainda eram em número muito reduzido. O desenvolvimento da ADP está intimamente ligado à outras abordagens e teorias que serão tratadas neste capítulo.

2.3.1 A Análise do Discurso Positiva, a Linguística Sistêmico-Funcional e a Análise do Discurso Crítica

James Martin, linguista que propôs a Análise do Discurso Positiva (ADP) recebeu forte influência da Análise do Discurso Crítica (ADC) de Fairclough e da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday, cujo modelo continua sendo usado em suas análises, por ter sua formação ocorrido no mesmo ambiente em que essas linhas se desenvolveram. Portanto, é impossível tratarmos de Análise do Discurso Positiva sem de alguma forma a relacionarmos com a ADC e LSF, ainda que seja numa relação de contraponto ou complementariedade. Nesta seção discuto os pontos de contato entre a ADP, a ADC e a LSF, a fim de embasar minha opção pela abordagem positiva. Somente em uma seção posterior, a LSF será descrita mais detalhadamente.

O contexto para o nascimento das análises em ADP está na perspectiva sistêmico-funcional da linguagem. Para Halliday (1985), o texto constrói-se como uma unidade semântica e não como uma unidade gramatical, embora os significados sejam realizados por meio de sentenças. Para ele, uma teoria dos fraseados é imprescindível para a interpretação do texto e uma análise do discurso que não se baseia na gramática não é uma análise e sim meros comentários sobre o texto, pois são as estruturas léxico-gramaticais que se realizam no texto que levam à construção do significado, sua transmissão e interpretação. Entretanto, desde os trabalhos iniciais de Halliday sobre os significados textuais que estão além da oração

em seus estudos sobre coesão (HALLIDAY, 1976), é possível perceber um interesse da LSF pela análise discursiva. Os trabalhos de Halliday (2004) se ampliam para uma abordagem mais dedicada ao texto e ao discurso, sem renunciar ao uso de dados léxico-gramaticais como ponto de entrada no texto, o que construiu um contexto adequado para os trabalhos de Martin em Análise do Discurso.

Na perspectiva sistêmico funcional, portanto, o discurso pode ser entendido como a manifestação dos processos linguísticos e como eles circulam e são utilizados, identificados e reconhecidos pelos usuários em contextos sociais específicos de uso (Hasan, 2004). É essa perspectiva que considera o contexto em que os textos ocorrem como algo primordial para a apreensão dos significados, a partir dos elementos linguísticos presentes no texto, que é usada também por Martin para a proposição da ADP.

O termo Análise do Discurso Positiva foi inicialmente usado, em evento acadêmico, no ano de 2005 quando no 32º Congresso Internacional de Linguística Sistêmico-Funcional os participantes foram convidados a:

Pensar mais politicamente sobre as várias aplicações de seus trabalhos, em termos daquilo que estão tentando alcançar e encorajar a reorientação do pensamento crítico para aquilo que pode ser chamado de Análise do Discurso Positiva (ADP) – trabalho que considera como as pessoas fazem do mundo um lugar melhor e projeta intervenções baseadas nessas considerações.¹⁹

O próprio Martin foi quem cunhou o termo Análise do Discurso Positiva em 2004, em um primeiro momento, apresentando-a como um estilo de análise que se envolve com processos sociais de mudança que percebemos como possíveis de transformar o mundo em um lugar melhor (MARTIN, 2004). Logo a seguir, Martin e Rose (2003) baseiam a proposta da ADP na necessidade de um foco complementar na comunidade, que leve em consideração a maneira como as pessoas se agregam e buscam locais para si mesmas no mundo, a fim de redistribuírem o poder sem, necessariamente, lutar contra ele. Martin assim declara no trecho em que o termo ADP primeiro aparece:

Quando se trata de projetar futuros melhores nós simplesmente não temos informação suficiente para ir adiante. Desconstruir pode ajudar, mas não é o suficiente em si mesmo – pelo menos

¹⁹ Disponível em: www.asfla.org.au/isfc2005/home.html

essa é a minha experiência em linguística educacional onde muitos trabalhos de adivinhação tinham que planejar mundos possíveis na ausência de considerações úteis de iniciativas inspiradoras tomadas por outros. A falta da Análise do Discurso Positiva (ADP) mutila nossa compreensão de como a mudança ocorre, para melhor [...] (MARTIN, 2012, p. 283).

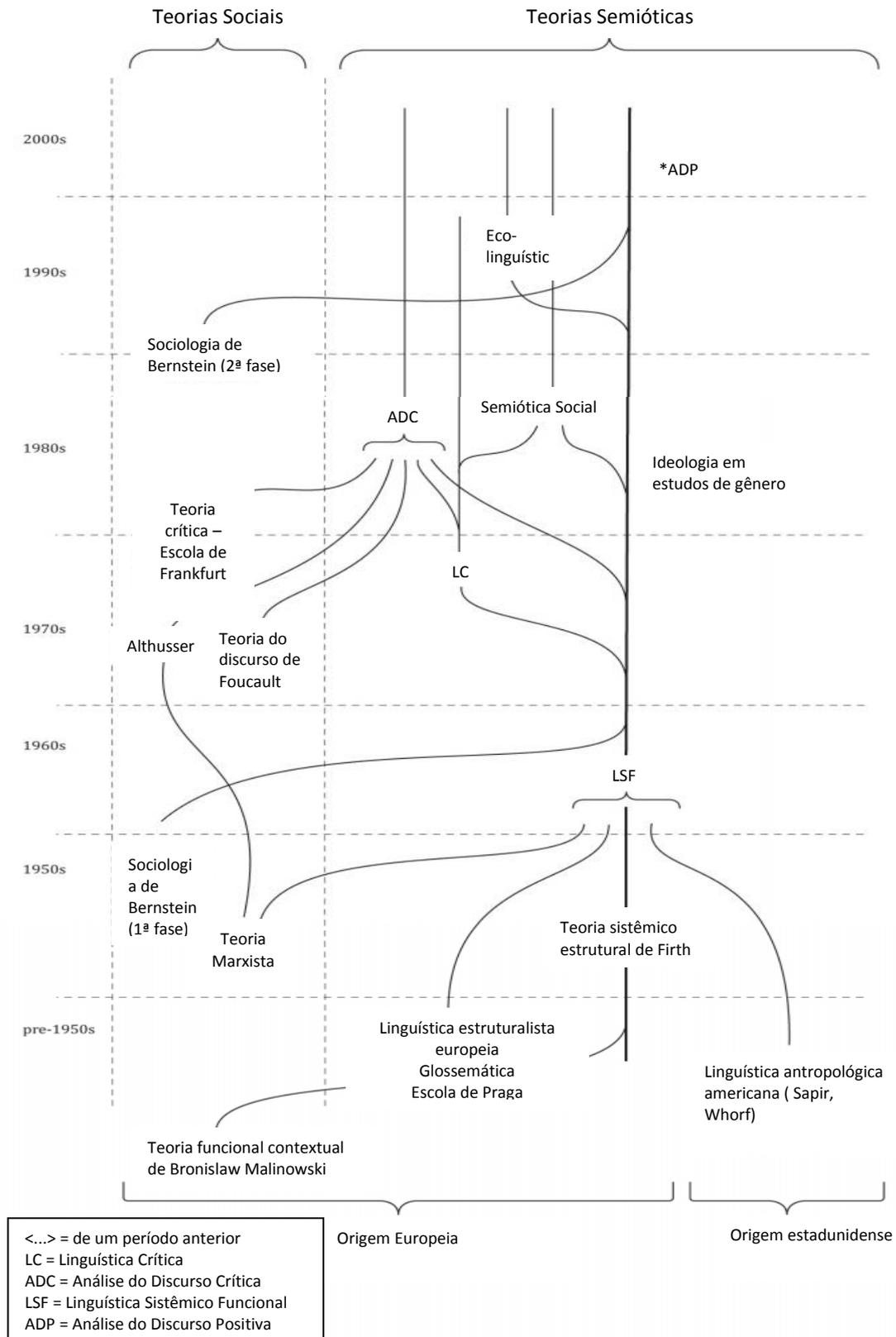
Quando menciona luta contra o poder e desconstrução de ideologias, Martin faz uma alusão direta à Análise do Discurso Crítica (ADC), abordagem teórico-metodológica para análise de textos fundamentada por Norman Fairclough em seus diversos trabalhos. Para Martin (2004), a ADC é “necessariamente negativa” e “está fortemente influenciada por uma teoria social e está socialmente comprometida, de modo que seu objetivo é preferencialmente ‘problemas’, por exemplo, desigualdades de gênero, discriminação, racismo, hegemonias políticas, direitos das minorias etc.” (MARTIN, 2004, p. 182). Segundo ele, a ADC vê o mundo sempre pelo lado negativo, apresentando uma peculiaridade desconstrutiva, olhando apenas o conflito mesmo quando deseja melhorá-lo no que concerne a gênero, etnicidade, luta de classes etc. Embora este lado negativo realmente exista, Martin argumenta que é possível procurar ver o mundo de outro modo. O autor sugere que se caminhe em direção a uma atitude mais “positiva”, no sentido de fazer do mundo um lugar melhor. Por isso, Martin propõe a Análise do Discurso Positiva (ADP) como complemento da ADC, defendendo as mesmas causas, mas partindo não do conflito, mas da harmonização. Em sua opinião, isso tornaria o mundo um lugar melhor. KhosraviNik (2009) endossa a visão de Martin, sugerindo que essa comparação direta com a ADC deve ser entendida como complementaridade e não como justaposição ou paralelismo disciplinar. Martin (2004) compreende, então, que a proposição de uma Análise do Discurso Positiva é necessária e configura o passo seguinte natural à ADC, mudando o foco da desconstrução para identificação e promoção de alternativas para melhoria das práticas sociais humanas.

O surgimento da Análise do Discurso Positiva está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da LSF e, conforme mencionado, as duas caminham também junto com a ADC. Há importantes pontos de encontro e relações de complementaridade entre as abordagens. O ponto de contato entre a ADC e a LSF de Halliday, conforme sinalizado por Martin e Rose (2003) está na necessidade de compreender o poder para que depois ele seja redistribuído. Enquanto a ADC tem se ocupado com a análise do discurso que sustenta as desigualdades, a LSF ultrapassa esta fronteira e

está igualmente preocupada com o redirecionamento das desigualdades. A LSF, portanto, leva a uma reflexão de como as desigualdades poderiam ser redirecionadas no sentido de soluções positivas serem apresentadas. Vian Jr. (2010), em consonância com Martin (2004, 2012), acredita que as pesquisas em Análise do Discurso devem servir à comunidade e a seus cidadãos de maneira que estes sejam conscientizados de seu papel perante o mundo para que o compreendam e possam proceder essa redistribuição. A intervenção, portanto, é o que deve motivar o interesse pela pesquisa nesta perspectiva positiva, nascendo assim a Análise do Discurso Positiva. Stibbe (2014) sugere que a ADP é distinta da ADC não tanto pelo seu modo de análise, mas em termos da sua aplicação prática: a elevação da consciência crítica de ideologias escondidas no caso da ADC e, para a ADP a promoção de textos positivos, ou, mais especificamente, a análise e promoção do agrupamento específico de características linguísticas que transmitem a visão de mundo de textos positivos levando a possíveis melhorias nas relações sociais.

Matthiessen (2011) sintetiza o desenvolvimento das várias abordagens linguísticas em um diagrama altamente esquemático que pode nos auxiliar a compreender as origens e relações entre elas, conforme a figura a seguir:

Figura 9 – Diagrama esquemático: influências da ADP



Fonte: MATTHIESSEN, 2012, p. 442.²⁰

²⁰ Original em inglês. Tradução minha.

No diagrama acima, podemos observar que a Análise do Discurso Positiva tem suas origens na LSF de Halliday, que por sua vez é influenciada pela teoria contextual funcional do antropólogo Malinowski (1935), pela linguística antropológica de Sapir (1949) e Whorf (1956) e pela teoria estrutural de Firth (1957), tendo este último sido professor de Halliday. Observamos que a chamada Ecolinguística²¹ também tem seu desenvolvimento ligado de alguma forma ao desenvolvimento da ADP, sendo as duas consideradas abordagens “positivas”.

Bartlett (2017) discute que a interpretação do que quer dizer a palavra “positiva” no termo Análise do Discurso Positiva permanece uma espécie de incógnita. Em relação à educação, por exemplo, ele menciona que o termo pode ser usado para dar conta de várias correntes progressistas como o Programa Ler para Aprender (*Reading to Learn Programme*), inspirado no trabalho de Martin e Rose e orientado para a Linguística Sistêmico-Funcional que se move na direção de um currículo mais inclusivo. O programa descreve, interpreta e explica as relações entre textos e práticas sociais a fim de, neste caso específico, produzir um conjunto de percepções dos educadores como atores sociais e agentes de mudanças. Essa seria uma abordagem “positiva” de análise na opinião de Bartlett. Em adição, Stribe (2014) argumenta que o termo “crítica” não necessariamente implica “ser negativo” e que “propor alternativas também é parte de ser crítico”. O positivo das análises em ADP estaria na motivação da pesquisa tanto quanto na escolha dos textos a serem analisados, além do esforço para desenhar alternativas que promovam harmonia, a partir dos resultados da análise.

Bartlett (2017) discute as várias abordagens analíticas que podem, como pedras individuais reunidas uma a uma, formar o marco de uma orientação positiva e intervencionista do discurso, apontando para um embasamento da ADP. O autor conclui sua discussão apontando essas “pedras fundamentais” da seguinte maneira:

- crítica a uma prática regressiva (ADC);
- identificação de uma prática alternativa como modelo (Martin, Stribbe e Humphreys);

²¹ “O ramo das ciências da linguagem que se preocupa com o aspecto das interações, sejam elas entre duas línguas individuais, entre falantes e grupos de falantes, ou entre língua e mundo, e que intervém a favor de uma diversidade das manifestações e relações para a manutenção do pequeno” (Fill, 2018)

- design de prática alternativas baseadas nas condições sociais vigentes e práticas linguísticas em um contexto global ou local específico (Macgilchrist e Bartlett);
- envolvimento dos sujeitos em crítica e design (Rogers); e
- avaliação de longo e curto prazo da absorção e do efeito do design.

2.3.2 A Análise do Discurso Positiva e a Antropologia Funcionalista

Os aspectos apontados por Bartlett (2017), além do próprio percurso da ADP e suas pesquisas, apontam para a importância do contexto social onde o texto ocorre. A compreensão da linguagem como parte integrante das práticas sociais, a necessidade de mapeamento das comunidades discursivas, a compreensão dos gêneros sociais e textuais que nela circulam, o envolvimento dos sujeitos na pesquisa e na proposição de práticas alternativas são tópicos essencialmente ligados às Análises do Discurso Positiva.

A relação próxima da ADP com a LSF traz para as pesquisas em ADP o eco da Antropologia Funcionalista de Malinowski (1935). A teoria funcionalista proposta por Malinowski no âmbito da Antropologia Social argumenta que todos os componentes de uma sociedade são inter-relacionados e formam um sistema. Os elementos do sistema precisam estar em alinhamento para que uma sociedade seja funcional e não disfuncional. O antropólogo desenvolveu um novo método de investigação de campo cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente com o povo Mailu (1915) e posteriormente com os nativos das Ilhas Trobriand (1915-16, 1917-18).

Para compreender os significados que emanam das práticas sociais, Malinowski buscou observar e descrever os elementos dessas práticas sob a perspectiva dos sujeitos que compunham aquela comunidade. O antropólogo observou e descreveu cuidadosamente o Kula, cerimônia de troca dos nativos das Ilhas Trobriand, levando em consideração na análise não só a ação, mas também a representação da ação, atingindo os verdadeiros significados dos fenômenos culturais quando mostra uma unidade multidimensional como fato social.

Em sua obra “*Coral Gardens and their magic*”, Malinowski (1935) sustenta que se tratássemos as palavras “como texto divorciado do seu contexto de ação e situação, as palavras obviamente permaneceriam sem sentido e seriam inúteis” (p. 8). O autor aponta ainda que “A linguagem aqui é usada principalmente para obter resultados práticos”. A LSF e a ADP, recebem, então, esta herança de compreensão da inseparabilidade do texto e seu contexto. A linguagem é vista como parte da ação e, no caso da ADP, a análise da linguagem em seu contexto é vista como propulsora de uma resignificação das práticas daquela comunidade e até mesmo a emergência de novos gêneros de mudança social (MARTIN, 2004).

Bartlett (2017) ilustra a abordagem da ADP com seu trabalho de campo na Guiana, América do Sul. Seu estudo de caso discute que o que torna a língua poderosa é o contexto em que ela é usada. O autor argumenta que é preciso considerar como os membros de um determinado grupo operam no seu dia a dia antes de explicar por que um texto ilustra o problema enquanto outro contribui para a sua solução. Martin (2004) realiza análise em ADP utilizando um texto de um inquérito nacional sobre a separação de crianças aborígenes de suas famílias, na qual analisa as relações de afeto, solidariedade e (re)alinhamento, tomando por base outros textos daquela mesma comunidade como testemunhos e canção folclórica Gurundji. Essas e outras análises demonstram a necessidade de compreensão do contexto e de um olhar positivo para que haja a possibilidade de proposição de práticas alternativas.

No que diz respeito ao envolvimento dos sujeitos pesquisados e à maneira como eles veem o mundo, Martin (2004) sugere que “as comunidades são formadas em volta das atitudes em relação às coisas do mundo. Dizemos como nos sentimos na expectativa de que as pessoas serão empáticas e, então, se alinharão com nossos sentimentos”. O conhecimento da comunidade pesquisada gera empatia e uma análise positiva de determinado aspecto será melhor aceita pela comunidade. Vian Jr. (2010) resume este aspecto da ADP da seguinte maneira:

Eis, então, a proposta contida na análise positiva proposta por Martin: ao conhecermos a comunidade, é possível rever a circulação dos textos e dos gêneros que nela são veiculadas, pois são eles que podem empoderar os usuários que nela interagem, possibilitando a compreensão do individual, do pessoal, do local e sua integração como parte do global, ampliando as perspectivas de vida nas comunidades. Essa perspectiva pode ainda auxiliar na compreensão para que se aprenda a conviver na ‘nova’

realidade, realidade essa que traz consigo novos gêneros que, uma vez empreendidos, permitem a ampliação de horizontes (p. 93).

2.3.3 A Análise do Discurso Positiva e o Sistema de Avaliatividade

Em termos de entradas para análise, Matthiessen (2011) argumenta que a ADP pode utilizar-se de diversas categorias de análise de um dado texto em seu contexto e no que diz respeito ao plano do conteúdo (léxico-gramática e semântica) e contexto, o foco pode estar em diferentes modos de significado do espectro meta funcional. Entretanto, os analistas em ADP parecem dar uma atenção especial aos recursos interpessoais da AVALIATIVIDADE (MARTIN & WHITE, 2005). O foco da ADP está nas relações, em aspectos complementares das relações humanas em diferentes instituições. Por isso, Matthiessen (2011) afirma que a ADP pode ser chamada, assim como a ADC, de uma forma de análise do discurso com propósito especial. Outros tipos especializados de análise do discurso têm foco em outros aspectos do contexto (campo ou modo). A ADP preocupa-se em como as pessoas se relacionam entre si e com o mundo e os resultados de sua análise poderão munir esses indivíduos de informações para executar as transformações que desejam nessas relações. Este foco torna o Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005) uma ferramenta muito produtiva em análises positivas de textos, já que o sistema se propõe a investigar, por meio de categorias linguísticas, o posicionamento do enunciador em relação ao outro, ao mundo, aos fatos, aos objetos do mundo e ao estado das coisas. Bartlett (2010) afirma que Martin compreende a ADP como parte do desenvolvimento da estrutura da Avaliatividade, de maneira que o próprio autor que propôs tanto o Sistema de Avaliatividade quanto a ADP tende a vincular as duas em seus trabalhos.

A análise da Avaliatividade em análises positivas mostra-se recorrente já que os tipos de textos que são investigados em ADP geralmente envolvem questões de afeto como parte do parâmetro das relações do contexto. Destaque especial tem sido dado à discursos que podem servir de modelo positivo para nós seguirmos a fim de empreendermos uma mudança sócio semiótica construtiva ou, no mínimo, aprender com eles. Observamos análises de “discursos de reconciliação” (MARTIN, 2002), “justiça restaurativa” (MARTIN; ZAPPAVIGNA; DWYER, 2009), ou

simplesmente “discursos que procuram fazer do mundo um lugar melhor (MARTIN, 2008).

O próprio exemplo da análise de Martin (1999) na qual o autor analisa detalhadamente a autobiografia de Nelson Mandela (1918-2013) exposta em duas páginas do final de seu livro *Long walk to freedom* (1995, 1996), ilustra a escolha de textos em ADP. Martin argumenta que “a retórica de Mandela de engajamento nos faz sentir incluídos além de instruídos” e que a “habilidade de Mandela de naturalizar valores radicais de molde a desarmar em vez de levar ao confronto implica não apenas o fim do conflito, mas também uma reconciliação com seus agentes”. Para o autor, se os analistas do discurso levam a sério a tarefa de patrocinar mudanças sociais, devem alargar seu raio de ação para incluir discursos “positivos” como esse.

A proposta desta tese harmoniza-se com a Análise do Discurso Positiva, uma vez que, através da análise do discurso de professores, pretende compreender como são construídos e negociados os conceitos e valores do ensino de Oratória em escolas de Abordagem Educacional por Princípios em vários estados do Brasil, identificando a perspectiva particular pela qual este ensino é representado pelos sujeitos, a fim de, em última análise, propor alternativas que melhorem a prática social desses docentes. Não há interesse em identificação de hegemonias políticas, luta de classe ou análise de discursos que sustentem desigualdades, mas o interesse é na harmonização, a fim de oferecer intervenção positiva para um mundo melhor. Esta pesquisa, conforme a proposta intervencionista de Martin (2004), pretende servir à comunidade e a seus cidadãos de maneira que estes sejam conscientizados de seu papel perante o mundo, neste caso, professores de escolas por princípios que poderão se beneficiar dos resultados para melhorar sua prática pedagógica. Neste sentido, a utilização das categorias de análise do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) me parecem produtivas para a análise pretendida, já que desejamos compreender como os sujeitos pesquisados se relacionam com o tema e o que pensam sobre ele.

Uma vez alinhados com a ADP, há uma atenção especial para a necessidade de conhecer a comunidade discursiva envolvida, a saber, escolas de Educação por Princípios, buscando compreender suas representações dando voz aos docentes e gestores que nela realizam suas práticas sociais. Por isso, no capítulo de metodologia, apresento uma descrição mais detalhada da Abordagem Educacional por Princípios e das suas práticas pedagógicas.

3 METODOLOGIA

Como mencionado anteriormente, nossa pesquisa pretende identificar significados que os professores participantes atribuem à sua realidade, sem preocupar-se em atingir uma verdade absoluta sobre ela. Assim, este trabalho está inserido no paradigma de interpretação positiva, opondo-se, portanto, à corrente crítica. É caracterizado como uma pesquisa qualitativa, já que busca obter dados passíveis de descrição mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. A pesquisa qualitativa caracteriza-se também pela busca, por parte do pesquisador, do significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida, além do uso do método indutivo (GODOY, 1995). Entretanto, não se pode afastar totalmente o caráter quantitativo desta pesquisa, uma vez que tabulei e contabilizei os resultados com intuito de melhor verificar as tendências apresentadas por eles. De acordo com Neves (1996), os métodos qualitativo e quantitativo não são excludentes, embora difiram quanto à forma e a ênfase.

Apresento, neste capítulo, a trajetória percorrida ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Explicito as etapas do trabalho, além de descrever os procedimentos de coleta de dados e o grupo de participantes focais.

3.1 Etapas do trabalho

O interesse pelas representações de professores acerca dos conceitos e valores do ensino de Oratória em escolas de Abordagem Educacional por Princípios em vários estados do Brasil, buscando mapear de possíveis entraves a este ensino e sua natureza, nos levou a optar por uma pesquisa que possui traços de:

- a) Pesquisa documental, uma vez que houve a coleta de material didático a fim de mapear sentidos produzidos sobre o ensino de Oratória.
- b) Pesquisa de campo, uma vez que a pesquisadora visitou o ambiente de trabalho de alguns destes professores procurando compreender como se dá sua prática pedagógica no ensino de Oratória.

c) Pesquisa aplicada, uma vez que visa produzir um conhecimento que possa ser efetivamente colocado em prática na vida real, ajudando a alterar uma situação, fenômeno ou sistema.

Após a pesquisa bibliográfica descrita nos capítulos 1 e 2 desta tese, decidido que a pesquisa utilizaria o discurso como corpus de análise, parti para a escolha de um grupo de sujeitos de pesquisa. Para iniciar o trabalho, fazia-se necessário coletar falas de professores para constituir o *corpus* a ser analisado. A busca por um procedimento de coleta de dados que se adequasse aos objetivos desta investigação levou-me à escolha da técnica de Grupo Focal, como instrumento principal. As características particulares desta técnica, principalmente no tocante ao envolvimento das pessoas e sua natureza interacional, fez-me acreditar que esse tipo de grupo de discussão seria bastante produtivo para a coleta de dados.

Minha experiência pessoal como educadora, professora da área de linguagens, impulsionou o interesse pelo tema da Oratória. Observo a carência do desenvolvimento dessas habilidades em meus alunos. Como cristã e mãe de 2 filhos em idade escolar, entusiasta da educação escolar cristã, dediquei-me nos últimos anos ao estudo da Abordagem Educacional por Princípios e envolvi-me com professores e pesquisadores da área. O contato com a direção da AECEP – Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios, foi o ponto principal para a escolha destas escolas como comunidade investigada nesta pesquisa. O apoio da associação na disponibilização de contatos e materiais de escolas por princípios em todo o país, além do desejo de colaborar com a AECEP no apoio as escolas, levaram-nos a escolher professores das escolas de AEP como sujeitos de pesquisa. O grupo de sujeitos com os quais trabalhei nesta análise será descrito no item 3.7.

Antes da realização do grupo focal propriamente dito, entretanto, senti necessidade de uma coleta prévia de dados sobre o tema que pudessem auxiliar na construção do roteiro para o Grupo Focal. Assim, investi em coleta de material didático sobre o assunto e na construção e aplicação de um questionário que pudesse trazer *insights* e direcionamento para a elaboração do roteiro da discussão principal. Foi preparado, então, um questionário escrito para aplicação aos professores. Em seguida, o roteiro da discussão foi preparado e a realização do

Grupo Focal ocorreu de forma virtual através da Plataforma *Zoom*²². A construção e aplicação destes instrumentos será detalhada mais adiante.

Após a discussão do Grupo Focal, que durou pouco mais de uma hora, realizei a transcrição completa das falas. Não houve preocupação com regras de transcrição rígidas, já que nosso interesse não estava em aspectos relativos à análise da conversação e sim à análise do discurso voltada para aspectos temáticos e marcas léxico-gramaticais. Assim, as falas foram transcritas da maneira que foram proferidas, incluindo-se apenas alguns marcadores que facilitassem a compreensão e a análise, a saber:

- a) aspas, quando se trata da voz de outra pessoa que não a do falante;
- b) reticências, quando a ideia da frase não foi completada pelo falante;
- c) reticências entre parênteses – apenas nas falas selecionadas para análise – quando algum trecho foi omitido; e
- d) vírgulas, pontos finais, pontos de interrogação e pontos de exclamação, que foram usados de acordo com as regras da língua escrita.

Após a transcrição dos dados, apliquei as categorias do Sistema de Avaliatividade buscando conhecer como os docentes valoravam cada aspecto discutido. A proposta metodológica desta pesquisa visa à análise linguística segundo os conceitos da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004) e do Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005). Buscou-se encontrar os recursos avaliativos mais utilizados pelos falantes investigados e, em associação com a análise do material didático e análise dos questionários, buscou-se responder às perguntas desta pesquisa compreendendo como esses professores avaliam o ensino de Oratória. Os resultados são relatados e discutidos concomitantemente no capítulo 4 desta tese.

Ressalto aqui a importância de retornar com os resultados para os sujeitos de pesquisa como forma de: a) demonstrar respeito pelos professores participantes; b) colaborar com o desenvolvimento pessoal e profissional desses professores; e c) contribuir para o contínuo diálogo entre a teoria e a prática nos estudos da linguagem.

²² Disponível em: <https://zoom.us/pt-pt/feature.html>.

Em suma, as etapas do trabalho desta pesquisa deram-se, portanto, da seguinte maneira:

- a) construção, aplicação e análise de questionário;
- b) coleta e análise de material didático;
- c) elaboração do roteiro e realização dos Grupos Focais online;
- d) transcrição do Grupo Focal;
- e) análise do corpus;
- f) sugestões e encaminhamentos.

Nas sessões que seguem apresento uma descrição mais detalhada de cada etapa. Na seção 3.2 encontra-se uma apresentação da técnica de questionário e suas principais características. Em 3.3 temos o detalhamento da elaboração e aplicação dos questionários desta pesquisa. Na seção 3.4 há a descrição do material didático coletado. Em seguida, na seção 3.5, apresento a técnica de Grupo Focal e suas peculiaridades. Em 3.6 temos o relato da construção e realização dos Grupos Focais desta pesquisa. Na seção 3.7 encontra-se a descrição dos participantes do Grupo Focal e uma descrição da Abordagem Educacional por Princípios, que é o contexto educacional em que se inserem os participantes.

3.2 A técnica de questionário e suas características

A escolha do questionário como um dos métodos de coleta de dados deveu-se ao cunho empírico da pesquisa. O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Dentre os benefícios da utilização dos questionários estão: a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que pode ser preenchido online; b) implica menores gastos; c) garante o anonimato das respostas se este for importante para a pesquisa; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) diminui a interferência do pesquisador na

resposta do sujeito pesquisado; e f) facilita a conversão dos dados para arquivos de computador.

Há que se considerar também os pontos negativos do uso desta técnica (GIL,1999) notadamente a) há dificuldade de comprovar respostas ou esclarecê-las; b) há dificuldade de pontuar questões abertas; c) dá margem a respostas influenciadas pelo desejo de “acertar”; e d) pode deixar margem para ambiguidades. Entretanto, como o objetivo da aplicação do questionário nesta pesquisa era apenas oferecer subsídios para montagem de um roteiro para o debate do Grupo Focal, as desvantagens foram minimizadas neste caso particular.

3.3 Elaboração e aplicação dos questionários

Com o objetivo de fazer uma coleta de dados piloto para obtenção de informações iniciais que pudessem inspirar a construção do roteiro do Grupo Focal, instrumento principal de formação do corpus de análise, foi construído um questionário com perguntas objetivas e dissertativas. Além de desvelar os temas mais recorrentes nas respostas dos sujeitos pesquisados, para que pudessem ser aprofundados no debate, a aplicação dos questionários também forneceu a possibilidade de selecionar os professores que participariam do posterior Grupo Focal.

O questionário desta pesquisa foi construído utilizando as recomendações de formatação do IPEA (MEDEIROS, 2005) e os pontos discutidos em Chaer (2011), no que concerne ao tipo de questões e organização deste instrumento de coleta de dados para pesquisas educacionais. O questionário apresenta 6 perguntas que objetivam traçar o perfil do respondente. Em seguida uma sequência de 15 perguntas, sendo seis questões de múltipla escolha e nove questões discursivas. Das seis perguntas objetivas, uma é do tipo “sim ou não”. Das demais, cinco delas são perguntas com respostas pré-categorizadas e opções limitadas, e uma permite que o respondente acrescente uma resposta diferente das opções apresentadas. Uma das questões objetivas é seguida de um pedido de justificativa, esse discursivo. As perguntas discursivas em sua maioria pedem a opinião do respondente sobre determinado assunto. O conteúdo das perguntas foi inspirado por conversas prévias

com professores e gestores escolares sobre o assunto “Ensino de Oratória”, assim como por conversas com membros da AECEP, a partir das quais buscamos uma investigação inicial das opiniões dos docentes sobre o assunto.

O questionário (Apêndice A), então, foi distribuído a professores e gestores de escolas de Educação por Princípios participantes do 28º Workshop Nacional da AECEP, realizado na Universidade Mackenzie, na cidade de São Paulo, no mês de junho de 2019, que contou com participantes de todas regiões do Brasil. Embora este instrumento pudesse ter sido aplicado online, pareceu-me conveniente aproveitar a reunião de aproximadamente 900 professores de escolas por princípios para solicitar que contribuíssem com esta pesquisa acadêmica. Apesar de as respostas aos questionários terem sido dadas por escrito em formulários de papel, todas as respostas foram posteriormente transcritas para o mesmo questionário no formato *Google Docs* a fim de facilitar a tabulação dos dados. O preenchimento do questionário foi facultativo aos participantes. Foram devolvidos 184 questionários respondidos.

Os dados coletados através das respostas ao questionário aplicado aos 184 professores de escolas de AEP de todo o Brasil foram de grande importância para nortear a construção do roteiro de discussão do grupo focal que descreverei em seção posterior.

3.4 A técnica de Grupo Focal e suas características

A técnica de Grupo Focal é uma das possibilidades de instrumento de coleta de dados em pesquisas qualitativas. Segundo Liebscher (1998), para utilizar métodos qualitativos é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas, e entre pessoas e sistemas. Por isso, juntamente com as entrevistas não direcionadas e semiestruturadas, o uso do Grupo Focal tem se popularizado neste tipo de pesquisa.

Nas palavras de Caplan (1990), os grupos focais são pequenos grupos de pessoas reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas. Esses grupos ajudam a aprofundar o conhecimento das necessidades de profissionais, usuários de serviços e clientes, entre outros. A técnica envolve uma discussão objetiva,

conduzida ou moderada, que introduz um tópico a um grupo de respondentes e direciona sua discussão sobre o tema, de uma maneira não estruturada e menos artificial do que uma entrevista estruturada (PARASURAMAN, 1986). O objetivo principal do Grupo Focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes acerca de um determinado assunto. O interesse é aprender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências. O foco é a interação dentro do grupo. Os participantes influenciam uns aos outros pelas respostas às ideias e colocações durante a discussão, estimulados por comentários ou questões fornecidos pelo moderador. As características da técnica de Grupo Focal visam a atingir esses objetivos.

O Grupo deve se iniciar com uma reunião de quatro a dez pessoas selecionadas com base em suas características, homogêneas ou heterogêneas. Este número de participantes deve ser observado com cuidado. Um número pequeno demais ou muito grande de participantes pode resultar em problemas no que diz respeito à interação que, nos dois casos, pode ficar comprometida. Johnson (1994) afirma que uma maior diversidade e profundidade de respostas pode ser obtida através da energia gerada pelo grupo. Isto quer dizer que o esforço combinado das pessoas do grupo produz mais informações e com maior riqueza de detalhes do que o somatório de respostas individuais e, para que essa sinergia funcione, é preciso que haja um número adequado de pessoas no grupo.

Para um resultado satisfatório, de acordo com Dias (2000), a discussão do Grupo Focal deve durar cerca de duas horas. O moderador deve direcionar e redirecionar a discussão, interrompendo apenas quando se fizer necessário. Os participantes devem ter o máximo de liberdade possível para se expressar e interagir com o grupo. Sob a ótica dos participantes, o Grupo Focal é completamente flexível e não estruturado. Entretanto, o planejador e o moderador devem ter o fio da discussão sob controle, sem inibir a participação espontânea.

Dias (2000) considera o planejamento um dos principais elementos do Grupo Focal. Nesta primeira etapa dão-se o estabelecimento dos objetivos, a escolha e orientação do moderador, a elaboração da lista de questões para discussão compondo um guia, a seleção, convite e autorização dos participantes e a escolha de um local adequado e equipamentos para gravação.

No que diz respeito à designação de um moderador, Giovinazzo (2001, p. 9) ressalta que “o baixo envolvimento é importante quando os objetivos enfatizam a

pesquisa exploratória e também quando incluem a análise de conteúdo.” Por outro lado, a autora acredita que “os altos níveis de envolvimento são mais apropriados quando existe forte agenda a ser cumprida, como comparar o pensamento de novos grupos de participantes com o que tem sido encontrado em sessões prévias.” O moderador deve conhecer muito bem os objetivos da pesquisa e deve se manter neutro tanto quanto possível. Segundo Giovinazzo (2001), o envolvimento de forma inadequada pode gerar dados que reproduzirão o viés do moderador e não as visões dos integrantes do grupo. Um ponto a favor do alto envolvimento é a facilidade de interrupção das discussões não-produtivas promovendo a discussão do tópico de maior interesse do pesquisador.

Giovinazzo (2001) destaca ainda as características necessárias ao moderador para o bom funcionamento do Grupo Focal. O líder escolhido deve ter capacidade de criar empatia rapidamente, de perceber quando um tópico já se esvaziou ou está se tornando ameaçador; além de ser flexível, também deve ser capaz de controlar as influências no grupo. Essas qualidades são consideradas essenciais para que o engajamento dos participantes possa ser livre, dirigindo seus comentários aos outros participantes e não apenas ao moderador. Dias (2000) ressalta que uma vez que o Grupo Focal visa à geração de ideias e opiniões espontâneas, a participação de todos é fundamental, mas é importante que não se sintam coagidos a expressar suas opiniões e ideias

Quanto à preparação da lista de perguntas, ou o roteiro da discussão, Giovinazzo (2001) recomenda que as questões sejam organizadas em grupos de tópicos e ordenadas em uma sequência lógica. Caplan (1990) sugere uma progressão natural dos assuntos, partindo de tópicos mais gerais até chegar ao foco específico da pesquisa. O moderador deverá tomar cuidado para não seguir de modo rígido a ordem predeterminada dos tópicos no roteiro, pois isso seria uma abordagem imprópria para o Grupo Focal.

Ainda sobre o roteiro, Krueger (1994) aponta que um Grupo Focal típico deve conter por volta de doze questões, as quais podem ser de sete tipos diferentes, a saber: a) questões abertas; b) questões introdutórias; c) questões de transição; d) questões-chave; e) questões-finais; f) questões resumo; e g) questão final. O uso destes diferentes tipos de questões ajuda na progressão do conteúdo enquanto direciona a discussão para o ponto focal da pesquisa.

A segunda etapa do Grupo Focal é a realização da reunião em si. Todas as orientações do planejamento devem ser observadas. A escolha do local deve primar pela necessidade de não haver interrupções ou ruídos na comunicação. O sucesso da discussão certamente ocorrerá se todas as recomendações forem seguidas, especialmente no que diz respeito à habilidade e independência do moderador e à escolha de participantes que consigam se expressar bem e que se sintam confortáveis em compartilhar ideias e sentimentos.

A última etapa, e também considerada a mais difícil, é a etapa de análise dos dados. Não é suficiente transcrever o que foi dito. Para Aaker (1990), um relatório eficiente de uma seção de Grupo Focal deve capturar toda a gama de impressões e observações de cada tópico e a interpretar sob a luz das possíveis hipóteses a serem testadas posteriormente. Quando se relata um comentário, não é suficiente apenas repetir o que foi dito, mas colocá-lo dentro do contexto, para que suas implicações fiquem mais evidentes.

Diante do exposto, a escolha da técnica de Grupo Focal nos pareceu acertada para a nossa pesquisa. A análise de algumas vantagens e desvantagens, embasou a escolha do instrumento. Segundo Mattar (1993), as principais vantagens do Grupo Focal em relação aos demais instrumentos de pesquisa são:

- Sinergismo, sendo o resultado obtido com a participação simultânea de todos os entrevistados mais rico do que se todos fossem entrevistados individualmente;
- Interação entre os participantes da discussão que enriquece os resultados;
- Estimulação;
- Profundidade;
- Amplo leque de dados possíveis de se obter;
- Rapidez na coleta;
- Espontaneidade e naturalidade nas colocações;
- Flexibilidade para o moderador dirigir a discussão para um novo tópico interessante que tenha surgido e que não havia sido previsto.

Desta forma, passamos ao planejamento do Grupo Focal desta pesquisa.

3.5 Planejamento e desenvolvimento do Grupo Focal nesta pesquisa

O objetivo central do Grupo Focal nesta pesquisa era foi coletar dados para identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito do ensino de Oratória e aspectos relacionados a essa questão. Busco compreender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências e, ainda, como as avaliam. A técnica foi escolhida partindo do pressuposto que a interação gerada pelo grupo resulta em maior diversidade e maior profundidade de respostas; isto é, o esforço combinado do grupo produz mais informações e com maior riqueza de detalhes do que o somatório das respostas individuais (Johnson, 1994).

Os 4 professores selecionados para participar do Grupo Focal (a partir dos questionários respondidos) foram contatados por e-mail, esclarecidos acerca dos objetivos da pesquisa e da proposta do Grupo Focal e convidados a participar. Mediante sua aceitação de livre e espontânea vontade em participar da discussão, que seria gravada com a ciência e autorização dos participantes, foi marcada uma data compatível com a agenda de todos. O roteiro do Grupo Focal (Apêndice B) foi construído a partir dos temas mais relevantes que apareceram nas respostas aos questionários, assim como, temas que necessitei de maior esclarecimento. A realização e registro da discussão do Grupo Focal se deu através da plataforma digital Zoom.

Os temas abordados foram:

1. O QUE É ORATÓRIA? COMO VOCÊ ACHA QUE ELA ACONTECE NA VIDA DAS PESSOAS?

Respostas espontâneas.

2. IMPORTÂNCIA DA ORATÓRIA / DISCIPLINA CURRICULAR X ENSINO EM TODAS AS DISCIPLINAS

Comentários a partir de *input* (slides com falas de professores com opiniões divergentes).

3. VOCÊ ENSINA ORATÓRIA PARA SEUS ALUNOS? QUANDO? COMO? RELATO DE EXPERIÊNCIAS.

Respostas espontâneas.

4. É FÁCIL OU DIFÍCIL INCLUIR O ENSINO DE ORATÓRIA NA ESCOLA?

Comentários a partir de *input* (slides com falas de professores com opiniões divergentes).

5. A RESPONSABILIDADE DA ESCOLA CRISTÃ NO ENSINO DE ORATÓRIA

Comentários a partir de *input* (slides com falas de professores com opiniões divergentes).

6. QUAL SERIA O CENÁRIO IDEAL PARA VOCÊ ENSINAR ORATÓRIA NA SUA ESCOLA HOJE?

Respostas espontâneas.

Como moderadora, iniciei a seção esclarecendo aos participantes os seus direitos: a) direito de confidencialidade (não divulgação de seu nome); b) direito de ser tratado com dignidade; c) direito de saber que tudo estava sendo gravado; e d) direito de não ser obrigado a responder nenhuma pergunta.

Em seguida, expliquei como seria a dinâmica da discussão, que ocorreu conforme segue:

a) A moderadora apresenta o tema através de um slide compartilhado na tela de todos. Após a proposição do tema, motivados pelo *input* no *slide*, os participantes devem comentar livremente sobre o tema proposto.

b) A ordem de participação dos professores foi mudada a cada tema para que a cada vez um professor diferente fosse o primeiro a comentar.

c) Os professores foram orientados a comentar os temas buscando concordar ou discordar das falas apresentadas nos slides.

d) Os professores foram orientados a comentar as falas uns dos outros quando desejassem.

3.6 A descrição dos participantes

Os participantes do Grupo Focal foram 4 professores de escolas de Educação por Princípios. No que diz respeito à localização das escolas em que trabalham, havia uma professora do Rio de Janeiro, uma professora de São Paulo e dois professores do Rio Grande do Norte. Os professores enquadravam-se na faixa etária de 23 a 40 anos de idade. Com relação ao tempo de trabalho em escolas de Educação Por Princípios, três professores trabalham há menos de três anos e um há mais de cinco anos nas escolas onde hoje lecionam. A formação dos professores é: dois professores com licenciatura apenas e dois professores com pós-graduação *latu sensu*. Dos quatro professores participantes, dois são professores de língua portuguesa, um de língua portuguesa e inglesa e um ministra todas as disciplinas para o ensino fundamental 1 (formação em pedagogia). Todos os professores deste grupo atuam no Ensino Fundamental I e alguns deles atuam no Fundamental II também.

Como nossa pesquisa está ligada diretamente ao contexto de escolas cristãs que se utilizam da metodologia de Educação por Princípios, entendo que é necessário conhecer o contexto de trabalho destes professores como forma de melhor compreender suas práticas sociais. Assim, visitei escolas por princípios no estado do Rio de Janeiro e busquei literatura sobre o assunto. Passo agora a descrever a AEP em concordância com a proposta da análise positiva, segundo a qual, ao conhecermos a comunidade, é possível rever a circulação dos textos e dos gêneros que nela são veiculadas, pois são eles que podem empoderar os usuários que nela interagem, possibilitando a compreensão do individual, do pessoal, do local e sua integração como parte do global.

3.7 A Educação por Princípios como contexto educacional dos participantes

Conforme propõe Martin (2004), conhecer as características da comunidade pesquisada leva a uma análise linguística mais integrada. Nesta pesquisa,

compreendo que, por tratar-se de uma abordagem educacional muito específica, é necessário conhecer o contexto das escolas de Abordagem Educacional por Princípios a fim de relacionar as características deste contexto aos significados que são produzidos pelos membros de sua comunidade. Passo, então, a descrever as principais características da AEP.

O termo “Abordagem por Princípios” teve origem na obra de Rosalie Slater de 1965 intitulada “*Teaching and Learning America’s Christian History: The Principle Approach.*” Slater, considerada a precursora do método educacional conhecido no Brasil como Educação por Princípios, baseou-se na obra de Verna Hall (1960) “*The Christian History of Constitution*”, e identificou que os fundadores da nação americana raciocinavam a partir de sete princípios bíblicos nas áreas de História e governo.

Segundo a AECEP– Associação de Escolas de Educação por Princípios no Brasil, os ideais de Educação por Princípios chegaram ao Brasil ainda na década de 1980, quando a professora Cida Mattar conheceu Paul Jehle, professor americano estudioso do tema, iniciou um estágio na Escola do Novo Testamento – “*The New Testament Christian School*”, Plymouth – Massachusetts USA, e sentiu-se impelida a trazer essa visão de educação para o solo brasileiro. A fundação da primeira Escola por Princípios no Brasil, a Escola Cristã, em Minas Gerais, ocorreu no dia 9 de fevereiro de 1989, com quatro turmas e 49 alunos. No dia 9 de abril de 1997, Roberto Rinaldi e Cida Mattar fundaram a AECEP em São Paulo, com oito escolas associadas. Hoje, a rede de ensino brasileira conta com mais de 110 escolas de Educação por Princípios, com maior concentração nos estados de São Paulo e Minas Gerais.

A Abordagem Educacional por Princípios é uma abordagem cristã de ensino e aprendizagem que parte do raciocínio sobre verdades bíblicas e identifica os fundamentos do conhecimento, conduzindo à reflexão de causa-efeito, visando produzir entendimento realizador e caráter cristão. Segundo a AECEP, sua aplicação consistente contribui para formar erudição baseada numa cosmovisão cristã e líderes servidores aptos a cumprir o propósito de Deus com suas vocações. Slater (1965) demonstrou que a Abordagem por Princípios era o método bíblico de raciocínio cristão que fazia das verdades da Bíblia Sagrada a base de cada componente no currículo escolar.

Paul Jehle (2016) identifica os sete princípios que são aplicados na aprendizagem de todo e qualquer tópico do currículo escolar na Abordagem por Princípios: Autogoverno, Semear e Colher, Mordomia, Caráter, Soberania, Individualidade e União. Alves (2015) defende que identificar os princípios presentes em um componente curricular auxilia os estudantes no aprendizado de toda uma vida, não apenas como fonte de conhecimentos na informação ou fatos, mas preparando-os a aprender com autonomia. A autora baseia-se em Albert Einstein, segundo quem:

Se uma pessoa domina os fundamentos de sua área de conhecimento e sabe pensar e trabalhar de maneira independente, certamente encontrará o seu caminho e, além disso, estará mais bem capacitada a adaptar-se para aprender e adquirir conhecimento detalhado. (EINSTEIN apud LYONS, 2006, p. 10).

A metodologia da AEP prevê que os conteúdos de todas as disciplinas sejam abordados através da chamada Pesquisa 4 Passos: 1) Pesquisar; 2) Raciocinar; 3) Relacionar e; 4) Registrar. Dessa maneira, a abordagem visa oferecer ferramentas para que os estudantes possam buscar conhecimento de todas as disciplinas de maneira autônoma, raciocinar sobre o que pesquisaram, relacionar com outros conhecimentos ou situações aplicáveis à sua vida e por fim serem capazes de expressar-se criativamente sobre o tema estudado.

Por se tratar de uma proposta de educação com base em princípios bíblicos, os preceitos norteadores dessa abordagem educacional estão fundamentados numa visão cristã de mundo. Essa cosmovisão refere-se ao conjunto das distinções filosóficas e religiosas que caracterizam o Cristianismo em relação a questões como a natureza da verdade, a existência do homem, o sentido do universo e da vida, os problemas da sociedade, dentre outros. Ela moldará o pensamento do cristão sobre todas as coisas que o cercam. Cosmovisão, segundo James W. Sire (2017), é:

[...] um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso em uma história ou em um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento no qual vivemos, nos movemos e existimos (SIRE, 2017).

Souza (2015) aponta que, cada disciplina revela certo aspecto do caráter de Deus, pois todo conhecimento procede dessa fonte. Os conhecimentos de todas as disciplinas são construídos a partir de uma visão bíblica, onde a principal fonte de pesquisa é o texto da Bíblia Sagrada.

A Abordagem por Princípios pode ser considerada um método de educação clássica, ou seja, o currículo dá ênfase às Ciências Humanas, aos clássicos de Literatura, Arte e Música, ao estudo das línguas, à lógica, à arte de pensar e raciocinar e à retórica, à arte de falar com propriedade, elegância e força. Como mencionado anteriormente, na sugestão curricular apresentada por Paul Jehítile (2006), palavras como retórica, dicção, memorização e discurso aparecem nas ideias-guia para o ensino de gramática desde os 3 anos de idade. A partir do 9º ano, observa-se que toda a diretriz para o ensino de gramática gira em torno de Composição e Discurso, com tópicos como análise da audiência, organização de discursos persuasivos, lógica, estilos de fala e defesa de tese. Uma das práticas das escolas de AEP é a realização da Conferência Final de Série, na qual estudantes desde o 3º ano do ensino fundamental devem proferir um discurso oral sobre algum tema estudado no ano letivo como requisito parcial para sua aprovação.

Observa-se, portanto, nesta abordagem uma grande valorização das habilidades de Oratória. Esta importância que a Oratória recebe no currículo das escolas de Educação por Princípios, pelo menos teoricamente, torna essas instituições um espaço importante para esta pesquisa. Procurar compreender como a filosofia educacional da EP se dá na prática do ensino de habilidades de Oratória na educação básica, parece que irá auxiliar na resposta às nossas perguntas de pesquisa. Espero também, contribuir para o desenvolvimento da Abordagem Educacional por Princípios, apontando para ações de melhoria nas práticas pedagógicas realizadas nas escolas brasileiras que utilizam esse método.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O interesse desta tese é investigar, por meio de pesquisa empírica e análise linguística de perspectiva funcionalista, como são construídos e negociados os conceitos e valores do ensino de Oratória no âmbito das escolas de Abordagem Educacional por Princípios em vários estados do Brasil. Como descrito no capítulo de Metodologia, pretende-se que este objetivo seja atendido através de: a) análise de questionários; b) análise de materiais didáticos; e c) análise do discurso de professores quando em debate num grupo focal sobre o tema ensino de Oratória. Os três tipos de análise e seus resultados serão cruzados a fim de obter fidedignidade na pesquisa. Tendo coletado dados e construído o corpus conforme descrito no capítulo 3, passo neste capítulo à análise do corpus. Início com a análise dos 184 questionários aplicados à professores de escolas de Educação por Princípios em todo o Brasil. Em seguida, apresento uma discussão sobre os materiais didáticos de ensino de Oratória. As duas primeiras análises realizadas serviram de impulso para a elaboração do roteiro do grupo focal, cuja análise é apresentada em seguida.

4.1 Análise dos questionários

Conforme relatado no capítulo de Metodologia, com o intuito de inspirar e orientar a construção do roteiro de discussão do Grupo Focal, foram aplicados questionários a 184 professores de escolas de Educação por Princípios em todo o Brasil. Passo agora a analisar as respostas dadas a estes questionários e a discutir a maneira como elas auxiliaram na confecção do roteiro do Grupo Focal.

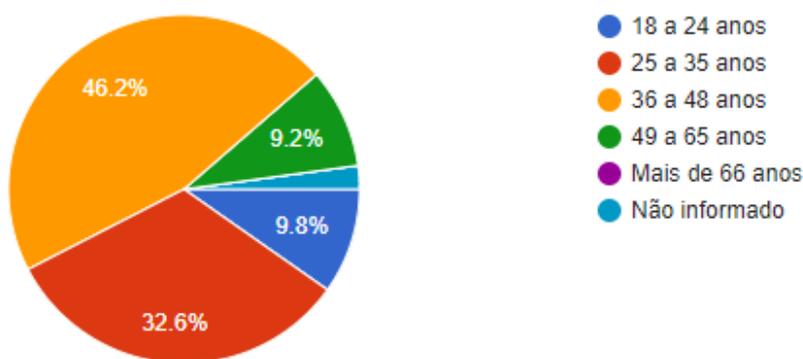
A primeira parte do questionário objetiva caracterizar os participantes. Apresento abaixo os dados coletados que identificam os sujeitos acompanhados dos gráficos gerados pelo *Google Forms* sobre as respostas dadas.

Dos que responderam ao questionário, 86,4% são do sexo feminino, enquanto 13,6 % masculino. A maior parte dos professores respondentes está na faixa etária de 36 a 48 anos. O grupo de professores de 25 a 35 anos também se destacou em relação ao total de professores respondentes.

Figura 10 – Faixa etária dos professores pesquisados

Idade

184 responses



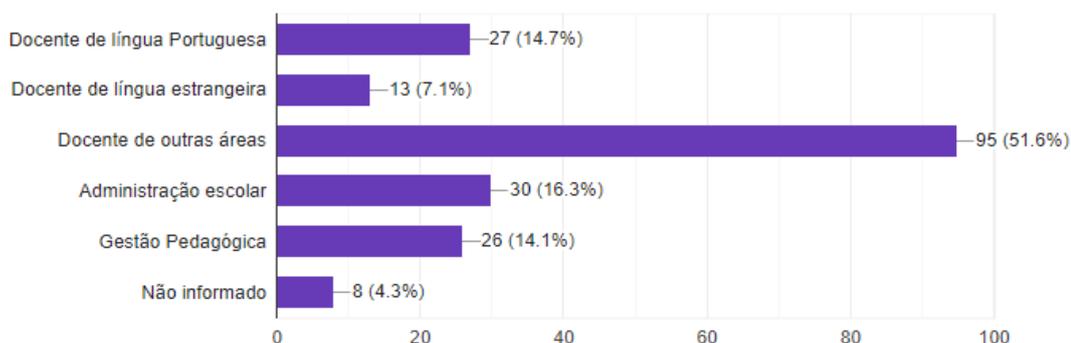
Fonte: A autora, 2022.

No que diz respeito à área de atuação dos respondentes no ambiente escolar, mais da metade identificou-se como professor de outras disciplinas que não língua portuguesa ou estrangeira. É importante ressaltar que estão enquadrados nessa categoria aqueles professores de Ensino Fundamental 1, com formação em pedagogia, que são regentes de turmas e ministram todas as disciplinas para seu grupo de alunos.

Figura 11 – Área de atuação dos professores pesquisados

Função (mais de uma opção é possível):

184 responses



Fonte: A autora, 2022.

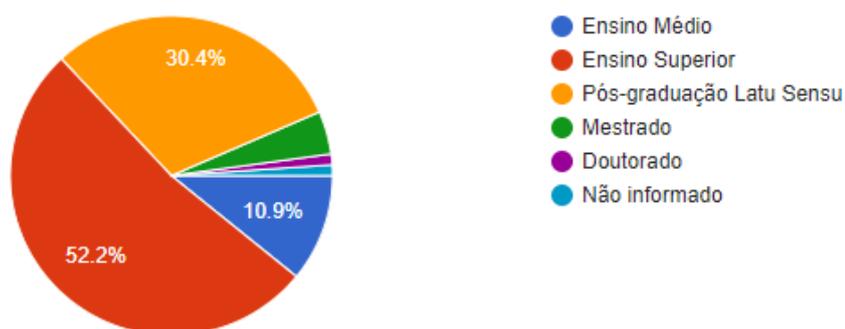
Observei posteriormente que teria sido produtivo perguntar o segmento em que esses professores lecionam, já que o ensino de Oratória pode se dar de maneira bem variada nos diferentes estágios educacionais. Esta informação foi solicitada aos professores participantes do grupo focal e foi um dos critérios de seleção desses docentes a fim de debatermos sobre um mesmo segmento.

Em relação à formação dos professores respondentes dos questionários, temos uma maioria (52,2%) de professores com formação em nível superior e um grande número de professores com pós-graduação *Latu Sensu* (30,4%), conforme mostra o gráfico abaixo:

Figura 12 – Formação dos professores pesquisados:

Formação

184 responses



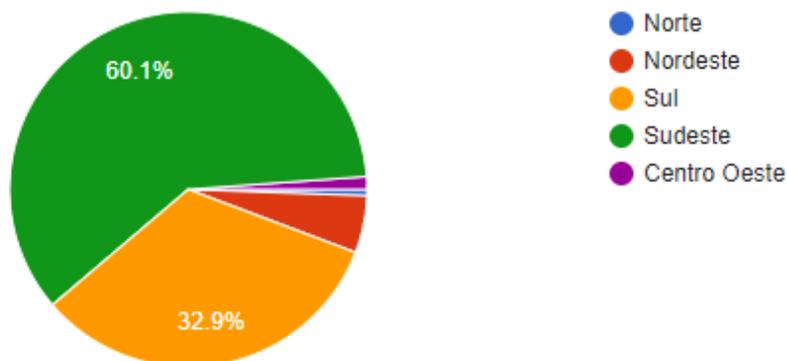
Fonte: A autora, 2022.

A localização regional onde trabalham estes professores está expressa no gráfico seguinte e apresenta majoritariamente professores na região sudeste. Dos 184 respondentes, 11 não informaram a sua região de trabalho.

Figura 13 – Região de trabalho dos professores pesquisados

Região

173 responses



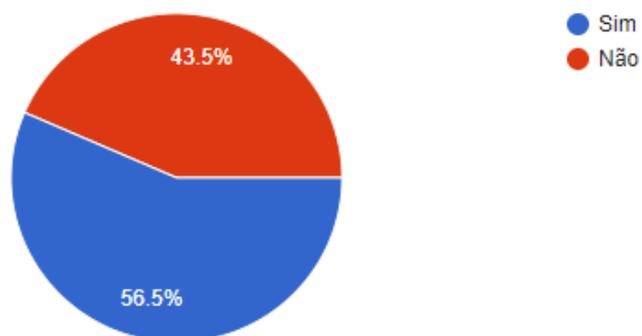
Fonte: A autora, 2022.

43.5% dos professores declararam que sua escola não pratica o ensino de Oratória nem mesmo de maneira informal, enquanto 56,6% dos respondentes afirmam que este ensino ocorre de alguma maneira.

Figura 14 – Presença do ensino de Oratória nas escolas pesquisadas

Há ensino de oratória em sua escola, mesmo que de maneira não formal?

177 responses



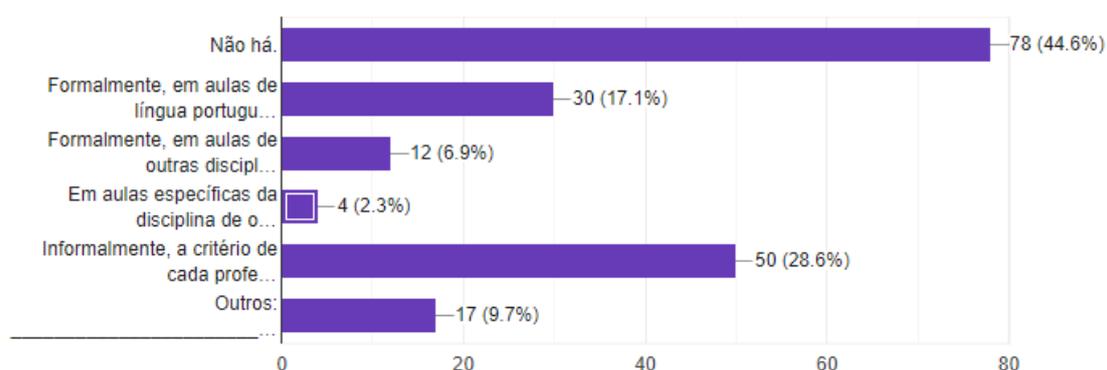
Fonte: A autora, 2022.

Segundo as respostas dos professores, a maioria das escolas que oferecem ensino de Oratória o fazem de maneira informal, a critério de cada professor. Apenas 2,3% dos professores afirmam que suas escolas oferecem aulas específicas da disciplina de Oratória. Nove professores não responderam a esta pergunta e 9,7% dos respondentes indicaram que suas escolas trabalham a Oratória de outra maneira.

Figura 15 – Como se dá o ensino de Oratória nas escolas pesquisadas

Como se dá este ensino?

175 responses



Fonte: A autora, 2022.

Passo, então, a uma breve análise das respostas opinativas dos questionários que, de alguma maneira, contribuíram para a elaboração do roteiro do debate posterior. Conforme mencionado no capítulo de Metodologia, não utilizei aqui a aplicação de categorias linguísticas do Sistema de Avaliatividade, mas somente fiz uma análise de conteúdo para nortear a construção da pauta de discussão do Grupo Focal.

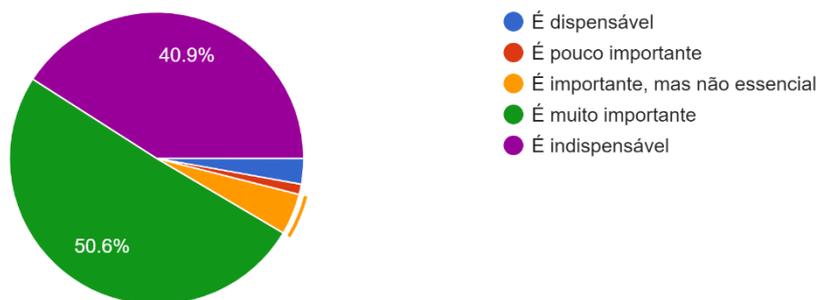
Quando perguntados sobre a importância que dão ao ensino de Oratória, metade dos respondentes consideram este ensino muito importante. Em adição, outros 40% dos docentes acham que não se pode abrir mão deste tipo de ensino na escola básica. Neste ponto, o resultado apurado vai ao encontro da nossa hipótese prévia de que professores, e sociedade em geral, valorizam a habilidade de Oratória e pensam que seu desenvolvimento é de grande importância. Considerando que aqueles que responderam que o ensino de Oratória “é indispensável” o fazem por

considerá-lo “muito importante”, somando as duas últimas categorias temos 91,5% dos docentes. O gráfico abaixo ilustra a contabilização das respostas a este item.

Figura 16 - Importância do ensino de Oratória

Qual a importância que você atribui ao ensino de oratória na escola básica?

176 responses



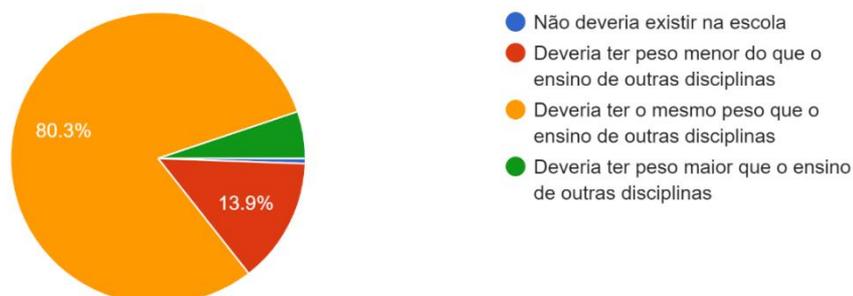
Fonte: A autora, 2022.

Em consonância com a resposta acima, cerca de 80% dos docentes consideram que o ensino de Oratória deveria receber nas escolas o mesmo peso dado ao ensino de outras disciplinas, o que aponta para a Oratória como uma habilidade tão importante quanto o conhecimento da matemática, das ciências ou das artes, na opinião destes professores. O gráfico abaixo ilustra o ponto de vista dos respondentes sobre o peso que o ensino de Oratória deve ter em relação a outras disciplinas.

Figura 17 – Peso do ensino de Oratória

Para você, o ensino de oratória:

173 responses



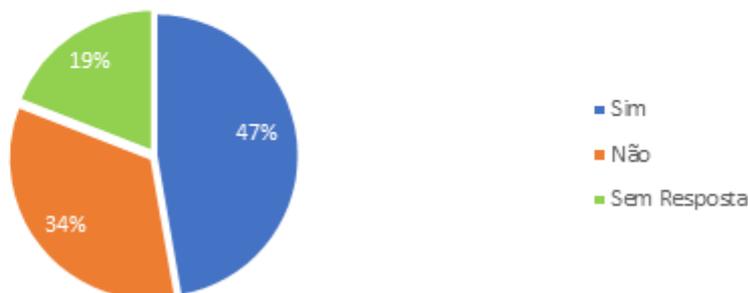
Fonte: A autora, 2022.

Comparando as porcentagens de respostas que apontam para uma grande valorização do ensino de Oratória por parte dos professores com a quantidade de escolas que oferecem ensino nesta área percebo uma contradição: o ensino de Oratória é considerado muito importante ou indispensável para 90% dos professores, entretanto apenas cerca de 2% das escolas dos professores consultados oferece uma disciplina de Oratória na sua grade curricular e outros 24% ensinam Oratória formalmente em aulas de língua portuguesa ou estrangeira. As demais ou não ensinam Oratória ou o fazem informalmente. Analisando estes dados, o valor conferido ao ensino de Oratória por estes professores não parece se concretizar em uma prática pedagógica real nas escolas. Por que isso acontece? Neste ponto, ressurgue uma das perguntas desta pesquisa. Há entraves para implantação de um ensino de Oratória das escolas brasileiras de Educação por Princípios? Se há, qual a natureza desses entraves?

Quando perguntados se a escola em que trabalham dá o devido valor ao ensino de Oratória, 47,3% dos professores respondem que sim e uma grande parte não oferece resposta a esta pergunta, conforme mostra o gráfico abaixo:

Figura 18 – Atenção da escola ao ensino de Oratória

**Na sua opinião, sua escola dá a atenção devida ao desenvolvimento da oratória de seus alunos?
Por quê?**



Fonte: A autora, 2022.

Neste ponto, questionei-me qual seria o entendimento dos professores respondentes sobre “o devido valor” da Oratória, visto que 91,5% dos professores avaliam a disciplina como importante ou indispensável. As justificativas iluminaram um pouco o entendimento e levaram-me a perceber uma compreensão quase unânime do que seria dar valor à Oratória e até mesmo o que esses professores consideram ser Oratória. Eis aqui alguns exemplos de respostas para ilustrar:

1. “Sim. A oralidade (conhecimento exposto) é estimulada e valorizada desde a Ed. Infantil.”
2. “Entendemos que o fato de falar “bem” contribui para o desenvolvimento bem como auxilia nas relações pessoais.”
3. “Acredito que (a escola??) dá essa atenção estimulando as apresentações em classe frequentemente e nas feiras culturais.”
4. “Sim, através das aulas e também do lúdico, como apresentações em jograis, teatro e música, onde também é despertado para a Oratória.”
5. “Sim, pois possibilita em vários momentos apresentação de trabalhos, dinâmicas etc.”
6. “Somos orientados a deixar as crianças se expressarem e demonstrarem suas ideias.”

As respostas acima são apenas alguns exemplos do discurso que parece estar presente na quase totalidade das respostas daqueles que informaram que, sim,

sua escola dá o devido valor à Oratória. Observa-se que a maior parte dos professores usa os termos “deixar as crianças se expressarem”, “possibilitar apresentar trabalhos”, “apresentações de teatro e música”, “apresentações em frente à classe”. Estas expressões nos levam a crer que os professores acreditam que dar oportunidade ao aluno de falar é dar o devido valor ao desenvolvimento das habilidades de Oratória. Por isso, apesar de apenas uma pequena minoria das escolas oferecer um ensino mais formal de Oratória, os professores consideram que é suficiente oportunizar a expressão oral dos alunos para que se esteja, então, dando valor à Oratória. De todas as respostas sim a este item, nenhuma falou em persuasão, discurso ou debate, e apenas uma delas usou a palavra “argumentar”, conforme o exemplo abaixo:

7. “Sim, pensando na forma de trabalhar com os alunos como argumentar no meio que o cerca (sociedade) e que leve para seu futuro.”

Analisando respostas a outras perguntas do questionário, que serão abordadas aqui em seguida, observamos a mesma ausência de relação da palavra Oratória com a construção de argumentação persuasiva na expressão oral. Em geral, parece que, para estes professores, Oratória é apenas a capacidade de se expressar oralmente de forma a se fazer entender. Não foram observadas respostas que mencionassem a instrução para organização lógica e persuasiva do discurso.

Nesta pesquisa, a concepção de Oratória está ligada não apenas às habilidades físicas e psicológicas do discurso oral como dicção, desinibição, postura, etc. ou à mera expressão de pensamento através da fala, mas também à construção do discurso de maneira a utilizar argumentos que considerem o orador e seu auditório, aquilo que eles têm em comum, os objetivos do discurso e, principalmente, o efeito desse discurso para persuasão do auditório (ARISTÓTELES, [384-322 a.c.], 2011, PERELMAN, 1996 e WEBSTER, 1828) considerando o ato humano de falar como essencialmente argumentativo (KOCH, 2011). Assim, surge aqui a necessidade de aprofundar com os professores participantes do grupo focal o que entendem por Oratória. Desta forma, será possível alinhar o entendimento e compreender a maneira como avaliam esse objeto de pesquisa que é o ensino de Oratória.

A partir desta percepção de que a concepção dos professores do que é Oratória é superficial e mal-informada, parece-me que uma das principais ações para

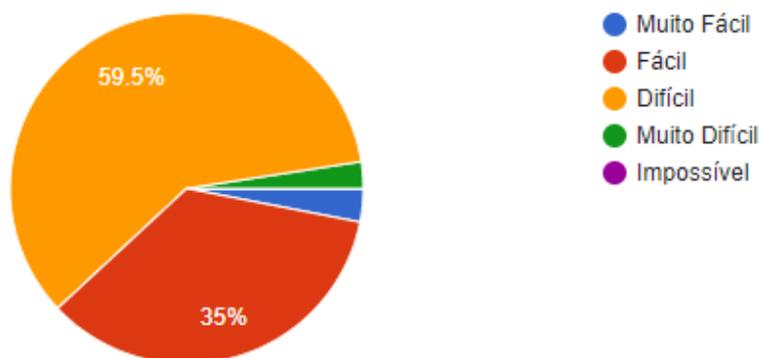
iniciar um efetivo ensino de Oratória em escolas de AEP é a conscientização. O termo conscientização é utilizado aqui no sentido de não apenas trazer à consciência ou conhecer, mas experimentar uma renovação da mente em relação ao assunto tratado, baseada na tríade REFLETIR – CRIAR – APLICAR, apresentada por Jehle (2015). A necessidade desta conscientização será esmiuçada mais adiante nesta tese. Parece fundamental que professores, gestores e até mesmo alunos compreendam o que é a Oratória nos moldes em que ela historicamente foi estudada e praticada (conforme a definição utilizada nesta pesquisa) e sejam chamados a fazer descobertas e reflexão sobre o assunto.

Questionados sobre se é fácil ou difícil ensinar Oratória em suas escolas, 59,5% dos docentes responderam que é difícil, enquanto 35% responderam que é fácil, conforme ilustra o gráfico abaixo. Observa-se um índice um pouco maior de ausência de respostas, o que pode ser ocasionado pelo fato de grande parte dos professores não considerar ensinar efetivamente a Oratória, por isso não saber se é fácil ou difícil.

Figura 19 – Nível de dificuldade de ensinar Oratória

Na sua opinião, ensinar oratória aos seus alunos na escola é:

163 responses



Fonte: A autora, 2022.

Se os dados acima apontam para a opinião dos professores de que é difícil ensinar Oratória nas escolas, o retorno à questão dos obstáculos à implantação de um ensino de Oratória corrobora essa posição. Perguntei aos professores através do questionário quais seriam os principais entraves para o ensino de Oratória a seus

alunos. Esta pergunta tinha como objetivo buscar algumas pistas para questões que precisariam ser aprofundadas no debate focal. Dos 184 professores, 4,9% não ofereceram resposta a esta pergunta, 7% disseram não haver entraves, e 88% apresentaram o obstáculo que mais lhe saltava aos olhos. Segue uma sistematização dos pontos citados nas respostas em ordem de recorrência:

- I. Carga horária/falta de espaço na grade de disciplinas;
- II. Falta de capacitação/formação/Treinamento por parte dos professores;
- III. Obrigatoriedade de “ter que cumprir” o currículo das disciplinas e cobrir os conteúdos dos livros didáticos;
- IV. Falta de conhecimento da importância da Oratória por parte da escola/ cultura da escola e da equipe;
- V. Desinteresse dos alunos/cultura local de periferia;
- VI. Resistência dos alunos por preferirem o uso de tecnologias e o costume de receber tudo pronto;
- VII. Despreparo dos alunos no uso básico da língua portuguesa; e
- VIII. Alta demanda de preparação dos alunos para provas escritas.

Interessante observarmos aqui também que alguns desses entraves dizem respeito ao professor, outros à escola e outros ainda aos alunos. Se agruparmos estes entraves considerando de quem seria a responsabilidade temos:

Entraves que dizem respeito ao professor:

- Falta de capacitação/formação/treinamento por parte dos professores;
- Falta de conhecimento da importância da Oratória.

Entraves que dizem respeito à escola:

- Carga horária/falta de espaço na grade de disciplinas;
- Obrigatoriedade de “ter que cumprir” o currículo das disciplinas e cobrir os conteúdos dos livros didáticos;
- Falta de conhecimento da importância da Oratória por parte da escola/ cultura da escola;
- Alta demanda de preparação dos alunos para provas escritas.

Entraves que dizem respeito ao aluno:

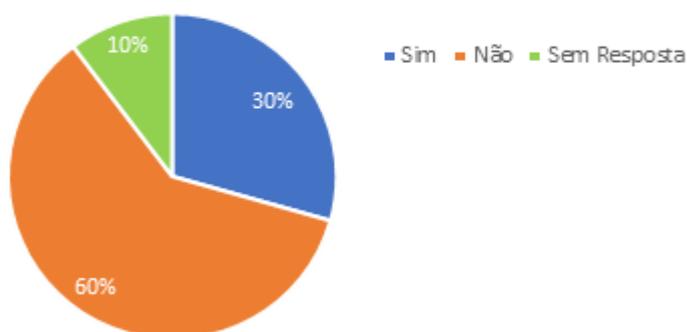
- Desinteresse dos alunos/cultura local de periferia;
- Resistência dos alunos por preferirem o uso de tecnologias e o costume de receber tudo pronto;
- Despreparo dos alunos no uso básico da língua portuguesa;

O fato de, nas respostas, dos 162 professores que apontaram algum entrave, surgirem apenas 8 temas recorrentes leva à reflexão sobre uma realidade de certa maneira unificada e não tanto local com relação ao ensino de Oratória. Estes pontos serão abordados com o Grupo Focal.

O ponto II, Falta de Capacitação/formação/treinamento por parte dos professores para o ensino de Oratória, foi particularmente abordado numa pergunta específica, já que o despreparo dos professores para tal ensino já fazia parte da hipótese inicial desta pesquisa. Quando perguntados se se consideram capacitados a ensinar Oratória para seus alunos, a grande maioria respondeu que não, conforme ilustra o gráfico abaixo:

Figura 20 – Sentimento de capacitação dos professores

Em relação à formação do professor, você se considera capacitado a ensinar oratória para seus alunos?



Fonte: A autora, 2022.

Solicitados a justificar suas respostas os professores apresentaram alguns tópicos recorrentes, que podem ser atestados nos exemplos abaixo. Justificativas de professores que NÃO se consideram capacitados:

8. “Não, pois ao decorrer de minha jornada acadêmica não tive nenhuma disciplina relacionada ou que tratasse de Oratória”.

9. “Não, por não haver uma formação adequada de métodos nesta área.”

10. “Não apenas com a faculdade de Pedagogia, mas com uma pós seria mais tranquilo.”

11. “Não com total segurança porque o conhecimento adquirido é empírico. Precisaria de um curso formal.”

12. “Não me considero capacitado. Acredito que esta capacitação poderia ser praticada na academia.”

13. “Não. O estudo universitário não promoveu grandes avanços nesse quesito. Preciso me esforçar para estudar sobre a Oratória. Mas, sabendo da importância, sempre busco estimular e ensinar o que sei sobre o assunto aos meus alunos.”

Os exemplos acima evidenciam que os professores acreditam que os cursos universitários deveriam capacitá-los ao ensino de Oratória, mas não o fizeram. Estes docentes assumem a carência de treinamento nesta área e, portanto, sentem-se incapazes de ensinar a seus alunos algo que eles mesmo não conhecem bem. Estas respostas se coadunam com pesquisas prévias citadas na introdução desta tese de que as habilidades de Oratória não são abordadas na maioria dos cursos universitários, inclusive de licenciatura.

As justificativas dos professores que responderam positivamente à pergunta “Você se considera capacitado a ensinar Oratória a seus alunos?” também apresentam regularidade de argumentos. A primeira recorrência que chama a atenção está nos exemplos 14 a 20 e aponta para o fato de que muitos professores se consideram capacitados a ensinar simplesmente pela prática diária da expressão oral. Expressões como “aprender na prática”, “gosto de falar em público” “exercício constante”, “tenho facilidade” indicam um grupo de professores que não acredita que uma capacitação formal seja necessária:

14. “Sim, pois é **uma técnica simples**, mas que exige exercício constante.”

15. “Sim, devido a experiência que tive durante todos os anos de estudo, em escolas que sempre foram preocupadas com esse aspecto da Oratória.”

16. “Sim, procuro ter uma linguagem elevada, reflexiva e erudita com os alunos e também levá-los a fazer o mesmo.”

17. “Sim, por ter facilidade nesse quesito e saber de sua importância.”

18. “A grande maioria tem aprendido na prática a qualificar-se para o ensino da Oratória.”

19. “Sim. Eu gosto de falar em público, não tenho problemas com isso, mas nunca fiz um curso de Oratória.”

20. “Sim. Porque à medida em que ensinamos já estamos praticando a nossa Oratória.”

De outra forma, há alguns professores que declaram que se consideram capacitados por terem feito cursos na área:

21. “Sim. Porém acho necessário **treinamento** específico para a Oratória, não apenas em seminários e/ou atividades expositivas.”

Se por um lado os professores dividem-se em dois grupos principais a) os que acreditam que a prática os capacita; e b) os que acreditam que a universidade ou a própria escola deveria capacitá-los a ensinar Oratória, por outro, quando perguntados sobre o desenvolvimento das habilidades de Oratória nas pessoas em geral há um discurso unânime sublinhando a necessidade de treinamento. Em particular, a pergunta “Em sua opinião, o indivíduo precisa ter treinamento formal para falar bem e persuadir ou é um dom que nasce com a pessoa? Justifique.” recebeu a quase totalidade de respostas considerando ambas as opções corretas. Esses professores acreditam que algumas pessoas nascem com um “dom especial” para serem bons oradores, mas que ainda estes necessitam de treinamento formal para o desenvolvimento da habilidade. A crença na necessidade de treinamento é verificada em alguns exemplos de respostas que representam a maioria das opiniões:

22. “As 2 coisas. Alguns nascem com o dom da Oratória; contudo é preciso estudo e aperfeiçoamento.”

23. “O indivíduo pode aprimorar os dons que possui.”

24. “O indivíduo necessita de treinamento para desenvolvimento orientado para ter consciência para si, ou seja, para saber porque e como usar de modo lógico e comunicável os fundamentos de seus argumentos.”

25. “Treinamento formal, pois acredito que é construído esta habilidade no aluno, e óbvio que neste processo grandes talentos surgem.”

26. “Há um propósito para cada um, se há um dom pode ser desenvolvido para aperfeiçoar com treinamento.”

27. “Acredito que, mesmo tendo habilidades naturais, precisa de treinamento formal para ter uma melhor desenvoltura.”

Além disso, muitos professores afirmam, ainda, que mesmo que o indivíduo não possua o “dom”, é possível desenvolver a Oratória com treinamento:

28. “Tem pessoas que já nascem com esse dom, já outras que com a prática e treinamento ficam boas nisso.”

29. “Acredito que algumas pessoas nascem com o dom, mas qualquer ou toda pessoa pode ser treinada e desenvolver a habilidade de falar bem.

30. “Há as duas vertentes, algumas pessoas após treinar, conseguem desenvolver habilidade para falar bem. Porém quem nasce com esse dom, pode aperfeiçoá-lo.”

Colocando o professor numa posição de proponente de soluções, perguntei aos docentes através do questionário o que eles achavam que eles mesmos poderiam fazer para desenvolver as habilidades de Oratória dos seus alunos. Mais uma vez, aparece aqui a crença de que para desenvolver a Oratória basta oportunizar que os alunos falem. A maior parte dos respondentes exemplificou atividades de sala de aula que dão voz ao aluno, mas poucos falaram sobre um ensino formal de técnicas de argumentação oral. Alguns exemplos ilustram essas respostas:

31. “Deixando-os falar sobre seus trabalhos e se expressarem nas rodas de conversa.”

32. “Incentivá-los a relatar suas experiências pessoais.”

33. “Propor seminários, feiras interdisciplinares, apresentações de pesquisas...”

34. “Eles gostam muito de conversar. As crianças que apresentam alguma dificuldade estou sempre ajudando, incentivando através da roda de conversa, leituras.”

35. “Dar mais oportunidade, criar mais atividades que oportunizem esta prática em sala.”

36. “Oportunizar mais momentos que envolvem o falar em grupo impondo suas opiniões”.

Na resposta a esta pergunta “O que você pode fazer para desenvolver as habilidades de Oratória dos seus alunos?” apareceram também algumas repostas que apontam para os entraves já mencionados. Por exemplo, a capacitação dos professores:

37. “Fazer algum curso nessa área para especializar-me.”

38. “Buscar conhecimento para aplicar em sala com meus alunos.”

39. “Fazer um curso.”

40. “Capacitação com profissionais especializados.”

41. “Treinamento.”

Em seguida, os docentes foram perguntados o que achavam que sua escola poderia fazer para contribuir com o desenvolvimento da Oratória dos seus alunos. Novamente vêm à tona os mesmos tópicos já mencionados em outras perguntas:

Capacitação dos professores:

42. “Capacitar os professores e conscientizar a todos sobre a importância de falar bem.”

43. “Treinamento para os professores atuarem nesta área.”

44. “Investir em capacitação dos professores para isso”.

Formalização do ensino atribuindo a ele espaço na grade curricular:

45. “Ter uma matéria no currículo escolar.”

46. “Proporcionar tempo específico nas aulas.”

47. “Criando oficinas/ projeto.”

48. “Colocar uma aula na grade.”

49. “Implantar disciplina específica.”

Resumindo dados até aqui analisados, tomando por base a maioria significativa das respostas, temos que os professores pesquisados:

- Consideram o ensino de Oratória muito importante;
- Acreditam que treinamento é necessário para o desenvolvimento da boa Oratória;
- Acreditam que a Oratória deveria ter o mesmo peso de outras disciplinas na escola básica;
- Creem que a maioria das escolas pesquisadas não oferece ensino de Oratória ou o faz de maneira informal a critério dos professores;
- Não se consideram capacitados para ensinar Oratória;
- Acham que é difícil ensinar Oratória;
- Creem que falar bem é um dom;
- Apontam os entraves à realização do ensino de Oratória;
- Desejam se capacitar;
- Creem que simplesmente dar oportunidade de o aluno falar já desenvolve a Oratória;
- Acreditam que a formalização deste ensino na escola melhoraria os resultados dos alunos.

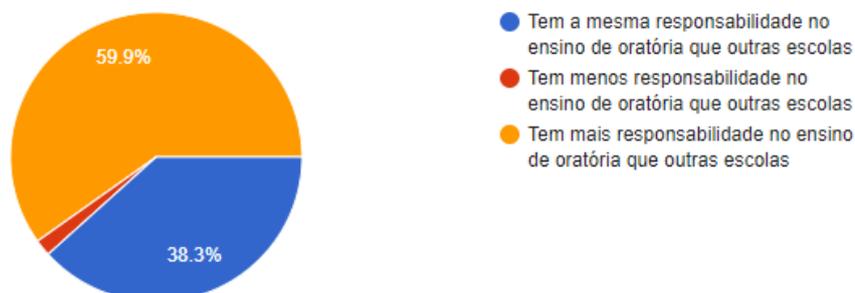
Este cenário nos leva a crer que a importância dada por professores de escolas de Educação por Princípios, na teoria, ao ensino de Oratória não se concretiza na prática. Este é um dos pontos principais que se mostrou necessário ser explorado mais profundamente no debate do Grupo Focal. O que impede de ensinar algo que é tão importante? O que podemos fazer para transpor esses obstáculos?

Se é verdade que até aqui tratei de dados que podem dizer respeito a qualquer escola, passo agora a tratar especificamente do contexto das escolas confessionais, em especial as escolas de Abordagem Educacional por Princípios. Algumas das perguntas do questionário procuravam compreender se o fato de trabalharem em escolas por princípios implicaria alguma diferença no posicionamento dos docentes quanto ao tema. Perguntei então o que achavam da responsabilidade das escolas cristãs no ensino de Oratória em comparação à outras escolas não confessionais. As respostas revelaram que 59,9% dos respondentes acreditam que as escolas cristãs têm mais responsabilidade no ensino de Oratória do que as demais, conforme ilustra o gráfico abaixo:

Figura 21 – Responsabilidade da escola cristã no ensino de Oratória

Você acredita que escolas cristãs:

162 respostas



Fonte: A autora, 2022.

Em seguida, os participantes da pesquisa foram solicitados a justificar sua opinião sobre a resposta a esta pergunta. A maioria das respostas apontou que a “maior responsabilidade” reside no propósito da escola de preparar cidadãos com cosmovisão Bíblica para falar da palavra de Deus ao mundo. Para isso, os alunos precisariam falar bem e usar argumentos próprios e eficazes para pregar o evangelho de Cristo. Alguns exemplos de respostas abaixo ilustram esta opinião:

50. “Estamos preparando uma nova geração diferenciada que precisa estar preparada para falar da palavra de Deus.”

51. “Pois trabalhamos a palavra de Deus e visamos formar pessoas que sejam capazes de influenciar futuras gerações.”

52. “Visto que a Oratória está ligada à transmissão mais básica do Evangelho.”

53. “Devido ao comprometimento com Deus em primeiro lugar e a responsabilidade de preparar as futuras gerações da melhor maneira para propagar as verdades absolutas de Deus (Palavra).”

54. “Somos chamados para anunciar o evangelho para transformar o mundo. Precisamos fazer diferença no modo de falarmos e embasarmos o que falamos.”

55. “Pois Cristo nos manda ‘ir e pregar a todas as criaturas’, como fazer isso, sem um preparo verdadeiro.”

Uma outra justificativa muito recorrente é a associação da “maior responsabilidade” no ensino de Oratória à Abordagem Educacional por Princípios em

si, ligando o desenvolvimento da Oratória à própria essência da metodologia por ela proposta. Os professores pesquisados parecem acreditar que não apenas como escola cristã, mas especialmente como escola de EP, os centros de ensino onde trabalham devem ter um compromisso maior com o ensino de Oratória. Vejamos alguns exemplos de respostas com este argumento:

56. “Pensando na filosofia da EP, que estimula o desenvolvimento integral dos indivíduos, acredito que, como educadores cristãos, devemos colaborar para que os alunos aprimorem a habilidade da Oratória, para que possam dar a razão de sua fé em qualquer circunstância.”

57. “A Oratória leva a uma erudição que é essencial para o desenvolvimento do educando em EP”.

58. “Porque a AEP necessita fazer a diferença.”

59. “Tem a mesma responsabilidade, porém as escolas de EP têm mais comprometimento com a erudição.”

60. “Quando os pais procuram uma Escola por Princípios eles criam uma expectativa muito maior, mais responsabilidade sobre a formação do caráter dos alunos.

Percebe-se que estes (do 56 ao 60) professores associam a exigência de uma boa Oratória ao objetivo essencial da Abordagem Educacional por Princípios, que é a alta erudição com cosmovisão Bíblica. Segundo eles, para que esse objetivo seja alcançado é necessário ensinar Oratória de forma satisfatória para os alunos.

Uma outra pergunta que conecta o ensino de Oratória especificamente com a Abordagem Educacional por Princípios foi sobre a realização da Conferência Final de Série (CFS), Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou outra prática similar. Estas atividades consistem em uma apresentação oral sobre um tema estudado, escolhido pelo aluno, ao final do ano letivo. O objetivo seria propiciar o desenvolvimento dos quatro passos de pesquisa que caracterizam a metodologia da Educação por Princípios (Pesquisar, Raciocinar, Relacionar e Registrar) de maneira que o aluno possa apresentá-la oralmente diante de um auditório. Através da apresentação o aluno é avaliado de maneira integral, levando-se em conta também as suas habilidades de Oratória. A atividade não é obrigatória para escolas de EP, mas é recomendada como esclarece André Lima²³, professor e capacitador da

²³ Lima, André. Bacharel em teologia, Licenciado em História, Especialista em educação religiosa escolar. Mestre em Antigo Testamento e em educação. Mestre em Educação Por Princípios pela

AECEP. “A AEP prevê oportunidades de que o aluno demonstre sua erudição, amor ao conhecimento e principalmente uma postura de produtividade e não de consumismo. Neste sentido é que o trabalho de final de curso é encorajado²⁴.”

Perguntamos aos docentes através do questionário se suas escolas adotam alguma dessas (quais) práticas como pré-requisito parcial para aprovação do aluno e, se sim, como se dá a orientação dos alunos para a conferência deste discurso. 89,1% dos professores responderam que não adotam, que não conheciam a prática ou deixaram a pergunta em branco. Apenas 20,9% dos respondentes indicaram que suas escolas utilizam este recurso de avaliação. Seguem alguns exemplos que respostas à pergunta “Como é feita a orientação do aluno para esta atividade?”

61. “Sim, os professores fazem a distribuição das orientações conforme os temas.”

62. “Sim. Os professores orientam os alunos na pesquisa escrita. Quando o trabalho escrito é finalizado, os professores solicitam que os alunos escrevam o seu discurso em sequência lógica, destacando os pontos mais importantes. O professor titular da disciplina faz as devidas correções e marca um dia para que o aluno apresente seu trabalho para ele, como uma espécie de treino, antes do dia da CFS.”

63. “Sim. Trabalhamos através do TCA (Trabalho de Conclusão do Ano) onde o aluno precisa fazer uma explanação. O professor orienta, faz as intervenções necessárias para preparar o aluno. Possuímos, também, um manual prático de TCA, com orientações.”

64. “Sim, aulas paralelas para as turmas que apresentam.”

65. “Sim. O aluno tem a liberdade de escolher a disciplina e o tema que será trabalhado, sob a orientação do professor da mesma (tutoria). O trabalho é apresentado com os recursos que o aluno escolher também (maquetes, slides, experiência etc.).”

66. “Sim, através de consultas (plantões).”

Com base nas respostas dadas a este item, levanto algumas perguntas a serem aprofundadas no debate do Grupo Focal.

- a. O professor que orienta o aluno o faz apenas no tema específico da sua disciplina ou também nas técnicas de Oratória?
- b. As habilidades necessárias para ser bem-sucedido nesta conferência são trabalhadas ao longo do ano?
- c. A partir de que idade os alunos realizam esta atividade?
- d. Qual o peso que esta atividade tem na avaliação do aluno?

Finalmente, os professores respondentes foram solicitados a sugerir itens que acham indispensáveis num currículo de Oratória para escolas de Educação por Princípios. Foi considerável a quantidade de professores que simplesmente deixaram sem resposta esta questão: 58,1%. Outros 2,2% disseram não saber mencionar nenhum item. Abaixo, registro todos os itens apontados pelos 39,7% que indicaram algum ponto como indispensável. Alguns apareceram mais de uma vez:

- Recitação de poemas, textos e textos bíblicos;
- Memorização de poemas, textos e textos bíblicos;
- Conhecimento da Bíblia;
- Técnicas de comportamento/postura corporal;
- Uso da voz;
- Clareza no discurso;
- Dinamismo;
- Leitura e interpretação de textos;
- Confiança;
- O poder da fala;
- Técnicas de argumentação;
- Uso correto da língua portuguesa (Sintaxe, Fonologia, Estilística);
- Apologética;
- Expansão de Vocabulário/Estudo de Palavras;
- Literatura;
- Debate;
- Princípios;
- Teatro;
- Domínio do conteúdo sobre o qual vai falar;

- Conhecimento do público-alvo;
- Caráter do orador.

Esses tópicos apresentados serão úteis mais à frente quando da análise do *corpus* dos grupos focais, ocasião em que procurarei dialogar com a literatura sobre o tema ensino de Oratória.

4.2 Análise de material didático

A fim de compreender melhor a forma como professores e instituições de ensino avaliam o ensino de Oratória nas escolas, em adição à análise dos questionários e análise do Grupo Focal, analiso agora alguns materiais didáticos de Oratória. A análise desse material parece-me produtiva no sentido de podermos identificar tendências, pontos fortes e/ou lacunas, a fim de, estabelecendo um diálogo com as necessidades dos professores, apontar soluções para melhoria da prática social desta comunidade.

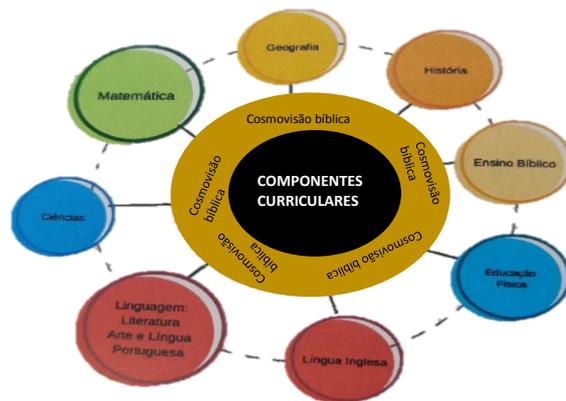
A coleta de material mostrou-se árdua tarefa, uma vez que das escolas pesquisadas pouquíssimas têm ensino de Oratória, ainda que informal e, mesmo as que possuem, em sua maioria não utilizam material didático específico para o ensino dessa habilidade. Após solicitar às escolas de Educação por Princípios acesso ao material didático de Oratória, recebi retorno apenas de duas escolas. Em uma delas, tive acesso ao material e guia curricular no qual se dá o ensino de Oratória. A outra, direcionou-me para uma professora em particular que produziu por conta própria material para este fim. Dessa maneira, busquei também em fontes digitais materiais que pudessem colaborar com essa pesquisa e, assim, tive acesso a um material produzido pelo *Ford's Theater*²⁵ em um projeto de ensino de Oratória. Finalmente, através da diretoria da Associação de Escola Cristãs de Educação por Princípios (AECEP), obtive acesso ao material utilizado por uma escola cristã americana que também utiliza a metodologia AEP. Enumero, então, os materiais que serão aqui analisados e que constam na seção Anexos desta tese.

²⁵ O Teatro Ford é um teatro histórico em Washington, D.C., utilizado para diversas espetáculos e encenações desde a década de 1860. É também o local do assassinato do presidente estadunidense Abraham Lincoln, ocorrido em 14 de abril de 1865.

- Guia curricular de linguagens + material didático do aluno + guia do professor da Coleção Sementes da Verdade, Ed. Princípios – Ensino Fundamental I (material utilizado em escolas de AEP com adoção opcional)
- Material de Oratória produzido pela professora Denise²⁶ por iniciativa individual – Ensino Fundamental II;
- Material *The Oration Project* de uma escola americana de AEP – Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio; e
- Material “*National Oratory Fellows*”, incluindo planos de aula e atividades de Oratória para Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Início a análise com a coleção “Sementes da Verdade”. A coleção, direcionada a alunos do Ensino Fundamental I pretende “nutrir o coração e a mente das crianças com conhecimento acadêmico baseado na palavra de Deus em aliança entre família, igreja e escola²⁷.” A coleção contempla sete componentes curriculares (Linguagem, História, Geografia, Matemática, Ciências, educação física e Artes), que são todos integrados uns aos outros e apresentam conteúdo segundo uma cosmovisão bíblica, conforme ilustra a figura 22:

Figura 22 – Integração dos componentes curriculares na AEP



Fonte: Guia curricular introdutório Coleção Sementes da Verdade.

²⁶ Nome fictício utilizado para preservar o anonimato dos sujeitos de pesquisa

²⁷ Guia curricular introdutório, Ed. Princípios, 2020.

A interdisciplinaridade expressa através da figura acima, parece relevante para esta análise. Percebe-se que a habilidade de Oratória, apesar de estar mencionada no currículo de Linguagens, encontra-se diluída em atividades de diversos componentes curriculares. Além da inter-relação entre as disciplinas, observa-se a presença dos sete princípios norteadores da AEP em todas as áreas do conhecimento.

No que diz respeito à Oratória no guia curricular da coleção, observo de forma intrínseca a presença da habilidade de Oratória na proposição da ideia-guia para o ensino de linguagens: “A linguagem reflete Deus e a sua verdade, tanto em significado como na forma nos ajudando a exercer domínio da linguagem elevada entre os seres humanos e permitindo a comunicação da palavra de Deus entre as nações²⁸.” Nesta proposição, identifica-se aquilo que foi avaliado pelos professores participantes da pesquisa como o que seria o principal objetivo de uma boa Oratória, o anúncio da mensagem de Deus ao mundo.

A concepção de linguagem proposta no “Guia Curricular de Língua Portuguesa” aponta para a necessidade do desenvolvimento da habilidade Oratória, embora não use este termo em específico: “O estudo da linguagem reflete a capacidade que Deus deu ao homem para **organizar seus pensamentos de uma forma estruturada, lógica e racional para pensar e expressar suas ideias, compartilhando pensamentos com outros indivíduos**²⁹ (grifo meu)”. Observa-se aqui a necessidade de um uso de linguagem organizado, pensado e estruturado de forma lógica, com o objetivo de compartilhar ideias. Esses elementos vão ao encontro da definição de Oratória que estabelecemos para esta pesquisa.

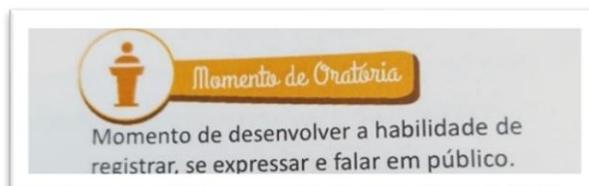
A preocupação com o ensino de Oratória aparece também no estabelecimento dos objetivos gerais do ensino de linguagem dentro da coleção. O currículo propõe a divisão do ensino de Língua Portuguesa em áreas como Leitura e Interpretação, Gramática, Literatura, Semântica, Fonologia, entre outras. Uma das áreas constantes desta divisão é chamada “Linguagem oral” e seu objetivo é descrito da seguinte maneira no Guia Curricular: “desenvolver a fala – sua compreensão, diálogos, discursos, Oratória, pronúncia, vocabulário, ainda os gêneros textuais associados. (recitação, diálogos, discursos, leitura em voz alta

²⁸ Guia curricular introdutório p.48.

²⁹ Guia curricular de Língua Portuguesa p.4.

etc.)”. Neste contexto, o desenvolvimento da Oratória aparece ligado à linguagem oral sendo realizado por diversos tipos de aprendizagens relativos à língua falada.

A coleção apresenta, não apenas em Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas, uma seção chamada “Momento da Oratória” identificada por um ícone e descrição conforme abaixo:



Vamos observar e analisar algumas das atividades propostas nesta seção:

Exemplo 1:

Figura 23 – Atividade de Oratória 1 - Sementes da Verdade

_____, ____ de _____ de _____. *Sementes da Verdade*

Momento da Oratória

O professor preparará um ambiente interativo com um rádio, alto-falante, microfone, caixa de som, etc. Vocês ouvirão juntos o áudio de um trecho da Bíblia escolhido.

- No primeiro momento, só ouvirão o áudio.
- No segundo momento, acompanharão a narrativa do áudio com a Bíblia.
- No terceiro momento, farão a leitura bíblica em uníssono.
- No quarto momento, cada um recitará um versículo até completar todo o trecho escolhido.

Momentos Poéticos

Após a leitura, conversem sobre a importância da oralidade e como a comunicação oral tem sido um meio de utilização para falar de Deus para as pessoas. Também discutam sobre como os registros escritos são fonte de conhecimento.

Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 4º ano, Língua Portuguesa, p. 19.

Exemplo 2:

Figura 24 – Atividade de Oratória 2 - Sementes da Verdade



Momento de Oratória

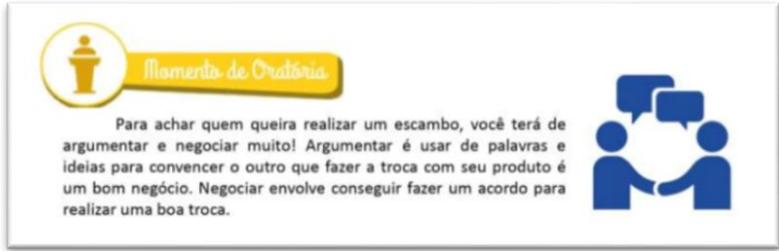
Façam um lindo cartaz para a apresentação. Recorte de revistas ou jornais, figuras de cidades da Rússia. Você pode também usar alguma reportagem sobre a Rússia (sobre esportes, política, eventos, etc.), ou ainda pessoas que representem o país.

- Dividam-se nas falas e treinem cada parte que irão apresentar.
- É importante manter a respiração e a entonação da fala, pois o ajudará na pronúncia.
- Lembre-se do propósito grandioso de saber comunicar com sabedoria!

Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 4^o ano, Língua Portuguesa, p. 31.

Exemplo 3:

Figura 25 – Atividade de Oratória 3 - Sementes da Verdade



Momento de Oratória

Para achar quem queira realizar um escambo, você terá de argumentar e negociar muito! Argumentar é usar de palavras e ideias para convencer o outro que fazer a troca com seu produto é um bom negócio. Negociar envolve conseguir fazer um acordo para realizar uma boa troca.

Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 4^o ano, História, p. 50.

Exemplo 4:

Figura 26 – Atividade de Oratória 4 - Sementes da Verdade

_____, ____ de _____ de _____. *Sementes da Verdade*

 **Momento de Oratória**

17. Este é um momento muito especial, no qual você irá compartilhar o Ensaio produzido com seus colegas.

Orientações para este momento:

- 1) Treine a leitura em voz alta em sua casa, para sua família.
- 2) Leia pausadamente o texto, respeitando os sinais de pontuação.
- 3) Venha preparado para compartilhar suas descobertas com seus colegas! É muito importante aprendermos em colaboração uns com os outros!



 Para este momento especial traga uma bebida e um lanche para compartilhar com o grupo. Todos irão se servir no início das apresentações. Assim, uma colega por vez fará a apresentação, enquanto vocês desfrutam deste momento degustando o lanche.

Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 2º ano, Ciências, p. 27.

Exemplo 5:

Figura 27 – Atividade de Oratória 5 - Sementes da Verdade

 **Momento de Oratória**

Procure em sua casa um brinquedo que você tem há muito tempo e gosta muito. Pode ser também uma foto dele. Traga-o para escola e coloque na sua caixa de memórias.

Em uma roda de conversa que o professor vai organizar, você irá apresentar seu brinquedo, descrevendo e falando sobre ele.

Segue algumas perguntas que irão ajudar você a organizar o modo como fará a apresentação.

Qual o nome do seu brinquedo?
 Quem deu esse brinquedo a você?
 Há quanto tempo você tem este brinquedo?
 O que ele representa para você?
 Como você brinca com ele?
 Você sabe quando ele foi feito?
 De que material ele é feito?
 Ele foi feito por máquinas ou manualmente?
 Por quanto tempo você pretende ficar com ele?



Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 2º ano, História, p. 27.

Exemplo 6:

Figura 28 – Atividade de Oratória 6 - Sementes da Verdade



Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 4º ano, Geografia, p. 37.

Exemplo 7:

Figura 29 – Atividade de Oratória 7 - Sementes da Verdade



Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 4º ano, História, p. 14.

As figuras acima são exemplos de atividades do chamado “Momento de Oratória”, constantes do material didático “Sementes da Verdade” de 2º a 5º anos do ensino fundamental. A partir desses exemplos, podemos observar algumas características que nos ajudarão a compreender como o currículo concebe e desenvolve a habilidade de Oratória nos alunos, a fim de iluminar nossa análise para a elaboração do produto desta tese.

Em primeiro lugar, a própria presença desta seção no material didático aponta para uma preocupação de formalizar o ensino do uso da linguagem oral, não deixando apenas para o caso de ter oportunidade, mas direcionando e sistematizando o momento de desenvolver a Oratória especificamente. Este fato, dialoga com respostas aos formulários, e também falas dos professores na discussão do grupo focal, (que serão analisadas na próxima seção). A maior parte dos professores admite que realiza o ensino de Oratória de maneira informal, quando tem a oportunidade, o que revela o risco de que este ensino seja deixado de lado quando não há tempo ou momento propício. A presença da seção “Momento de Oratória” no currículo, como atividade obrigatória das unidades de ensino do livro didático, propõe uma dedicação proposital ao desenvolvimento dessa habilidade inclusive sistematizando o treinamento. Essa parece ser a necessidade de muitos professores que, sem o apoio de um material didático específico, não conseguem realizar o ensino de Oratória junto aos seus educandos.

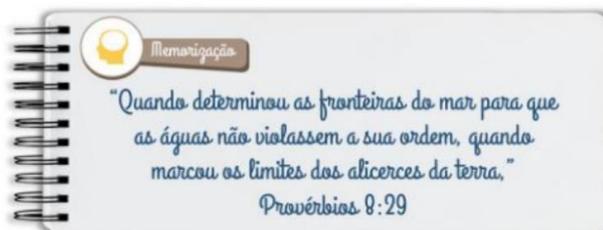
Outro ponto que emerge dos exemplos acima é a responsabilidade do ensino de Oratória que é deslocada da alçada exclusiva da Língua Portuguesa para ser desenvolvido em todas as disciplinas do currículo. As atividades evidenciam a natureza interdisciplinar da Oratória fazendo com que o aluno a desenvolva como parte do seu aprendizado de todos os componentes curriculares. Mesmo atividades propostas em Ciências ou História, como os exemplos (4) e (5), propõem uma sistematização da prática de Oratória através de orientações do uso da linguagem na atividade. Há aqui, então, o apontamento para uma necessidade de que todos os professores se envolvam com este ensino. Embora no segmento do Ensino Fundamental I muitas vezes o mesmo professor regente ministre todas as disciplinas, muitas escolas adotam professores especialistas a partir do 3º ou 4º ano. Isso implica a necessidade de conscientização e capacitação não apenas dos professores de linguagem, mas de todos os professores da escola. Não há como negar o papel protagonista do professor de língua nesse processo uma vez que a Oratória está diretamente ligada ao uso da linguagem, seja no ensino para seus alunos como também na capacitação de seus colegas, os demais professores da escola. A conscientização seguida de capacitação é novamente evidente aqui.

Um terceiro aspecto suscitado pelos exemplos de atividades acima é a relação entre pesquisa, registro escrito e Oratória. De alguma maneira, as atividades de Oratória propostas no material, pressupõem um trabalho anterior de pesquisa,

um registro escrito organizado das descobertas e só então um trabalho específico de apresentação oral do resultado. Este ponto é interessante, pois foi constatado na análise das respostas aos questionários (ver seção 4.1)) que muitos professores dissociam a escrita da prática da Oratória, restringindo o seu desenvolvimento ao campo da oralidade. Entretanto, Oratória, como entendida neste trabalho, envolve o cuidadoso processo de pesquisa de informações para desenvolvimento de argumentos, organização da linguagem utilizando estilo e estratégias de persuasão (objetivo final da Oratória) e técnicas apropriadas de oralidade que envolvam e conectem falante e ouvinte. As propostas do currículo “Sementes da Verdade” parecem se alinhar esta noção de Oratória, procurando ajudar o aluno a desenvolver todas as habilidades que ela pressupõe.

No que diz respeito à performance oral, observa-se neste material, em mais de uma atividade, o estímulo ao preparo do ambiente para maior eficiência do alcance da mensagem. No exemplo (1) o professor deverá disponibilizar para o aluno os recursos como alto-falante, microfone etc. para realização da atividade. Já no exemplo (4), é proposto que haja a preparação de um ambiente acolhedor para que todas as crianças se sintam à vontade para compartilhar oralmente seus trabalhos. O exemplo (7) sugere o planejamento de uma peça teatral que exige espaço adequado, figurino, iluminação, sonoplastia etc. A preparação do ambiente está diretamente ligada ao planejamento que deve ser valorizado na Oratória. A prática do planejamento e organização do ambiente de proferição da mensagem pode trazer ao orador uma maior sensação de segurança emocional para se expressar. Outro item que chama atenção nas propostas de Oratória deste material analisado é o estímulo à prática, treinamento e memorização. Atividades como (1), (2) e (4) sugerem o treinamento prévio do texto a ser compartilhado oralmente, mediante prática de leitura em voz alta, repetição e memorização. Este aspecto é potencializado pela presença neste mesmo material de uma seção chamada “Memorização”, em todas as unidades de todas as disciplinas conforme mostram as figuras abaixo:

Figura 30 – Atividade de memorização 1 - Sementes da Verdade



Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 4º ano, Geografia, p. 26.

Figura 31 – Atividade de memorização 2 - Sementes da Verdade



Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 4º ano, Matemática, p. 60

Tanto nas atividades de Oratória como nas de memorização, o ato de memorizar é valorizado para que o aluno se sinta seguro ao transmitir sua mensagem e, mais tarde, possa ter em mente textos que o ajudarão a expressar de forma original seus pensamentos. Embora a memorização seja bastante criticada por modernas teorias de educação (DO VALLE, 2018) a concepção de Oratória que é utilizada aqui tem base no conceito clássico Aristotélico, que valoriza a memorização como um instrumento que ajudará no desenvolvimento da boa Oratória.

Finalizando as observações sobre o ensino de Oratória proposto no material “Sementes da Verdade”, levanto aqui a questão da atividade de Oratória como uma ferramenta de avaliação do professor. Nas instruções para os professores, é recorrente a sugestão do uso do “Momento de Oratória” como uma maneira de avaliar o que o aluno aprendeu sobre determinado conteúdo, conforme o exemplo abaixo:

Figura 32 – Orientação para o professor de Oratória 1 - Sementes da Verdade



Fonte: Coleção Sementes da Verdade, 4º ano, Geografia, Encaminhamento Pedagógico p. 28.

Nesse contexto, quanto mais o aluno desenvolve a sua Oratória, mais ele ganha capacidade de mostrar o que aprendeu, não apenas ao educador, mas a todos ao seu redor e a si mesmo, demonstrando o que sabe sobre o tema. Então, a aprendizagem de conteúdo das diversas disciplinas pode ser evidenciada na Oratória do aluno uma vez que se ele estiver seguro dos conteúdos aprendidos tenderá a apresentá-los melhor. Em última análise, o “Momento da Oratória” pode servir de avaliação do próprio desenvolvimento de linguagem do aluno, mas também daquilo que ele aprendeu sobre conteúdo específico das disciplinas.

Passo agora a analisar o material de Oratória produzido por iniciativa individual de uma professora de escola de AEP. A professora relata que, na falta de um material específico para este estudo em sua escola e diante da necessidade de auxiliar seus alunos no desenvolvimento da Oratória, fez uma pesquisa pessoal e preparou ela mesma um breve folheto didático para seus alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Chamarei aqui a professora de Denise, nome fictício para preservar sua identidade. O material completo produzido por Denise consta do Anexo 4 desta tese.

O material produzido por Denise foi por ela intitulado “Produção de texto: o discurso oral”. Inicia-se com a definição de diversas palavras pertencentes ao campo da Oratória como carisma, composição, discurso, eloquência, Oratória, perspicuidade. A definição de Oratória utilizada pela autora do material é:

A arte e a ciência de expressar-se em público com eloquência. É arte porque tem um componente subjetivo (o carisma) e é ciência enquanto possui técnicas específicas (componente objetivo). Um profissional, com um certo carisma pessoal e que domina as técnicas de Oratória, normalmente realiza apresentações atraentes, dinâmicas e elucidativas.

A concepção de Oratória apresentada no material parece restringi-la ao campo da linguagem oral, considerando a necessidade do emprego de estratégias específicas para o seu desenvolvimento. Não há num primeiro momento a menção do objetivo de persuasão, mas fica evidente a necessidade de ligar orador e plateia por meio do uso apropriado das técnicas. Fica salientado também o aspecto do estilo e da beleza da linguagem quando se mencionam apresentações “atraentes” e “dinâmicas”. O adjetivo “elucidativas” remete à necessidade do uso de uma linguagem clara e precisa. Logo após a apresentação das definições de palavras, o material didático traz versículos bíblicos sobre o tema, conforme prevê a metodologia da AEP.

Em seguida, a autora do material apresenta uma seção intitulada “A importância de discursar”. Neste tópico, a educadora realiza um processo de conscientização dos alunos acerca da importância de expressar suas ideias através daquilo que chama de discursos. Salienta também o poder de um bom discurso que pode tanto construir verdades como construir mentiras nos corações de seus ouvintes. Também nesta parte do material é, de certa forma, estabelecido o propósito da Oratória na visão da autora: “Quando escrevemos e/ou falamos em público, além de estarmos produzindo um memorial de nossos conhecimentos e descobertas, estamos servindo ao próximo com a nossa intelectualidade.” Esta seção traz à tona algo que parece ser uma necessidade não apenas para os educandos, mas também para educadores: a conscientização. Retoma-se aqui o mencionado na seção 4.1 desta tese (p.115). Parece pouco produtivo buscar um desenvolvimento do ensino de Oratória nas escolas sem antes alcançar o envolvimento de cada professor nesta tarefa, persuadindo-os e conscientizando-os da importância. Estabelece-se aqui um diálogo com a análise dos questionários aplicados a professores segundo os quais a grande maioria das escolas não está ainda ciente da urgência de desenvolver a habilidade de Oratória em seus alunos. A implantação efetiva no ensino de Oratória precisa começar pela conscientização de toda a comunidade escolar.

O material segue para a seção “Como preparar um discurso oral”. A proposta é oferecer instruções específicas e práticas para que o aluno prepare seu discurso a ser proferido. A educadora procura desmistificar aqui a ideia de que a espontaneidade dos discursos é limitada por uma preparação formal. São listados 15 passos para preparação correta de um discurso, conforme mostro abaixo:

1. Escreva uma declaração sucinta e direta sobre seu tema.
2. Não inicie o seu discurso com uma piada.
3. Escolha três ou cinco pontos de apoio para seu assunto.
4. Escreva com sua experiência.
5. Decida se você irá usar auxílios visuais.
6. Use poucos auxílios visuais.
7. Verifique as instalações da sala onde seu discurso será feito.
8. Prepare panfletos se seu tema for detalhado e técnico.
9. Estabeleça um limite de tempo.
10. Pratique seu discurso em frente a um amigo ou ao espelho.
11. Fale lentamente e pronuncie claramente.
12. Marque detalhes de seu discurso com um lápis ou caneta.
13. Faça uma gravação em vídeo de si mesmo discursando.
14. Pratique várias vezes.
15. Vista-se de maneira apropriada.

Cada um dos itens acima é expandido pela autora do material. Observa-se que as instruções oferecidas pela professora de língua portuguesa não se restringem ao uso da linguagem. Parece-me que o objetivo do material não é desenvolver habilidades de pesquisa, organização da escrita, por exemplo, mas sim dar dicas práticas concernentes à atividade específica de proferir discursos levando em conta aspectos do ambiente, emocionais e logísticos. Neste ponto, a professora esclarece que os aspectos mais formais da composição, como organização textual, ampliação de vocabulário e estilo, já vinham sendo trabalhados nas aulas de língua portuguesa regularmente. O material foi, então, proposto com o propósito de auxiliar os alunos nas apresentações orais, as quais não refletiam o potencial dos estudantes.

Nessa seção encontram-se alguns tópicos que já foram comentados aqui sobre o ensino de Oratória: estímulo à preparação do ambiente, estímulo ao exaustivo planejamento prévio, estímulo ao treinamento por repetição e memorização, ênfase no treinamento da pronúncia e articulação das palavras. Estes parecem ser itens sempre presentes no desenvolvimento da Oratória.

A última seção do material preparado pela educadora Denise chama-se “A irresistível Oratória de Jesus Cristo”. Nesta parte, a autora apresenta alguns aspectos do estilo de Jesus Cristo como orador e ressalta características que devem

ser imitadas para que os alunos sejam bons oradores. Algumas das características apresentadas são:

1. Ele acreditava em si mesmo.
2. Ele tinha conduta exemplar.
3. Ele tinha foco na mensagem.
4. Ele falava com naturalidade.
5. Ele ouvia com atenção seus seguidores.
6. Ele tinha um semblante arejado.
7. Ele não era arrogante.
8. Ele era um bom contador de histórias.

Cada um desses tópicos é detalhado pela autora no material a fim de mostrar Jesus como um bom modelo de orador que os alunos devem seguir. A autora enumera aqui algumas características do caráter de Jesus como homem e também de Jesus como orador. Isso parece interessante, já que tanto Aristóteles quanto Perelman (ver capítulo 1) destacam a questão do caráter do orador como parte da Oratória, no sentido de ter credibilidade para falar de determinado assunto.

Apesar de a autora do material não fazer menção a nenhum teórico específico da área de Oratória, podem ser observados alguns pontos de contato com a retórica aristotélica e com outros autores que postularam sobre o tema. O primeiro ponto é a questão do caráter do orador que lhe confere propriedade e credibilidade para falar de determinado assunto. Esse aspecto revela-se principalmente nos itens 1 e 2. O compromisso do orador com a verdade e com uma lisura de suas atitudes aparece em Aristóteles ([384-322 a.c.], 2011) e outros que o seguiram, assim como está expresso nestes itens. Os itens 4, 7 e 8 apresentam questões de estilo e de recursos linguísticos utilizados para persuadir. O item 3 nos remete à consistência da mensagem através do uso de argumentos sustentáveis e que impactam o ouvinte. Há ainda o item 5 que retoma a teoria de Perelman (1996) sobre argumentação, no que diz respeito à conexão entre orador e plateia, promovendo o que o teórico chama de conhecimento do auditório que se pretende conquistar que é “uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz” (Perelman, 1996, p. 23). Portanto, mesmo não estabelecendo uma conexão ou filiação à uma retórica clássica ou neoclássica, o material da professora Denise apresenta interfaces com autores deste período.

Embora o material didático concretamente termine nesta seção, a autora informou, em comunicação pessoal com a pesquisadora, que se seguiu a esta introdução uma atividade prática de elaboração e apresentação de discursos orientada por ela. A avaliação da docente é de que o material foi um passo inicial produtivo que ajudou diversos estudantes, mas que ela ainda sente necessidade de algo mais aprofundado para sua própria formação e capacitação dos seus alunos.

Passo agora a analisar o material do chamado *The Oration Project* de escola americana de AEP, Dayspring Academy, localizada no estado da Pensilvânia, utilizado para Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. A análise desse material pode trazer uma perspectiva diferente e importante uma vez que a Abordagem de Educação por Princípios nasceu nos Estados Unidos e tem a *Dayspring Academy* como uma das suas escolas modelo de aplicação do método. O projeto se parece com um similar da Conferência Final de Série, praticada no Brasil, porém com orientações e critérios bem mais explícitos do que os verificados nas escolas brasileiras de AEP. Outra diferença é que o projeto americano tem um cunho de competição, além de funcionar como instrumento de avaliação da disciplina de língua inglesa (língua materna). O material a que tive acesso contém os tópicos abordados no projeto, os critérios de avaliação e alguns exercícios. Eu mesma, autora desta tese, fui responsável pela tradução dos exercícios do inglês para o português.

A palavra *Oration* que dá nome ao projeto significa, de acordo com Webster 1828, “fala ou discurso composto de acordo com as regras da Oratória e falado em público”. O projeto consiste na elaboração e apresentação pública de um discurso por alunos a partir do 2º ano do ensino fundamental.

A estrutura do programa divide-se em duas partes principais: a fase da escrita e a fase da apresentação pública. A fase da escrita divide-se em seis seções conforme segue:

- Introdução;
- Tema;
- Pesquisa;
- Primeiro rascunho;
- Revisão da primeira versão;

- Cópia final revista.

Na Introdução, o estudante irá refletir sobre temas como “O que é um discurso”, “Por que escrever um discurso”, “Contexto bíblico para a produção de discursos” e “Exemplos históricos de oradores e discursos importantes”. É também na seção introdutória do projeto que aluno conhece o que irá estudar durante o projeto, conhece as datas de entregas de trabalhos e como será o sistema de avaliação. Parece-me que neste primeiro módulo ocorre o início do já mencionado processo de conscientização, no qual o estudante será estimulado a compreender a importância e propósitos de desenvolver sua habilidade de Oratória. Há descobertas por parte dos alunos do que é a Oratória e reflexão do porquê é importante ter boa Oratória.

Na parte seguinte, o aluno deverá escolher o tema do seu discurso e o material do projeto intenciona auxiliar o educando nessa escolha. O estudante deverá refletir sobre suas paixões e temas de interesse, temas que tem aprendido na escola, temas relevantes para o país e para o mundo, temas relevantes para seu crescimento pessoal, temas que atendam ao propósito de Deus para o crescimento do aluno e, finalmente, temas aprovados por seus pais (sendo solicitada a assinatura dos pais concordando com o tema do discurso). Após essa reflexão, o aluno escolhe o tema do discurso, escreve um tópico frasal sobre o assunto e estabelece três razões pelas quais ele acredita que sua tese seja verdadeira, as quais se tornarão argumentos mais tarde no processo de escrita. Esse tópico frasal é o fundamento principal do ensino de escrita de acordo com o modelo norte-americano e consiste em uma frase que resume a opinião do aluno sobre o tema. (Ex³⁰: Apesar do tabu, os insetos são uma excelente fonte alimentar e podem conter a iminente escassez de alimentos da humanidade, com base tanto na produção de proteínas quanto na sustentabilidade de cultivá-los.)

É interessante observar que essa ênfase sobre a escolha do assunto a ser falado não aparece nos materiais analisados anteriormente. No material da Coleção Sementes da Verdade as propostas temáticas já são direcionadas de acordo com os conteúdos das unidades. No segundo e terceiro, não há indicação de orientação sobre a escolha do tema, tratando-se principalmente da performance oral do discurso. Neste material do “*The Oration Project*” observo grande ênfase no primeiro

³⁰ Exemplo consta no material didático.

passo que é a escolha do assunto a ser tratado. Considerando que, de acordo com a proposta da AEP e com a visão expressa pelos professores nas respostas aos questionários e no grupo focal (analisados na próxima seção), a linguagem deve ser usada de maneira a glorificar a Deus e atingir o coração das pessoas com a verdade, a escolha do tema realmente parece um assunto de grande importância e deve ser tratado com o cuidado de orientar os estudantes nesse sentido.

O tópico seguinte abordado pelo material do projeto americano é a pesquisa sobre o tema. Nesta seção o estudante recebe orientação de como realizar a pesquisa e são estabelecidos critérios mínimos, numéricos e qualitativos, tanto sobre a quantidade de fontes consultadas como também sobre a natureza dessas fontes. O quadro abaixo exemplifica esta seção, mostrando que os alunos de diferentes níveis escolares têm diferentes exigências de pesquisa e citações:

Figura 33 – Quadro de requisitos de pesquisa por série – *The Oration Project*

Requirement	Grade Level	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Sources: <u>Minimum</u> Required Number											
Note: Quote sites and Bible verse sites (such as Gateway.com) do not count in this minimum requirement. Sources are subject to teacher approval.											
One (Bible)		*	*								
Two (may include the Bible but not the 1828)				*	*						
Two (not including Bible, 1828)						*	*	*			
Three (not including Bible, 1828)									*	*	*
LSP and ELL: requirements may vary											
	Grade Level	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Requirement											
Citation (MLA)											
Works Cited not required		*									
Works Cited required for all sources			*	*							
Works Cited and in-text citations required for all sources, including the Bible				*	*	*	*	*	*	*	*

Fonte: *The Oration Project*, Seção 3 - Research and Citation Requirements.

Ainda na seção de Pesquisa, que requer que o aluno gradativamente aprenda a fazer referências entre outras coisas, o aluno tem contato com a estrutura do gênero textual discurso e são estabelecidos critérios de número de palavras e parágrafos para cada série. Observa-se que as exigências vão tornando-se maiores conforme a progressão de série do estudante. Nessa parte, o aluno é orientado a como construir seu texto como um todo, além de observar a construção de cada

parágrafo e utilizar recursos de coesão e coerência no texto. O quadro abaixo, que se refere ao 4º ano, ilustra esta seção:

Figura 34 – Quadro de requisitos gerais de escrita por série – *The Oration Project*

Oration (Spring): General Writing Requirements (Grades 4-5)											
Requirement	Grade Level	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Three-paragraph essay (advanced): (300-500 words) 1. Paragraph One: Introduction -Starts with a story, quote, or thought-provoking question -Includes thesis (position) statement -Includes reason for addressing this topic -Includes reference to main reasons to be address 2. Paragraph Two: Body -Includes topic sentence -Includes three main reasons -Includes two or three detail sentences in support of each reason -Includes transition between reasons (or points) -Includes concluding sentence 3. Paragraph Three: Conclusion -Reflects thesis (topic) statement -Summarizes main reasons and attempts to convince of a change in view and, possibly, actions				*							

Fonte: *The Oration Project*, Seção 3 - Research and Citation Requirements

As próximas seções consistem em trabalho individual do aluno na escrita, revisão e reescrita do seu texto com orientação e acompanhamento do professor. O estudante irá criar sua primeira versão, que será submetida a correção e dará origem a uma segunda versão. Esta será revisada e finalizada produzindo a versão final do discurso a ser proferido.

Passa-se então à fase da apresentação pública (*Public Speaking*). Os docentes instruem os alunos na arte de proferir oralmente um discurso (elocução) por meio de demonstração e prática. Há orientações sobre utilização da voz, gestos, articulação das palavras, memorização, utilização de recursos, vestimenta etc. Os professores fazem apresentações de discursos em sala de aula para todos os alunos. Em seguida, os estudantes apresentam, também em sala de aula, seus discursos já produzidos na fase anterior. Os melhores oradores são convidados a

apresentar seus discursos no evento anual chamado *Patriots Celebration Dinner*, divididos em categorias por séries. O professor determina quais discursos serão incluídos na publicação escolar anual.

Reflico aqui sobre o valor que esta instituição dá ao ensino de Oratória. O projeto aparece como uma marca da escola e um dos principais eventos da instituição. Sem dúvida, a notoriedade que é dada ao projeto e o tempo investido na preparação do aluno, além do fato de incluir todos os alunos da escola a partir do 2º ano, demonstram um grande valor atribuído ao ensino de Oratória nesta instituição. O site da escola contém relatos de pais e professores que narram o sucesso de seus filhos na trajetória acadêmica e profissional por causa do incentivo ao desenvolvimento da habilidade de Oratória. Como já verificado na análise dos questionários, a maior parte das escolas brasileiras de AEP não confere tal valor ao desenvolvimento desta habilidade relegando este ensino à informalidade ou trabalhos pontuais. Entretanto, destacam-se as escolas que utilizam currículos como o “Sementes da Verdade”, que prevê a prática da Oratória regularmente, e que realizam a Conferência Final de Série. Ainda assim, fica evidente a necessidade de valorização deste ensino por parte da instituição escolar e conscientização da equipe de gestores e professores neste sentido.

Para finalizar a análise de materiais didáticos de Oratória nesta seção, passo a analisar o material do “*National Oratory Fellows*”. Este programa tem caráter diferente dos demais analisados, pois consiste em um programa de desenvolvimento profissional para professores de Ensino Fundamental II e Médio. Inspirados pela Oratória de Abraham Lincoln, os “*National Oratory Fellows*” são uma rede de professores que cultivam a voz dos seus alunos, tornando o falar em público parte da experiência cotidiana da sala de aula. Os docentes viajam para Washington, D.C., duas vezes por ano para planejar e compartilhar o trabalho que têm feito em sala de aula. Às vezes, durante o programa, eles levam alunos delegados para aprender e atuar no palco do Teatro Ford, promotor do programa. O objetivo é capacitar professores a desenvolver Oratória em seus alunos e torná-los capazes de compreender o poder da Oratória e os fundamentos da performance de discursos, colocando em prática o que aprendem. A análise deste material parece fundamental para ligar os aspectos já levantados nesta pesquisa, visto que já foi identificado que a conscientização e formação dos professores deve ser o primeiro passo para

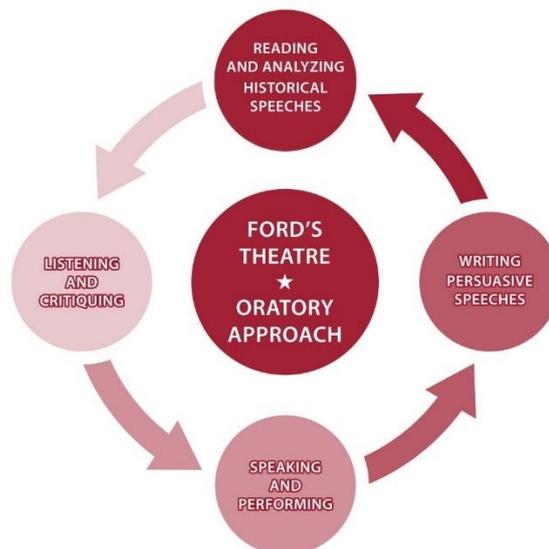
estabelecer um efetivo ensino de Oratória nas escolas brasileiras de Educação por Princípios.

O material a que tive acesso consiste em um plano de curso completo, com planos de aula, atividades a serem realizadas em classe e vídeos de professores relatando como utilizam a abordagem de Oratória do programa e o progresso que conseguiram com seus alunos. A análise aqui apresentada será em linhas gerais, a fim de extrair deste material aquilo que, aliado a elementos presentes em outros materiais, pode auxiliar a suprir as necessidades apresentadas pelos professores participantes desta pesquisa, desveladas nas respostas aos questionários e debate no grupo focal comentado mais adiante.

A abordagem de Oratória do programa “*National Oratory Fellows*”, consiste basicamente em um ciclo de quatro passos, conforme mostra a figura abaixo:

- a) Ler e analisar discursos históricos;
- b) Escrever discursos persuasivos;
- c) Falar e performar; e
- d) Ouvir e criticar.

Figura 35 – Diagrama da abordagem de Oratória do programa *National Oratory Fellows*



Fonte: Disponível em: <https://fords-theatre.s3.amazonaws.com/files/maps/education-oratorycircle-graphic4-2.jpg>.

Para realizar esses quatro passos, são utilizadas ferramentas que constituem a base da abordagem. As ferramentas são descritas abaixo, acompanhadas de figuras que resumem cada uma delas:

- a) Pontos do palanque (*Podium Points*): treinamento dos estudantes em nove habilidades verbais (ritmo, ênfase, dicção, tom, volume) e físicas (presença, postura, contato visual e gestos) específicas para um discurso eficaz.
- b) Triângulo retórico (*Rhetorical Triangle*): ensino aos estudantes a compreender e implantar três elementos-chave da persuasão (*pathos*, *logos* e *ethos*) relacionando-os ao público, à mensagem e ao orador.
- c) Conexão com o texto (*Connecting to Text*): auxílio aos estudantes na compreensão do contexto histórico e das emoções do orador através de uma leitura de detalhes; e
- d) Comentários agradáveis e positivos (*Warm and Cool Feedback*): construção, na classe, de uma cultura de comentários construtivos para que os alunos apoiem uns aos outros em seu desenvolvimento como oradores eficazes.

Figura 36 – Ferramentas da abordagem retórica do *National Oratory Fellows*

FORD'S THEATRE

Podium Points

For Public Speaking and Performance

VERBAL: PED-TV

- P** **PACE:** How quickly or slowly a person speaks
- E** **EMPHASIS:** The stress placed upon certain words when speaking
- D** **DICTION:** Degree of clarity and distinctness of pronunciation when speaking
- T** **tone:** The emotion conveyed by the sound of the speaker's voice
- V** **VOLUME:** How loudly a person speaks

PHYSICAL: PEP

- P** **POSTURE:** How the speaker holds his or her body. It is most effective for the speaker to stand up tall, with knees relaxed and shoulders down
- E** **EYE CONTACT:** When a person looks directly at members of the audience
- P** **PRESENCE:** The speaker's energy and connection with the audience

FORD'S THEATRE

The Rhetorical Triangle

Balancing Ethos, Pathos, and Logos

Aristotle introduced the Rhetorical Triangle in his work *Rhetoric*. The Rhetorical Triangle consists of three appeals, or means of persuasion.

- **Ethos** refers to the character of the speaker. Can the audience trust the speaker? Does the speaker have good character, good sense and good will towards the audience?
- **Pathos** refers to the appeal to the emotions and imagination. It is the speaker's ability to connect with an audience.
- **Logos** refers to the logic and reasoning of the argument.

Ideally, the **appeals** are balanced in a speech. One appeal may be used more heavily, depending on the purpose of the speech and the intended audience.

FORD'S THEATRE

Connecting to Text

An Actor's Approach to Understanding a Historical Speech

CONTEXT MATTERS! ASK THE FOLLOWING....

WHO AM I?
Every detail is useful to inform your understanding of the speaker as a person.

WHERE AM I?
Include historical moment in time and location.

WHAT DO I WANT? WHAT IS MY OBJECTIVE?
This is the call to action and the purpose of the speech.

WHAT'S AT STAKE, OR WHAT ARE THE STAKES?
What does the speaker believe stands to be gained or lost?

WHAT BARRIERS ARE IN THE WAY?
What events, groups of people or other challenges does the speaker see as obstacles?

WHO IS THE AUDIENCE?
Who is the speaker trying to inspire or persuade overall? When the speech was originally given, who was physically present in the audience?

FORD'S THEATRE

Warm and Cool Feedback

Constructive Feedback for Oratory Exercises

WARM FEEDBACK

- "I really like how you..."
- "It was really interesting when you..."
- "It was clear that you worked hard on..."
- "You did a great job at..."

COOL FEEDBACK

- "You may want to consider..."
- "I noticed that you... It may be more useful to..."
- "It was unclear to me when you..."
- "Have you thought about..."

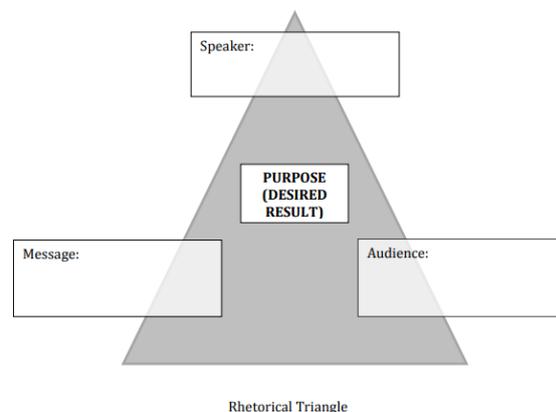
After receiving feedback, the speaker should always say "Thank you." Then they may do any or all of the following:

- Write notes on the feedback in their journals or notebooks
- Verbally respond to the feedback with peers
- Table the feedback (if it is not helpful or if the speaker does not agree)

Fonte: Disponível em: <https://www.fords.org/for-teachers/teaching-oratory/>.

A primeira parte dos planos de aula apresentados trata do Triângulo Retórico (*Rhetorical Triangle*). Este é um dos recursos mais importantes de um primeiro passo para a conscientização, cuja importância e necessidade já foi mencionada. O estudante precisa conhecer a temática para que possa depois refletir, criar e aplicar. O objetivo desta atividade é que o aluno compreenda os três elementos persuasivos da retórica Aristotélica – *ethos*, *páthos* e *logos* – e seja capaz de analisar a eficácia destas estratégias e elementos em comerciais e discursos. O Triângulo Retórico é um relevante elemento da conscientização de professores, com importância já mencionada anteriormente. Esse conteúdo é esquematizado graficamente para que o estudante perceba que os três elementos se articulam para a persuasão:

Figura 37 – Exercício de triângulo retórico



Fonte: Disponível em: <https://www.fords.org/for-teachers/teaching-oratory/>.

Observo nas atividades desta seção do Triângulo retórico alguns tópicos que julgo relevantes para esta pesquisa. O primeiro deles diz respeito ao estudo da obra de Aristóteles. O programa considera fundamental que o aluno conheça o filósofo e sua obra, sendo a primeira atividade uma breve biografia do autor. Os estudantes são estimulados a inferir que tipo de pessoa era Aristóteles em seu tempo e porque é considerado até hoje um dos principais estudiosos da “persuasão”. Esta preocupação demonstra uma abordagem clássica do tema que vai ao encontro da

Abordagem Educacional por Princípios. Além disso, o estudo de biografias é uma das ferramentas utilizadas na AEP, que torna vívida a história da temática estudada.

A partir da noção do triângulo retórico de Aristóteles, os alunos são levados a refletir sobre as três partes do discurso: mensagem, orador e audiência. Um aspecto que chama atenção é a variedade de papéis que o orador pode desempenhar. O estudante é estimulado a assumir uma “persona” que pode ser um poeta, comediante, acadêmico, crítico, cidadão engajado, dentre outros. Este ponto destaca a preocupação com a imagem do falante e a compreensão de quem ele é e qual é o seu lugar de fala. A prática de analisar discursos e identificar possíveis “personas” do orador é incentivada a fim de perceber a posição da qual parte o discurso.

A análise de discursos famosos é também uma importante ferramenta utilizada no material e para tal são propostas atividades de reconhecimento das partes do discurso, reordenação de discursos recortados e identificação dos recursos retóricos. Observa-se uma grande quantidade de exercícios analíticos, sendo a maior parte realizada em grupos.

As análises propostas de discursos famosos são seguidas de identificação de recursos linguísticos específicos como aliterações, alusões, metáforas, anáforas, símiles, hipérboles, onomatopeias, paralelismos, epístrofe, entre outros. Os alunos aprendem sobre esses recursos, buscam exemplos nos textos analisados e criam seus próprios exemplos. Embora o programa não seja essencialmente cristão, observei versículos bíblicos sendo utilizados como referências para esses recursos linguísticos.

A segunda parte do material propõe a análise de discursos usando a técnica de “*annotation*”. Neste grupo de atividades, o objetivo é que os estudantes identifiquem o ponto de vista do autor através da análise do contexto histórico, ou seja, o contexto de cultura no qual os textos foram construídos. Destaca-se a metodologia de análise segundo a qual o aluno deve anotar o texto com símbolos identificando partes e recursos no texto conforme orienta a tabela abaixo. Essa proposta de atividade visa a conscientizar os alunos acerca daquilo que devem aprender com o discurso analisado.

Figura 38 – Annotation Guide

Annotation Guide	
✓	Author's Claim
?	Confusing part (Try to write down what is confusing)
	Use emoticons to show how certain parts of the text make you feel
	Sketch an illustration to convey meaning
	Circle rhyme, rhythm or alliteration
☆	Evidence that supports the author's claim
!	Important or surprising moment (Try to write down why it was important or surprising)
Feel free to use the margins to jot down connections, definitions and questions!	

Fonte: Disponível em: <https://www.fords.org/for-teachers/teaching-oratory/analyzing-a-speech/>

Neste ponto do programa, os alunos já devem fazer apresentações orais de suas análises. Importante verificar que os critérios do que é esperado do aluno são bem claros e pontuados, de maneira que o aluno sabe o que precisa fazer conforme a tabela abaixo constante do material didático:

Figura 39 – Rubrica de Apresentação

Presentation Rubric				
	4	3	2	1
Development and strength of thesis/argument	The speaker states three or more ideas, using specific textual evidence/vocabulary from the speech.	The speaker states three ideas with limited textual evidence/vocabulary from the speech.	The speaker shares two ideas with limited textual evidence from the speech.	The speaker provides little or no textual evidence from the speech.
Understanding of historical Context	The speaker provides specific references to the historical context of the speech.	The speaker provides a limited reference to the historical context of the speech.	The speaker provides a vague reference to the historical context of the speech.	The speaker is unable to cite historical context.
Author's Point of View	The speaker demonstrates a strong understanding of the author's point of view and purpose.	The speaker demonstrates a limited understanding of author's point of view and purpose.	The speaker demonstrates a vague understanding of author's point of view or purpose.	The speaker makes no reference to author's point of view or purpose.
Total Points:	Comments, Suggestions, and Questions:			
/12				

Fonte: Disponível em: <https://www.fords.org/for-teachers/teachingoratory/analyzing-a-speech/>

A seção seguinte do material didático do programa é chamada de “Conectando o passado, presente e futuro através da Oratória e arte” e o objetivo é que os alunos sejam capazes de conectar os discursos históricos que analisam com eventos do presente, culminando na produção de um texto e sua respectiva apresentação oral. O aluno deve refletir sobre perguntas como “Quem é o orador?”(incluindo momento histórico e localização), “Qual o objetivo do orador?”, “O que o orador acha que pode ganhar ou perder?”, “Que eventos, grupos de pessoas ou outros desafios podem ser vistos como obstáculos?”, “Quem o orador está tentando persuadir?”.

Nesta seção, destaca-se o uso da linha do tempo para que os estudantes tenham uma percepção mais clara dos encadeamentos e de eventos e a noção de causa e consequência. Observa-se aqui mais um ponto de encontro entre este material didático analisado e a Abordagem Educacional por Princípios, cujo método tem como uma das suas ferramentas características o uso da linha do tempo.

Ainda nesta parte do material, observo aqui mais um ponto de conexão da proposta do ensino de Oratória do *Ford's Theater* com a AEP. O aluno é estimulado a escolher um discurso para análise, refletindo sobre a importância histórica do orador, selecionando um discurso de alguém que tenha sido útil à humanidade. Lembro-me aqui de materiais analisados anteriormente nesta tese que evidenciam a prática da seleção de pessoas e tópicos para discurso segundo a sua relevância para a humanidade, assim como aprovação dos pais e professores do estudante.

A seção do material que segue intitula-se “Recombinando um discurso”. Esta parte marca a transição entre o discurso de outros para o início do uso das próprias palavras dos estudantes. O aluno é levado aqui a parafrasear um orador identificando as chamadas palavras operacionais no texto. O aluno produzirá seu próprio discurso, utilizando as técnicas e vocabulário aprendidos nas análises feitas anteriormente.

Na sequência, o material de ensino de Oratória do programa “*National Oratory fellows*” trata dos chamados “Podium Points”, ou pontos de palanque. O aluno é levado a identificar o importante papel desempenhado por atitudes verbais e físicas que tornam a comunicação oral de suas ideias realmente eficaz. A prática inicia-se com a observação de bons oradores a fim de identificar sua atitude durante a proferição do discurso. Em seguida o aluno é apresentado aos nove pontos chamados “Podium Points”, conforme segue:

- Verbais: Ritmo, Ênfase, Dicção, Tom e Volume;
- Físicos: Presença, Postura, Contato visual e Gestos.

Após conhecer os pontos, o aluno passa a praticar cada um deles em frente ao grupo, repetidas vezes, separadamente e depois de forma cumulativa, até ser capaz de prestar atenção em todos ao mesmo tempo. Neste ponto do programa, os estudantes criticam uns aos outros de forma construtiva, apontando as melhorias necessárias e exaltando as conquistas já realizadas. Propostas de ajuda mútua interessantes aparecem nas atividades, como um estudante segurar os pés do outro que tem dificuldade de manter-se parado ao falar, um estudante ser escolhido como ponto de contato visual etc. A prática de dar *feedback* de maneira construtiva é claramente incentivada e ensinada aos alunos e professores de maneira que a classe possa ser um ambiente de segurança emocional para que o estudante desenvolva sua habilidade de Oratória.

A última parte dos planos de aula apresenta proposta de atividades de debate na seção chamada de “Pro se court”. Os alunos são estimulados a defender ideias sustentando-as com argumentos e evidências, ao mesmo tempo que combatem ideias de outros grupos com contra argumentação. A classe transforma-se numa espécie de pequeno tribunal do júri e os alunos são divididos entre “a favor” e “contra” uma determinada tese, enquanto alguns fazem o papel de juiz que decidirá quem venceu. A prática de debate impulsiona a melhoria da argumentação e contra argumentação, auxiliando os alunos a serem capazes de defender suas ideias com clareza e persuadir. Há orientações claras para a atividade de como cada grupo deve apresentar sua argumentação.

Ao final do plano de aulas completo a ser desenvolvido com os alunos, o programa do Ford’s Theater também disponibiliza um material intitulado “Como treinar discurso público/Oratória” (*How to coach Public Speaking/Oratory*). Esta seção é constituída de exercícios práticos para que, identificando a deficiência do educando em um ou mais aspectos, o professor possa de maneira objetiva intervir e orientar o aluno. É apresentado um guia com ações que solucionam problemas específicos como, por exemplo, “Se seu aluno fala muito rápido ou tem problemas de dicção”. Nesse caso são apontadas estratégias, técnicas, para abordar esse problema em particular.

A análise dos materiais didáticos de Oratória aqui apresentados cumpre o papel de fazer conhecer o que já tem sido implementado em termos de ensino de Oratória, em especial em escolas cristãs de Educação por Princípios, a fim de, em conjunto com as análises dos questionários e do grupo focal, identificar o cenário de práticas e necessidades dos professores no que diz respeito ao ensino desta habilidade. Na próxima seção desta tese, apresento a análise da transcrição do grupo focal realizado com professores de escolas de AEP.

4.3 Análise do Grupo Focal

Nesta seção, passo a analisar um dos textos que compõem o corpus desta pesquisa, a saber, a transcrição da discussão realizada em Grupo Focal online. A

descrição do planejamento e desenvolvimento do Grupo Focal encontra-se na seção 3.6.

O objetivo central do Grupo Focal nesta pesquisa era coletar dados para identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito do ensino de Oratória e aspectos relacionados a essa questão. Busco compreender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências e, ainda, como os avaliam. Para isso, após a transcrição do Grupo Focal adotei como procedimento inicial a busca de palavras recorrentes que pudessem apontar uma tendência. Em seguida, o texto foi analisado de forma a identificar os recursos utilizados pelos falantes dentro do Sistema de Avaliatividade e seus subsistemas. Conforme mencionado na seção de metodologia, o grupo focal foi mediado por mim. As perguntas feitas e a transcrição completa da gravação da discussão constam dos anexos desta tese.

Iniciei a análise partindo de algumas informações constantes nas respostas dos formulários. Tendo verificado que muitos professores relacionavam o ensino de Oratória com a “oportunidade de falar” e “expressar sua opinião”, buscamos itens lexicais que pudessem revelar essa relação. A palavra OPORTUNIDADE ligada diretamente ao ensino de Oratória aparece recorrentemente na fala dos professores participantes da discussão. São usadas expressões como “oportunidade de expandir o vocabulário”, “oportunidade de expandir a compreensão do mundo”, “oportunidade de debate”, “oportunidade de defender tese”, “oportunidade de estimular”, “oportunidade da fala” e “oportunidade de expressar opinião”, por exemplo. Os excertos abaixo ilustram o uso desta palavra no referido contexto:

1. “Eu coloco a Oratória como uma *oportunidade* mesmo – o ensino da Oratória, no caso – como uma *oportunidade* de a criança poder expandir, não só o seu vocabulário, mas a sua compreensão do mundo todas as palavras que vão se acrescentando na vida dela durante os estudos, as lições, durante as trocas. Eu acho que ela *acontece de uma maneira natural*, mas eu entendo que o crescimento disso, o aperfeiçoamento disso, se dá com o aprofundamento, com o estudo, com *oportunidade* de debate.”

2. “E eles têm a *oportunidade* de defender a tese que eles construíram durante esse trabalho de final de série.”

3. “Então você vê como é realmente importante a gente proporcionar à criança a *oportunidade* desse vocabulário mais erudito, mais especial. Para que eles possam utilizar isso sempre que eles tiverem *oportunidade*.”

4. “Hoje aqui a gente pode aproveitar essa *oportunidade* de estimular isso na criança. Não só a expansão do vocabulário. (...) Mas a *oportunidade* da fala, a *oportunidade* de expressar essas opiniões.”

Analisando os exemplos acima, identifico que o uso desta palavra pode revelar diferentes percepções. Por um lado, os professores acreditam que o ensino de Oratória gera oportunidade de aprimoramento dos seus alunos em diversas áreas. Ter a oportunidade de defender uma opinião, é algo valorizado. Por outro lado, os professores parecem compreender que o ensino de Oratória se dá de maneira mais informal, “de uma maneira natural”, ou seja, bastando dar ao aluno a oportunidade de se expressar da sua própria maneira. Essa percepção aponta para a presença do ensino de Oratória mais como parasitário de outras disciplinas quando se fizer a oportunidade, e menos como algo planejado e organizado para acontecer de maneira autônoma no seu próprio espaço. Essa compreensão, vai ao encontro das respostas dos formulários, que apontam para este ensino menos formal da Oratória nas escolas.

Contudo, apesar de realizar o ensino de Oratória na “oportunidade”, a fala dos professores parece nos revelar o entendimento de que a Oratória é uma habilidade e, assim, precisa ser desenvolvida através de treinamento específico. O dicionário Webster de 1828 define habilidade como: “Poder físico, seja do corpo ou da mente; natural ou adquirido. O conhecimento familiar de qualquer arte ou ciência, unido à prontidão e destreza na execução ou performance, ou ainda na aplicação da arte ou ciência para fins práticos¹.” Os exemplos abaixo mostram a visão dos professores pesquisados de que a Oratória é uma habilidade:

5. “Sim, eu acredito que a Oratória seja a habilidade de falar em público com objetividade, clareza.”

6. “*É uma habilidade, a Oratória é uma habilidade que deve ser desenvolvida com esse propósito – com o propósito da comunicação efetiva, clara, direta, objetiva. Mas, para mim, é uma arte, é uma habilidade que tem que ser desenvolvida.*”
7. “Nesse mundo que nós estamos vivendo onde muitas pessoas têm usado dessa *habilidade Oratória* para persuadir num caminho que a gente entende que não é o caminho da verdade.”
8. “É sempre bem difícil e não é uma *habilidade tão desenvolvida.*”
9. “Eu consigo ver a importância, eu consigo compreender e tento falar isso para eles, que *eles precisam melhorar, que eles precisam desenvolver* coisas cotidianas mesmo.”

Levando em conta a definição de habilidade para Webster (1828) e a visão dos professores de que a Oratória é uma habilidade, pode-se entender que é necessário haver um esforço da parte do professor e da parte do aluno para que essa habilidade se desenvolva. Isso irá depender de diversos fatores, alguns já identificados através das respostas aos formulários. Trato, então, agora, de alguns desses aspectos que foram aprofundados durante a discussão do grupo focal desvelando a percepção dos professores participantes através da maneira como eles os avaliam.

Quando tratamos da Oratória ou do ensino de Oratória, a avaliação dos professores se dá em grande parte através do subsistema de ATITUDE, na categoria de APRECIÇÃO. A subcategoria de VALOR, especificamente a RELEVÂNCIA, aparece com frequência nas falas dos docentes. Os participantes avaliam o ensino de Oratória como relevante através das expressões “muito importante”, “extremamente importante”, “responsabilidade enorme”, “responsabilidade gritante”, “realmente importante” e “muito relevante”. Vale ressaltar, que no Grupo Focal, não houve direcionamento de nenhuma pergunta sobre o valor que se dá à Oratória ou seu ensino. A necessidade de evidenciar a relevância do tema surgiu dos próprios docentes que avaliaram o objeto como relevante a fim de sustentar suas

opiniões relacionadas a esta prática. Os exemplos abaixo ilustram o uso da categoria de RELEVÂNCIA:

10. “Então, acredito que todas as escolas deveriam ensinar Oratória. Só que a nossa responsabilidade ela é *enorme* e, assim, *muito gritante* biblicamente.”

11. “De fato, não é uma área de conhecimento, a Oratória, ela faz parte da linguagem. Assim como a linguagem tem suas especificidades, a Oratória é *uma parte muito importante*.”

12. “Então, em qualquer outra área de conhecimento a Oratória é *extremamente importante*.”

13. “Então você vê como é *realmente importante* a gente proporcionar à criança a oportunidade desse vocabulário mais erudito, mais especial. Para que eles possam utilizar isso sempre que eles tiverem oportunidade.”

14. “ Eu acredito que isso (reconhecer a necessidade do ensino de Oratória) é um ponto *muito importante* para que nós tenhamos esse foco na Oratória.

15. “Porque por mais que eu veja valor nisso, por mais que eu compreenda que é algo *extremamente importante*, eu, professora Denise não sabia – como eu posso dizer – de que maneira trabalhar isso.”

16. “Por isso acho que a Oratória é *superimportante* numa escola Cristã.”

17. “Mas eu também acho que, de maneira muito objetiva, qualquer escola deveria ensinar (Oratória). Porque isso é *importante*.”

18. “(...) *é importante* que todas as escolas ensinem Oratória porque todas essas pessoas – nós acreditamos nisso, independente de qual doutrina você segue – nós acreditamos que todos podem ser alcançados pelo evangelho.”

19. “De fato, ela *é muito relevante* (a pesquisa sobre ensino de Oratória)”.

É importante observar que a APRECIÇÃO de valor nos exemplos acima vem, em grande parte, acompanhada de uma GRADAÇÃO. A categoria de FORÇA é utilizada com frequência através de palavras de intensificação. A Oratória não é apenas importante ou relevante, ela é “muito”, “extremamente”, “super”, “realmente” importante. A escolha do falante no uso desses itens lexicais transparece a necessidade de fortalecer o valor atribuído ao objeto avaliado.

Aliado à importância do ensino de Oratória, aparece o estabelecimento da necessidade e do propósito deste ensino para a vida dos alunos. O estabelecimento deste propósito se dá no uso do JULGAMENTO de estima social de alunos e professores. O propósito é estar capacitado para defender a fé, proteger-se dos falsos ensinamentos e fazer diferença na sociedade, inclusive ajudando outras pessoas. O aluno com boa Oratória é julgado “capaz” de atingir esses objetivos. Os exemplos abaixo ilustram essa avaliação e esclarecem o que os professores estabelecem como objetivo da Oratória:

20. “E a Oratória vai ajudar muito nesse sentido. Nós temos essa preocupação. Como eles vão debater, como *eles vão conseguir se posicionar através da fala*, se eles não vão ser persuadidos de maneira negativa porque *alguém fala muito bem*, aquela fala é sedutora, aquela fala é atraente, pensando nas ideologias mesmo. Eu acho que a Oratória pode auxiliar nessa convicção que um aluno pode ter acerca de quem ele é e o que ele está fazendo aqui.”

21. “E isso, ao longo do tempo *foi melhorando*, a gente percebeu essa melhora porque isso também foi conversado com os outros professores da equipe. Eles perceberam que estimular *o fato de que*

eles aprendessem o conteúdo para que eles pudessem explicar, dar uma aula sobre aquilo, seria mais interessante.”

22. “O Senhor anunciou e aqueles que puderam ouvir reforçaram. Eu não entendo que fosse maior do que a palavra do próprio senhor, mas tiveram a *capacidade* de convencer, de confirmar àqueles que depois vieram. E o comentário que eu escrevi aqui foi exatamente esse: *O valor de quem passa a mensagem* indica o quanto a mensagem é importante. No sentido de que aqueles que ouviram passaram e *demonstram em seu caráter*, demonstram quem são. Olha, podem confiar porque essa mensagem tem confiança. *Porque eles ouviram e passaram com verdade.”*

23. “Temos que mostrar a eles que Deus nos deu a *capacidade da linguagem* e *honramos a Deus* quando usamos bem essa capacidade. Os alunos de escola de educação por princípios precisam ser *cristãos que se destacam na sociedade.*”

24. “(...) a linguagem surge de maneira oral e se um aluno consegue compreender um conteúdo que foi falado para ele de maneira eloquente, com muita clareza, e *ele é capaz de falar sobre isso, ensinar sobre isso*, é porque, de fato, o conhecimento chegou em seu ápice, como deveria acontecer.”

25. “Porque eles estão sendo bombardeados por todos os lados com outras filosofias, outras perspectivas, e *eles precisam ser capazes de dar a razão da fé deles em qualquer lugar*, em qualquer circunstância.”

Os comentários dos professores em (20) a (25) parecem construir uma relação de causa e consequência na qual professores e alunos, julgados capazes, cumprem o propósito do ensino de Oratória. Poderíamos esquematizar essa relação da seguinte maneira:

Figura 40 – Fluxo de causa e efeito a partir da capacitação do professor



Fonte: A autora, 2022.

É interessante observar que toda essa cadeia é estabelecida a partir do JULGAMENTO de capacidade em expressões como “eles vão conseguir se posicionar”, “para que pudessem explicar”, “tiveram a capacidade de convencer”, “capacidade da linguagem”, “usamos bem essa capacidade”, “ele é capaz de falar sobre isso”. Quando professores e alunos são capacitados, o propósito se cumpre efetivamente. Tudo começa com um professor que é bom orador e sabe ensinar Oratória bem. Este fato evidencia a necessidade de mais capacitação para professores nesta área de ensino de Oratória, conforme é o intento desta pesquisa.

Sendo a Oratória um objeto ao qual os falantes atribuem tanto valor, e a ele atribuem propósitos tão nobres, parece natural que a exigência de capacitação para ensinar acompanhe este alto valor. Quando o objeto avaliado é o próprio professor, observamos a recorrência, ainda no subsistema de ATITUDE, do JULGAMENTO de estima social, novamente a subcategoria de CAPACIDADE. Através dessa categoria, os docentes avaliam a eles mesmos e outros profissionais da área, na maioria das vezes, como sendo pouco capazes ou incapacitados para a tarefa de ensinar Oratória. Essa, sem dúvida, é a avaliação mais recorrente tanto nos questionários escritos quanto na discussão do Grupo Focal. Alguns exemplos abaixo elucidam esta visão:

26. “Porque por mais que eu veja valor nisso, por mais que eu compreenda que é algo extremamente importante, eu, professora Denise *não sabia* – como eu posso dizer – *de que maneira trabalhar isso. Como inserir esse estudo nas minhas aulas. Eu não tenho nenhuma capacidade para isso. Assim, não sei o caminho* por onde ir para que eu pudesse ensinar isso aos alunos.”

27. “Por que a *gente não consegue ensinar* essa Oratória que a gente tem dito que é tão importante?”

28. “(...) o cenário ideal, seria realmente – como eu falei anteriormente – o reconhecimento da importância da Oratória para a formação do aluno e *treinamento para os professores*, um treinamento específico para treinar os alunos.”

29. “Talvez eu conseguisse enxergar o cenário melhor – assim, a ferramentas, como utilizar as ferramentas de ensino da Oratória – *depois que eu tivesse propriedade* sobre isso. As ideias surgiriam e *eu poderia me sentir mais à vontade para ensinar* isso aos alunos.”

30. “Então, hoje, *mesmo com bastante limitação*, porque *realmente eu não entendo das técnicas, eu não tenho uma preparação, uma formação específica*, eu acho que estou num bom cenário.”

31. “Até porque isso é o que nós aprendemos, até da Palavra, nós precisamos aprender – da Bíblia que eu digo, da Palavra de Deus – , *nós precisamos aprender para passar.*”

32. “Antes desse cenário (ideal para ensinar Oratória) acontecer, eu consigo enxergar um cenário de *preparação para esses professores*, para depois eu conseguir enxergar um cenário para que esses professores cheguem até os alunos e *consigam falar com propriedade* acerca de Oratória.

A sensação de incapacidade dos professores se torna explícita também através de outro recurso avaliativo. Alguns professores expressam através de AFETO sua Insegurança com relação à sua capacidade para ensinar Oratória. Essa categoria do subsistema de ATITUDE configura uma outra maneira de se expressar sobre o tema capacitação, focando agora em como se sentem em relação a isso. O excerto abaixo exemplifica o uso desse recurso de avaliatividade:

33. “Primeiro os professores seriam ajudados nisso. Eles poderiam praticar isso de fato, a Oratória. Muitos professores *têm vergonha de falar em público, têm insegurança*. Às vezes tem alguma apresentação na escola e não é o coordenador que faz a abertura, não é o coordenador que vai falar aos pais, e aí algum professor vai. É *sempre bem difícil* e não é uma habilidade tão desenvolvida.”

Observamos que o falante de (33) não traz para si o sentimento de insegurança, mas atribui à coletividade usando o sujeito “muitos professores”. Ela utiliza essa categoria para avaliar como os professores normalmente se sentem em relação à Oratória e através desse sentimento ela demonstra a falta de capacitação dos docentes e de certa forma de si mesmo.

O mesmo recurso também é utilizado para expressar a relação dos alunos com a Oratória através do AFETO. Observamos esse uso em (34) e (35):

34. “Por exemplo, hoje mesmo eu ensinei – eles pediram – tempo. Para que eu pudesse ajudá-los a articular as palavras da melhor maneira possível porque sábado agora vai ter a amostra cultural e *eles estavam muito inseguros quanto a isso*.”

35. “...fiz esse material para ajudá-lo a preparar o discurso, para que no dia eles estivessem mais à vontade. Alguns *ficavam muito apavorados, ainda ficam*. Mas acabava se tornando mais leve.”

Os exemplos (34) e (35) explicitam a relação emocional dos alunos com a Oratória, ficam inseguros e apavorados. A escolha deste tipo de avaliação por parte dos falantes, tanto pra falar de professores como de alunos, parece nos levar a crer

que a segurança emocional é um fator relevante para o bom orador e, portanto, deve ser desenvolvido no ensino de Oratória. Tanto professores como alunos se mostram vacilantes ao utilizar sua habilidade de Oratória por considerarem-se incapazes. Os alunos pedem que o professor ensine e os professores pedem por capacitação. A fala dos professores parece redundar no esquema apresentado acima, que começa com professores que sejam bons oradores que produzirão o resultado final de alunos que glorificam a Deus com a sua boa habilidade de Oratória. Assim, a falta de ensino desta habilidade ou o insucesso dos alunos no desenvolvimento dela, parece ser atribuído ao primeiro requisito que seria a capacitação de professores. Sem capacitação não há bons oradores nem bons professores de Oratória.

Paro aqui para uma breve reflexão sobre a opção de usar a avaliação de AFETO. Quando os professores escolhem avaliar o objeto através do que sentem em relação a ele, dão-nos uma indicação de que a realização da Oratória através de proferimento de um discurso oral ou debate, por exemplo, é algo que envolve a esfera emocional do indivíduo. Falar em público os deixa “nervosos”, “apavorados”, “inseguros”. Essa indicação aponta para o fato de que o controle emocional parece ser uma das habilidades importantes no uso da Oratória. Será que além do ensino de vocabulário, estratégias de pesquisa, estratégias de persuasão, organização do discurso, é necessário também ensinar sobre emoções quando se ensina Oratória?

Nos materiais didáticos de ensino de Oratória aqui analisados, não encontrei nenhuma atividade ou referência a técnicas de controle emocional que auxiliem na apresentação oral do discurso. Todavia, nos diversos cursos livres de Oratória oferecidos na internet (pesquisa feita por mim) um dos apelos mais recorrentes é “perca o *medo* de falar em público”. O controle das emoções é um item quase sempre presente nos programas desses treinamentos de Oratória. No contexto da Abordagem Educacional por Princípios, Rinaldi (2020), apresenta atividades direcionadas a crianças de Ensino Fundamental I com o objetivo de compreender suas emoções e aprender a lidar com elas como um desafio diário. Embora as atividades não estejam diretamente relacionadas às emoções ligadas à Oratória, por estarem fundamentadas da metodologia de AEP e ajudarem o aluno a entender o impacto das emoções em sua vida, este material pode nos ajudar a inserir este tópico numa capacitação de professores de Oratória, por exemplo.

A relevância da presença deste tema no ensino de Oratória é atestada por um rápido retorno à pesquisa bibliográfica sobre o assunto. Se retornamos a Aristóteles ([384-322 a.c.], 2011), veremos que o filósofo destaca a importância das emoções na retórica. O autor trata mais das emoções da plateia, despertadas pelo discurso, do que as do próprio orador. Entretanto, a compreensão de Aristóteles acerca das emoções, pode aplicar-se de forma benéfica a essa recorrente falta de controle emocional evidenciada pela fala dos docentes de que ao realizarem o discurso público professores e alunos ficam “apavorados” e “inseguros”. Assim como Aristóteles considera que para despertar a resposta emocional pretendida é necessário haver compreensão de como as pessoas são afetadas pelas emoções, para que o orador tenha bom controle emocional que o permita dirigir-se a seu público com segurança a fim de persuadi-lo é necessário que ele conheça como o ato de organizar um discurso e proferi-lo a uma plateia afeta suas emoções. Desta maneira, reconhecendo e compreendendo as emoções que o afetam no uso da Oratória, o orador poderá ser capaz de as controlar e obter sucesso.

Retornando à análise dos recursos de avaliatividade presentes no discurso dos professores participantes do Grupo Focal, continuo atendo-me a expressões de AFETO. É possível observar que os participantes se relacionam com o tema ensino de Oratória através das subcategorias de FELICIDADE e INFELICIDADE, conforme os exemplos abaixo:

36. “*Infelizmente*, como ela falou, *nós não temos na nossa escola* – a gente trabalha na mesma escola – *uma matéria*, algo direcionado para essa habilidade e a gente vai trabalhando realmente com o que pode.”

37. “...e até ousou dizer que hoje, *infelizmente*, por conta dessa deficiência que a gente tem na educação, até para o Fundamental I eu acho que um dos focos de início, de levar e potencializar o ensino da Oratória é investir realmente na expansão do vocabulário.”

38. “*Infelizmente* hoje realmente tem que colocar – eu digo *infelizmente* por que para mim isso não deveria ser necessário – colocar como parte obrigatória. Deveria ser natural. Mas tem que

colocar como parte obrigatória, realmente, do currículo, para que isso possa ser lembrado nas aulas.”

Em (36) a (38), os professores avaliam o fato de que não há uma disciplina específica de Oratória, ou um trabalho específico sobre este tema, no currículo de suas escolas. Nos relatos, a situação é marcada a partir do uso do vocábulo “infelizmente”. Estas avaliações apontam para a opinião de que a possibilidade de um trabalho específico de Oratória nas escolas traria felicidade, um cenário ideal. Ao usar esse recurso, os professores se posicionam e de certa forma apontam uma brecha que pode ser preenchida pela instituição onde trabalham.

Por outro lado, expressões de felicidade expressadas através da categoria de AFETO mostram que os professores avaliam positivamente o fato de esta pesquisa tratar deste tema. Através do uso de itens lexicais que expressam felicidade, os participantes demonstram que a pesquisa traz para eles uma esperança de mudança de um cenário “infeliz” para a possibilidade de um cenário “feliz” no que diz respeito ao ensino de Oratória em suas escolas. Os excertos (39) e (40) exemplificam esta avaliação:

39. “Estou muito feliz que o Senhor tenha levantado você nisso, que ele possa capacitá-la, você consiga terminar o seu trabalho de maneira excelente, que ele seja glorificado através disso e que você possa ajudar muitas pessoas, muitas pessoas, nos próximos anos, através dessa tua pesquisa. De fato, ela é muito relevante, fico feliz em ter esse contato.”

40. “E é muito lindo, é até emocionante, vê-los utilizando um vocabulário bem, vamos dizer, elevado em relação a outras crianças que a gente vê do mesmo contexto social – porque eles são alunos de escola pública de uma comunidade –, mas também em relação às crianças da escola.”

Para finalizar as avaliações de AFETO expressas pelos docentes participantes do Grupo Focal, passo à análise de expressões na subcategoria de Satisfação, que vêm corroborar com a percepção de que a possibilidade de ensinar Oratória para

seus alunos em suas escolas traz sentimentos positivos. A expressão de satisfação em (41) exemplifica:

41. “Então eu acho que o momento é agora de formar essa geração. E me vejo muito confortável para isso (ensinar Oratória).”

Seguindo na análise da transcrição do Grupo Focal, retorno às avaliações na categoria de JULGAMENTO de estima social. Esse tipo de avaliação já foi comentado acima indicando o julgamento de professores e alunos como capazes ou incapazes. Outras avaliações nesta mesma categoria, nos ajudam a reconhecer o perfil que estes professores traçam para si mesmo e para seus alunos no que diz respeito ao ensino de Oratória.

Em (42) observa-se uma avaliação Tenacidade do aluno, onde ele é julgado negativamente pelo seu comportamento preguiçoso com relação ao uso da linguagem:

42. “Os meninos têm preguiça de elaborar um pensamento completo às vezes. Eles se comunicam, eles querem apresentar uma ideia e têm preguiça de fazer isso.”

Paralelamente, ocorre uma avaliação de Tenacidade do professor, na qual ele é julgado como pouco dedicado de maneira geral, por não se esforçar para inserir a Oratória em suas aulas. Uma professora em específico, por tomar uma iniciativa individual de ensinar Oratória para seus alunos através da pesquisa quatro passos, é julgada como dedicada e digna de louvor. Essa avaliação pode ser observada em (43):

43. “Mas também entendo que um pouquinho de boa vontade dos professores em querer, no sentido de compreender isso como parte natural do aprendizado. A gente tem, por exemplo, nas escolas de AEP, por AEP, a gente ali os quatro passos e eu achei maravilhoso (...) Ela falou que sempre que dá ela pede para que eles apresentem de alguma maneira.”

Avaliações de Tenacidade, dentro da categoria de estima social, aparecem também em relação ao orador. Este orador aqui citado pode ser tanto o aluno como o professor. Há aqui o estabelecimento de características admiradas no bom orador, o que mostra uma relação da Oratória com o princípio do Caráter, parte da Abordagem Educacional por Princípios. Dedicção e confiabilidade são atributos estimados no orador. Essas avaliações são exemplificadas abaixo:

44. “O valor de quem passa a mensagem indica o quanto a mensagem é importante. No sentido de que aqueles que ouviram passaram e *demonstram em seu caráter*, demonstram quem são. Olha, *podem confiar* porque essa mensagem *tem confiança*. Porque eles ouviram e passaram com verdade.” (Confiabilidade)

45. “Eu acredito realmente que a mensagem se torna importante a depender de quem passa essa mensagem. Então, o caráter vai se formar aí também – e trabalhado também.” (Dedicção)

Ainda avaliando oradores (professores ou alunos), os participantes da pesquisa utilizam-se da categoria JULGAMENTO, sansão social, para avaliar a propriedade desses indivíduos, ou seja, o quanto são éticos ou morais. Esta avaliação remete novamente à questão do caráter do orador, presente em autores clássicos e modernos que trataram da Oratória, assim como fortemente presente em todas as áreas do conhecimento quando tratadas através da AEP. Os excertos abaixo ilustram este tipo de recurso avaliativo, através do qual a propriedade dos atores sociais é avaliada.

46. “(Um versículo) Que fala assim: "Cri, por isso, falei." Eu só posso falar de algo que eu realmente acredito, ou seja, *que realmente eu tenho propriedade*, algo que eu realmente creio. Então, *se eu falo as coisas que eu creio, eu vou falar com propriedade.*”

47. “Tem gente falando muita mentira por aí, mas as pessoas falam com tanta propriedade, com tanta convicção, que as pessoas acabam crendo e aí vira uma constância.” (Falta de ética)

48. “Nesse mundo que nós estamos vivendo onde muitas pessoas têm usado dessa habilidade Oratória para *persuadir num caminho que a gente entende que não é o caminho da verdade*. É uma Oratória sem compromisso com a verdade.” (Falta de ética)

A fala (46) aponta para um orador ético que conhece e fala a verdade. Já (47) e (48) apontam a falta de ética dos oradores que utilizam a Oratória a favor daquilo que não é verdade, lesando assim seus ouvintes. Neste ponto, trago novamente para reflexão a valorização que Aristóteles (384-322 a.c.) Agostinho (354 d.C. – 430 d.C.) fazem da Oratória a serviço da verdade. Essa maneira de avaliar expressa uma visão dos professores que se alinha mais com uma concepção clássica de que existe uma verdade única sobre os fatos do que com as percepções modernas como a de Perelman (1996), que admitem múltiplas verdades. Considerando que o contexto educacional destes professores é a AEP, uma abordagem clássica, a fala dos docentes pesquisados demonstra uma filiação a essa perspectiva.

Seguindo com a análise da fala dos professores participantes do Grupo Focal, passo agora a destacar algumas avaliações na categoria de APRECIÇÃO, dentro do subsistema de ATITUDE. Nas avaliações por APRECIÇÃO, os falantes avaliam coisas/objetos, bens ou serviços. Essa é considerada por Eggins & Slade (1997) uma das categorias mais produtivas em termos de expressão atitudinal disponíveis na língua. Os docentes utilizaram-se da categoria REAÇÃO para expressar Impacto, e observa-se uma recorrência da expressão de como é difícil usar a Oratória falando em público, ensinar a Oratória e até mesmo definir a Oratória ou o papel da escola nesse ensino. Observamos o uso dessa categoria de REAÇÃO-IMPACTO nos exemplos abaixo:

49. “*É bem difícil* (ensinar Oratória), assim, porque a gente tenta não entrar tanto no livro didático e puxar a pesquisa ‘Quatro passos’ e também ter que cumprir esse livro. Então, eu acredito que o *espaço* (para ensinar Oratória) *é difícil*.”

50. “Acho bem difícil isso (pensar no papel da escola cristã em relação à Oratória) porque eu me vi muito no que o professor ou a

professora 5A falou, porém, eu acredito que todas as escolas deveriam ensinar a Oratória, não somente as escolas cristãs. Eu acredito que nas escolas cristãs o conceito de Oratória nós iríamos trazer mais para o lado do caráter, enfim. E é *muito complicado* falar sobre isso, mas eu acredito que é importante para todos por que... *Nossa, que difícil!*

51. “eu *acho bem difícil* que qualquer um de nós venhamos a alcançar (o cenário ideal para ensinar Oratória).”

52. “Eu acho que tem mais dificuldade nisso (ensinar Oratória), realmente, Ensino Fundamental I e II. Ensino médio, então, *deve ser bem difícil.*”

53. “*É sempre bem difícil* (falar em público) e não é uma habilidade tão desenvolvida.”

54. “Mas, por exemplo, um aluno que segue na linhagem mais de exatas, ele *encontra muita dificuldade*, por exemplo, em falar em público.”

55. “Bem, *não é fácil* definir. Eu acredito que *não é uma tarefa fácil definir a Oratória*, por ser um campo muito abrangente.”

Se o ensino de Oratória é considerado importante, como vimos no início desta seção, é também considerado difícil, como ilustrado nos exemplos acima. Da mesma maneira que na avaliação do quanto é importante, a avaliação do quanto é difícil vem frequentemente acompanhada de GRADAÇÃO, onde a força é expressa por itens lexicais de intensificação. Observam-se expressões como “bem difícil” e “muita dificuldade”.

A categoria de REAÇÃO, agora expressando qualidade, aparece nas falas quando o foco da avaliação é o próprio trabalho do professor ou as condições de trabalho. Observa-se que ao avaliar o trabalho do professor feito por iniciativa individual de inserir o ensino de Oratória na sua sala de aula, os falantes expressam uma avaliação positiva. Num cenário “infeliz” onde não há uma atenção especial ao

ensino de Oratória, fazer uma pré-banca com os alunos em sala ou pedir aos alunos que apresentem um trabalho já é considerado “bom” e “maravilhoso”:

56. “Mas acabava se tornando mais leve. Eu fazia uma pré-banca com eles na sala, onde eles podiam mostrar os slides que eles haviam preparado ou algum outro material visual, outro recurso. E ao longo dos anos *eu percebi que isso foi bom*, que trabalhar nessa perspectiva de maneira mais direta.”

57. “Falou que sempre que dá, ela pede para que eles apresentem de alguma maneira. Isso já é um *treinamento maravilhoso*.”

Quando o objeto avaliado são as condições de trabalho do professor, observa-se também o uso de APRECIÇÃO. Na categoria de REAÇÃO é avaliada a qualidade do objeto. Se por um lado há professores que julgam que as condições de trabalho para ensinar Oratória são boas, por outro, há professores que acham ruins na medida em que não tem o incentivo da escola e nem o material adequado:

58. “Então, hoje, mesmo com bastante limitação, porque realmente eu não entendo das técnicas, eu não tenho uma preparação, uma formação específica, eu acho que estou num bom cenário. Vamos dizer ideal, não, vamos dizer num bom cenário.” (Julgamento)

59. “*É muito complicado*. Eu acho que a realidade do professor de educação por princípio, que trabalha numa escola que não tem material próprio ainda, assim, todo compilado, organizado, *é um desafio muito grande* completar o currículo que o livro exige e também fazer produções próprias para apostilas, materiais para estudar com os alunos.”

60. “eu acho bem difícil que qualquer um de nós venhamos a alcançar (o cenário ideal para o ensino de Oratória).”

61. “Há hoje uma demanda muito grande em preparar os alunos para provas escritas realmente. ENEM, exame de seleção de IFRN, provas de concursos públicos. Então, é muito voltado para isso. O que resulta *numa consequência pior ainda* que é o item dois que é a '*Falta de capacitação, formação e treinamento dos professores*'. Se eu não dou importância àquilo, eu vou capacitar para quê?”

Observamos que o falante em (58) avalia de maneira positiva o simples fato de poder fazer uso de uma iniciativa pessoal para inserir a Oratória em sua sala de aula. Isso já reflete uma boa condição para trabalhar. Já o falante em (59) atribui uma condição de trabalho ruim ao fato de não ter material próprio para o ensino e ter que gastar muito tempo e trabalho para produzir um material de Oratória. Em (60), o falante considera a boa condição de trabalho tão distante da realidade que nem acredita que ela seja possível. Em (61), o falante avalia a condição de trabalho como ruim devido à necessidade de cumprir um currículo voltado majoritariamente para habilidades de escrita e portanto, não oferece espaço para a Oratória.

Ao seguir com a análise, passo agora a buscar a compreensão de como o discurso dos professores pesquisados se relaciona e é permeado por outros discursos existentes sobre o tema, elucidando assim as vozes que os influenciam ou as vozes que são por eles negadas nas suas avaliações sobre o ensino de Oratória. Compreender esse universo dialógico presente nas falas dos participantes parece-me essencial para perceber como a visão destes professores se relaciona com o mundo ao seu redor, com visões de outros professores e, ainda, quais discursos de autoridade incidem sobre as falas dos docentes. Essa percepção trará luz à elaboração do produto final desta tese. Assim, passo a destacar agora as avaliações feitas pelos professores utilizando-se do sistema de Engajamento.

Para melhor acessar as avaliações por Engajamento, faz-se aqui necessário compreender o contexto em que o texto analisado é produzido. Tomo aqui por base a gramática sistêmico-funcional de Halliday, e por isso proponho uma análise das duas esferas que compõem o contexto do corpus desta pesquisa: o Contexto de Situação e o Contexto de Cultura, conforme estabelecido na seção 2.1 desta tese.

O contexto de cultura trata das práticas discursivas e textuais mais amplas associadas à cultura em que o texto é produzido. É ele quem dita os gêneros que dentro de uma cultura são gerados para executar uma ação. Neste caso, o contexto

de cultura gerou o gênero discussão. Dentro do grupo focal há trocas de informação e há interação social entre pares. As discussões sobre educação em geral compõem o contexto de cultura desses docentes. Todos compartilham de uma formação docente na qual discussões e reflexões sobre a prática são gêneros comuns.

O contexto de situação trata do ambiente imediato onde o texto analisado nesta tese foi produzido, a saber, grupo focal on-line sobre ensino de Oratória, com propósito específico de produzir um *corpus* para pesquisa. O Grupo Focal foi demandado pela pesquisadora e os docentes aceitaram a participação de livre e espontânea vontade. A situação aqui inclui respostas a perguntas, comentários e posicionamentos sobre temas propostos. Embora tenha sido estabelecida uma atmosfera informal durante a realização da conversa, o gênero Grupo Focal (em especial quando o tema diz respeito à profissão do participante) leva ao uso de uma linguagem mais formal. Todos os participantes têm em comum o fato de trabalharem em escolas de AEP. A prática da Abordagem Educacional por Princípios, utilizada nas escolas onde esses professores trabalham e cujos fundamentos teóricos e metodológicos são bem específicos, conforme descrição no item 3.7 desta tese, compõe também o contexto de situação. É preciso considerar que todos os participantes vivem em contexto cristão reformado e que sua experiência religiosa influencia fortemente todas as práticas de suas vidas. Esses participantes utilizam a linguagem para propósitos semelhantes através de gêneros textuais intrinsecamente ligados à sua cultura. Adiciono ainda a reflexão de que o contexto de cultura inclui o momento político ideológico por que passa o Brasil, no qual há uma forte polarização ideológica no que diz respeito a aspectos diversos da sociedade como política, economia, religião e, mais especificamente para este trabalho destaco a educação. O contexto de cultura é considerado relativamente estável, já que suas práticas, valores e crenças permanecem ao longo do tempo numa sociedade e são compartilhados neste grupo social de professores cristãos.

A partir do contexto em que os participantes estão inseridos e dos textos que devem ser produzidos, os falantes selecionam no sistema linguístico elementos interpessoais que permitem identificar um posicionamento dialógico, que aqui serão analisados sob a perspectiva do sistema de Engajamento.

Em primeiro lugar chama a atenção o intenso uso de expressões fundamentadas na subjetividade, em especial expressões modalizadoras como “eu acho”, “eu acredito”. Desta maneira, os falantes trazem para si a responsabilidade

daquela avaliação reconhecendo, até determinado ponto, que podem existir pontos de vista diferentes sobre essa questão. Quando os docentes se posicionam desta maneira, admitem que outros participantes ou futuros leitores podem não se alinhar à sua posição. Entretanto, expressam sua posição pautando-a em elementos subjetivos. Esse tipo de avaliação por ENGAJAMENTO, no subsistema de HETEROGLOSSIA – EXPANSÃO DIALÓGICA é classificado como sendo um recurso de CONJECTURA dentro do Sistema de Avaliatividade. Quando o falante se utiliza de recursos como “eu acho”, ele está abrindo frente para que seu pensamento seja desafiado. Os exemplos abaixo são apenas alguns que ilustram essa utilização nos trechos em itálico:

62. “Então, *eu acredito* que a Oratória não deve ser só para aquele que está anunciando, mas também deve chegar ao enunciatório de maneira que ele consiga se sentir confortável a também praticar isso.”

63. “*Eu acredito* que não é uma tarefa fácil definir a Oratória, por ser um campo muito abrangente. Sim, *eu acredito* que a Oratória seja a habilidade de falar em público com objetividade, clareza.”

64. “*Eu acredito que sim*, que a Oratória tem muito a ver, está, *na minha linha de raciocínio, muito ligada a essa questão que a Denise acabou de falar*. É uma habilidade, a Oratória é uma habilidade que deve ser desenvolvida com esse propósito da comunicação efetiva, clara, direta, objetiva. Mas, *para mim*, é uma arte, é uma habilidade que tem que ser desenvolvida. Infelizmente, *como ela falou*, nós não temos na nossa escola – a gente trabalha na mesma escola – uma matéria, algo direcionado para essa habilidade e a gente vai trabalhando realmente com o que pode.” (CONJECTURA + ATRIBUIÇÃO - RECONHECIMENTO)

65. “*E eu acredito mesmo* que qualquer escola deveria ensinar Oratória. *E acredito sim* que os cristãos (sic.) deveriam ter mais responsabilidade ao falar e conhecer os assuntos e falar com propriedade aquilo que ele estuda, aquilo que ele fala com o aluno.

Porém, a gente não acredita muito nisso. A gente não acredita muito que as nossas palavras vão mudar. *Eu acho* que a gente deveria crer mais naquilo que a gente fala, porque assim os nossos alunos fariam isso. (CONJECTURA + DISTANCIAMENTO)

66. “*Eu tenho uma tendência maior, até mesmo porque nós trabalhamos dentro de uma abordagem de educação por princípio* onde a Oratória é mais valorizada do que em outros ensinamentos, outra abordagem de ensino. Eu sou mais favorável a concordar com o 2B. *Eu acredito* que é realmente algo de extrema importância, até mesmo porque quando você trabalha a questão da Oratória...” (CONJECTURA + RECONHECIMENTO)

Em determinados trechos (sublinhados) dos excertos acima, observa-se que, além de utilizar esse recurso de CONJECTURA, alguns participantes, após pautar sua fala na subjetividade, utilizam na sequência outros recursos para alinhar-se ou desalinhar-se com outras opiniões. Verifica-se em (64) uma outra estratégia de expansão dialógica que é a ATRIBUIÇÃO – RECONHECIMENTO. O falante atribui à voz do outro sua fala como uma maneira de se comprometer menos e alinhar-se com a posição de outro. “Muito ligado à questão que ela acabou de falar” ou “como ela falou” aponta para um reconhecimento do valor da opinião alheia e um alinhamento a esta posição. Desta forma o professor participante, sujeito do grupo focal, parece querer sustentar a sua posição não apenas na sua subjetividade, mas também na opinião de outro professor.

Já em (65) após expressar sua subjetividade através do “eu acho” e “eu acredito”, o falante cria uma categoria de pessoas a que se refere como “a gente” e, mesmo usando a primeira pessoa do plural na qual ele estaria incluído, ele parece excluir-se deste grupo. “A gente” parece dizer respeito a professores em geral e o falante contrapõe sua opinião à desses professores. Aqui (trechos sublinhados) o participante utiliza um recurso de CONTRAÇÃO DIALÓGICA – Refutação – Contra expectativa. Ele apresenta uma proposição suplantando outro e assim contraria a expectativa criada pela última. O participante diz que professores fazem isso, mas não deveriam fazer. Professores falam uma coisa mas não acreditam no que falam.

Em (66), o docente participante volta a utilizar uma estratégia de Reconhecimento, dessa vez trazendo ao diálogo a voz da Abordagem de Educação por Princípios. Ele registra que baseia sua avaliação numa tendência pessoal (CONJECTURA) porém fundamenta essa avaliação na abordagem educacional com a qual trabalha atribuindo a ela o fato de valorizar a Oratória. Observamos aqui a extrema importância do contexto para compreender os recursos de ENGAJAMENTO utilizados pelos falantes.

No que diz respeito às ou a outras vozes que são trazidas pelos participantes para o seu discurso além da sua própria, das de outros participantes e da abordagem educacional que utilizam, há destaque notório para a voz da Bíblia Sagrada como autoridade sobre o assunto. Todos os participantes trazem textos Bíblicos para dialogar com as opiniões apresentadas, geralmente com o objetivo de alinhar-se à visão bíblica e sustentar. Utilizam-se aqui da categoria de contração dialógica, quando o falante se utiliza da fala de um autor para embasar aqui que diz. Vejamos os exemplos abaixo:

67. “Até porque *isso é o que nós aprendemos, até da Palavra, nós precisamos aprender – da Bíblia que eu digo, da Palavra de Deus –*, nós precisamos aprender para passar. Então, *eu não vejo nem sentido*, por exemplo, diante da abordagem educacional por princípio, se a gente ensina matemática e os nossos alunos não conseguem ensinar.”

68. “E aí eu vasculhei aqui um verso, um versículo bíblico, que eu acho que é bem pertinente agora. Diz assim: Hebreus 2-3... ‘Começando a ser anunciada pelo senhor, foi-nos depois confirmada pelos que ouviram.’ – Falando da mensagem da palavra. *E olha que coisa maravilhosa: ‘Foi depois confirmada por aqueles que ouviram.’* No sentido de: O senhor anunciou e aqueles que puderam ouvir reforçaram. Eu não entendo que fosse maior do que a palavra do próprio Senhor, mas tiveram a capacidade de convencer, de confirmar àqueles que depois vieram.”

69. “Então, acredito que todas as escolas deveriam ensinar Oratória. Só que a nossa responsabilidade ela é enorme e, assim, muito gritante

biblicamente. *Porque a Bíblia nos diz* ‘como ouvirão se não há quem pregue?’”

70. “Eu concordo que qualquer escola deveria ensinar Oratória, mas eu também concordo que o cristão tem uma responsabilidade maior em saber falar bem e argumentar. *Porque isso é um mandamento bíblico.*”

71. “Mas, em contrapartida, *a gente sabe que os princípios bíblicos*, eles podem ajudar uma nação inteira, mesmo aquelas pessoas que não são cristãs.”

72. “Eu até estava pensando há pouco tempo atrás num versículo – eu não sei também onde fica –, mas vai muito ao encontro do que a Denise falou. Que fala assim: ‘Cri, por isso, falei.’ *Mostra que* eu só posso falar de algo que eu realmente acredito, ou seja, que realmente eu tenho propriedade, algo que eu realmente creio. Então, se eu falo as coisas que eu creio, eu vou falar com propriedade.”

73. “*De fato*, todas as escolas deveriam ensinar, mas nós, *que conhecemos a verdade*, temos que fazer isso da melhor maneira possível.”

A partir dos exemplos acima observamos que, quando a voz da autoridade bíblica é trazida para o diálogo, ocorre normalmente o uso de CONTRAÇÃO DIALÓGICA, um recurso através do qual o falante não admite que haja outras opiniões sobre o assunto, mas considera aquela que foi expressa a definitiva, rejeitando vozes alternativas. A voz do texto bíblico é apresentada como verdade absoluta e nela são pautadas as afirmações e avaliações apresentadas.

Em (67), por exemplo, primeiro o docente realiza uma RATIFICAÇÃO através de Pronunciamento em “Isso é o que aprendemos” e “a gente tem que aprender da Bíblia”, conferindo autoridade a essa entidade “Palavra de Deus”. Em seguida, o falante utiliza um recurso de Refutação quando após apresentar a Bíblia como “onde nós aprendemos” ele diz que “não vejo nem sentido” em fazer diferente do que é aprendido na escritura sagrada. Assim, ele refuta qualquer verdade alternativa.

Já em (68), o participante também se utiliza de um recurso de RATIFICAÇÃO, endossando o texto Bíblico citado com fala “E olha que coisa maravilhosa”. Aqui, o falante está não apenas ratificando a autoridade da voz Bíblica, mas assumindo essa voz e pressupondo que os outros participantes compartilhem tal atribuição.

Os excertos (69) e (70), ainda no campo da CONTRAÇÃO DIALÓGICA, exemplificam o uso de recursos de RATIFICAÇÃO. Observa-se a categoria de Pronunciamento baseando-se em expressões como “*Porque a Bíblia nos diz*” e “*Porque isso é um mandamento bíblico.*”.

O recurso de RATIFICAÇÃO – CONFIRMAÇÃO DE EXPECTATIVA é explicitado em (71) através de “*A gente sabe que os princípios bíblicos...*”. A proposição explicitada é tomada com compartilhada em pleno acordo entre os participantes/ ouvintes e o falante toma essa proposição com parte do senso comum.

O exemplo (72) indica mais uma vez o uso do recurso de RATIFICAÇÃO chamado Endosso. O falante atribui a uma fonte externa, neste caso a Bíblia, a validação de sua proposição, de modo a provar que sua proposição é válida e tida como aceitável e para isso lança mão de um recurso expresso em processo verbal, “*Mostra que*”. Assim, o docente assumiu uma voz e pressupôs que os outros participantes vão compartilhar tal atribuição.

Em (73), o participante utiliza um recurso de RATIFICAÇÃO que expressa CONFIRMAÇÃO DE EXPECTATIVA. A proposição apresentada é baseada na verdade que é conhecida por todos. O falante utiliza a expressão “De fato” para propor que aquela afirmação é senso comum e demonstra solidariedade a outros que falaram antes dele.

Além da voz da autoridade bíblica, notadamente a mais presente no discurso, observou-se em um trecho uma “voz popular” a qual é conferida certa sabedoria. O participante destaca histórias ouvidas de que “as pessoas’ estão percebendo a importância da Oratória. Podemos observar o uso do recurso de DISTANCIAMENTO dentro do subsistema de EXPANSÃO DIALÓGICA – ATRIBUIÇÃO. O falante não se responsabiliza pela proposição e atribui a outra voz aquilo que foi proposto, mas de certa forma usando esse respaldo para validar sua posição de maneira velada. Isso ocorre no exemplo (74) abaixo:

74. “Não estou generalizando, mas *eu já ouvi histórias de que as pessoas estão tentando introduzir mais acerca de Oratória* até nas

grades curriculares dentro das universidades porque não tem esse impacto. Então, eu acredito que não é somente em português, em inglês, mas deveria ser em todas as matérias e ter uma relação mesmo das matérias com a Oratória.”

Ainda analisando a maneira como os participantes da pesquisa se posicionam em relação a outras vozes trazidas para o diálogo, é interessante observar a preferência pelo concordar ao invés de discordar. Foram apresentadas aos participantes proposições de opiniões contrárias e solicitado a eles que comentassem. Observou-se que apenas duas vezes um participante comentou a proposição com a qual discordava e ainda assim de maneira modalizada, como observamos em (74) e (75). Todas as outras vezes, os participantes comentaram as afirmações com as quais concordavam e o fizeram de maneira mais assertiva, alinhando-se à proposição com o uso de “eu concordo”, conforme observamos nos exemplos (74) a (82):

75. “Então, eu acho que dá pra ensinar em outras matérias, como diz 2A – também dá –, mas se a gente quiser uma efetividade maior a gente tem que focar naquilo, como disse 2B.”

76. “Eu concordo com a 2B, mas ela fala que ‘se deixar por conta de ensinar Oratória nas aulas das matérias normais acaba não dando tempo’. Eu acredito que essas matérias normais seriam português, inglês – *que a 2A fala. Só que eu acredito que esse pensamento é muito equivocado.*

77. “No meu ponto de vista eu também *concordo* mais com a 2B.

78. “Por isso *eu acredito que a 2B está mais de acordo* com as minhas ideias.

79. “Eu *sou mais favorável a concordar* com a 2B.”

80. “*Eu concordo com a 2B.*”

81. “*Mas eu concordo realmente que o cristão tem uma responsabilidade maior.*”

82. “*E por conta disso, por pensar no propósito, eu fico com a opção 5B, com a professora 5B.*”

83. “*Então, eu concordo com a 2B, acho que a fala da Laura foi bem pertinente, completou bem o que eu gostaria de falar.*”

No excerto (82), além da concordância direta com a proposição apresentada, o participante da pesquisa utiliza-se também de recurso de ENGAJAMENTO para alinhar-se ao discurso de outro participante, validando sua avaliação através do ENDOSSO da fala de outro (trecho sublinhado). Este recurso é utilizado em vários outros momentos e destaca-se sempre a ocorrência de endosso e nunca de negação, quando se trata de comentar falas de outros participantes. Este fato pode se dever a alguns possíveis fatores: a) a homogeneidade do grupo de participantes; b) o formato online do grupo focal que propicia menos interrupções nas falas uns dos outros e portanto menos refutações imediatas; e/ou c) o crivo social dos participantes não permitiu que eles expressassem oposição a seus pares. Seja qual for o motivo, a tendência é observada em:

84. “*Eu gostei bastante da fala da Laura e eu concordo também com ela.*”

85. “*Concordando exatamente com o que você acabou de falar e o que todos falaram, a Denise, o Pedro. Confrontando aquilo que é vão no Senhor, que não é de acordo com aquilo que nós acreditamos, que não está de acordo com os nossos princípios, com os nossos valores. Eles tiveram ali o poder de confirmar.*”

86. “*Eu concordo com o que foi dito.*”

A partir dos diversos recursos de AVALIATIVIDADE esmiuçados nesta seção, juntamente com as análises e discussões realizadas nas seções 4.1 e 4.2, apresento a seguir uma conclusão da tese, deixando o encaminhamento de algumas sugestões e recomendações para melhoria da prática pedagógica dos professores pesquisados, conforme proposta desta tese.

CONCLUSÃO

Ao chegar ao final desta tese, após as análises e concomitante discussão dos resultados, retomo os objetivos propostos inicialmente a fim de estabelecer minha contribuição com esta pesquisa à comunidade pesquisada. Como anteriormente mencionado, a proposta desta tese harmoniza-se com a Análise do Discurso Positiva. Através da análise do discurso de professores, busquei compreender como são construídos e negociados os conceitos e valores do ensino de Oratória em escolas de Abordagem Educacional por Princípios em vários estados do Brasil, identificando a perspectiva particular pela qual este ensino é representado pelos sujeitos, a fim de, em última análise, propor alternativas que melhorem a prática social desses docentes. Não há aqui interesse em identificação de hegemonias políticas, lutas de nenhuma natureza ou análise de discursos que sustentem desigualdades, mas o interesse é na harmonização, a fim de oferecer intervenção positiva para algum aspecto do mundo. Esta pesquisa, conforme a proposta intervencionista de Martin (2004), pretende servir à comunidade e a seus cidadãos de maneira que estes sejam conscientizados de seu papel perante o mundo, neste caso, professores de Escolas por Princípios que poderão se beneficiar dos resultados para melhorar sua prática pedagógica. Para atingir este objetivo, realizei no capítulo 4 a análise de questionários aplicados à professores destas escolas, análise de material didático de Oratória e análise de falas de professores em contexto de discussão em grupo focal e, concomitantemente, a discussão dos resultados encontrados nestas análises.

Os resultados da análise de todas as partes do *corpus* evidenciaram alguns aspectos do ensino de Oratória que trazem luz à esta discussão. Em resumo, os resultados convergem para a percepção de que os professores pesquisados:

- Entendem e praticam o ensino de Oratória quando há a oportunidade, evidenciando uma falta de intencionalidade neste ensino;
- Entendem Oratória como uma habilidade, que, portanto, pode ser, desenvolvida a partir do uso de técnicas, estratégias e treinamento específico;

- Entendem o propósito principal do ensino de Oratória para seus alunos como “estar preparado para defender a sua fé, proteger-se dos falsos ensinamentos e fazer diferença na sociedade”;
- Deixam evidente o importante papel do professor como bom orador através do estabelecimento de um fluxo de causa e efeito no ensino de Oratória (apresentado na seção 4.3);
- Dão preferência a utilizar os recursos de APRECIÇÃO dentro do Sistema de Avaliatividade, recorrentemente avaliando o ensino de Oratória como relevante, mas difícil;
- Se utilizam com frequência de recursos de JULGAMENTO para evidenciar uma sensação de incapacidade para o ensino de Oratória;
- Tendem a julgar professores como incapazes, alunos como desinteressados e escolas como rígidas, no que diz respeito ao ensino de Oratória; e
- Utilizam o texto Bíblico como suporte de autoridade (ENDOSSO) para suas opiniões validando suas percepções com citações bíblicas e alinhando-se com a metodologia da Abordagem Educacional por Princípios.

A análise dos materiais didáticos mostrou ainda que:

- A conscientização sobre o que é Oratória e como deve se dar seu ensino é parte primordial de qualquer programa de capacitação;
- Há uma lacuna no que diz respeito à abordagem de questões de controle emocional no ato de falar em público;
- A análise de textos históricos e a memorização são recursos frequentemente utilizados no ensino de Oratória; e
- A Oratória mostra-se como um valioso recurso de avaliação dos alunos por parte dos professores.

Aprofundo aqui alguns desses aspectos a fim de estabelecer uma base para posterior sugestão de encaminhamentos desta tese.

Em primeiro lugar, os resultados apontam para um desconhecimento do que é Oratória por parte da maioria dos professores. Pequena ou nenhuma é a relação que os docentes estabelecem entre a Oratória e a argumentação e persuasão. Como mencionado, a concepção de Oratória dos professores mostra-se mais ligada à prática de oralidade sem regras muito definidas do que a procedimentos de

construção de um discurso regulado com intenção inerente de persuasão. Assim, parece imperativo que, para poder realizar um efetivo ensino de Oratória para seus alunos, os professores devam passar por um processo de conscientização e instrução sobre este ensino. Esse processo deve ocorrer não apenas com os educadores, mas também gestores e alunos. Conscientizando primeiro a equipe escolar, será possível que estes repliquem para seus alunos o que alcançaram.

Insisto aqui que a palavra **conscientização** nesta tese é utilizada no sentido de trazer algo à consciência, passar a conhecer, mas não apenas isso. Muitos professores sequer são informados sobre o que é a Oratória, sua importância e impacto na formação de seus alunos como cidadãos. O ato de informar estes professores, seja através de leituras, palestras, grupos de discussão, cursos ou incentivos, é fundamental para iniciar o processo de conscientização. O conhecimento é dado a partir do contato com o tema, cuja importância a própria existência desta tese vem enfatizar.

Entretanto, apenas informar não é suficiente. A conscientização, como a entendo aqui, vai além de uma atividade de educação escolar. Ela se estrutura num projeto mais amplo de renovação da mente, que capacita o professor a refletir, criar e aplicar. Essa tríade REFLETIR – CRIAR – APLICAR, apresentada por Jehle (2015), é a base daquilo que aqui chamamos de conscientização. O **refletir** é entendido como “a operação da mente por meio da qual ela revolve sua visão sobre si mesma e sobre suas operações” (WEBSTER, 2015). Refletir envolve a revisão ou consideração de seus pensamentos e práticas avaliando-os segundo o padrão proposto para reflexão, no caso da AEP o padrão bíblico. Essa etapa é fundamental para que o professor possa seguir para a criação seu próprio repertório no campo da Oratória, por exemplo. O professor será capaz então de **criar**, o que implica em produzir novo conhecimento sobre a matéria. Webster destaca que criar define-se por “produzir por meio de novo conhecimento da matéria já criada e por meio de revestir essas combinações com novas formas, constituições e qualidades, moldar e organizar.” Um processo de conscientização do professor necessita permitir que o professor possa criar em face do que conheceu e refletiu e não apenas reproduzir um modelo que lhe foi apresentado. Finalmente, o professor deverá **aplicar** sua reflexão e criação à sua prática pedagógica. Aplicar resulta em experimentar no seu dia a dia aquilo que considerou anteriormente, avaliando e reavaliando suas premissas e práticas. Após esse processo poderemos dizer que o professor estará

conscientizado, pois recebeu informação, produziu conhecimento e é capaz de colocar em prática de maneira autônoma incorporando a matéria às suas práticas diárias.

A necessidade de conscientização, baseada não apenas em conhecer, mas em refletir, criar e aplicar, ganha destaque nesta pesquisa, em especial pela sua afiliação à Análise Positiva do Discurso. Esse processo de conscientização habilita o sujeito a mudar o mundo. Entendo aqui que a intervenção positiva proposta pela ADP não pode ocorrer sem passar pelo processo de conscientização individual. Ainda que este processo ocorra no campo do indivíduo, no ambiente escolar ela tem efeitos de colaboração e união, que terão impacto na comunidade escolar como um todo e na história do ensino de Oratória.

Em segundo lugar, os resultados demonstram que os sujeitos pesquisados consideram uma tarefa difícil realizar o ensino de Oratória para seus alunos. Essa dificuldade é reconhecida através do apontamento de diversos entraves ao estabelecimento do ensino de Oratória, verificados também na análise do grupo focal. Observou-se durante as análises que os entraves apresentados para a efetiva implantação de um ensino de Oratória nessas escolas de AEP ora estão relacionados ao próprio professor e ora à escola como instituição. Assim, faz-se necessária a proposição de práticas de melhorias por parte dos dois grupos, a fim de que o cenário propicie o ensino da Oratória de maneira formal e intencional.

A análise do corpus e os resultados encontrados tornou patente a necessidade de capacitação dos docentes para o ensino de Oratória, visto que esta mostrou-se pouca ou nenhuma. Revelou-se inegável certa angústia por parte dos professores por não se sentirem capazes de ensinar esta habilidade ao mesmo tempo que a consideram essencial para o sucesso de seus alunos. Dessarte, a proposição de intervenções de capacitação para professores e gestores escolares parece urgente. Esta necessidade sustenta o fluxo de causa e efeito a partir da capacitação do professor proposto na seção 4.3, segundo o qual um professor capacitado para o ensino de Oratória, sendo ele um bom orador, produzirá o fruto na vida de seus alunos que será a glória de Deus manifesta pela maneira como seus alunos utilizam-se da linguagem e são capazes de persuadir através dela. A Aecep, como associação que dá suporte e capacitação às escolas de AEP, tem um papel fundamental nessa intervenção positiva mediante a proposição intencional de eventos de desenvolvimento profissional que visem a conscientização dos docentes.

Até mesmo os materiais didáticos brasileiros, utilizados em escolas de AEP, analisados na seção 4.2, apontam para o fato de que não basta ter um livro didático que inclua o assunto, mas é preciso que o professor tenha conhecimento técnico da matéria para que a Oratória seja ensinada de forma a ajudar o aluno no desenvolvimento pessoal da habilidade.

Diante das observações mais específicas discutidas em todo o capítulo 4 e das generalizações aqui retomadas, sustento aqui que a melhor intervenção para melhoria da prática pedagógica da comunidade pesquisada no que diz respeito ao ensino de Oratória nas escolas de AEP é a recomendação de que a Oratória seja parte da capacitação de professores. Deste modo, como a contribuição desta tese, passo a fazer algumas recomendações pertinentes para contribuir com futuras formações de professores. Ressalto aqui que o ensino de Oratória deveria fazer parte da formação de professores de todos os componentes curriculares, uma vez que fica claro que é uma habilidade que não constitui uma área do conhecimento em si, mas permeia diversas áreas entrelaçadas pelo uso da linguagem. Assim, além do trabalho cotidiano do professor de língua materna que tem um importante papel no ensino de ferramentas de linguagem necessárias aos estudantes para o desenvolvimento de uma boa Oratória, faz-se necessário que os professores de outras disciplinas também participem do ensino de Oratória na educação básica, compreendendo-a como uma habilidade transdisciplinar.

Deixo aqui, portanto,, uma lista de temas que não devem faltar em um curso de formação de professores para o ensino de Oratória, a fim de equipar docentes das escolas de AEP a iniciar essa instrução a seus alunos desde a mais tenra idade. Faço isso, como resultado da análise do *corpus* e da revisão da literatura aqui apresentada. As sugestões estão alinhadas à metodologia de AEP, a fim de produzir pensamento de causa e efeito nos professores acerca daquilo que aprenderão na capacitação.

O primeiro item que é sobremaneira recomendado é que qualquer curso de formação de professores nesta área tenha preocupação com uma conscientização, pensada num modelo refletir-criar-aplicar, conforme mencionado anteriormente neste mesmo capítulo. Visto que o grupo de indivíduos pesquisados demonstrou pouco ou nenhum conhecimento do que é Oratória em si, vejo como primordial que num curso de formação os professores tenham acesso a definição dos principais

termos da matéria como Oratória, Retórica, Eloquência e Persuasão. Ademais, também é preciso também que conste do curso de formação uma pesquisa bíblica sobre o tema para que os docentes adotem uma perspectiva de cosmovisão cristã do assunto, exercendo aqui a renovação da mente sobre o assunto. Esses elementos devem trabalhar a favor de uma conscientização sobre a importância e urgência do desenvolvimento da habilidade de Oratória desde as primeiras séries do ensino básico. Para isso, a apresentação de pesquisas, como esta tese, pode ser de fundamental importância. Também outras fontes de conscientização como exemplos de oradores de sucesso, estudos de caso, filmes, etc. são excelentes ferramentas a serem utilizadas. Os exemplos de escolas que já realizam o ensino de Oratória, algumas delas mencionadas aqui, também podem servir ao propósito da conscientização.

Como ideia guia para nortear os professores em formação nos preceitos da AEP devemos aceitar a premissa que *o ensino de Oratória é essencial para que o aluno esteja preparado para cumprir sua missão de persuadir o mundo ao evangelho de Cristo com ousadia e autoridade dadas por Deus, enquanto glorifica a Deus por meio de sua habilidade de utilizar a língua de maneira correta, ordenada, bela e eloquente, tendo Jesus como o melhor exemplo de orador.*

No que diz respeito ao conhecimento técnico mínimo necessário para que os educadores possam ensinar Oratória a seus educandos, não apenas de AEP mas em geral, é de grande importância que lhes seja apresentada a obra de Aristóteles. De acordo com a carga horária da formação pode ser sugerido um aprofundamento maior ou menor em sua obra, entretanto, parece fundamental que os professores tenham contato com a obra “Retórica”, do autor grego, ainda que em parte. Alguns dos itens indispensáveis são os conceitos de *ethos*, *páthos* e *logos* e suas respectivas implicações no reconhecimento do orador, do seu público e de sua mensagem em si. Esses conceitos podem ser reconhecidos em textos históricos de oradores consagrados de maneira que os docentes possam perceber na prática como eles influenciam na construção do discurso.

Outrossim, é importante que as etapas de construção do discurso propostas por Aristóteles sejam também parte do curso de formação. O professor deverá ser capaz de compreender o que deve ser feito pelo orador nas etapas de *Invenção*, *Disposição*, *Elocução* e *Ação*, sendo ele mesmo capaz de realizar essas etapas a fim de atingir o objetivo final na Oratória que é persuadir. Neste ponto, os docentes

devem ser estimulados a pensar em objetivos práticos nessas quatro etapas para seus alunos nas diferentes idades, ou seja, o estabelecimento de metas de acordo com a idade e critérios para a realização das etapas.

Conforme atestam os resultados dessa pesquisa, a etapa da *Ação* faz emergir questões importantes das apresentações orais, como o medo de falar em público, controle das emoções, estratégias de apresentação oral, etc. Assim, é de fundamental importância que uma capacitação de professores para o ensino de Oratória ofereça conhecimento e treinamento dos chamados pontos de palanque, como Ritmo, Ênfase, Dicção, Tom, Volume, Postura, Contato Visual, Presença, Gestos, Domínio do Corpo, entre outros. Munidos de informação e treinamento nesses aspectos, os docentes deverão ser capazes de ajudar melhor seus alunos dando-lhes sempre feedbacks encorajadores e treinamento preciso.

Estabeleço ainda mais um ponto a ser abordado em um curso de formação de professores para ensino de Oratória. É necessário que os professores possam ter acesso a exemplos de práticas em sala de aula voltadas para o desenvolvimento da Oratória. Assim, recomenda-se que na sua formação o professor seja inspirado por atividades e projetos factíveis, de modo que possa inserir a prática da Oratória em sua rotina pedagógica e o seu ensino deixe de ser ocasional e inserido apenas em brechas. É bom que o professor compreenda que o desenvolvimento da habilidade se dará na mesma proporção em que seu treinamento for regular e intencional.

Finalmente, ressalto o importante papel da escola como instituição nesta capacitação de professores para o ensino de Oratória. Primordialmente, a equipe de gestão pedagógica da escola precisa participar de uma capacitação como esta sugerida para que, consciente da importância e do teor do ensino de Oratória em sua escola, possa capacitar seus professores para tal tarefa e oferecer condições para que ela seja realizada. Imbuídos da missão de formar professores para ensinar Oratória em suas escolas, gestores pedagógicos devem rever currículos, conteúdos programáticos, materiais didáticos e projetos institucionais e encontrar o espaço oficial que cabe à Oratória nesses instrumentos, transformando a cultura do ambiente escolar, se necessário se fizer. Neste ponto, volto a mencionar o importante papel da AEEEP em auxiliar os gestores.

Apresento então um resumo dos pontos mínimos considerados essenciais num curso de capacitação de professores para o ensino de oratória conforme

descrito acima. Todos os pontos fazem parte do mencionado processo de conscientização.

Itens mínimos para uma capacitação de professores para o início do ensino imediato de Oratória em escolas de AEP:

Ideia-guia: O ensino de Oratória é essencial para que o aluno esteja preparado para cumprir sua missão de persuadir o mundo ao evangelho de Cristo com ousadia e autoridade dadas por Deus, enquanto glorifica a Deus por meio de sua habilidade de utilizar a língua de maneira correta, ordenada, bela e eloquente, tendo Jesus como o melhor exemplo de orador.

INSPIRAR:

- Grandes oradores e suas realizações
- Escolas que já ensinam Oratória e o desempenho de seus alunos
- Pesquisas sobre a importância de uma boa Oratória
- Oratória sendo utilizada em diversos contextos
- Necessidade urgente do desenvolvimento da Oratória
- Benefícios de uma boa Oratória.

PESQUISAR:

- O que é oratória. Palavras-chave: Oratória, Retórica, Eloquência, Persuasão
- Propósito da Oratória
- Pesquisa Bíblica sobre Oratória
- Contato com Aristóteles e sua obra

RACIOCINAR:

- Conceitos de Ethos, Pathos e Logos
- Conceitos de Invenção, Disposição, Elocução e Ação
- Pontos de Palanque (Ritmo, Ênfase, Dicção, Tom, Volume, Postura, Contato Visual, Presença, Gestos, Domínio do Corpo)
- Controle emocional na Oratória

Todos os itens do raciocinar devem ser relacionados com princípios bíblicos.

RELACIONAR:

- A Oratória e o ensino: o lugar da Oratória na escola
- Exemplos de prática de ensino de Oratória: escolas e programas que já praticam

REGISTRAR:

- Sugestão de materiais, atividades, ações.
- Criação coletiva de propostas para início imediato de ensino de Oratória nas escolas de AEP.

A lista acima resume um **encaminhamento** de itens mínimos a serem abordados numa **capacitação** de professores de AEP para o ensino de Oratória como contribuição desta tese.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, tive oportunidade de oferecer uma breve seção temática sobre o assunto para alguns professores de escolas de AEP como parte de seu processo de desenvolvimento profissional no 29º Workshop da AECEP no ano de 2020. A pesquisa ainda não estava totalmente concluída, entretanto, esta seção temática funcionou como um piloto para uma possível formação de professores mais extensa nessa área. A apresentação utilizada nesta ocasião encontra-se nos anexos desta tese.

Embora esta pesquisa se dê no contexto das escolas de Abordagem Educacional por Princípios, esta tese contribui majoritariamente a outras escolas que não as dessa abordagem, sejam elas cristãs ou não. A necessidade de retomar um ensino de Oratória e o desenvolvimento de habilidades individuais dos alunos nessa área não diz respeito às escolas de AEP apenas, embora eu tenha utilizado essa comunidade docente como grupo de sujeitos pesquisados. Assim, sugiro que a capacitação de professores para o ensino de Oratória deva partir não apenas das escolas em geral. Mediante os dados desta pesquisa, entendo que deveria haver uma disciplina Oratória e seu ensino nos cursos de licenciatura das diversas áreas nas universidades. Como professora e acadêmica observo que a falta deste ensino desde a escola básica reflete-se na dificuldade dos próprios licenciandos e futuramente professores serem bons oradores que conseguirão persuadir seus alunos. Uma disciplina de Oratória no curso de licenciatura poderia abordar o tema

de forma mais profunda e ter como consequência professores mais capacitados para este ensino nas escolas.

Acredito que esta tese se conclui com a reflexão de que este é, mais do que nunca, o tempo de retomar a Oratória perdida, pois o poder de falar bem transforma não apenas o indivíduo, mas toda a plateia que o ouve. Essa plateia pode ser o mundo! Se esperamos que cristãos comprometidos com a missão dada por Jesus de pregar o evangelho a todas as nações, estejam prontos a transformar vidas por meio de sua fala, e se, entendemos o papel da escola básica como o espaço no qual o estudante deverá ser equipado ao desenvolvimento de habilidades para a vida, então, as escolas de Abordagem Educacional por Princípios precisam agir de acordo com a verdade de que o ensino de Oratória é urgente e imprescindível. E, em adição a um indispensável curso de capacitação para este ensino, gestores e docentes devem crer que “o Senhor dá a sabedoria; da sua boca é que vem o conhecimento e o entendimento” (Provérbios 2,6).

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A; KUMAR, V. D., GEORGE, S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo. Editora Atlas, 2001.

ADAMS, C. **Noah Plan**: English Language Curriculum Guide. Virginia: FACE, 2006.

AGOSTINHO, S. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulinas, 1991.

ALMEIDA, F.S.D.P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. *In*: VIAN Jr., O. (org.) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos Sistemico-Funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ALMEIDA JR., L. **Conjecturas para uma retórica do Design [Gráfico]**. 2009. Tese (Doutorado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes & Design. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ALBUQUERQUE, F. **Em busca do sentido perdido**: para uma didática possível da oralidade. Lisboa: LIDEL, 2006.

ALVES, M. P. **Educação por princípios**: uma abordagem de ensino e aprendizagem para pleno desenvolvimento do indivíduo. 198 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015.

ARISTÓTELES. **Retórica**. [384-322 a.c.] Edipro, 2011.

BAKHTIN, M. **The Dialogical Imagination**. Holquist, M. (ed.) trad. C. Emerson and M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BALOCCO, A. E. O sistema de engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. *In*: VIAN Jr. **A linguagem de avaliação em língua portuguesa**. Pedro & João Editores, São Carlos, 2010.

BARTLETT, T. Positive discourse analysis. *In*: FLOWERDEW, J., RICHARDSON, J. E. (ed.). **The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies**. Abingdon: Routledge, 18 July 2017. Acesso em 1 Jul 2019, Routledge Handbooks Online.

BARTLETT, T. **Hybrid voices and collaborative change**: Contextualizing positive discourse analysis. New York, Routledge, 2010.

BARTHES, R. A retórica antiga. *In*: COHEN, J. *et al.* **Pesquisas de retórica**. Trad. de Leda Pinto Maфра Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-232.

BAUER, S. W., WISE, J. **The Well-Trained Mind**. A guide or Classical Education at home. New York: Norton, 1999.

BERGMANN, L. **A voz dos alunos em sala de aula**: a prática da Oratória. Rio de Janeiro: Educação Unisinos, 2009. v.3, n.1.

BERTRAND, L. **Cidadania e educação**: rumo a uma prática significativa. [S./]: Papyrus, 1999.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BÍBLIA. Inglês. **Life Application Study Bible**. Nova versão internacional. Illinois: Zondervan, 2011.

BLUEDORN, H., BLUEDORN, L. **Teaching the Trivium**. Iowa: Trivium Pursuit, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CAMPOS, V. T. “**Acima de tudo sou professora, educadora, e posso mostrar para eles que eu faço com muito amor**”: um estudo das representações do professor de inglês sobre o seu fazer por meio do Sistema de Avaliatividade. 2013. 154f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CAPLAN, S. Using focus group methodology for ergonomic design. **Ergonomics**, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.

CARNEIRO, M. M. **Oratória básica**. Curitiba: Vicentina, 1981.

CARVALHO, G. A prosódia atitudinal: apreciação e julgamento em críticas de cinema. *In*: VIAN Jr. **A linguagem de avaliação em língua portuguesa**. Pedro & João Editores, São Carlos, 2010.

CARVALHO, R. A apreciação em anúncios publicitários de livros didáticos de língua inglesa. *In*: VIAN Jr. **A linguagem de avaliação em língua portuguesa**. Pedro & João Editores, São Carlos, 2010.

CHAER, G., DINIZ, R., RIBEIRO, E. A técnica de questionário na pesquisa educacional. 2011. **Evidência**, v.7, n.7, p.251-266. Araxá, 2011.

CICERO, M. T. **De Oratore**. Cambridge and London: Harvard University Press, 2004, XXI, 71.

CICERO, M. T. **Orator**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

CICERO, M. T. **Dos deveres**. Tradução de Angélica Chiapetta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CURY, A. P. S. **Oralidade no ensino superior**: as aulas de língua portuguesa como uma contribuição efetiva no desenvolvimento do discurso oral. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade**: Estudos. v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/330> Acesso em: maio 2019

DO VALLE, L., BOGÉA, D. Memória e memorização. Sobre um anátema na educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018

EINSTEIN, A. *In*: LYONS, M. **A Abordagem por princípios**. Belo Horizonte: AECEP, 2006.

EXAME. **Falar em público: medo atinge mais pessoas do que se pensa**. Brasil. São Paulo: Abril, 14 mar. 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/falar-em-publico-medo-atinge-mais-pessoas-do-que-se-pensa-shtml/>. Acesso em: maio 2019.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. 2nd. ed. London: Longman, 2001.

FARIAS DE SOUZA, L. M. A interação de recursos de um texto opinativo. *In*: VIAN Jr. **A linguagem de avaliação em língua portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, , 2010.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. (Coleção Linguagem e Ensino). São Paulo: Contexto, 2010.

FILL, A. *The handbook of ecolinguistics*. Nova York/Londres: Routledge, 2018.

FIRTH, J. R. 1957. **Studies in linguistic analysis**. Oxford: Blackwell, 1957.

FURINI, I. F. **Práticas de oratória**. São Paulo, Ibrasa, 1992.

FUZER, C., CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIOVINAZZO, R. A. Focus group em pesquisa qualitativa – fundamentos e reflexões. **Revista Administração**, v. 2, n. 4, out./dez. 2001. Disponível em: http://www.fecap.br/adm_online/. Acesso em: fev. 2013.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995.

HALL, V. **The Christian History of Constitution**. U.S, 1960.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. Revised by Christian M.I.M. Matthiessen. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 1. ed. Revised by Christian M.I.M. Matthiessen. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. 'Early Language Learning: A Sociolinguistic Approach'. *In*: MCCORMACK, William C. and WURM, Stephen A. (ed.) **Language and Man, Anthropological Issues**. The Hague: Mouton, 1976. p.97-124.

HOUAISS, A. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

JEHLE, P. **As sete colunas da sabedoria**. São Paulo: AECEP, 2008.

JEHLE, P. **Ensino e aprendizagem: uma abordagem filosófica cristã**. São Paulo: AECEP, 2015.

JEHLE, P. **Educação por princípios: fundamentos do currículo escolar**. São Paulo: AECEP, 2016.

JOHNSON, D. Focus groups. *In*: ZWEIZIG, D. *et al.* **Tell it! Evaluation sourcebook & training manual**. Madison: SLIS, 1994.

JOSEPH, M. **O Trivium: As artes liberais da Lógica, Gramática e Retórica**. São Paulo: Paul Dry Books, 2015.

KHOSRAVINIK, M. The representation of refugees, asylum seekers and immigrants in British newspapers during the Balkan conflict (1999) and the British general election (2005). **Discourse and Society**, v.20, n. 4, p. 477-498, 2009.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez, 2001.

KREUGER, R. A. **Focus Group: a practical guide for applied research**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994.

LIEBSCHER, P. Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. **Library Trends**, v.46, n.4, p.668-680, Spring 1998.

LIMA, P. **Como elaborar um currículo de Oratória em sua escola.** *In: 27º* Workshop de Educação Cristã: A Escola Confessional no Contexto Brasileiro. São José dos Campos, SP., 2018.

MACHADO, A. **Técnicas e práticas de Oratória nas aulas de língua portuguesa.** Curitiba, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9891070-Tecnicas-e-praticas-de-oratoria-nas-aulas-de-lingua-portuguesa.html>. Acesso em: ago. 2019.

MALINOWSKI, B. **Coral Gardens and their magic.** Londres: George Allen & Unwin, 1935.

MARCUSCHI, L. A. **O tratamento da oralidade no ensino de língua.** Recife: Ática, 1993.

MARTIN, J.R. **Positive Discourse Analysis: Solidarity and change.** London, 2004.

MARTIN, J.R. **Blessed are the peacemakers: Reconciliation and evaluation.** In Candlin (ed.), 187-227, 2012.

MARTIN, J.R. Grace: the logogenesis of freedom. **Discourse Studies**, v.1, n.1, 1999.

MARTIN, J.R. Intermodal reconciliation: mates in arms. *In: LEN UNSWORTH (ed.).* **New literacies and the English curriculum: multimodal perspectives.** London: Continuum, 2008. p. 112- 148.

MARTIN, J., ROSE, D. **Working with Discourse - Meaning beyond the clause.** London: Continuum International Publishing, 2003. (Open Linguistics Series).

MARTIN, J., MATTHIESSEN, C. M. I. M., PAINTER, C. **Working with functional grammar.** London: Arnold, 1997.

MARTIN, J.; ZAPPAVIGNA, M.; DWYER, P. **“Negotiating narrative: story structure and identity in youth justice conferencing.”** *Linguistics and the Human Sciences*, 2009.

MARTIN, J., WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English.** London, Palgrave, 2005.

MATTAR, C., SILVÉRIO, L. *In: Fundamentos, conceitos e práticas da educação*. Curso I. Material Apostilado, AECEP, 2015.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Editora Atlas, 1993.

MATEUS, S. **Introdução à retórica no séc. XXI**. Covilhã: LABCOM.IFP, 2008.

MATTHISSEN, C. Systemic functional linguistics as applicable linguistics: social accountability and critical approaches. **D.E.L.T.A.** 28 Especial. Hong Kong, 2012.

MERCER, N. “Aprender a falar em público deve ter o mesmo peso do que aprender matemática nas escolas”. **El País**, Cambridge, 05 abr. 2018. Entrevista concedida a Ana Torres Menárguez. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/economia/1522064879_829810.html.

MEDEIROS, M. **Questionários: recomendações para formatação**. Brasília: Ipea, 2005.

MEYER, B. **A arte de argumentar**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MORALES, V. P. **A oralidade no ensino de língua portuguesa: um estudo da fala como prática discursiva**. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, v. 1, n. 3, 2. sem. 1996.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. Toronto: Addison-Wesley Publishing company, 1986.

PERELMAN, C. OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

QUINTILIANO, M. F. Instituto Oratório. *In: CARVALHO, F. Lições elementares de eloquência nacional*. 2 ed. Lisboa: Typographya Rollandiana, 1840.

RAZZINI, M. P. G. O espelho da nação: A antologia e o ensino de Português e Literatura. Tese (Doutorado em Literatura) – IEL, Unicamp, Campinas, 2000

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REIS, A. S. **Oralidade e ensino na rede pública paulista**. 2007. 217 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RESENDE, V., RAMALHO V. **Análise de discurso crítica**. Rio de Janeiro: Contexto, 2006.

RUSHDOONEY, R. J. **Philosophy of the Christian Curriculum**. Ross House Books. Oregon, US, 1981.

SAPIR, E. Cultura: genuína e espúria. *In*: PIERSON, Donald (org.). **Estudos de organização social**. São Paulo: Martins Editora, 1949

SANTOS, A. M. **Sob a lente do discurso**: aspectos do ensino de retórica e poética no Atheneu Sergipense (1974-1891). 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

SANTOS, L. **Escrever é preciso, falar não é preciso**: o lugar da oralidade nos livros didáticos recomendados pelo PNLD. Duque de Caxias, 2013.

SANTOS, Milena Costa. Os sofistas e a arte da retórica. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 21, n. 4686, 30 abr. 2016. ISSN 1518-4862. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48589>. Acesso em: 26 maio 2022.

SEARS, L. **The History of Oratory**. Chicago, S.C. Griggs and Company, 1896

SCHIFFRIN, D. **Approaches to discourse**. London: Blackwell, 1994.

SIRE, J. W. **Dando nome ao elefante**: cosmovisão como um conceito. Brasília: Monergismo, 2017.

SLATER, R. J. **Teaching and Learning Americas Christian History**. São Francisco, CA: FACE, 1965.

SMITH, T. The loss of rhetorical education. *In*: **Edu*Rhetor Blog**. Disponível em: <https://edurhetor.wordpress.com/2016/09/04/the-loss-of-rhetorical-education/>

SOBHIE, M. T. O engajamento em um artigo de opinião sobre as novas tecnologias. *In: VIAN Jr. A linguagem de avaliação em língua portuguesa*. Pedro & João Editores, São Carlos, 2010.

SOUZA, A. **Educação por princípios**: ferramentas de ensino aprendizagem. AECEP, 2015.

SOUZA, R. A. **O império da eloquência**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, Eduff, 1999.

STIBBIE, A. An ecolinguistic approach to critical discourse studies. **Critical Discourse Studies**, v. 11, 2014.

THE TIMES. **Speaking in Public is worse than death for most**. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/speaking-in-public-is-worse-than-death-for-most-5l2bvqlmbnt>. Acesso em: jul. 2019

THOMPSON, J. B. **The Media and Modernity**: A Social Theory of the Media. Stanford: Stanford University Press, 1995.

THOMPSON, J. B. Hermeneutics. *In: KUPER, A.; KUPER, J. (ed.). The social science encyclopedia*. London: Routledge, 1996.

WEBSTER, N. **American Dictionary of the English Language**. Versão Online, 1828. Disponível em: <http://webstersdictionary1828.com>.

WEBSTER, N. **American Dictionary of the English Language**. São Francisco, CA: F.A.C.E., 1967.

WHORF, B. L. **Language, thought and reality**: selected readings of Benjamin Lee Whorf. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1956.

YOUMANS, E. L. **Renovando a mente do educador**. São Paulo: AECEP, 2017.

APÊNDICE A – Questionário

O PODER DE FALAR BEM: Um estudo sobre o ensino de Oratória em escolas cristãs brasileiras
PESQUISA DE DOUTORADO EM LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Prezado professor,

meu nome é **Viviane Tavares Campos**, sou professora e pesquisadora do programa de pós-graduação em letras da Uerj. Atualmente estou desenvolvendo uma pesquisa no curso de doutorado com o tema “**O PODER DE FALAR BEM: um estudo sobre o ensino de Oratória em escolas cristãs brasileiras.**”. O objetivo desta pesquisa é investigar, por meio de análise linguística, como são construídos e negociados os conceitos e valores do ensino de Oratória em escolas confessionais cristãs de Abordagem Educacional por Princípios em vários estados do Brasil. Pretende-se verificar se há entraves à implantação de um *curriculum* de Oratória nessas escolas e, caso afirmativo, auxiliar na compreensão de sua natureza. A análise pretende ainda discutir um currículo viável, que contemple as necessidades e anseios dos atores sociais envolvidos, preservando as características filosóficas e metodológicas da abordagem. Para uma coleta de dados inicial, **gostaria de contar com a sua ajuda respondendo ao questionário abaixo**, expressando livremente suas opiniões sobre o tema. **O tempo máximo gasto será de 10 minutos**. Informo que a pesquisa é oficialmente acompanhada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ e está sob a orientação da Professora Tânia Shepherd, **respeitando os preceitos da Comissão de Ética em Pesquisa da instituição**, a fim de garantir o respeito, a integridade e a dignidade dos seres humanos envolvidos. **O questionário é anônimo**, não sendo necessária a identificação por meio de nome ou número.

Aqueles que desejarem informações adicionais podem fazer contato através do e-mail viviane.tata@gmail.com ou WhatsApp (21) 99480-5297.

Agradeço a sua disponibilidade em ajudar e desejo que esta pesquisa possa contribuir de alguma maneira para a busca da excelência do ensino das escolas de AEP.

Grata,
Viviane Tavares Campos

PERFIL:**Função**

Docente de língua portuguesa Docente de língua estrangeira Docente de outras áreas Administração escolar Gestão pedagógica **Sexo**

Feminino Masculino **Idade** _____**Formação**

Ensino Médio Ensino Superior Pós-graduação Latu Sensu Mestrado Doutorado **Nome da escola**

Cidade

QUESTIONÁRIO:

1. Em sua opinião, o indivíduo precisa ter treinamento formal para falar bem e persuadir ou é um dom que nasce com a pessoa? Justifique.

2. Há ensino de Oratória em sua escola, mesmo que de maneira não formal?

Sim Passe para a pergunta 3.

Não Passe para a pergunta 4.

3. Como se dá este ensino?

Formalmente, em aulas de língua portuguesa

Formalmente, em aulas de outras disciplinas

Em aulas específicas da disciplina de Oratória

Informalmente, a critério de cada professor

Outros: _____

4. Na sua opinião, qual o(s) principal(ais) entrave(s) para que sua escola / você ensine Oratória para seus alunos?

5. Na sua opinião, sua escola dá a atenção devida ao desenvolvimento da Oratória para seus alunos? Por quê?

6. Qual a importância que você atribui ao ensino de Oratória na escola básica?

É dispensável

É pouco importante

É importante, mas não essencial

É muito importante

É indispensável

7. Para você o ensino de Oratória:

Não deveria existir na escola

Deveria ter peso menor do que o ensino de outras disciplinas

Deveria ter o mesmo peso que o ensino de outras disciplinas

Deveria ter peso maior que o ensino de outras disciplinas

8. Na sua opinião, ensinar Oratória aos seus alunos na escola é:

- Muito fácil
- Fácil
- Difícil
- Muito difícil
- Impossível

9. Em relação à formação do professor, você se considera capacitado a ensinar Oratória para seus alunos? Por quê?

10. O que você acha que VOCÊ poderia fazer para melhorar as habilidades de Oratória de seus alunos?

11. O que você acha que SUA ESCOLA poderia fazer para melhorar as habilidades de Oratória de seus alunos?

12. Sua escola utiliza a CONFERÊNCIA FINAL DE SÉRIE como parte integrante da avaliação do aluno? Se sim, como é feita a orientação do aluno para essa atividade?

13. Você acredita que escolas cristãs:

- Têm a mesma responsabilidade no ensino de Oratória que outras escolas
- Têm menos responsabilidade no ensino de Oratória que outras escolas
- Têm mais responsabilidade no ensino de Oratória que outras escolas

Justifique:

14. Que itens você acha indispensáveis num currículo de Oratória para escolas de Educação por Princípios?

15. Você estaria disposto (a) a colaborar com essa pesquisa participando de uma discussão online em momento de sua conveniência? Se sim, por favor informe seu endereço de e-mail para contato posterior. _____

APÊNDICE B – Roteiro para o grupo focal

1) O QUE É ORATÓRIA? COMO VOCÊ ACHA QUE ELA ACONTECE NA VIDA DAS PESSOAS?

Respostas espontâneas. Não há fichas. (10 min)

Após todos comentarem, mostrar a definição de Oratória da nossa pesquisa para alinhamento do conceito.

ORATÓRIA 1. A arte de falar bem, ou de falar de acordo com as regras da retórica, a fim de persuadir. Para constituir Oratória a fala deve ser justa e pertinente ao assunto; precisa ser metódica, todas as partes do discurso dispostas de maneira ordenada e conectada; deve ser embelezada com as belezas da língua e pronunciada com eloquência. (Webster 1828)

Inclui a preocupação com a postura e caráter do orador, organização da mensagem e relacionamento entre o orador e o auditório.

2) IMPORTÂNCIA DA ORATÓRIA / DISCIPLINA CURRICULAR X ENSINO EM TODAS AS DISCIPLINAS (10 min)

2A “Na minha opinião, Oratória é importante, mas tem outras coisas mais importantes. O aluno precisa saber português e matemática, não dá muito pra perder tempo com Oratória, acho que não tem necessidade de ser uma matéria separada. Dá pra ensinar Oratória dentro de qualquer matéria, principalmente em português, inglês. A gente ensina enquanto eles estão apresentando trabalhos, etc.. Se o aluno quiser se aprofundar ele pode fazer um curso à parte.”

2B “Oratória é algo de extrema importância. Inclusive vai ajudar o aluno em todas as outras matérias. Acredito que ensinar Oratória na escola é um investimento na vida do aluno como um todo. Se ele aprende a organizar bem os argumentos e falar bem, ele vai bem em todas as matérias. Eu acho que Oratória devia entrar no currículo, assim como as outras matérias. Pelo menos um tempo por semana. Assim obrigaria os professores e os alunos a focar nisso. Se deixar por conta de ensinar Oratória nas aulas das matérias normais acaba não dando tempo. É um ensino muito específico.”

3) VOCÊ ENSINA ORATÓRIA PARA SEUS ALUNOS? QUANDO? COMO? RELATO DE EXPERIÊNCIAS. Respostas espontâneas. Não há fichas. (10 min)

4) É FÁCIL OU DIFÍCIL INCLUIR O ENSINO DE ORATÓRIA NA ESCOLA? (10 min)

A maioria dos professores pesquisados citou esses fatores como os maiores empecilhos para ensinar Oratória na escola. Quais deles você concorda? Quais vocês acham mais importantes?

- I. Carga horária/ Falta de espaço na grade de disciplinas;
- II. Falta de capacitação/formação/ treinamento por parte dos professores;
- III. Engessamento de “ter que cumprir” o currículo das disciplinas e cobrir os conteúdos dos livros didáticos;
- IV. Falta de conhecimento da importância da Oratória por parte da escola/ cultura da escola e da equipe;
- V. Desinteresse dos alunos/ cultura local de periferia;
- VI. Resistência dos alunos por preferirem o uso de tecnologias e o costume de receber tudo pronto;
- VII. Despreparo dos alunos no uso básico da língua portuguesa; e
- VIII. Alta demanda de preparação dos alunos para provas escritas.

5) A RESPONSABILIDADE DA ESCOLA CRISTÃ NO ENSINO DE ORATÓRIA (10min)

5A “O cristão tem mais responsabilidade em saber falar bem e argumentar do que qualquer outro. Nós fomos chamados para persuadir as pessoas ao evangelho de Cristo. Tem muito cristão que não sabe falar, não tem argumentos para debater sobre um assunto. Isso é um problema. Por isso acho que a Oratória é superimportante numa escola cristã. Temos que mostrar a eles que Deus nos deu a capacidade da linguagem e honramos a Deus quando usamos essa capacidade bem. Os alunos de escolas de EP precisam ser cristãos que se destacam na sociedade.”

5B “Qualquer escola deveria ensinar Oratória. Não importa se é cristã. É importante para todos. Não vejo diferença nisso.”

6) IDEAL (10min)

Se você pudesse pensar hoje no cenário ideal para o ensino de Oratória na sua escola, qual seria?

APÊNDICE C – Transcrição do grupo focal

Viviane: Agora foi. Laura, você está me ouvindo? Está me ouvindo, Laura?

Laura: Acho que agora foi. Desculpa, não estava entrando!

Viviane: Não, acho que agora foi. Está tranquilo. Você está me ouvindo bem?

Laura: Agora eu estou, legal.

Viviane: Então está bom.

Então vamos começar, gente. Boa noite! Se vocês não me conhecem ainda, eu sou a Viviane. Eu estou entrando aí, vocês estão vendo o meu nome como 'instituto angelicum' porque é a sala de reunião que nós estamos usando aí deste instituto. E primeiro de tudo, eu quero agradecer muito a vocês por estarem dispensando esse tempo agora pra mim! Eu sei como vida de professor é corrida, é difícil, mas eu queria dizer que vocês estão me abençoando muito e que Deus recompense vocês por estarem dispensando esse tempo aqui!

Rapidamente eu queria fazer aqui uma formalidade. Informar vocês sobre os direitos que vocês têm na participação neste grupo. Primeiramente, é o direito à confidencialidade. então, na pesquisa, o nome de você não vai ser divulgado. Quando fizerem qualquer menção à fala de vocês serão nomes fictícios, então, nunca será publicado o nome de vocês.

Vocês têm o direito de saber que vocês estão sendo gravados. Na verdade, na gravação a gente só vai aproveitar o áudio. Então, o áudio é que vai ser transcrito pra gente fazer a análise depois.

E [inaudível 24:45], assim, não são obrigados a responder nenhuma pergunta e comentar qualquer coisa que vocês não queiram. Então, só pra vocês ficarem cientes disso. É uma formalidade, porque a gente vai fazer um bate-papo bem informal sobre o dia adia de trabalho de vocês mesmo. Tudo bem?

Laura: Ok, tudo bem. Tá bom.

Viviane: Então, olha só: eu vou explicar para vocês como vai ser a dinâmica da nossa discussão.

Vocês são quatro pessoas debatendo.

Eu não vou interferir... Eu vou propor a discussão, mas eu não vou comentar a fala de vocês.

Como vai ser?

Eu vou, primeiramente, mostrar para vocês uma tela com um tema. E aí eu vou pedir para vocês falarem sobre aquele tema.

Vocês são livres para falar a opinião de vocês. Não tem certo, errado, nunca estudei sobre isso, ótimo... É para falar mesmo, o interesse da pesquisa é a opinião de vocês.

Cada vez que eu propuser um tema para discussão, eu vou fazer uma ordem de fala diferente.

Então, por exemplo: Na primeira eu posso começar pela Pedro, depois a Laura, depois a Denise, depois o Pedro. Na próxima pergunta ou na próxima discussão, a gente vai fazer outra ordem.

O interessante é vocês também comentarem as falas uns dos outros. Então, vocês têm liberdade. Se, por exemplo, a Pedro falou alguma coisa que você quer usar como exemplo ou que você discorda, você pode pedir a fala e comentar.

Nós somos poucas pessoas, então, acredito que a gente não vai ter problema de falar ao mesmo tempo.

Mas manter a ordem de fala e aí, se alguém quiser comentar a fala do outro, pede para comentar. Não tem problema nenhum.

Se você preferir pedir para comentar pelo chat, você pode entrar ali: "Ah, quero falar depois dela. Gostaria de comentar."

E aí eu volto para você mesmo que você já tenha falado sobre aquilo.

Então, está bom.

A gente vai começar... Eu vou começar compartilhando aqui com você essa tela. Vocês estão vendo a tela? Vocês estão conseguindo ver a minha tela aqui com a pergunta?

Denise: Sim, sim.

Pedro: Sim, está indo.

Viviane: Legal. Então, a primeira coisa que eu queria - é uma pergunta aberta mesmo. Eu queria saber o que é Oratória para você? O que você acha que é Oratória e como ela acontece na vida das pessoas? Pra que as pessoas usam, seja você, seus alunos, ou qualquer outra pessoa? O que é Oratória para você?

[inaudível 27:30] a ordem que está aqui. A gente pode começar pela Pedro.

Pedro: Olá, gente, boa noite! Tudo bem?

Eu sou a Pedro, eu vim aqui para somar com a vivi e com o grupo de vocês.

Na minha opinião, dentro do que eu trabalho com as minhas crianças, eu ainda [inaudível 27:50] para crianças bem pequenas. Sou professora do Município do Rio, então trabalho com crianças de cinco aninhos, quatro aninhos. Eu estou numa escola como professora de educação infantil.

Então, dentro da visão, da realidade, o contexto das crianças, eu coloco a Oratória como uma oportunidade mesmo - o ensino da Oratória, no caso - como uma oportunidade de a criança poder expandir, não só o seu vocabulário, mas a sua compreensão [inaudível 28:24] todas as palavras que vão se acrescentando na vida dela durante os estudos, as lições, durante as trocas. Eu acho que ela acontece de uma maneira natural, mas eu entendo que o crescimento disso, o aperfeiçoamento disso, se dá com o aprofundamento, com o estudo, com oportunidade de debate. Mesmo que ainda [inaudível 28:57] com leituras, diferentes... Vamos dizer assim: diferentes interações, com diferentes pessoas, de idades diferentes.

Então, eu acredito que é nesse caminho. Eu vou tentar focar sempre dentro do meu grupo, porque é onde eu domino mais. São crianças menores.

Eu acredito que é isso e é dessa maneira que ela acontece na vida dessas crianças.

A não ser que elas possam somar com outro grupo, mas eu vou tentar direcionar as minhas falas sempre dentro desse grupo. Está bom?

Viviane: Como você também é capacitadora da ECEP e você é estudiosa também da educação por princípio, então, de alguma maneira você pode contribuir pensando no aluno de educação por princípio como um todo, não só os seus alunos.

Pedro: É, isso. Então, na verdade o que acontece?

Eu trabalho com a educação por princípio mesmo na escola pública, eu não sei ensinar de outra forma - eu até digo isso. É claro que a gente tenta não, vamos dizer assim, "Cristianizar" - não sei se essa é uma palavra adequada -, mas "Cristianizar" muito o ensino, por conta de estar dentro de uma escola pública. Mas as ferramentas de ensino e aprendizagem da educação por princípio, elas permitem serem utilizadas em qualquer contexto. Não tem problema você estar dentro de uma escola confessional, ou de uma escola pública, ou até mesmo de uma escola... Não sei se existe alguma instituição de uma outra religião. Então, isso não tem problema.

Com os pequeninhos, dentro da educação por princípio, a nossa visão... Dentro de uma escola qualquer, não apenas com os pequeninhos, a nossa visão é que a Oratória venha expandir a erudição, venha aumentar a erudição dessa criança ou desses indivíduos, esteja ele em que contexto estiver. Então, como a gente trabalha com uma abordagem clássica, mas também com uma abordagem bem elevada, a gente entende que expandir em erudição esse vocabulário, esse gosto pela leitura, essa maneira de articular, de questionar, de interagir com palavras que às vezes não estão dentro do cotidiano é o melhor caminho para conduzir o ensino da oratória dentro da educação das crianças pequenas e até dos maiores.

Viviane: Legal, obrigada!

Laura, por favor!

Laura: Prazer, eu sou a Laura! E pra mim a Oratória é a maneira como você vai falar de maneira que o Enunciatório vai compreender de forma eficaz aquilo que você está querendo falar. Então, pra mim a Oratória é você entender o tema e articular da melhor maneira possível para que o outro entenda aquilo que você está falando ali.

E nessa segunda pergunta que você colocou: Como você acha que ela acontece na vida das pessoas?

Eu acho que ela acontece pela maneira como eu estou explicando, pela maneira como estou articulando um tema de maneira que o outro se sinta confortável a também começar a praticar essa Oratória.

Então, eu acredito que a Oratória não deve ser só para aquele que está anunciando, mas também deve chegar ao enunciatório de maneira que ele consiga se sentir confortável a também praticar isso.

Viviane: Legal, obrigada!

Denise, por favor!

Denise: Boa noite! Eu peço perdão por não estar aparecendo no vídeo, mas eu estou com uma crise de enxaqueca horrível, então, o meu rosto está bem doente. Então, eu fiquei com vergonha de aparecer.

Viviane: Não precisa se preocupar e eu te agradeço por você participar mesmo com a crise de enxaqueca!

Denise: Bem, não é fácil definir. Eu acredito que não é uma tarefa fácil definir a Oratória, por ser um campo muito abrangente. Sim, eu acredito que a Oratória esteja a habilidade de falar em público com objetividade, clareza. E, apesar de não ter um estudo específico para isso na nossa escola. Eu trabalho com ensino fundamental II, nós não temos uma disciplina específica para falar de Oratória, um estudo totalmente direcionado para isso, mas acho que depois a gente pode falar das dificuldades que a gente enfrenta para lidar com o currículo em si. Mas, eu acredito que a Oratória seja até uma arte de falar bem, de falar de maneira que o outro compreenda. Acho que está ligado também até ao crescimento de relacionamento. Nós temos hoje uma deficiência muito grande nessa área, especialmente dos relacionamentos, da comunicação nos

relacionamentos. Então, eu acho que um viés que também é importante na Oratória seria incentivar uma comunicação nos relacionamentos, e não só falando de carreira profissional ou de outras áreas. Enfim...

Viviane: Legal! Obrigada, Denise!

Pedro, por favor!

Pedro: Boa noite, primeiro! E... Está ouvindo?

Viviane: Sim.

Pedro: Está ouvindo?

Denise: Eu estou.

Pedro: Está ótimo!

Primeiro, boa noite! Eu também fiz a opção de não aparecer no vídeo para esse debate, não é porque eu estou doente, é porque o modelo não ajuda mesmo, eu também fiquei com vergonha.

Eu acredito que sim, que a Oratória tem muito a ver, está, na minha linha de raciocínio, muito ligada a essa questão que a Denise acabou de falar. É uma habilidade, a Oratória é uma habilidade que deve ser desenvolvida com esse propósito - com o propósito da comunicação efetiva, clara, direta, objetiva. Mas, para mim, é uma arte, é uma habilidade que tem que ser desenvolvida. Infelizmente, como ela falou, nós não temos na nossa escola - a gente trabalha na mesma escola - uma matéria, algo direcionado para essa habilidade e a gente vai trabalhando realmente com o que pode.

'Como ela acontece na vida das pessoas?' Eu vou ser sincero, gente, eu não entendi muito bem essa pergunta. Você diz assim, a questão de 'Como ela acontece', no sentido de que ela se desenvolve na vida das pessoas?

Viviane: As pessoas usam a Oratória quando? Para quê? Nunca? Só algumas pessoas usam? Todas as pessoas usam? No seu ponto de vista.

Pedro: Entendi.

Nos mais diferentes contextos. Eu achei interessante, que Denise falou, a questão de usar a Oratória nos relacionamentos. Mas ela acontece em vários momentos da vida da gente. E acho que a nossa tarefa, que trabalha com a linguagem, é preparar esses alunos para comunicar bem as ideias deles.

Viviane: Legal, muito obrigada!

Agora que vocês já falaram um pouquinho do que é a Oratória para vocês, eu queria que a gente alinhasse o que nós estamos chamando de Oratória aqui. Toda vez a gente se referir à Oratória, a gente vai estar trabalhando, mais ou menos com essa definição do Webster 1828, que vocês já devem estar familiarizados, como trabalham com educação por princípios.

Então, para nós, nessa pesquisa, a Oratória é a arte de falar bem, ou de falar de acordo com as regras da retórica, à fim de persuadir. Para constituir a Oratória a fala deve ser justa e pertinente ao assunto, precisa ser metódica, todas as partes do discurso dispostas de maneira ordenada e conectada, deve ser embelezada com as belezas da língua e pronunciada com eloquência.

Então, essa é a definição do Webster. A gente acrescenta ainda que, quando a gente fala de Oratória, a gente está falando também de uma preocupação com a postura e o caráter do orador. Porque aquele que fala precisa ter uma credibilidade na fala. Então, o seu caráter importa na sua Oratória, na organização da mensagem; então, não é só porque ele articula bem, porque tem uma voz bonita, mas a organização da mensagem. E esse relacionamento é entre o orador e o seu auditório. Quando um discurso é proferido, à fim de persuadir, ele tem um objetivo para um auditório, seja ele de uma pessoa ou de muita.

Então, é só pra gente alinhar qual é a nossa visão de Oratória nesta pesquisa. Por quê? Porque vários autores pensam coisas diferentes sobre Oratória. Alguns falam que é apenas... Tratam muito apenas da questão do controle emocional, o tom de voz. Hoje em dia tem muitos cursos de Oratória que trabalham mais essa parte física e menos a parte de organização da linguagem.

Eu só queria alinhar com vocês o que nós estamos chamando de Oratória aqui.

A partir daqui tudo o que a gente falar "A Oratória..." é isso aí que é Oratória pra gente.

Vamos continuar então.

Eu trouxe aqui para vocês esses dois comentários de professores. Então, isso são falas de professores. A gente investigou alguns professores através de questionários, que alguns de vocês responderam também. E aí, essas duas falas são sobre o mesmo tema. Eu gostaria que vocês comentassem sobre esse tema e sobre essas falas.

"Olha, eu concordo com o 2A..." ou "Eu discordo...", "Eu concordo só com essa parte...", "Não, eu concordo só com o 2B, porque eu acho isso e isso."

Então, eu vou ler para vocês o 2A e o 2B. E vocês vão comentar em cima da fala dessas pessoas. Ok?

Então, a professora 2A disse assim:

"Na minha opinião, Oratória é importante, mas tem outras coisas mais importantes. O aluno precisa saber português e matemática, não dá muito para perder tempo com Oratória. Acho que não tem necessidade de Oratória ser uma matéria separada. Dá pra ensinar a Oratória dentro de qualquer matéria, principalmente em

português, inglês. A gente ensina enquanto eles estão apresentando trabalhos, etc.. Se o aluno quiser se aprofundar ele pode fazer um curso à parte."

A professora 2B, sobre o mesmo assunto, disse o seguinte:

"Oratória é algo de extrema importância. Inclusive, vai ajudar o aluno em todas as outras matérias. Acredito que ensinar a Oratória na escola é um investimento na vida do aluno como um todo. Se ele aprende a organizar bem os argumentos e falar bem, ele vai bem em todas as matérias. Eu acho que Oratória devia entrar nos currículos assim como as outras matérias. Pelo menos um tempo por semana. Assim obrigaria os professores e os alunos a focar nisso. Se deixar por conta de ensinar Oratória nas aulas das matérias normais acaba não dando tempo. É um ensino muito específico."

Eu gostaria que vocês comentassem. O que vocês concordam, o que vocês discordam, o que vocês acrescentam.

Vamos começar com Denise, pode ser?

Denise saiu?

Denise está aí?

Acho que ela saiu.

Pedro, você pode começar comentando, então, por favor?

Pedro: Sim, posso.

São dois pontos de vista completamente diferentes. Eu tenho uma tendência maior, até mesmo porque nós trabalhamos dentro de uma abordagem de educação por princípio onde a Oratória é mais valorizada do que em outros ensinamentos, outra abordagem de ensino. Eu sou mais favorável a concordar com o 2B. Eu acredito que é realmente algo de extrema importância, até mesmo porque quando você trabalha a questão da Oratória, da apresentação dos seus argumentos, você aprende a trabalhar com isso com a finalidade de convencer o outro, você também vai, de certa forma, se preparando para filtrar os outros argumentos que vão sendo jogados, vão sendo impostos, você tem como - eu vou usar essa palavra - ficar "vacinado" contra aqueles que são mal-intencionados.

Então, eu acho que dá pra ensinar em outras matérias, como diz 2A - também dá -, mas se a gente quiser uma efetividade maior a gente tem que focar naquilo, como disse 2B.

Viviane: Ok. Laura, por favor!

Laura: Eu concordo com a 2B, mas ela fala que "se deixar por conta de ensinar Oratória nas aulas das matérias normais acaba não dando tempo". Eu acredito que essas matérias normais seriam português, Inglês - que a 2A fala. Só que eu acredito que esse pensamento é muito equivocados. Porque a Oratória, ela existe e ela existe em todas as matérias. E não é só em português, inglês, porque... Nessas matérias de humanas. Mas, por exemplo, um aluno que segue na linhagem mais de exatas, ele encontra muita dificuldade, por exemplo, em falar em público. Por isso eu acredito que a 2B está mais de acordo com as minhas ideias. Porque se houvesse um ensino obrigatório de Oratória dentro da grade curricular talvez esse aluno que fosse para uma engenharia, enfim, para uma apresentação de trabalho, acho que não sofreria tanto. Não estou generalizando, mas eu já ouvi história de que as pessoas estão tentando introduzir mais acerca de Oratória até nas grades curriculares dentro das universidades porque não tem esse impacto. Então, eu acredito que não é somente em português, em inglês, mas deveria ser em todas as matérias e ter uma relação mesmo das matérias com a Oratória.

Eu acredito muito nisso.

Viviane: Legal! Pedro, o que você acha?

Pedro: Então, eu gostei bastante da fala da Laura e eu concordo também com ela.

A Oratória não é... Veja bem, no meu ponto de vista eu também concordo mais com a 2B. Mas a Oratória não é uma área de conhecimento, é importante isso ficar claro. Nós até aprendemos isso dentro da nossa abordagem, estudando, que, de fato, nós temos sete áreas de conhecimento estabelecidas ali - a gente até vê ali o ideograma ali da criação. Ela não é uma área de conhecimento. Mas por causa disso, por conta da relevância que ela tem na formação, até achei maravilhoso o que você falou da questão do caráter. Eu acredito realmente que a mensagem se torna importante a depender de quem passa essa mensagem. Então, o caráter vai se formar aí também - e trabalhado também. E eu acredito que, de fato, uma importância relevante cada disciplina trabalhar a Oratória.

Veja bem, não é retirando dela em si, enquanto um conteúdo a ser trabalhado, uma matéria, uma disciplina, essa importância, no sentido assim: "não é bom que tenha na escola uma disciplina de Oratória", não é essa a visão. Mas como ela não é uma área de conhecimento específica, eu acho que ela nunca deveria ter sido separada de todas as matérias. Se a gente olha e até pega... Esses dias eu estava aqui avaliando um trabalho de uma amiga - para ajudá-la mesmo. E aí a gente estava fazendo uma pesquisa sobre algumas pessoas que faziam uso de cadernos de anotações, e ela estava fazendo umas pesquisas. E a gente viu que era algo muito comum. Tudo aquilo que se estudava - ela estava fazendo especificamente de Dom Pedro Segundo -, mas tudo

aquilo que se estudava tinha um discurso pronto a ser preparado, ali mostrando a sua perspicuidade, sua compreensão do todo. Então, na minha opinião isso não deveria ter sido separado, nunca. Nunca deveria ter sido separado. Só que, infelizmente, a gente está dentro de uma realidade e de uma necessidade.

Então, eu concordo com a 2B, acho que a fala da Laura foi bem pertinente, completou bem o que eu gostaria de falar. Mas acredito que a Oratória não pode ser encarada diretamente como uma área de conhecimento. Eu acho que ela deveria vir hoje como algo fundamental no ensino de cada disciplina, de cada matéria. É como dizer assim: Não existe condições de eu ensinar esse determinado conteúdo para crianças ou para os jovens sem que ele tenha condições de saber passar o que ele aprendeu. Então, eu acho que deveria ser um complemento ou, vamos dizer assim, o foco do ensino. Eu preciso ensinar para que ele saiba passar. Até porque isso é o que nós aprendemos, até da Palavra, nós precisamos aprender - da Bíblia que eu digo, da Palavra de Deus -, nós precisamos aprender para passar. Então, eu não vejo nem sentido, por exemplo, diante da abordagem educacional por princípio, se a gente ensina matemática e os nossos alunos não conseguem ensinar. Não tem nem muita conexão diante daquilo que a gente acredita e entende enquanto [inaudível 48:30].

Viviane: Legal!

Denise, eu não sei se você ouviu como é que está a dinâmica aqui, mas o que a gente precisa agora, o que eu gostaria que você fizesse, é comentar em cima dessas duas falas de professores que estão aí na tela. É 2A e 2B. Qual que você concorda mais...? Se você concorda parcialmente. E também diante das outras.

Denise: Eu concordo com a 2B, parece mais com a nossa abordagem de ensino. Eu... Como é o nome dela? Espera aí... A penúltima que falou, a moça de rosa.

Viviane: Laura, a loirinha.

Denise: Não.

Viviane: A morena?

Denise: Isso.

Viviane: Pedro.

Denise: Pedro.

De fato, não é uma área de conhecimento, a Oratória, ela faz parte da linguagem. Assim como a linguagem tem suas especificidades, a Oratória é uma parte muito importante, até porque a linguagem surge de maneira oral e se um aluno consegue compreender um conteúdo que foi falado para ele de maneira eloquente, com muita clareza, e ele é capaz de falar sobre isso, ensinar sobre isso, é porque, de fato, o conhecimento chegou em seu ápice, como deveria acontecer.

Então, em qualquer outra área de conhecimento a Oratória é extremamente importante. Eu tenho esse hábito de estimular os alunos para que eles consigam: "Ah, hoje eu aprendi um conceito novo..." - eu tenho esse hábito de pedir que eles expliquem esse conceito por si só, usando as próprias palavras, o próprio vocabulário, para que aquilo fique de maneira mais consciente e não maneira subjetiva, decorada. Então, eu acredito que ensinar Oratória na escola deve ser um foco, especialmente na área da educação cristã. Porque eles estão sendo bombardeados por todos os lados com outras filosofias, outras perspectivas, e eles precisam ser capazes de dar a razão da fé deles em qualquer lugar, em qualquer circunstância. Eu acredito que dar a razão da fé está bem ligada à Oratória. Não falando só de maneira... Como eu posso dizer? Falando da história da bíblia, da igreja, não só nesse sentido. Mas fazendo a conexão entre o princípio e o problema abordado. E a Oratória vai ajudar muito nesse sentido. Nós temos essa preocupação. Como eles vão debater, como eles vão conseguir se posicionar através da fala, se eles não vão ser persuadidos de maneira negativa porque alguém fala muito bem, aquela fala é sedutora, aquela fala é atraente, pensando nas ideologias mesmo. Eu acho que a Oratória pode auxiliar nessa convicção que um aluno pode ter acerca de quem ele é e o que ele está fazendo aqui.

Viviane: Interessante que há uma coisa de comum na fala de vocês, que eu percebo que é: A Oratória é mais do que falar, ela também é saber ouvir e interpretar argumentos. Eu acho que o Pedro falou sobre isso, Denise também. Nesse mundo que nós estamos vivendo onde muitas pessoas têm usado dessa habilidade Oratória para persuadir num caminho que a gente entende que não é o caminho da verdade. É uma Oratória sem compromisso com a verdade.

Interessa essa percepção de vocês. Então Oratória não é só falar, é ouvir também? O que vocês acham?

Pedro: Principalmente.

Pedro: Posso acrescentar algo?

Viviane: Sim, por favor.

Pedro: Eu estou aqui de frente para o meu quadro de... Tem um quadro aqui cheio de informações. E aí eu vasculhei aqui um verso, um versículo bíblico, que eu acho que é bem pertinente agora. Diz assim: Hebreus 2-3... Depois eu vou até confirmar, porque eu escrevo tudo tão rápido e às vezes eu não... Não estou com a bíblia aberta, ele está de fato escrito aqui bem em frente ao computador. Diz assim:

"Começando a ser anunciada pelo senhor, foi-nos depois confirmada pelos que ouviram." - Falando da mensagem da palavra. E olha que coisa maravilhosa: "Foi depois confirmada por aqueles que ouviram." No sentido de: O senhor anunciou e aqueles que puderam ouvir reforçaram. Eu não entendo que fosse maior do que a palavra do próprio senhor, mas tiveram a capacidade de convencer, de confirmar àqueles que depois vieram. E o comentário que eu escrevi aqui foi exatamente esse: O valor de quem passa a mensagem indica o quanto a mensagem é importante. No sentido de que aqueles que ouviram passaram e demonstram em seu caráter, demonstram quem são. Olha, podem confiar porque essa mensagem tem confiança. Porque eles ouviram e passaram com verdade. Confrontando exatamente o que você acabou de falar e o que todos falaram, a Denise, o Pedro. Confrontando aquilo que é vão [no senhor? 54:47], que não é de acordo com aquilo que nós acreditamos, que não está de acordo com os nossos princípios, com os nossos valores. Eles tiveram ali o poder de confirmar.

Eu achei, assim, maravilhoso! Eu estava olhando aqui agora, para o versículo: Vou compartilhar com as meninas, com o pessoal - tem um menino aí também.

Pedro: Eu só queria confirmar o versículo, qual é? Hebreu...?

Pedro: Então, eu escrevo tudo muito rápido e vou colando aqui. Aqui está Hebreus 2,3. Eu não estou com uma bíblia aqui, eu até procurei, mas não estou com uma aqui, deve estar na minha sala. Mas depois você confirma, por favor. Eu estou com o computador desligado e estou com o celular. Hebreus 2-3.

Pedro: Tá ok.

Laura: Eu posso falar?

Viviane: Por favor, Laura.

Laura: Eu até estava pensando há pouco tempo atrás num versículo - eu não sei também onde fica -, mas vai muito de encontro com o que a Denise falou. Que fala assim: "Cri, por isso, falei." Eu só posso falar de algo que eu realmente acredito, ou seja, que realmente eu tenho propriedade, algo que eu realmente creio. Então, se eu falo as coisas que eu creio, eu vou falar com propriedade. E isso vai vir de encontro com a pessoa que está ouvindo de uma maneira muito mais efetiva. E eu acho isso incrível porque a maneira como a gente escuta o outro e a maneira como o outro fala com precisão, isso vai falar com o que o outro acredite naquilo que você está falando. E abraçar aquela ideia ou abraçar aquela ideologia. E eu acredito que é o que muitos tem feito hoje. Tem gente falando muita mentira por aí, mas as pessoas falam com tanta propriedade, com tanta convicção, que as pessoas acabam crendo e aí vira uma constância.

Viviane: Bacana.

Vamos lá! Eu queria passar agora pra que vocês me relatassem a experiência de vocês no ensino de Oratória. De uma maneira muito livre.

"Olha, eu não ensino nada." ou "Não, eu tento. Dentro da minha aula eu tento trabalhar esse ou aquele aspecto."

Eu sei que Denise tem um material específico que ela me deu acesso. Enfim, você ensina Oratória para os seus alunos pelo menos em algum momento? Como, quando? Gostaria que você, brevemente, relatasse a sua experiência.

A gente pode começar, então, com a Denise. Por favor!

Denise: Então, nós trabalhamos lá na escola com o material didático do Mackenzie. E no livro didático não tem nenhum estudo específico sobre a Oratória. Nenhuma unidade falando sobre isso. No entanto, na parte de produção textual, eu estimo que algumas atividades de produção textual, elas sejam feitas de maneira oral. Que eles possam debater aquele gênero, sempre com uma temática em aula, eu trabalho com temáticas bem interessantes. Então, nesses momentos, de maneira mais livre, assim... É muito complicado. Eu acho que a realidade do professor de educação por princípio, que trabalha numa escola que não tem material próprio ainda, assim, todo compilado, organizado, é um desafio muito grande completar o currículo que o livro exige e também fazer produções próprias para apostilas, materiais para estudar com os alunos.

Então, para aproveitar o que nós já temos com o livro didático, eu procuro fazer dessa maneira em alguns momentos, trabalhar os temas que o livro vai abordando, apresentando - trabalhar isso de maneira oral. Mas também, acho que há uns dois ou três anos -, eu fiz um trabalho bem simples, assim, realmente bem para iniciantes - sobre o estudo da Oratória. Mas dando uma definição para os alunos, estimulando o pensamento de que a Oratória é uma arte, de fato o que é, por que ela é necessária. E fazendo também uma abordagem com o próprio Jesus, em momentos em que ele foi locutor de grandes plateias, para multidões. Como ele se portava, a postura dele, o modo como ele falava, como era a aparência dele, como isso influenciava as pessoas, o fato de que ele tinha muito carisma, isso também era muito importante.

Eu fiz esse estudo com eles, mais voltado para o objetivo de que eles apresentassem a conferência [inaudível 01:00:11], que é um trabalho que a nossa escola tem já há muitos anos. Eu trabalho nessa escola há sete anos, vai fazer oito anos já, e quando eu cheguei já existia essa conferência, que é um momento final, a conferência

final de [inaudível 1:00:30]. É um momento já no final do ano letivo em que os alunos produzem um trabalho, uma espécie de monografia, eles escrevem... No ensino fundamental eles escrevem apenas o material didático, fazendo todos os quatro passos da educação por princípio e fazendo essa parte mais reflexiva no final. No fundamental II o trabalho de monografia é feito com base em um tema. Ele faz uma mistura de algumas disciplinas, de algumas áreas que possam [inaudível 01:01:08] e abordam um tema específico, onde eles vão pesquisar sobre ele, escreve como num projeto de pesquisa e no dia de entregar o trabalho eles fazem apresentação para o público. Com uso de microfone, com uma banca que vai receber o trabalho. Eles vão trajados de maneira formal, os pais podem participar, os outros alunos vão assistir. E eles têm a oportunidade de defender a tese que eles construíram durante esse trabalho de final de série.

E aí eu, como professora de língua portuguesa, fiz esse material para ajudá-lo a preparar o discurso, para que no dia eles estivessem mais à vontade. Alguns ficavam muito apavorados, ainda ficam. Mas acabava se tornando mais leve. Eu fazia uma pré-banca com eles na sala, onde eles podiam mostrar os slides que eles haviam preparado ou algum outro material visual, outro recurso. E ao longo dos anos eu percebi que isso foi bom, que trabalhar nessa perspectiva de maneira mais direta, mostrando para eles como escrever, primeiro o discurso, como se preparar, mas sem ficar maneira mecânico, porque alguns escreviam todo o discurso e decoravam tudo como estava no papel e ficava muito feio. Eles mesmos percebiam isso, comentavam entre si que "Ah, ficou muito mecânico.", "Eu esqueci aquela frase e por isso eu travei, não consegui ir adiante." E isso, ao longo do tempo foi melhorando, a gente percebeu essa melhora porque isso também foi conversado com os outros professores da equipe. Eles perceberam que estimular o fato de que eles aprendessem o conteúdo para que eles pudessem explicar, dar uma aula sobre aquilo, seria mais interessante.

Então, eu tenho essa oportunidade na escola, que já trabalha com a conferência de final de série. E é um material bem simples, ele fala de outras pesquisas que eu fiz, então não nada muito próprio nesse material. É mais uma ajudar para mim e para os alunos. Eu fiz para que eu pudesse entender um pouco e que eles pudessem entender também de alguma maneira.

Viviane: Bacana! Deixa eu te perguntar uma coisa, Denise: Você disse que eles fazem a conferência final de série, eles falam de um tema qualquer ou os mais velhos até articulam dentro de um tema várias disciplinas.

Denise: Isso.

Viviane: Mas quem orienta eles para a conferência final é sempre o professor de português? Ou, por exemplo, se ele escolheu um texto que está ligado à física, se ele escolheu um tema que está ligado à matemática, ainda assim, o professor de português entra na orientação?

Denise: Todos os professores fazem a orientação. Essa minha orientação é mais para o discurso final. Mas o trabalho é toda orientação, inclusive, o esboço que eles fazem do discurso é o professor da disciplina que vai fazer a orientação; não eu.

Viviane: Legal. Obrigada!

Pedro.

Pedro está aí?

Pedro: Eu estou.

Viviane: Então, relata a sua experiência, por favor. Se você tem alguma experiência com os seus alunos nesta área.

Pedro: A minha experiência é muito parecida com a de Denise, também é durante as aulas, nesses momentos em que o livro sugere alguma resposta pessoal. Por exemplo, de alguma questão. Eu sempre estimulo que eles falem. Que eles deem a sua resposta, obviamente baseada no assunto que a gente está estudando, para ver se tem coerência com aquilo que a questão está pedindo deles. Eu trabalho muito assim.

É bem parecido, a gente trabalha na mesma escola. Então, a nossa maneira de trabalhar é muito parecida.

Viviane: Legal. Obrigada!

Laura.

Laura: Então, geralmente eu ensino Oratória quando eles vão apresentar algum trabalho, seja da minha matéria ou de outra. Por exemplo, hoje mesmo eu ensinei - eles pediram - tempo. Para que eu pudesse ajudá-los a articular as palavras da melhor maneira possível porque sábado agora vai ter a amostra cultural e eles estavam muito inseguros quanto a isso.

Então a gente já começa a observar que é um déficit na educação. E aí eu chamo individualmente, eles treinam junto comigo. Essa foi uma das grandes experiências que eu tive. Mas, geralmente, não é corriqueiro. Não acontece de maneira corriqueira.

Viviane: Ok. Pedro.

Pedro: No meu trabalho, como eu trabalho com os pequenininhos, a Oratória é, vamos dizer assim, fundamental. Na verdade é o norte, é o que norteia todo o restante daquilo que a gente vai fazer dentro do currículo e dentro das propostas. Agora até acaba que essa maneira de articular a aula acaba indo ao encontro

da proposta da nova base, que infelizmente retirou da educação infantil as áreas de conhecimento. Mas que também ampliou, vamos dizer assim, a visão, de alguma maneira, do professor, quando ela coloca os campos de experiência bem determinados. E aí permite que a gente articule mais a Oratória.

Então, o que faço diariamente?

Eu trabalho realmente com a expansão do vocabulário. Eu até - eu estava pensando aqui - eu me lembro que quando eu ainda estudava na escola, eu lia dicionário. Eu pegava o dicionário e lia o dicionário. Eu pegava as palavras e ficava lendo, realmente para poder compreender. Eu até tenho algumas anotações antigas de palavras que eu gostava que eu ficava procurando oportunidade de utilizar. Mesmo nova. Eu estudava numa escola católica, numa escola bem fechada, então eles faziam muitas exigências em relação a isso. Tinham também algumas apresentações orais.

Então, o que acontece? Até ali no currículo por ideia guia, esse livro do Paul Jehle, que é Fundamentos por currículo escolar, quando você vai ali para a educação infantil. Em toda a área da educação infantil ele explora muito essa parte da expansão do vocabulário. E uma das coisas que eu faço muito lá na escola com as crianças - também faço em casa com o meu filho. O meu filho é homeschooler, eu trabalho com ele em casa. o que eu faço muito é ler, por exemplo, um dos exemplos, é ler os contos para ele mesmo que ele esteja tão pequenininho, com quatro anos - também para os meus alunos com quatro anos eu conto os Clássicos de Green, por exemplo, mesmo com palavras tão difíceis... E eu até falo para as minhas amigas lá na escola: Eu nunca me lembro de momento nenhum, de nenhum deles me interromper, nem os meus alunos nem o meu filho, para perguntar qual o significado de uma palavra. Porque nós até acreditamos nisso, que nós aprendemos realmente, enquanto seres humanos - independente de Cristãos ou não -, aprendemos por revelação; mas não apenas por isso. Mas porque, realmente, todo o contexto vai fazer com que a pessoa compreenda o sentido das palavras. Então, você oportunizar para a criança...

Hoje eu estava fazendo uma lista de palavras para eles, em relação à letra L, por exemplo. Aí eu vou fazer: Lalá leu o livro. Eu posso colocar diversas outras palavras. Liberdade, por exemplo, também começa com a letra L. Para quem tem essa - eu estou dando um exemplo aqui -, para quem segue através de letras iniciais. Então, eu acho que para esse primeiro momento, e até ousar dizer que hoje, infelizmente, por conta dessa deficiência que a gente tem na educação, até para o Fundamental I eu acho que um dos focos de início, de levar e potencializar o ensino da Oratória é investir realmente na expansão do vocabulário. Como uma semente, para que a gente possa lembrar armazenando informações. Você está armazenando informações, expandindo o vocabulário, exigindo a tradução de palavras, os próprios quatro passos da EP nos proporciona isso. Mas com as crianças pequenas eu faço realmente lista de palavras quase que diariamente. E além disso, a gente faz todos os dias, por conta das histórias que a gente precisa ler para eles diariamente de acordo com a proposta da nova base, a gente faz roda de conversa.

E é muito lindo, é até emocionante, vê-los utilizando um vocabulário bem, vamos dizer, elevado em relação a outras crianças que a gente vê do mesmo contexto social - porque eles são alunos de escola pública de uma comunidade -, mas também em relação às crianças da escola.

E aí eu queria deixar uma pequena experiência engraçada, mas legal, de ontem. O meu filho estava conversando com um amigo que fala bastante gírias e um senhor o cumprimentou e falou com ele com bastante gíria. Aí ele tentou responder da mesma forma. E ele falou: "E aí humano!" - ele falou a palavra humano. Falou: "E aí humano!"

Porque ele falou assim: "Não conheço essa palavra: Mano."

A pessoa estava falando "Mano!"

mas ele falou: Não conheço essa palavra. "E aí humano!"

Então você vê como é realmente importante a gente proporcionar à criança esse vocabulário mais erudito, mais especial. Para que eles possam utilizar isso sempre que eles tiverem oportunidade.

Com os pequenininhos é assim que eu faço e achei maravilhosa a experiência que vocês compartilharam aí. Quando eu tiver a oportunidade de trabalhar com o fundamental eu vou utilizar. Não vou esquecer. Obrigada!

Viviane: Legal!

A maioria dos professores com quem a gente conversa, e eu também estou percebendo isso na fala de vocês - vários de vocês já falaram aqui: é muito complicado, é muito difícil ensinar Oratória. Tem isso.

Numa pesquisa que nós fizemos previamente com os questionários, a maioria dos professores - nós fizemos meio que um resumo de quais são os empecilhos que os professores enxergam. Por que é tão difícil ensinar a Oratória na escola?

E aí, em ordem de recorrência de resposta. Nós entrevistamos aproximadamente 150 professores de escolas de educação por princípios. E em ordem de recorrência foram esses oito itens que apareceram como os principais empecilhos.

Então, um primeiro empecilho seria 'Carga horária/ falta de espaço da grade de disciplinas

O segundo que mais apareceu foi a Falta de capacitação, de formação, de treinamento dos professores para o ensino de Oratória.

O terceiro foi esse que está muito ligado ao primeiro também: Esse engessamento de ter que cumprir o currículo da disciplina e cobrir aqueles conteúdos do livro didático. E acaba não dando tempo de você fazer outras coisas que talvez você ache que seja importante, mas que você não tem tempo por uma obrigação de cumprir.

O quarto mais recorrente foi A falta de conhecimento da importância da Oratória por parte de escola. Então, escolas que não reconhecem, ou a própria cultura da escola e da equipe, que não acham que isso é importante, então acaba não aparecendo.

O quinto item que mais apareceu nas respostas foi o desinteresse dos próprios alunos. E aí dialoga um pouco com a fala da Pedro, que falou que as pessoas hoje em dia têm um vocabulário muito restrito e os próprios alunos não sentem necessidade ou desejo de expandir ou ter uma melhor Oratória. E alguns mencionam a cultura local, de periferia, onde os alunos também - segundo esses professores - não se interessam por isso.

O sexto seria a resistência dos alunos. Porque eles querem só trabalhos que usem tecnologia e estão acostumados a receber tudo pronto. Então, como o desenvolvimento da Oratória exige que você seja criativo, que você articule as palavras e o conhecimento, e os alunos resistem um pouco.

O sétimo item mais recorrente é o despreparo dos alunos no uso básico da língua portuguesa. Os professores sentem dificuldades porque os alunos, como já foi mencionado por vocês, têm pouco conhecimento, há um déficit do aprendizado da língua portuguesa.

E o último item mais recorrente foi a alta demanda de preparação dos alunos para provas escritas. Como nós temos aqui nas próprias provas escolares e nos concursos onde a maior parte do que é avaliado é avaliado na escrita.

Então eu gostaria que vocês comentassem agora, rapidamente, qual desses itens, ou quais desses itens, vocês classificariam como aquele que vocês chama que é o maior empecilho para que haja um bom ensino de Oratória nas escolas de vocês.

[inaudível 01:15:49] por que a gente não consegue ensinar essa Oratória que a gente tem dito que é tão importante?

O que conta mais para vocês como empecilho para o ensino de Oratória nas escolas?

Eu vou começar com a Laura, por favor.

Laura: Bom, tem muitas coisas aí que eu concordo. Mas eu acho que 'a falta de capacitação/formação/treinamento da parte dos professores' e bastante o 'Engessamento de "ter que cumprir" o currículo das disciplinas e cobrir os conteúdos dos livros didáticos'.

É bem difícil, assim, porque a gente tenta não entrar tanto no livro didático e puxar a pesquisa Quatro passos e também ter que cumprir esse livro. Então, eu acredito que o espaço é difícil. Então, eu acredito que nós deveríamos abrir alguns meios - sei lá, talvez, vinte minutos por dia para tentar entrar com a Oratória. Mas acredito que são muitas disciplinas e não há um... Hoje em dia não é uma possibilidade, por exemplo, colocar como parte do currículo [inaudível 1:17:20] há uma demanda de disciplinas dentro dessa grade.

Viviane: Ok. Pedro.

Pedro: Eu fiquei bem em dúvida do que escolher. Acho que também 'Falta de capacitação/formação/treinamento por parte dos professores e também 'Despreparo do aluno no uso básico da língua portuguesa' conforme eu enfatizei aqui o valor que eu dou ao vocabulário, à extensão do vocabulário. Eu acho que esses são os fatores que são os maiores empecilhos para ensinar Oratória nas escolas. Mas também entendo que um pouquinho de boa vontade dos professores em querer, no sentido de compreender isso como parte natural do aprendizado. A gente tem, por exemplo, nas escola de AEP, por AEP, a gente ali os quatro passos e eu achei maravilhoso - eu acho que foi a Denise, ou Denise.

Viviane: Denise.

Pedro: Acho que foi a Denise. Falou que sempre que dá ela pede para que eles apresentem de alguma maneira. Isso já é um treinamento maravilhoso. É claro que se a gente puder ter uma técnica para poder capacitar nessa área e as crianças puderem utilizar uma técnica para falar, é claro que isso será muito proveitoso para eles e melhor ainda para todas as crianças. Mas só o fato de oportunizar e permitir isso a essas crianças - embora o currículo seja extremamente puxado. Foi o que eu falei, nós estamos diante de uma realidade, existe aquilo que nós idealizamos e até compreendemos por ideal, mas sabemos também que os pais, embora saibam que matricularam os seus filhos em uma escola por AEP, exigem o cumprimento do currículo, a gente sabe de tudo isso.

Mas as vezes é... Foi até acho que a Letícia falou agora. Infelizmente hoje realmente tem que colocar - eu digo infelizmente por que para mim isso não deveria ser necessário - colocar como parte obrigatória. Deveria ser natural. Mas tem que colocar como parte obrigatória, realmente, do currículo, para que isso possa ser

lembrado nas aulas. Não é algo que vai demandar tanto tempo - é claro que não vai fazer com a turma inteira -, mas não vai demandar tanto tempo e isso pode ser, assim, eu acredito, muito proveitoso e até experiências marcantes. Dependendo do momento, servir até como memorial para outras aulas.

Viviane: Pedro, por favor!

Pedro: Eu estava aqui vendo. Eu relaciono pelo menos três aqui, como esses empecilhos. O primeiro é o item quatro, que fala da 'Falta de conhecimento da importância da Oratória por parte da escola...' Eu acredito que isso é um ponto muito importante para que nós não tenhamos esse foco na Oratória. Que, para mim, isso é consequência do item oito que 'Há hoje uma demanda muito grande em preparar os alunos para provas escritas' realmente. ENEM, exame de seleção de IRFN, provas de concursos públicos. Então, é muito voltado para isso. O que resulta numa consequência pior ainda que é o item dois que é a 'Falta de capacitação, formação e treinamento dos professores'. Se eu não dou importância àquilo, eu vou capacitar para quê?

Eu relacionei, pelo menos, esses três aí.

Viviane: Ok. Denise.

Denise: Eu fico em dúvida também, mas acredito que, o item 2. Porque por mais que eu veja valor nisso, por mais que eu compreenda que é algo extremamente importante, eu, professora Denise não sabia - como eu posso dizer? - de que maneira trabalhar isso. Como inserir esse estudo nas minhas aulas. Eu não tenho nenhuma capacidade para isso. Assim, não sei o caminho por onde ir para que eu pudesse ensinar isso aos alunos. Eu consigo ver a importância, eu consigo compreender e tento falar isso para eles, que eles precisam melhorar, que eles precisam desenvolver coisas cotidianas mesmo. Os meninos têm preguiça de elaborar um pensamento completo às vezes. Eles se comunicam, eles querem apresentar uma ideia e têm preguiça de fazer isso.

Então no dia a dia a gente vai estimulando para que eles consigam falar e se expressar. Mas de maneira didática eu não vejo como trabalhar a Oratória de maneira específica. Como é, por exemplo, o estudo da literatura. Eu encontro um meio para trabalhar a literatura, não é como no ensino médio, mas no Fundamental II, por exemplo, eu faço estudo de um livro, uma leitura guiada, a gente faz a leitura integral de uma obra clássica durante o ano, com festival e tudo o mais. E aí eu consigo ver como ensinar a literatura dessa forma. Mas a Oratória... Porque, assim, eu acho que não precisaria talvez de mais uma aula para isso, acho que se encaixasse nessas aulas que as pessoas já têm. Língua portuguesa, por exemplo, cinco aulas. Se eu pudesse me organizar... O problema é: Como fazer?

E aí acho que é a grande questão. É o item 2.

Viviane: Ok.

Agora caminhando para o final, a gente tem essas duas falas de professores aqui, que falam mais especificamente sobre o papel da escola Cristã no ensino de Oratória.

Então, a professora 5A fala assim: "O Cristão tem mais responsabilidade em saber falar bem e argumentar do que qualquer outro. Nós fomos chamados para persuadir as pessoas ao evangelho de Cristo. Tem muito cristão que não sabe falar, não tem argumento para debater sobre um assunto, isso é um problema. Por isso acho que a Oratória é superimportante numa escola Cristã. Temos que mostrar a eles que Deus nos deu a capacidade da linguagem e honramos a Deus quando usamos bem essa capacidade. Os alunos de escola de educação por princípios precisam ser cristãos que se destacam na sociedade."

Já a professora 5B falou: "Qualquer escola deveria ensinar Oratória. Não importa se é cristã, é importante para todos. Não vejo diferença nisso."

E aí eu queria que vocês comentassem. Não precisam se filiar integralmente a uma ou a outra. O que vocês pensam sobre a visão desses dois professores no sentido do papel da escola Cristã no ensino da Oratória.

Vamos começar com Laura. Por favor!

Laura: Acho bem difícil isso. Porque eu me vi muito no que o professor ou a professora 5A falou, porém, eu acredito que todas as escolas deveriam ensinar a Oratória, não somente as escolas cristãs. Eu acredito que nas escolas Cristãs o conceito de Oratória nós iríamos trazer mais para o lado do caráter, enfim. E é muito complicado falar sobre isso, mas eu acredito que é importante para todos porque... Nossa, que difícil!

Viviane: Vou deixar você pensar.

Pedro, você pode comentar, por favor?

Pedro: Vamos tentar... É difícil!

Viviane: Quem se sentir à vontade aí para comentar, gente!

Pedro: Mas eu acho que... Eu concordo que qualquer escola deveria ensinar Oratória, mas eu também concordo que o Cristão tem uma responsabilidade maior em saber falar bem e argumentar. Porque isso é um mandamento bíblico. Nós devemos estar sempre preparados para dar a razão da fé que há em nós. Mas eu também acho que, de maneira muito objetiva, qualquer escola deveria ensinar. Porque isso é importante. Mas eu concordo realmente que o Cristão tem uma responsabilidade maior.

Não sei se vai ajudar muito aí, comentário, não. Mas é isso aí!

Viviane: Ok. Pedro, fala aí!

Pedro: Isso, Pedro. Então, exatamente. Pedro falou bem. Acho que define mais ou menos o que a gente queria, todos nós queremos dizer.

Eu estou dentro de um contexto de uma escola pública, a Vivi também. Eu ali quotidianamente sei o quanto é muito difícil - muito difícil! - enfrentar, combater, ser visto como intolerante, ser visto como "o tapado", aquela pessoa que não amplia os horizontes por ser Cristão.

Então quando nós tratamos de educação por princípio ou educação Cristã, eu acredito que o nosso melhor olhar, e o mais confortável para nós, é realmente um olhar de propósito. É a gente olhar para o nosso propósito e enxergar assim: Olha, nós temos um objetivo, assim como, vamos dizer assim, grosso modo, Satanás também tem esse objetivo, diante das outras escolas, dedicado a outra criança que, infelizmente, não foi alcançada por essa oportunidade.

Então, acredito que todas as escolas deveriam ensinar Oratória. Só que a nossa responsabilidade ela é enorme e, assim, muito gritante biblicamente. Porque a bíblia nos diz "como virão se não há quem pregue?"

E esse "há quem pregue" é justamente a arte de se fazer entendido. [inaudível 1:28:44] Eu estou lendo aqui e não estou entendendo nada!

E o cara era um alto funcionário lá do... Enfim, eu não sei exatamente tudo, mas eu já li muitas vezes essa passagem e me choca muito.

Então nós temos uma responsabilidade além. E até a gente ter o coração voltado para dizer assim: Não, é importante que todas as escolas ensinem Oratória porque todas essas pessoas - nós acreditamos nisso, independente de qual doutrina você segue - nós acreditamos que todos podem ser alcançados pelo evangelho. E aí ele hoje não é um Cristão, mas amanhã ele pode ser e a gente precisa que ele esteja preparado.

E por conta disso, por pensar no propósito, eu fico com a opção 5B, com a professora 5B. Qualquer escola deveria ensinar Oratória. Esse não-Cristão hoje será um não-Cristão um dia e vai ser muito difícil remediar essa criança. Então, que ele ensine e a gente venha combatendo com a mesma força e ainda maior no poder de Deus.

Viviane: Legal. Obrigada!

Pedro, Denise ou Laura. Não, Pedro já falou. Laura ou Denise.

Denise: Eu concordo com o que foi dito. Queria só fazer um comentário a respeito do nosso público. De vez em quando eu tenho algumas crises, assim, pensando que a educação por princípio, ela está muito ligada ao relacionamento de discipulado. E o nosso público, eu não posso discipular alguém que não é cristão, que não é convertido. Então, às vezes vem essa crise.

Mas, em contrapartida, a gente sabe que os princípios bíblicos, eles podem ajudar uma nação inteira, mesmo aquelas pessoas que não são cristãs. Então, a partir do momento que eu ajudo ao meu aluno, para que ele fale menor, para que ele se comunique melhor, para que ele compreenda melhor a vida. Porque linguagem é vida. Para que ele faça isso de maneira mais eficaz.

Eu estou preparando um cidadão. Então, além de pensar biblicamente sobre esse aspecto de como ele pode cumprir o propósito vertical e horizontal da linguagem. Seria comunicação com Deus e fretar a verdade de Deus para os homens através da linguagem. Além disso formar um bom cidadão.

Eu acho que isso está muito ligado também, juntamente com a família, ao papel da escola.

É uma responsabilidade em dobro para uma escola Cristã. De fato, todas as escolas deveriam ensinar, mas nós, que conhecemos a verdade, temos que fazer isso da melhor maneira possível.

Viviane: Obrigada! Laura quer comentar mais alguma coisa?

Laura: Não, eu faço a da Pedro, não é? Eu acho que ela falou muito bem. E eu acredito mesmo que qualquer escola deveria ensinar Oratória. E acredito sim que os Cristão deveriam ter mais responsabilidade ao falar e conhecer os assuntos e falar com propriedade aquilo que ele estuda, aquilo que ele fala com o aluno. Porém, a gente não acredita muito nisso. A gente não acredita muito que as nossas palavras vão mudar. Eu acho que a gente deveria crer mais naquilo que a gente fala, porque assim os nossos alunos fariam isso.

Viviane: Legal.

Então, pra gente finalizar, eu queria que cada um de vocês falassem sobre qual seria hoje o cenário ideal de ensino de Oratória na sua escola.

Desconsidera todos os empecilhos. Olha, o ideal... Pensa, assim, mega maravilhoso. Como seria o cenário ideal do ensino de Oratória hoje. Na sua escola de educação por princípios.

Vamos começar por quem? Quem quer começar?

Pedro: Posso falar, então. Já que a minha escola não é de educação por princípio.

Então, hoje eu já tenho o cenário ideal. No sentido de: ainda existe dentro da escola uma liberdade. Em que sentido? No sentido de que nós não somos o tempo todo fiscalizados naquilo que nós fazemos. Embora

confrontados, mas ainda por colegas, não pelo sistema educacional diretamente. Então, eu vejo hoje dentro da escola pública, pelo menos aqui do Rio - eu não sei como estão as realidades pelo Brasil. Mas pelo menos aqui no Rio de Janeiro eu vejo, hoje, dentro da escola pública um cenário ideal e até oportuno, porque isso pode mudar. Hoje aqui a gente pode aproveitar essa oportunidade de estimular isso na criança. Não só a expansão do vocabulário. Como eu disse para vocês, eu falo diretamente para o meu público pequenininho. Mas a oportunidade da fala, a oportunidade de expressar essas opiniões. Eu acho que é o momento. A gente não sabe até que momento nós teremos dentro da escola - inclusive pública -, nós não teremos mais essa oportunidade.

Então eu acho que o momento é agora de formar essa geração. E me vejo muito confortável para isso. Embora não me sinta muito livre nem confortável de citar, por exemplo, o nome de Jesus Cristo, a palavra bíblia, citar especificamente versículos bíblicos, eu sou muito livre para implantar qualquer princípio, falar de amor, de verdade, sem nenhuma restrição e sem nenhum problema em relação a isso.

Então, eu me sinto muito confortável e acho que estou dentro de um cenário ideal, ainda. Eu sei que já foi melhor. Mas ainda estou dentro de um bom cenário.

Viviane: Você falou mais de um cenário, vamos dizer assim, de liberdade ideológica, talvez, um cenário de liberdade de usar seus métodos.

Pedro: É, por conta de educação infantil. Na educação infantil a gente tem mais liberdade de cobrança de currículo.

Viviane: Mas eu digo assim, no ensino de Oratória especificamente. No ensino de Oratória especificamente. A ideia é a gente pensar num cenário ideal. Por exemplo. Você sente que a capacitação já é ideal? Você tem uma capacitação, então você já está num ponto ideal para ensinar Oratória? Você tem tempo para ensinar Oratória? Sente que você tem os recursos para ensinar Oratória?

Então, eu queria, nesse cenário composto por todos esses...

Se a gente pensar na lista dos oito empecilhos... "Ah, o cenário ideal seria se nenhum desses empecilhos existisse."

Ou... Dentro da sua realidade.

Pedro: Entendi.

Viviane: Como que seria uma configuração, no sentido assim... "Se eu tivesse isso aqui, eu conseguiria ensinar Oratória muito bem para os meus alunos."

Pedro: Então, perfeitos, Vivi, eu acho bem difícil que qualquer um de nós venhamos a alcançar. Mas, foi o que eu disse, a realidade da educação infantil, ela é mais leve e o próprio currículo, a própria base, já te condiciona a isso.

É claro que eu não entendo de todas as técnicas de Oratória. As coisas que eu mais sei eu tenho aprendido com o meu filho, por conta do currículo clássico - você sabe que ele utiliza - nós utilizamos com ele aqui na educação domiciliar. Mas eu não tenho realmente uma formação nessa área. Mas a forma com que a gente condiciona a educação a aprender, ela já é toda voltada para isso. As trocas de experiências, as falas o tempo todos, oportunizando sempre as crianças. E eu ainda tento melhorar isso com essa expansão de vocabulário.

Então, hoje, mesmo com bastante limitação, porque realmente eu não entendo das técnicas, eu não tenho uma preparação, uma formação específica, eu acho que estou num bom cenário. Vamos dizer ideal, não, vamos dizer num bom cenário. Eu acho que tem mais dificuldade nisso, realmente, Ensino Fundamental I e II. Ensino médio, então, deve ser bem difícil.

Viviane: Laura, por favor!

Laura: Eu acredito que o cenário até da biblioteca mudaria. Porque há poucos livros didáticos - na verdade acho que nem tem - falando sobre Oratória, sobre o discurso, sobre a maneira como você vai falar, enfim. E também cursos preparatórios para os professores.

Eu até consigo imaginar esse cenário, mas antes dele, antes desse cenário acontecer, eu consigo enxergar um cenário de preparação para esses professores, para depois eu conseguir enxergar um cenário para que esses professores cheguem até os alunos e consigam falar com propriedade acerca de Oratória.

Viviane: Legal! Pedro, por favor!

Pedro: Eu acho que o ideal, o cenário ideal, seria realmente - como eu falei anteriormente - o reconhecimento da importância da Oratória para a formação do aluno e treinamento para os professores, um treinamento específico para treinar os alunos.

Viviane: Legal! Denise.

Denise: Eu acho que o cenário ideal é a Viviane pegando um avião e vindo aqui para o Rio Grande do Norte, dando um treinamento para a escola.

Pedro: Acho que isso aí é possível, viu. É possível Viviane?

Viviane: Nada é impossível para Deus.

Pedro: Viu só!

Denise: Eu concordo com a fala aí dos colegas, especialmente de Laura. Talvez eu conseguisse enxergar o cenário melhor - assim, a ferramentas, como utilizar as ferramentas de ensino [inaudível 01:40:13] da Oratória - depois que eu tivesse propriedade sobre isso. As ideias surgiriam e eu poderia me sentir mais à vontade para ensinar isso aos alunos. E eu, hoje, vejo que o ideal seria que isso partisse desde educação infantil até os anos finais. Eu acho que deveria ser um estímulo para todo mundo, para toda a escola.

Primeiro os professores seriam ajudados nisso. Eles poderiam praticar isso de fato, a Oratória. Muitos professores têm vergonha de falar em público, tem insegurança. Às vezes tem alguma apresentação na escola e não é o coordenador que faz a abertura, não é o coordenador que vai falar aos pais, e aí algum professor vai. É sempre bem difícil e não é uma habilidade tão desenvolvida.

Isso, ao longo dos anos, foi perdendo cada vez mais. Essa comunicação com o público. Então, eu acho que o ideal seria, de fato, esse treinamento. Um treinamento com a cosmovisão bíblica, para que explicasse muito a bíblia, o fundamento ficasse bem estabelecido e assim poderíamos trabalhar de maneira mais eficiente, eu acredito.

Viviane: Legal e comentando aí sobre a proposta do Pedro. Para falar para vocês de uma maneira...

Eu não sou uma especialista em Oratória, mas eu sou uma linguista então a gente acaba estudando um pouco a construção do discurso. Mas a ideia para o tema dessa tese surgiu de uma necessidade da área ECEP. Quando a direção da ECEP tem percebido a importância do ensino da Oratória - que já acontece em escolas americanas de educação por princípio, de uma forma mais sistematizada. Acontece de uma forma mais sistematizada. E eles gostariam de, de alguma forma, inserir essa sistematização nas escolas de educação por princípio brasileira. Mas eles encontram dificuldades.

Então a ideia dessa pesquisa para essa tese foi justamente investigar que dificuldades são essas, para que a gente possa cooperar para que essas dificuldades sejam vencidas. Então a gente está num percurso de investigação, de ver qual é o cenário desse ensino nas escolas de maneira geral.

E a princípio a gente tinha a ideia de, como produto dessa tese, montar um currículo de Oratória para as escolas de educação por princípio. Mas hoje, dentro do percurso da pesquisa, a gente percebe que, mais importante do que um currículo é a capacitação dos professores, é conscientização da equipe da escola, da direção, dos professores, para que eles, conscientizados e capacitados, possam pensar em desenvolver um currículo para a sua própria escola de acordo com as especificidades de cada escola.

Então, é algo que a gente... Depois que eu finalizar a tese de doutorado e tudo é algo que eu gostaria de oferecer para a ECEP, algum subsídio, para que eles pudessem pensar nisso. Nessa capacitação de professores, numa inspiração que esses professores capacitados pudessem desenvolver um currículo para essas escolas de acordo com as necessidades de seus alunos. É isso que a gente pretende fazer ao final disso.

Então, quem sabe, Pedro, a gente vai conseguir capacitar os professores do Rio Grande do Norte, de outros lugares do Brasil também.

Pedro: Começando aqui em Parnamirim. Pode vir que será bem recebida.

Viviane: Legal!

Gente, desculpe, a gente passou um pouquinho aqui da hora. Alguém gostaria de fazer um último comentário, alguma pergunta?

Denise: Que deus te abençoe. Estou muito feliz que o Senhor tenha levantado você nisso, que ele possa capacitá-la, você consiga terminar o seu trabalho de maneira excelente, que ele seja glorificado através disso e que você possa muitas pessoas, muitas pessoas, nos próximos anos, através dessa tua pesquisa. De fato, ela é muito relevante, fico feliz em ter esse contato.

Viviane: Amém! Agradeço muito!

Pedro: Amém, Igreja?

Então a igreja diga amém!

Todas: Amém!

Pedro: É isso. Eu acho que a palavra é essa, persevere. Você percebeu aí uma lacuna a ser preenchida, Deus a levantou. Siga firme, eu acredito que isso vai render muitos frutos bons ainda, no futuro.

Viviane: Amém, obrigada Pedro!

Laura: Foi um prazer!

Viviane: Muito obrigada a vocês! Eu também oro por vocês e desejo que o Senhor abençoe vocês no trabalho que vocês têm feito. A gente como professor não consegue fazer tudo o que a gente gostaria e tudo o que a gente sabe que é importante, mas as prioridades também têm sido sustentada pelo Senhor. Então, eu sei que o que realmente é importante para os nossos alunos e o que os nossos alunos realmente precisam, vocês estão conseguindo suprir e a gente vai trabalhando para melhorar cada vez mais.

Muito obrigada de coração! Vou parar de perturbar vocês agora com [inaudível 1:46:30]. Vocês vão poder descansar. E depois eu pretendo... Quer dizer, eu ainda tenho um percurso, eu só devo defender essa série de doutorado no final do ano que vem, então, ainda tenho um ano analisando esses dados de toda essa pesquisa que a gente têm feito. Mas eu pretendo trazer um retorno para vocês disso depois, então me aguardem mais um tempinho que aí eu vou trazer um retorno do resultado da pesquisa para vocês, também como uma forma de honrar a participação de vocês.

Pedro: Ah, muito legal, Vivi, que benção!

Viviane: Muito obrigada! Um beijo! Boa noite a todos!

Pedro: Boa noite, Vivi! Deus abençoe!

Viviane: Amém! Tchau, obrigada!

ANEXO A – Material do “Oration Project”

The Oration Project: Getting Started

Write your claim (opinion statement):
Now list three good reasons for this opinion.
1.
2.
3.
Parent signature: this means that your parent has seen this and approves. ☺

Ideally, your oration topic will one about which you are passionate; this passion will propel you in your studies. It should also be within your knowledge base, and it should be reasonable to your ability. In any case, your initial brainstorming should include the following activities and considerations, any of which may be helpful in guiding you in this critical decision.

Note: Jot down your ideas first and filter them later. **Answer at least four of these questions! Use complete sentences. Write on the back if you need more room.**

1. Reflect: What is your passion? What do you deeply appreciate? What in this world would you like to see changed to fit God’s perspective? (Why?)

2. What lessons have you been learning in school? Think especially about literature, science, and history.

3. Talk with your parents: What do they see as important for you right now? They may suggest a topic that they feel will be helpful to your personal growth and understanding or one about which they know you would be interested.

4. Prayerfully: In what way(s) would the Lord like you to grow?

5. What is an important issue in the America or in the world?

<p>stated opinion -Three sentences in support of each opinion</p> <p>3. Conclusion -Reflects thesis (topic) statement -Summarizes main reasons and attempts to convince of a change in view and, possibly, actions</p>											
<p>Three-paragraph essay: (125-200 words)</p> <p>1. Paragraph One: Introduction -Includes thesis (position) statement -Includes reason for addressing this topic -Includes reference to main reasons for offering the thesis (position) statement</p> <p>2. Paragraph Two: Body -Refers to thesis (or position) while introducing reasons for it. (Note: The reasons are the points!) -Offers two reasons in this paragraph -Introduces reasons one at a time -For each reason, includes two (or three) main details (facts, ideas, examples) in support of the opinion or position -Uses transition words such as <i>Another, too, also</i>, between reasons. -Includes concluding sentence</p> <p>3. Paragraph Three: Conclusion -Reflects thesis (position/opinion) statement -Summarizes main reasons and attempts to convince of a change in view and, possibly, actions</p>		*									

Oration (Spring): General Writing Requirements
(Grades 4-5)

Requirement	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
<p>Three-paragraph essay (advanced): (300-500 words)</p> <p>1. Paragraph One: Introduction -Starts with a story, quote, or thought-provoking question -Includes thesis (position) statement</p>			*							

<p>-Includes reason for addressing this topic -Includes reference to main reasons to be address</p> <p>2. Paragraph Two: Body -Includes topic sentence -Includes three main reasons -Includes two or three detail sentences in support of each reason -Includes transition between reasons (or points) -Includes concluding sentence</p> <p>3. Paragraph Three: Conclusion -Reflects thesis (topic) statement -Summarizes main reasons and attempts to convince of a change in view and, possibly, actions</p>											
<p>Five-Paragraph Essay (300-500 words)</p> <p>1. Paragraph One: Introduction -Starts with a story, quote, or thought-provoking question -Includes thesis (position) statement -Includes reason for addressing this topic -Includes reference to main reasons that support the thesis (position) statement</p> <p>2. Paragraphs Two Through Four: Body Each paragraph (one per main opinion) -Includes transition from previous paragraph -Includes topic (reason) sentence -Includes main points (evidence) -Includes two or three detail sentences in support of each point -Includes transition between reasons -Includes concluding sentence</p>			*								

General Writing Requirements: Grades 4-5, cont.2

Requirement	Grade Level	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
<p>3. Paragraph Three: Conclusion -Reflects thesis (position) statement -Summarizes arguments to convince of a change in view and, possibly, actions</p>					*						

Check for headings.																			

Oration Writing Requirements Grades 2 -5

Dayspring Christian Academy, Mountville, PA 1/12/18

Oration Writing Requirements: Grade 2

Each Dayspring student is taught to give a sound and noble defense of the hope that lies within him. The purpose for requiring students to engage in the science of oration-writing then to employ the art of oratory is to train them to “take every thought captive to the obedience of Christ” (II Corinthians 10:5b): first their own, then those of others. Thus, prepared to proclaim the truths and wonders of God, their well-reasoned and presented biblical worldviews may move the readers or listeners to contemplate a change of viewpoint, thereby reconciling them to God (II Corinthians 5:20).

-excerpted from Dr. Michael Myers’ “Oration Project Overview”

For the purposes of the oration assignment at Dayspring Christian Academy, an oration is

1. a persuasive essay
2. that addresses a meaningful and arguable issue
3. in a sound academic and biblical manner
4. to the effect that the audience might be convinced that, based on the evidence provided, the claim about the issue is true.

One-paragraph essay: (100-150 words)

Typically written in first person (never in second)

Expected source: the Bible

Citations: not required for the Bible but are expected for other research, if any

Wikipedia is not an approved source.

Structure of the Paper

2. Introduction
 - Starts with claim (opinion) statement
 - Includes background information about the topic (at this age, this is usually—but not limited to—personal experience)
 - Includes two reasons for holding the opinion

2. Body
 - Includes two main reasons for the claim
 - Includes three sentences in support of each reason (typically a Bible verse and relating explanation or history/ literature/science example with explanation of how

this supports the reason and thus proves the claim)

3. Conclusion

- Reflects claim statement
- Summarizes main reasons
- Urges a change of opinion and recommends an action

Oration Writing Requirements: Grade 3

Each Dayspring student is taught to give a sound and noble defense of the hope that lies within him. The purpose for requiring students to engage in the science of oration-writing then to employ the art of oratory is to train them to “take every thought captive to the obedience of Christ” (II Corinthians 10:5b): first their own, then those of others. Thus, prepared to proclaim the truths and wonders of God, their well-reasoned and presented biblical worldviews may move the readers or listeners to contemplate a change of viewpoint, thereby reconciling them to God (II Corinthians 5:20).

-excerpted from Dr. Michael Myers’ “Oration Project Overview”

For the purposes of the oration assignment at Dayspring Christian Academy, an oration is

1. a persuasive essay
2. that addresses a meaningful and arguable issue
3. in a sound academic and biblical manner
4. to the effect that the audience might be convinced that, based on the evidence provided, the claim about the issue is true.

Three-paragraph essay: (125-200 words)

May be written in first person but ideally in third (never in second)

Expected source: the Bible **Next-step source:** *An American Dictionary of the English Language* (Webster)

Citations: not required for the Bible but are expected for other research, if any

Wikipedia is not an approved source.

Structure of the Paper ☺

1. Paragraph One: Introduction

- Starts with claim (opinion) statement
- Includes background information about the topic (This typically includes current
- Includes two reasons for holding the opinion

2. Paragraph Two: Body

- Reiterates the claim while introducing two reasons for it
- For each reason:

Includes three sentences in support of each reason (typically a Bible verse and relating explanation or history/ literature/science example with explanation of how

this supports the reason and thus proves the claim)

- Uses transition words such as *First, another, too, also*, etc., for each reason
- Concludes with a summarizing sentence

3. Paragraph Three: Conclusion

- Reflects claim statement
- Summarizes main reasons
- Urges a change in audience opinion and recommends an action

Oration Writing Requirements: Grade 4

Each Dayspring student is taught to give a sound and noble defense of the hope that lies within him. The purpose for requiring students to engage in the science of oration-writing then to employ the art of oratory is to train them to “take every thought captive to the obedience of Christ” (II Corinthians 10:5b): first their own, then those of others. Thus, prepared to proclaim the truths and wonders of God, their well-reasoned and presented biblical worldviews may move the readers or listeners to contemplate a change of viewpoint, thereby reconciling them to God (II Corinthians 5:20).

-excerpted from Dr. Michael Myers’ “Oration Project Overview”

For the purposes of the oration assignment at Dayspring Christian Academy, an oration is

1. a persuasive essay
2. that addresses a meaningful and arguable issue
3. in a sound academic and biblical manner
4. to the effect that the audience might be convinced that, based on the evidence provided, the claim about the issue is true.

Three-paragraph essay (advanced):

Typically written in third person (never in second)—that’s the goal!

-Expected # of sources to include: two (may include the Bible); though students are encouraged to use *An American Dictionary of the English Language* (Webster), it does not count as one of their sources. Bible verse sites (such as Gateway.com), and quote sites do not count as one of the minimum number of required sources.

-Wikipedia is not an allowable source.

Structure of the Paper

(250-500 words)

1. Paragraph One: Introduction

- Starts with a story, quote, or thought-provoking question
- Includes reason for addressing this topic/reason for concern
- MAY includes reference to main reasons to be addressed
- Concludes with claim (opinion) statement.

3. Paragraph Two: Body

Teacher's discretion: Some students may benefit by, and be capable of, writing a full paragraph for each reason.

-Reiterates the claim while introducing three reasons for it

-For each reason:

Includes three sentences in support of each reason (typically a Bible verse and relating explanation or history/ literature/science example with explanation of how this supports the reason and thus proves the claim)

-Concludes with a summarizing sentence

4. Paragraph Three: Conclusion

-Reflects claim statement

-Summarizes main reasons

-Attempts to convince of a change in view and recommends an action

Oration Writing Requirements: Grade 5

Each Dayspring student is taught to give a sound and noble defense of the hope that lies within him. The purpose for requiring students to engage in the science of oration-writing then to employ the art of oratory is to train them to “take every thought captive to the obedience of Christ” (II Corinthians 10:5b): first their own, then those of others. Thus, prepared to proclaim the truths and wonders of God, their well-reasoned and presented biblical worldviews may move the readers or listeners to contemplate a change of viewpoint, thereby reconciling them to God (II Corinthians 5:20).

-excerpted from Dr. Michael Myers’ “Oration Project Overview”

For the purposes of the oration assignment at Dayspring Christian Academy, an oration is

1. a persuasive essay
2. that addresses a meaningful and arguable issue
3. in a sound academic and biblical manner
4. to the effect that the audience might be convinced that, based on the evidence provided, the claim about the issue is true.

Five-Paragraph Essay (300-500 words)

Written in THIRD person (never in second)

-Expected # of sources to include: two (may include the Bible). Though students are encouraged to use *An American Dictionary of the English Language* (Webster), it does not count as one of their sources. Bible verse sites (such as Gateway.com); also, quote sites do not count as a required source.

-Wikipedia is not an allowable source.

-Works Cited and in-text citations are required for all researched material.

Structure of the Paper

1. Paragraph One: Introduction
 - Starts with a compelling story, quote, or thought-provoking question
 - Includes reason for addressing this topic
 - Includes background information, as needed, such as definition of terms
 - Identifies the opposing view in 1-2 sentences
 - [May include brief statement of reasons followed by the claim statement]
 - Concludes with claim (opinion) statement.

2. Paragraphs Two Through Four: Body (3 reasons for the claim)
 - Each reiterates the claim while introducing one reason for it
 - For each reason:
 - Includes three sentences in support of each reason (typically a Bible verse and relating explanation or history/ literature/science example with explanation of how this supports the reason and thus proves the claim)
 - Concludes with a summarizing sentence that connects the reason to the claim

3. Paragraph Five: Conclusion
 - Reflects claim statement
 - Summarizes main reasons
 - Urges a change in opinion and recommends an action

Oration Writing Requirements grades 6-11

Oration Writing Requirements: Grades 6-8

[6th-8th]Six-Paragraph Essay (500-800 words)

Written in THIRD person (never in second)

1. Paragraph One: Introduction
 - Starts with a compelling story, quote, or thought-provoking question
 - Includes reason for addressing this Topic
 - Includes background information, as needed, such as definition of terms
 - Identifies the opposing view in 1-2 sentences
 - [May include brief statement of reasons followed by the claim statement]
 - Concludes with claim (opinion) statement.

2. Paragraphs Two Through Four: Body
 - Each reiterates the claim while introducing one reason for it
 - For each reason:

Includes at least two supporting, researched details, such as a Bible passage, statistics, facts or examples from history, literature, science, math, and/or current events, each of which includes an explanation of how this supports the reason and thus proves the claim)

- Uses transition words such as *First, another, too, also* for each support
- Concludes with a summarizing sentence that connects the reason to the claim

5. Paragraph Five: Opposing View*

- Begins with opponent's argument (typically one or two key points)
- Includes researched evidence of this argument
- Includes the writer's best supports that show the error of the opponent's view
- Explains respectfully how the writer's evidence dispels the opponent's claim
- Concludes with a rewording of the opponent's argument followed by the writer's position

6. Conclusion (final paragraph) (*may be written in first person plural*)

- Reflects claim statement
- Summarizes main reasons
- Urges a change in view and recommends an Action

Oration Writing Requirements: Grades 9-11

[9th-11th] Six-or More-Paragraph Essay (600-1000 words) *Written in THIRD person (never in second)*

1. Paragraph One: Introduction

- Starts with a compelling story, quote, or thought-provoking question
- Includes reason for addressing this Topic
- Includes background information, as needed, such as definition of terms
- Identifies the opposing view in 1-2 sentences
- [May include brief statement of reasons followed by the claim statement]
- Concludes with claim (opinion) statement.

2. Paragraphs Two Through Four: Body

- Each reiterates the claim while introducing one reason for it

-For each reason:

Includes at least three researched supporting details, such as a Bible passage, statistics, facts or examples from history, literature, science, math, and/or current events, each of which includes an explanation of how this supports the reason and thus proves the claim)

-Uses transition words such as *First*,

another, too, also, etc., for each detail

-Concludes with a summarizing sentence that connects the reason to the claim

1. Paragraph Five: Opposing View*

-Begins with opponent's argument (typically one or two key points)

-Includes researched evidence of this argument

-Includes the writer's best supports that show the error of the opponent's view

-Explains respectfully how the writer's evidence dispels the opponent's claim

-Concludes with a rewording of the opponent's argument followed by the writer's position

4. Conclusion (final paragraph) (*may be written in first person plural*)

-Reflects claim statement

-Summarizes main reasons

-Urges a change in view and recommends an action

ANEXO B – Sugestão de ideias – guia para o ensino de gramática – Noah Plan

2. SUGESTÃO DE IDEIAS-GUIA PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

A. Três a cinco anos – Educação Infantil

3 anos	4 anos	Jardim de Infância	Oportunidades de serviço
1. Retórica <ul style="list-style-type: none"> Trabalhar na pronúncia e dicção, contando histórias dramáticas com inflexão. 	1. Trabalhar em dicção <ul style="list-style-type: none"> Instruir como fazer certos sons fisicamente para treino. Instruções sobre como respirar corretamente para ter força correta no discurso. 	1. Fala <ul style="list-style-type: none"> Pronúncia, dicção; treinar através de instruções de fonética. Articulação básica Palavras com rima 	1. Falar com a família, na escola e na igreja. <ul style="list-style-type: none"> Peça teatral Memorizar poemas Versos das Escrituras Testemunhar e compartilhar oralmente
2. Etimologia <ul style="list-style-type: none"> Comunicar ideias de várias maneiras Usar variedade de palavras do vocabulário Usar tempos verbais corretamente 	2. Aumentar o vocabulário <ul style="list-style-type: none"> Falar do trabalho do papai, o trabalho de casa da mamãe Vizinhança, loja Público versus privado 	2. Vocabulário <ul style="list-style-type: none"> Aumentar através da fônica e do soletrar Identificar sujeito simples e predicado Ensaiar e revisar 	2. Jogos de dicionário <ul style="list-style-type: none"> Definir palavras oralmente Pesquisar por palavras Adivinhar a definição

3 anos	4 anos	Jardim de Infância	Oportunidades de serviço
3. Sintaxe <ul style="list-style-type: none"> Falar em frases completas e correta fragmentação Dar atenção para audição e fala 	3. Verbo e sujeito <ul style="list-style-type: none"> Concordância oral de ambas as frases. Seguir a estrutura da frase, da esquerda para direita para treinar a audição dos sons das letras. 	3. Sentenças ou Frases <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer uma sentença simples Contraste completo com frases fragmentadas Escrever frases curtas, completas Responder questões e falar em frases completas 	3. Escrever notas de encorajamento <ul style="list-style-type: none"> Para os avós; para pais Para professores; para líderes da igreja; líderes civis; para órfãos; para viúvas e para os idosos.
4. Composição <ul style="list-style-type: none"> Ler histórias longas para aumentar o limiar de atenção. Identificar e discutir enredo, tema e conclusão lógica para histórias com lições morais para plantar a semente da escrita. 	4. Contação de história <ul style="list-style-type: none"> A criança pode contar uma história com enredo Resumir um livro Cantar músicas Analisar temas 	4. Escrita <ul style="list-style-type: none"> Regras de capitalização Pontuação Primeira palavra na frase Identificar parágrafo Identificar temas simples 	4. Escrever um parágrafo <ul style="list-style-type: none"> Um texto curto; perguntas; respostas ou resumos dos versículos bíblicos ou devocionais familiares Boletim informativo da família. Ministério de jornal na igreja ou escola

B. Seis a oito anos (Ensino Fundamental 1 – 1º a 3º ano – Gramática)

1º ano	2º ano	3º ano	Oportunidades de Serviço
1. Trabalhar memória oral <ul style="list-style-type: none"> Versículos bíblicos Prosa e poesia Dicção clara na fala oral 	1. Revisão da dicção e ensinar quando necessário <ul style="list-style-type: none"> Continuar a trabalhar a memória e a fala oral. 	1. Revisão da dicção e ensinar quando necessário <ul style="list-style-type: none"> Continuar a trabalhar a memória e a linguagem oral 	1. Orações <ul style="list-style-type: none"> Oportunidades de discursar no culto, em aulas e competições com outras escolas-públicas e privadas

1º ano	2º ano	3º ano	Oportunidades de Serviço
<p>2. Reconhecimento de:</p> <ul style="list-style-type: none"> Substantivo comum Substantivo próprio Singular, plural Pronome possessivo Pronomes pessoais Verbos de ação "ser" Verbos no passado e presente Artigos a, as, o, os, um, uma, uns, umas Adjetivos descritivos Habilidade no dicionário Ordem alfabética Prefixos, sufixos, sinónimos, antónimos, homófonas, homógrafo 	<p>2. Habilidades de vocabulário e com o dicionário.</p> <ul style="list-style-type: none"> Substantivos Primeira pessoa, lugar ou coisa Pronomes Adjetivos Possessivos Conjugação verbal Conjunções e, mas 	<p>2. Vocabulário estudado em várias matérias</p> <ul style="list-style-type: none"> Substantivos abstratos Possessivos (meu, teu, tua) Adjetivos descritivos e possessivos Verbos de ação, verbos de ligação e verbos auxiliares Adverbios (de tempo, lugar, causa, modo, intensidade) Preposições e frases 	<p>2-3. Produções teatrais</p> <ul style="list-style-type: none"> Ilustrar como as frases retratam cada princípio bíblico Exibir um bom e lógico uso da propriedade da linguagem
<p>3. Frases</p> <p>Reconhecer como simples, declarativas, interrogativas</p> <p>Sujeito e predicado</p>	<p>3. Frases</p> <p>Sujeito composto</p> <p>Verbos compostos</p> <p>Diagramação de frases com verbo e sujeito composto.</p>	<p>3. Frases</p> <p>Compostas, imperativas</p> <p>Concordância verbal na estrutura da frase</p> <p>Frases simples e compostas</p> <p>Parágrafos com frases tópicas e sua relação com o resto do texto</p> <p>Resumo, redação de cartas, diagramação de frases compostas demonstrando sujeito, predicado e adjetivos</p>	

1º ano	2º ano	3º ano	Oportunidades de Serviço
<p>4. Pontuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Letra maiúscula Nomes próprios Dias, meses, feriados Nomes de Deus Período Abreviações Interrogação Virgula Apóstrofe 	<p>4. Pontuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Regras para letras maiúsculas Substantivos para raça ou nação, títulos, livros, palavras no cabeçalho Cartas amigáveis Frases completas Parágrafos construídos com tópico frasal 	<p>4. Pontuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Letra maiúscula, citações Títulos das pessoas, poesia Apóstrofe, contração, revisão de outras áreas 	<p>4. Escrever artigos, resumos e paráfrases de documentos e outros materiais para serem publicados em jornais da escola ou em editoriais em jornais públicos</p>

C. Nove a onze anos (Fundamental 1 e 2 – 4º a 6º ano) – Gramática

4º ano	5º ano	6º ano	Oportunidade de Serviço
<p>1. Dicção oral</p> <ul style="list-style-type: none"> Continuar a trabalhar a memória e preparar discursos em sala 	<p>1. Dicção oral</p> <ul style="list-style-type: none"> Fala dramatizada e apresentação 	<p>1. Dicção oral</p> <ul style="list-style-type: none"> Memória de prosa, poesia e apresentações originais 	<p>1. Oportunidades contínuas para compartilhar no culto, aulas e oratória competitiva fora do ambiente da escola</p>

4º ano	5º ano	6º ano	Oportunidade de Serviço
<p>2. Vocabulário</p> <ul style="list-style-type: none"> Definição de vocabulário usado em outras matérias Habilidade com o dicionário, registro de palavras, material de referência, pesquisa literária Substantivos, pronomes Revisão dos adjetivos acrescentando comparações. Verbos: presente, passado, futuro, ação, verbos de ligação: "ser" e "estar", advérbios de intensidade. 	<p>2. Vocabulário</p> <ul style="list-style-type: none"> Trabalho com dicionário, enciclopédia, concordância, atlas, glossário Substantivo e pronome Pronomes pessoais Declinação, gênero, número, caso Nominativo, possessivo, objetivo Verbos (parte principal dos verbos regulares e irregulares) Conjugação dos seis tempos verbais Voz ativa dos verbos regulares e irregulares 	<p>2. Vocabulário</p> <ul style="list-style-type: none"> Fontes de referência Habilidade de trabalho diário Revisar os substantivos Pronomes (casos, tipos, quem, o que, a quem, de quem, qual) Demonstrativo (isso, aquilo, essas, aquelas) Reflexivo (me, comigo, se, consigo, etc.) Verbos (partes principais, regular e irregular, conjugar nas seis formas verbais no ativo e passivo) Adjetivos (advérbios e preposições) Conjunções (coordenadas e subordinadas) 	<p>2-3. Essas áreas agora se tornam aspectos fundamentais para o raciocínio lógico, e são usadas em outras matérias como ferramenta para coisas consistentes.</p>
<p>3. Frases</p> <ul style="list-style-type: none"> Todos os quatro tipos Sujeito e verbo composto Completo versus incompleto Casos de substantivo (nominativo, direto, objeto, predicativo do nominativo) Casos de adjetivo (adjetivo do predicativo) Casos de pronome (nominativo, direto, objeto) Diagramação de frases simples e compostas usando os itens acima. 	<p>3. Frases</p> <ul style="list-style-type: none"> Uso do substantivo e pronome Sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicado nominal, objeto de preposição Substantivos, aposto Pronomes (concordâncias anteriores) Verbos (ação e verbo ser e estar) Diagramar todos os tipos de frases 	<p>3. Frases</p> <ul style="list-style-type: none"> Frases complexas (dependentes/independentes) Substantivos, advérbios, verbos usados nas frases Frases preposicionais (frases adjetivas e adverbiais) Diagramação de frases 	

4º ano	5º ano	6º ano	Oportunidade de Serviço
<p>4. Pontuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Parágrafos; Resumos; cartas, original, oral, criativo. 	<p>4. Pontuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Letras maiúsculas e pontuação Estrutura do parágrafo Desenvolver composições Relatório do livro Relatório das matérias Cartas 	<p>4. Pontuação</p> <ul style="list-style-type: none"> Comparação de parágrafos Escrita criativa Histórias curtas Peça teatral 	<p>4. Escrever artigos para jornais e outras áreas para compartilhar ideias e ministérios.</p> <ul style="list-style-type: none"> Correspondência missionária é introduzida e encorajada como parte da lição de casa.

D. Doze a catorze anos - Ensino Fundamental 2 – 6º a 9º ano – Gramática

7º ano	8º ano	9º ano	Oportunidade de serviço
<i>Fundamentos da Gramática 1</i>	<i>Fundamentos da Gramática 2</i>	<i>Composição e Discurso - Nível 1</i>	
<p>1. Discursos históricos ou originais memorizados</p>	<p>1. Visão cristã versus visão humanista (anticristã) na fala e na responsabilidade pela propriedade da Língua</p> <ul style="list-style-type: none"> A Bíblia em Inglês e a linguagem da liberdade² 	<p>1. Análise da audiência</p> <ul style="list-style-type: none"> Seleção de tópicos Avaliação de tópicos Introdução e conclusão de discursos Organização e comunicação de discursos persuasivos 	<p>1. Decorar discursos de famosos oradores na história pública, assim como discursos originais para ministrar e competir.</p>

7º ano	8º ano	9º ano	Oportunidade de serviço
<p>2. Substantivos e pronomes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interrogativo, demonstrativo, relativo, indefinido • Formas verbais (verbos, gerúndios, participios, infinitivos) • Revisão de partes do discurso, quando necessário • Fichas catalográficas, Decimal de Dewey¹, periódicos, fichamentos, notas de rodapé, bibliografias para pesquisa, redação e revisão de Artigos e Ensaios acadêmicos. 	<p>2. Figuras de Linguagem usadas em prosa e poesia.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deterioração, melhoria e gírias da Língua • Revisão de todas as partes do discurso • Conjugação verbal (comum, enfático, antiga) • Modos (indicativo, subjuntivo, potencial, imperativo, infinitivo) • Tempo (absoluto, relativo, ativo, passivo) • Solettar, caligrafia, habilidades de estudo, habilidade de pesquisa, hábitos de trabalho e locução 	<p>2-3. Lógica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definição bíblica, moralidade, terminologia, argumento, opinião, ônus da prova. • Raciocínio dedutivo e indutivo • Raciocínio enganador • Critério de boa argumentação • Análise sintática • Atacando as falácias - regras de debate • Técnicas bíblicas de debate versus técnicas pagãs • Contraste entre as Línguas hebraicas e aramaico; e uma introdução ao vocabulário hebraico analisado no contexto de pesquisas no Antigo Testamento 	<p>2-3. Debates em sala, Noite de Candidatos¹, problemas políticos utilizados em outras aulas, clubes de debates na sua própria escola, assim como no setor público</p>
<p>3. Revisão de Frases</p> <ul style="list-style-type: none"> • Simples, compostas, complexas; cláusulas • Frases adjetivas e adverbiais • Diagramação de frases 	<p>3. Rever todos os aspectos da estrutura e tipos de frases</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cláusulas verbais • Formas verbais, modos, tempos, e voz do verbo no uso da frase • Revisar a diagramação • Análise de prefixo, raízes, sufixos, concordâncias 	<p>4. Análise da escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> • Documentos • Formatação no computador • Detalhes técnicos • Dois trabalhos de pesquisa preparados e avaliados com tópicos designados pela aula de História sobre a lei constitucional • Oratório - discurso derivado, memorizado e apresentado com base no trabalho de pesquisa final. 	<p>4. Editoriais, artigos e jornais produzidos para a comunidade com objetivo de abordar as questões públicas usando raciocínio bíblico.</p>

7º ano	8º ano	9º ano	Oportunidade de serviço
<p>4. Construção de composições</p> <ul style="list-style-type: none"> • Parágrafos; Ensaio • Desenvolver estilos e evitar monotonia • Colocação de adjetivos e advérbios • Redação de cartas • Pontuação (ponto e vírgula, dois pontos, todas as regras, itálico, citações) • Relatórios de livros e composições sobre temas diversos: natureza, pessoas, lugares, coisas, processos. 	<p>4. Parágrafos, frases</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eficácia das frases • Estrutura paralela das palavras, frases, variação, clareza • Originalidade • Análise de estilo • Relatórios de livros, trabalhos de pesquisa em assuntos variados na aula de História, nos quais se aplica o que tem sido ensinado na aula de Gramática 		

E. Quinze a dezoito anos – Ensino Médio – Gramática

1º ano	2º ano	3º ano	Oportunidade de serviço
<i>Composição e Discurso - nível 2</i>	<i>Composição e Discurso - nível 3</i>	<i>Composição e Discurso - nível 4</i> <i>Escrever a tese do 3º ano</i>	
<p>1. Expansão das áreas ensinadas no 9º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quatro estilos de discurso • Discursos originais e discursos famosos memorizados e apresentados dentro e fora da sala de aula 	<p>1. Expansão crescente dos quatro estilos de linguagem utilizados em discursos originais e memorizados</p> <ul style="list-style-type: none"> • Improviso, persuasivo, informativo, dramático. 	<p>1. Revisar os estilos de fala</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preparar para apresentar uma dissertação com Powerpoint • Equilíbrio, tom de voz, apresentação 	<p>1. Alunos fazem discursos originais ou memorizados (discursos de períodos históricos). Isso é feito como ministério, como atividades em grupo, competição e outras situações</p>

1º ano	2º ano	3º ano	Oportunidade de serviço
<p>2-3. Expansão da lógica que foi ensinada no 9º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Princípio de silogismo Apologetica Desordem linguística Equivoco, ambiguidade sintática e semântica Falácias da entonação de voz Contraste ilícito Maledicência Habilidades lógicas Levantar questionamentos Raciocínio circular Perguntas guias Apriorismos Necessidades, novidades, falácias da divisão, moderação, analogias 	<p>2. Pesquisas (análises e sínteses) das habilidades utilizadas durante o ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Descoberta de argumentos Formar pressuposições Comprobatório Silogismo Apologetica Análise de acontecimentos atuais 	<p>2. Pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> Revisão das habilidades lógicas Apologetica Argumentos de composição Forma e estilo da dissertação Relatórios de vários livros pesquisados durante a primeira metade do ano com o objetivo de preparar a dissertação. 	<p>2-3. Pesquisas, assim como textos expressando pensamento original podem ser conduzidos como uma oportunidade de serviço em relação ao aprendizado da lógica e do debate.</p> <ul style="list-style-type: none"> Sediar um debate ao vivo Receber candidatos (políticos) Debate entre candidatos na sala de aula
	<p>3. Aprofundamento, tanto do discurso quanto da escrita, na construção e uso dos verbos e frases</p> <ul style="list-style-type: none"> Formas de debate Análise elementar dos escritos hebraicos 	<p>3. Revisão no discurso e na escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> Preparação para defender a dissertação Nota: dissertação é normalmente feita no penúltimo mês do ano letivo para que haja um mês de preparo da apresentação. 	

1º ano	2º ano	3º ano	Oportunidade de serviço
<p>4. Expansão de áreas vistas no 8º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Planejamento e realização de dois trabalhos de pesquisas de tópicos gerados das aulas de História e Economia Introdução ao Alfabeto Grego - nomes e sons Traduções rudimentares do Novo Testamento 	<p>4. Expansão contínua da análise e utilização dos estilos de escrita.</p> <ul style="list-style-type: none"> Produção de textos resultantes de trabalho de pesquisa expressando pensamentos originais. Traduções rudimentares do hebraico do Antigo Testamento 	<p>4. Preparação para a dissertação toma a maior parte do tempo da aula embora tenha aula e discussões ao longo do ano</p>	<p>4. Editoriais, artigos em jornais, revistas e outras fontes continuam a ser compartilhados como o ministério do "poder da caneta"</p>

ANEXO C – Material projeto “Companheiros Nacionais da Oratória”



The Rhetorical Triangle

By Krista McKim and Joyce Erb-Appleman
Secondary School/ Three Days

Introduction:

By understanding the Aristotle’s three elements of persuasive speech—the ancient Greek words ethos, pathos and logos—students will be able to analyze the effectiveness of rhetorical strategies and elements in commercials and speeches. This lesson could be used in grades 5-12. In Lesson Activity Two, there are links to resources that allow the teacher to choose appropriate texts for their students.

Learning Objectives:

- Explain the difference between ethos, pathos and logos
- Explain how advertisers use the Rhetorical Triangle to persuade a specific audience
- Define and identify 11 different rhetorical elements

Guiding Questions:

- How do we persuade others to see our point of view?
- Why do we remember certain speeches?
- What techniques do advertisers use to persuade us?
- What techniques do speakers use to make their speeches memorable?

Common Core Standards:

[CCSS.ELA-Literacy.CCRA.R.4](#) Interpret words and phrases as they are used in a text, including determining technical, connotative and figurative meanings, and analyze how specific word choices shape meaning or tone.

Materials/Requirements:

- Image of Aristotle (<http://www.loc.gov/pictures/resource/highsm.13760/>)
- Class Set of *Rhetorical Triangle and Appeals* Worksheets
- Rhetorical Devices “Puzzle Pieces,” cut up and laminated
- Rhetorical Devices Worksheet
- Sample Speeches
- Effect Worksheet
- Class set of colored pencils in blue, green and red
- Access to YouTube.com
- Optional: Set of class-appropriate advertising images

Procedures:

- Lesson Activity One: Introduction to Aristotle
 - o Using Visual-Thinking Strategies, students are introduced to Aristotle, the father of the Rhetorical Triangle.

- Lesson Activity Two: The Rhetorical Triangle and Ethos, Pathos and Logos as a Class
 - o Working as a class, students identify the use of ethos, pathos and logos in several commercials.
- Lesson Activity Three: The Rhetorical Triangle and Ethos, Pathos and Logos in Groups
 - o Students identify use of ethos, pathos and logos in small groups. There are four different suggested activities to do this.
- Lesson Activity Four: The Rhetorical Triangle and Ethos, Pathos and Logos in Speeches
 - o Students identify the use of ethos, pathos and logos in speeches.
- Lesson Activity Five: Rhetorical Devices
 - o Using a jigsaw, student define additional major rhetorical devices and provide examples of their own.
- Lesson Activity Six: Rhetorical Devices in Speeches
 - o Students find and analyze the effect of rhetorical devices in speeches.

Lesson Activity One: Introduction to Aristotle

Show students the picture of Aristotle linked above, covering Aristotle's name. Ask students who they think he is. What job might he have? Tell students that this is the picture of the door of the National Academy of Sciences, which is a society of scientists that was founded by an Act of Congress and signed into existence by President Abraham Lincoln in 1863. More than 500 members of the Academy have been awarded Nobel Prizes. Ask what might qualify a person to be pictured on the door of the National Academy of Science.

After students have inferred what kind of person Aristotle was and how long ago he lived (more than 2000 years ago), let them know that he is still considered one of the leading scholars of persuasion. His book, *Rhetoric*, is still taught in colleges around the world to teach students how to be persuasive. Tell them that they will be learning about Aristotle's theories of persuasion today. These theories include the Rhetorical Triangle and the Rhetorical Appeals of Ethos, Pathos and Logos.

Lesson Activity Two: The Rhetorical Triangle and Ethos, Pathos and Logos as a Class

Pass out The Rhetorical Triangle and Rhetorical Appeals worksheet. Define *Persuasion* as a class. You could have students look it up in a dictionary or have them come up with meanings in groups and then vote for the best definition. They could also combine the different definitions from each group to create a class definition. You should decide on which approach works best for your class, considering time constraints.

Explain to students: To understand how speeches or advertisements persuade, you should consider five questions:

1. Who is the Speaker?
2. What is the Message?
3. Who is the Audience?

The Rhetorical Triangle

<https://www.fords.org/for-teachers/teaching-oratory/rhetorical-triangle/>

2

4. What Methods is the Speaker employing to Persuade?
5. What is the Desired Result or Action to be Taken?

Review the following as a class: The interaction between message (subject), speaker (communicator, writer) and audience (listener, reader). There is a space to take notes on the front of the Rhetorical Triangle and Rhetorical Appeals Worksheet.

1. The Subject (message):
 - The interaction of these elements determines the structure and language of the argument (the text/image that establishes a position)
 - Skilled communicators first choose a **subject** and then evaluate: what they know about it, what others have said about it, and what evidence/proof will help develop an effective position.
2. The Speaker (communicator/writer):
 - Need to identify the speaker; not as easy as it may sound. The speaker is the person/company who created the text.
 - Often assume a **persona**: the character that the speaker/writer creates, which depends on the context, purpose, subject and audience:
 - Poet
 - Comedian
 - Scholar
 - Expert or novice
 - Critic
 - Concerned citizen
3. The Audience (listener/reader):
 - Each audience requires the writer/speaker to use different information to present their argument effectively.
 - Consider the difference between:
 - Essay for college application
 - Letter to a prospective employer
 - Letter to a newspaper about a newly proposed policy by an elected official
 - Questions to consider:
 - What does the audience know about the subject?
 - What is their attitude toward it?
 - Is there common ground between the audience and speaker's views on the message?

Have students watch the following advertisements on YouTube to explore how each part of the rhetorical triangle is used.

Upper Elementary and Middle School	High School
<ul style="list-style-type: none"> · Pathos: Original Goldie Blox Commercial or the Crying Indian (Keep American Clean) · Logos: Mac vs PC Commercial on Viruses 	<ul style="list-style-type: none"> · Pathos: "Daisy Girl" 1964 Lyndon Johnson Presidential Advertisement · Logos: ZzzQuil Commercial Sleep of Vicks · Ethos: Discovery Channel - The

<ul style="list-style-type: none"> · Ethos: Vitamin Water Commercial with David Ortiz and Brian Urlacher · Use of all three methods: Terry Crews Old Spice Power Commercial (16 Hour B.O. Blocker) 	<ul style="list-style-type: none"> World is Just Awesome (Boom De Yada) · Use of all three methods: Sarah McLachlan SPCA Commercial
--	---

After each commercial have students answer the persuasion questions on the worksheet. Make sure you define pathos (appeal to emotion), logos (appeal to logic) and ethos (appeal to credibility) to students before each commercial.

Lesson Activity Three: The Rhetorical Triangle and Ethos, Pathos and Logos in Groups

Have students look at five different advertisements and fill out the persuasion chart included in the Rhetorical Triangle and Rhetorical Appeals Worksheet.

Option One (Student-Directed): Have a stack of magazines for students to look through and fill out the chart after choosing five advertisements.

Option Two (Teacher-Curated): Print out copies of the 10 advertisements, from which students can choose five to analyze.

You can choose a set of ads to focus on a particular time period or issue. Here are a couple recommended resources:

- Modern Advertisements: L’Oreal, Subway, Nike, Beats by Dre, Weight Watchers, PC and Chipotle
- Historical Advertisements:
 - Library of Congress - Yankee Poster Collection: <http://www.loc.gov/collections/yanker-posters/about-this-collection/>
 - This collection includes many advertisements on the Environment, Vietnam War, Women’s Equality, Nuclear Power Civil Rights and Elections.
 - Library of Congress - WPA Poster Collection: <http://www.loc.gov/collections/works-progress-administration-posters/about-this-collection/>
 - This collection includes Travel and Tourism Advertisements for the early 20th century as well as posters related to World War II.
 - Newseum - Presidential Elections <https://newseumed.org/our-edcollections/>
 - Presidential Campaigns <http://www.livingroomcandidate.org/>

Option Three (TV Homework): Have students take home the worksheet and fill it out after watching several commercials on TV that night.

Option Four (Internet Ads): Have students search for their own commercials on computers in the classroom.

Lesson Activity Four: The Rhetorical Triangle and Ethos, Pathos and Logos in Speeches

On the board, display the following selections from famous historical speeches:

- “But I am free from American slavery, after wearing the galling chains on my limbs 53 years, nine of which it has been my unhappy lot to be the slave of Henry Clay.”
- Lewis Richardson, “My Grave Shall Be Made in Free Soil,” March 13, 1846
 - o “It is cold, and we have no blankets; the little children are freezing to death.”
- Chief Joseph, “I Will I Fight No More Forever,” October 5, 1877
 - o “There was but one college in the world where women were admitted, and that was in Brazil.”
- Lucy Stone, “A Disappointed Woman,” October 17, 1855

Using random calling strategies, ask students to identify which rhetorical appeal the speaker employs, as well as hypothesize why the speaker might use that strategy.

Pass out the copies of a speech. We’ve provided copies of speeches by Sotomayor, Reagan and Nehru, but this activity would work well with any speech.

Each student should have three pencils, one each of blue, green and red. They should read through their speech (either in small groups or independently) and mark examples of the speaker/writer ethos (green), logos (blue) and pathos (red). There is a question about rhetorical device after the speech. That question is for Lesson Activity Six.

After students have marked up their speeches, have them pick three examples and complete the Effect Worksheet. This can be turned in for assessment or used to start a class discussion.

Lesson Activity Five: Rhetorical Devices

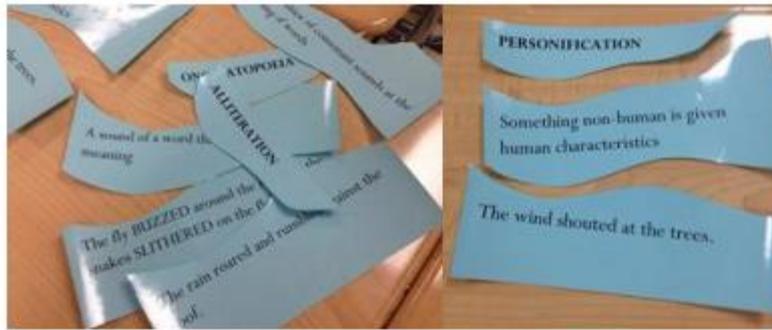
Begin class by asking students what is the most famous speech ever given and justify their answers. Eventually someone will say “I Have a Dream.” Make sure you address why they think it’s so famous. Tell students that rhetorical devices help make a speech memorable and Martin Luther King, Jr. ,was a master at using them in his speeches.

Lesson Activity Five: Rhetorical Devices

Begin class by asking students what is the most famous speech ever given and justify their answers. Eventually someone will say “I Have a Dream.” Make sure you address why they think it’s so famous. Tell students that rhetorical devices help make a speech memorable and Martin Luther King, Jr. ,was a master at using them in his speeches.

Give each student one or two Rhetorical Device puzzle pieces. It is very important that you cut up each page into three parts. Make sure you cut them differently so only the correct piece fits with each term. You could even print some of them in different colors to make it easier for students to find the matches.

Once students have put together all of the puzzle pieces, they should go around the room and copy down the definitions and examples on their note sheet. After copying down all the definitions and examples, students should come up with their own examples.



Lesson Activity Six: Rhetorical Devices in Speeches

Have students look at the selection of “I Have a Dream” on their Rhetorical Devices note sheet. Have them see how many rhetorical elements they can find. Give students about five minutes to find as many as they can. After the five minutes, use a random calling strategy to call on students. They should share one example they found. Make sure all examples are captured on the board so that students can copy down any they missed. Ask students how these devices helped make this speech memorable. They should also discuss whether or not the example uses ethos, pathos or logos.

Using the speeches that they colored coded in lesson activity four, students should mark any rhetorical elements they find in the speech. You could also have students work in groups and assign different parts of the speech to different students. They should finish by reflecting on how these devices helped make the speech more memorable. This reflection can be done in a Socratic Seminar.

Note: This lesson is an introduction to the Rhetorical Triangle, Rhetorical Appeals and Rhetorical Devices. Students will need to work with them again and again to become masters in the Rhetorical Process.

Assessment:

In Lesson Activity Three, students work on their own or in groups to analyze modern advertisements and the persuasion chart can be used as assessment. In Lesson Activity Four, the Effect Worksheet can be used for assessment. In Lesson Activity Six, the final question on the worksheet lets you assess student learning.



Name: _____

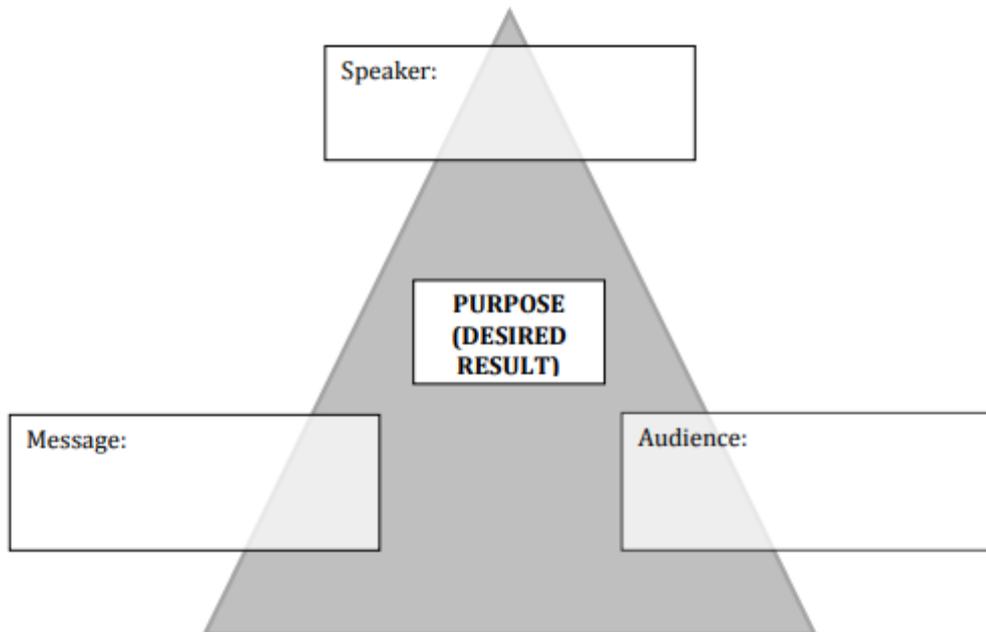
Period: _____

The Rhetorical Triangle and Rhetorical Appeals

Define persuasion: _____

To understand what we are being persuaded to do, we should focus on FIVE questions:

1. Who is the _____?
2. What is the _____?
3. Who is the _____?
4. What _____ are being used to _____?
5. What is the desired _____?



ANEXO D – Material de ensino de Oratória preparado pela iniciativa pessoal de uma professora de escola de AEP

<h2 style="margin: 0;">Colégio Batista Vida Nova</h2>		
Aluno(a): _____	Nº _____	
Data: ____/____/____	Ano: _____	Turno: _____

Professor(a): xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx Disciplina: Língua Portuguesa – 2º Bim – 6º ano

Produção de texto: o discurso oral

 **Carisma:** Dom extraordinário e divino concedido a um crente ou grupo de crentes, para o bem da comunidade; autoridade, fascinação irresistível exercida sobre um grupo de pessoas, supostamente proveniente de poderes sobrenaturais; conjunto de habilidades e/ou poder de encantar, de seduzir, que faz com que um indivíduo (p.ex., um cantor, um ator) desperte de imediato a aprovação e a simpatia das massas; fascínio, fascinação.

 **Composição:** Ato de inventar ou combinar ideias, vestindo-as com palavras, arranjando-as em ordem, e, em geral, colocando-as no papel por meio da escrita.

 **Discurso:** É um recurso que você possui para refletir e analisar um assunto ou tema, com o objetivo de explicá-lo. Geralmente o discurso é utilizado quando estamos usando a nossa inteligência de maneira que seja possível explicar aos outros tudo o que sabemos e entendemos de uma forma simples.

 **Eloquência:** Capacidade de falar e expressar-se com desenvoltura; poder de persuadir pela palavra; a arte de bem falar; expressividade.

 **Oratória:** É a arte e a ciência de expressar-se em público com eloquência. É arte porque tem um componente subjetivo (o carisma) e é ciência enquanto possui técnicas específicas (componente objetivo). Um profissional, com um certo carisma pessoal e que domina as técnicas de Oratória, normalmente realiza apresentações atraentes, dinâmicas e elucidativas.

 **Perspiciência.** [per e speculum, espelho.] Clareza de visão mental; facilidade em ser entendido; liberdade da obscuridade ou ambiguidade; aquela qualidade de

 escrita ou linguagem que prontamente apresenta ideias precisas do autor à mente de outrem.

Referências bíblicas

“Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo”.
Provérbios 25.11

“Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo:
Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.
Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.
Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.
Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.
Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós”.
Mateus 5. 1 – 11.

A Importância de discursar



Promover um discurso é uma atividade muito importante. Essa atividade nos ajuda a produzir ideias e desenvolver a mente através do esforço para escrever e falar com fluência, eloquência e interpretar com perspicácia conhecimentos profundos e relevantes. Quando escrevemos e/ou falamos em público, além de estarmos produzindo um memorial de nossos conhecimentos e descobertas, estamos servindo ao próximo com a nossa intelectualidade. Se guardarmos todos os nossos conhecimentos para nós mesmos, estaremos agindo com egoísmo para com o nosso próximo. Uma vez que fomos despertados por Deus para um conhecimento específico com base nos Seus princípios eternos, devemos fazer com que outras pessoas desfrutem também dessa boa novidade.

Escrever um bom texto e falar em público com uma linguagem erudita são atitudes que vêm sendo abandonadas pela maioria das pessoas, pois a humanidade tem desprezado o que é belo. A boa Oratória, como vimos na definição deste material, é uma Arte, e, como toda Arte, deve glorificar a Deus através da expressão da beleza e da harmonia.

Muitos indivíduos têm utilizado suas habilidades discursivas para propagar ideias mentirosas acerca do sentido da vida e do modo como temos que viver aqui na terra. Portanto, nós, que temos a mente transformada pela Palavra de Deus, devemos assumir o compromisso de argumentar de maneira inteligente e perspicaz, defendendo a Verdade das Escrituras Sagradas em diversos contextos sociais e áreas do conhecimento.

Registrando

Obs.: Execute a atividade a seguir em seu fichário. Faça o cabeçalho, escreva o título da atividade, copie as perguntas e responda-as com muito capricho, dando respostas completas! Você poderá ilustrar sua tarefa.



“...pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador...” Romanos 1.25

- 1. Reflita e registre a seguir alguma mentira que a sociedade tem divulgado através da prática discursiva. Em seguida, explique como você identifica que essa ideia é mentirosa, argumentando biblicamente sobre isso.**
- 2. Agora, releia o que está escrito no ponto 1 da nossa Constituição de Sala (Colégio Batista Vida Nova, Ensino Fundamental II, 2017) e registre.**

Como preparar um discurso oral

Preparar um discurso é uma atividade que requer domínio do assunto a ser abordado, esforço e concentração. Quando sabemos o objetivo do nosso discurso e estudamos, escrevemos e refletimos sobre os conhecimentos a serem transmitidos, organizaremos esse texto de maneira séria e consciente.

Organizar um discurso, ao contrário do que algumas pessoas pensam, não prejudica a espontaneidade da palestra, mas nos faz seguir uma linha de raciocínio lógica e precisa, uma vez que o nosso principal objetivo é cativar o público para que os ele seja inspirado, e que se torne capaz de discutir acerca do tema que está sendo abordado. Questione de que maneira o assunto abordado se aplica na vida do seu público. Isso aumenta o interesse. Quanta responsabilidade!

Veja, a seguir, alguns **métodos importantes** para organizar o seu discurso:

- 1. Escreva uma declaração sucinta e direta sobre seu tema.** Tente escrever algo que conquistará seu público, de forma a agarrar a atenção dele logo de início. Use uma citação. Às vezes, alguém já disse melhor algumas coisas sobre o tema. Certifique-se apenas de dar crédito à fonte.

- 2. Não inicie o seu discurso com uma piada.** Você pode achar que uma piada é engraçada, mas seu público pode não rir dela ou até achá-la ofensiva.



- 3. Escolha 3 ou 5 pontos de apoio para seu assunto.** Certifique-se de que seus pontos sejam concisos e diretos.

- 4. Escreva com sua experiência.** Caso tenha um longo histórico associado a um determinado tópico, suas experiências e histórias pessoais podem ser ótimos recursos. Apenas faça com que essas histórias se mantenham sucintas para que você não fale demais e perca a atenção do público

5. Decida se você irá usar auxílios visuais. Você pode criar uma apresentação no Prezi ou no PowerPoint para ilustrar seus discursos, ou pode usar cartilhas e gráficos em papel.

6. Use poucos auxílios visuais. Você quer que ele colabore com o discurso, e não que o sobrepuje. Certifique-se de que o público possa ler o conteúdo de seus auxílios visuais. Grande demais é melhor que pequeno demais.

7. Verifique as instalações da sala onde seu discurso será feito. Se você precisar de um Datashow, certifique-se de que o local tenha tal equipamento.

8. Prepare panfletos se seu tema for detalhado e técnico. Desse jeito, você pode cobrir os pontos mais importantes de seu discurso enquanto dá ao público uma referência para pontos mais detalhados. Essas referências podem ser guardadas para depois.

9. Estabeleça um limite. Você deve saber o quão longo seu discurso precisa ser. Se não puder dar o discurso dentro de determinada quantidade de tempo, então será preciso encurtá-lo ou estendê-lo.

10. Pratique seu discurso em frente a um amigo ou ao espelho. Pratique olhando para seu “público”.

11. Fale lentamente e pronuncie claramente. Pause entre sessões de seu discurso para que o público possa digerir a informação.

12. Marque detalhes de seu discurso com um lápis ou caneta. Se palavras soarem pouco naturais a você ou uma frase não estiver bem colocada, retire-a do discurso e edite-a para que ela pareça mais natural.

13. Faça uma gravação em vídeo de si mesmo discursando. Analise sua aparência, sua linguagem corporal e a execução do discurso. Certifique-se de que



seus gestos sejam naturais e pouco frenéticos. Alternativamente, não fixe seus braços ao seu corpo e nem os mantenha descansadas sobre o pódio. Se você fizer o discurso a um amigo e ele fornecer críticas construtivas, tente se abrir a o que ele/ela tem a dizer.

14. Pratique várias vezes. Você ficará muito mais confiante no palco se houver ensaiado o discurso várias vezes.

15. Vista-se de maneira apropriada. Ser elegante é evitar os exageros. Vestir-se de maneira discreta e harmônica auxilia no processo da comunicação.

A irresistível Oratória de Jesus Cristo

A comunicação pertence a dois lados. Ao comunicador e a quem escuta. Sem se comunicar bem, é impossível que alguém avance na vida, e na carreira profissional ou lidere grandes projetos. Vamos contemplar algumas características do Maior Orador de todos os tempos: JESUS CRISTO.

1. Ele acreditava em si mesmo: não podemos imaginar um orador que seja bem-sucedido em sua mensagem, se antes de tudo ele não acreditar em si mesmo. Como se dar bem na comunicação se você mesmo se autodeprecia? A resposta é: não há como.

“Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio.” II Coríntios 5:20

2. Ele tinha conduta exemplar: nenhuma plateia irá se dispor a ouvir alguém que não tenha conduta exemplar. A sua conduta deve estar alinhada com seu próprio exemplo de vida, gerando (credibilidade) diante de sua plateia, o que permitirá as pessoas lhe ouvir atentamente;

3. Ele tinha foco na mensagem: não adianta sair atirando para todos os lados. Tenha foco na sua comunicação. A percepção do público é muito aguçada. Nunca menospreze a inteligência da sua interlocução, por mais simples que ela seja;

4. Ele falava com naturalidade: eis aí uma qualidade indispensável no processo de comunicação a todos os oradores. Falar de maneira artificial levará você ao descrédito. Este ingrediente é um dos processos da boa fala. Gera credibilidade e encanta pessoas.

5. Ele ouvia com atenção seus seguidores: a arte não está posta apenas nas belas pinturas feitas por grandes artistas. Ela encontra-se até

em pequenos gestos que lançamos mão, no contato com outras pessoas. Ouvir, portanto, é uma arte.



6. Ele tinha um semblante arejado: tenham certeza: nenhum auditório consome oradores com semblantes (fechados, carrancudos). Ter um semblante arejado abre as portas de uma comunicação eficaz. Agora, não seja artificial. Procure mostrar-se calmo, tranquilo e naturalmente, seu semblante vai tendo contornos agradáveis e de fácil absorção pelo público presente;

7. Ele não era arrogante: no dia a dia, não desejamos conviver com pessoas arrogantes. Geralmente estas pessoas vivem isoladas, ou convivem com um número reduzido de amigos e familiares. Assim acontece com o orador arrogante. Com certeza, se você agir assim, logo será descoberto pelos presentes e não vai demorar muito para que eles coloquem barreiras na sua apresentação, dificultando o relacionamento entre vocês;

8. Ele era um bom contador de histórias: o público gosta de ouvir histórias. Sejam elas reais ou fictícias. Se você traz em sua fala, fatos, situações até que tenham ocorrido com você, elas podem ser divididas com seu público. Não há problema nisso. Esses momentos servem para descontrair um pouco. Tenha apenas o cuidado para que os fatos relatados, tenham alguma conexão com o que você está falando, que seja breve e deixe alguma lição aos que o ouvem.

Por todos estes e outros aspectos, Jesus conseguiu atingir seus propósitos, fazendo com que pessoas o seguissem. E essas pessoas fizeram isso porque acreditaram em suas ideias e tiveram a percepção que teriam muito a aprender com o Rei dos Reis. Vale ressaltar que o que Ele pregou vale até os dias atuais. Tudo ficou literalmente eternizado na mente e nos corações das pessoas.

Portanto, espelhe-se na postura do Orador dos oradores e gere nas pessoas uma sensação de satisfação e alegria ao ouvi-lo.

Adaptado para fins didáticos: Prof. Gilberto Silva, é Especialista em Oratória, Consultor do Governo de Pernambuco em Oratória e Expressão Gestual, para Educação Corporativa, Centro de Formação do Servidor - CEFOSPE

Referências bibliográficas

- ✓ ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- ✓ HOUAISS, Antônio. **Novo dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1.ed. Brasil: Objetiva, 2009.

- ✓ <http://pt.wikihow.com/Preparar-e-Fazer-um-Discurso>
- ✓ <http://www.clubedafala.com.br/oratoria/tecnicas-e-regras-de-oratoria/>
- ✓ <http://www.falandoempublico.com/como-preparar-um-discurso/>
- ✓ <http://www.professorgilbertosilva.com.br/artigosShow.php?artigo=2>

Referências bibliográficas

- ✓ TRIPP, Paul David. **Guerra de Palavras**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

ANEXO E – Apresentação utilizada na Seção Temática intitulada: *Ensino de Oratória em escolas de AEP: Você pode começar já!*



Cada um dos alunos de *Dayspring* é ensinado a apresentar uma nobre e sã defesa da esperança que nele há. O propósito de promover o engajamento dos alunos com a ciência de escrever discursos e, em seguida, utilizar-se da arte da oratória para preferi-los é treiná-los para "levar todo pensamento cativo a Deus, para torná-lo obediente a Cristo" (II Co 10,5b): primeiro o seu próprio e depois o dos outros. Assim, preparados para proclamar as verdades e maravilhas de Deus, suas bem fundamentadas e bem apresentadas visões de mundo bíblicas poderão promover em seus leitores e ouvintes uma mudança de ponto de vista, reconciliando-os, assim, com Deus. (II Co 5,20).

(Myers, M. Oration Project Overview p. 3)

Citação retirada do material didático do Oration Project



Inspirar



Pesquisar: Versículos-chave

"Antes, reverenciari a Cristo como Senhor em vosso coração, estando **sempre preparados para responder** a qualquer pessoa que vos questionar quanto à esperança que há em vós." I Pedro 3,15

"E disse-lhes: Ide por todo o mundo, **pregai o evangelho a toda criatura.**" Marcos 16:15

"Durante três meses, Paulo frequentou a sinagoga, onde **falava ousadamente, discutindo e persuadindo** a respeito do Reino de Deus." Atos 19:8

"E aconteceu que, **concluindo Jesus este discurso**, a multidão se admirou da sua doutrina; Porquanto os **ensinava como tendo autoridade**; e não como os escribas." Mateus 7:28,29



Pesquisar: Palavras-chave

ORATÓRIA 1. A arte de falar bem, ou de falar de acordo com as regras da retórica, a fim de persuadir. Para constituir oratória a fala deve ser **justa e pertinente ao assunto**; precisa ser **metódica**, todas as partes do discurso dispostas de maneira **ordenada e conectada**; deve ser **embelezada** com as belezas da língua e **pronunciada com eloquência**.

RETÓRICA 1. A Arte de falar com propriedade, elegância e força. 2. O poder de persuasão ou atração; aquilo que fascina ou encanta.



(WEBSTER, 1828)

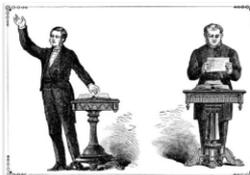
Tradução minha de todos os verbetes do original em inglês

WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
ancorados na Verdade

Pesquisar: Palavras-chave

ELOQUÊNCIA 1. Oratória; o ato ou a arte de falar bem, ou com fluência e elegância. Eloquência compreende a **boa elocução ou enunciação**; correta; apropriada e com expressões ricas, com Conseqüentemente, eloquência é adaptada para agradar, afetar e persuadir.



(WEBSTER, 1828)

Tradução minha de todos os verbetes do original em inglês

WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
ancorados na Verdade

Pesquisar: Palavras-chave

PERSUADIR 1. Influenciar através de argumento, conselho, súplica ou exposição. Mover ou inclinar o desejo a uma determinação, através da apresentação de argumentos à mente. 2. Convencer através de argumentos, ou razões oferecidas; ou convencer através de razões sugeridas, reflexão ou deliberação, ou através de evidências apresentadas de diferentes maneiras à mente.



(WEBSTER, 1828)

Tradução minha de todos os verbetes do original em inglês

WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
ancorados na Verdade

Pesquisar: Outras fontes



"Seria absurdo afirmar que alguém devesse envergonhar-se por ser incapaz de defender-se com seus membros físicos, mas não de ser incapaz de defender-se mediante discurso racional quando o uso do discurso racional distingue mais o ser humano do que o uso de seus membros." Aristóteles

"O orador que deseja falar, não somente com sabedoria, mas, também com eloquência, será mais útil se puder empregar essas duas coisas" Agostinho de Hipona

"Um bom orador é capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa." Górgias

"Aquilo que melhor caracteriza [a Oratória] é ter sido definida como a ciência do bem-dizer (bene dicendi scientia) porque isso abrange simultaneamente todas as perfeições do discurso e a própria moralidade do orador, uma vez que não se pode falar verdadeiramente se não formos homens de bem."

Quintiliano

WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
ancorados na Verdade

Ideia-guia

O ensino de oratória é essencial para nosso aluno, pois o ser humano glorifica a Deus quando **desenvolve sua habilidade** de utilizar a língua de maneira correta, ordenada, bela e eloquente. Isso os ajudará a estarem preparados para cumprir sua missão de **persuadir** o mundo ao evangelho de Cristo com ousadia e autoridade dadas por Deus. **Jesus** é o nosso melhor **exemplo de orador**.

WORKSHOP ONLINE 20 DISCERNINDO A ATUALIDADE ancorados na Verdade

Raciocinar

- INVENÇÃO:** Achar o que falar e pesquisar argumentos
- DISPOSIÇÃO:** argumentos são ordenados de maneira racional e plausível
- ELOCUÇÃO:** Construção do discurso, estilo, clareza, correção, ritmo
- AÇÃO:** Preferência do discurso, uso da voz, gestos, dicção

ORATÓRIA
A construção do discurso

Oratória não é apenas usar a Linguagem oral. Não é dar opinião. Não é apenas usar palavras bonitas.

O fim da oratória é **PERSUADIR**

DISCERNINDO A ATUALIDADE ancorados na Verdade

Raciocinar

- ETHOS:** PELA MANEIRA COMO FALA O ORADOR MOSTRA-SE DIGNO DE CRÉDITO.
 - PATHOS:** O DISCURSO AFETA AS EMOÇÕES DO PÚBLICO.
 - LOGOS:** ARGUMENTOS PERSUASIVOS DEMONSTRAM O QUE PARECE SER A VERDADE.
- CARÁTER** **INDIVIDUALIDADE** **MORDOMIA**
INDIVIDUALIDADE **ALIANÇA** **SOBERANIA**

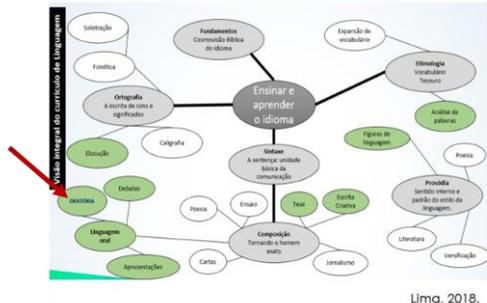
MEIOS DE PERSUAÇÃO PELA LINGUAGEM

Os princípios bíblicos da EP aplicam-se à oratória clássica.

A oratória educa e aperfeiçoa o espírito crítico do homem, além de fazê-lo capaz de comunicar a verdade e ligar seu espírito ao do seu ouvinte.

DISCERNINDO A ATUALIDADE ancorados na Verdade

Relacionar: A oratória e o ensino



Lima, 2018.

ENSINO DE LINGUAGEM

O propósito do ensino da língua materna é o total domínio da linguagem para anunciar o evangelho-expressão lúdica e efetiva na fala e na escrita- e para bem sucedidos empreendimentos na vida. (Adams, 2006)

DISCERNINDO A ATUALIDADE ancorados na Verdade

Relacionar: A oratória na escola

ENSINAMOS ORATÓRIA NA ESCOLA?
NÃO? PORQUE NÃO? **SIM?** COMO?



“Aprender a falar em público **devia ter o mesmo peso que aprender matemática** nas escolas.” (Niel Mercer, Cambridge University)

“**Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis**, para formular, **negociar e defender ideias**, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.” (BNCC - BRASIL, 2018, p.9).

WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
âncorados na verdade



Relacionar: A oratória na escola

Desde muito cedo, as crianças americanas são incentivadas a falar em público e a lidar com a exposição em diferentes situações. **Os pais e as instituições de ensino compreendem que é preciso ajudá-las** a enfrentar a timidez e a expor suas ideias o quanto antes.

Enquanto isso, o Brasil carrega resquícios de uma cultura que **acredita que a oratória é uma característica nata**. Se a criança não é comunicativa quando pequena, o imaginário social brasileiro ainda acredita que não há como melhorar suas aptidões, como se oratória fosse um dom (e não uma habilidade).

Pelas experiências dos dois países (Estados Unidos e Brasil), percebe-se que os americanos têm mais facilidade para falar em público, pois a oratória é um conceito enraizado na cultura institucional do país e **cultivado desde cedo**. No Brasil, ainda há pouco incentivo dessa prática na infância. **Essa diferença apenas diminuirá quando as escolas e os responsáveis compreenderem a importância de trazer a oratória para o cotidiano das crianças.** Bello (2009)

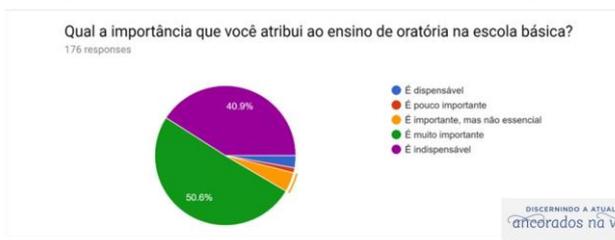
WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
âncorados na verdade



Relacionar: A oratória na escola

ENSINAMOS ORATÓRIA NA ESCOLA? **NÃO?** PORQUE NÃO? **SIM?** COMO?
IMPORTANTE DEMAIS PARA NÃO SER ENSINADA NA ESCOLA



Relacionar: A oratória na escola

ENSINAMOS ORATÓRIA NA ESCOLA? **NÃO?** PORQUE NÃO? **SIM?** COMO?



“Apesar de entender o valor inegável do desenvolvimento da oratória, ainda não encontrei um caminho claro sobre o estudo, visto que a demanda dos conteúdos exigidos para a minha disciplina acaba sobrepujando aquilo que é, também, tão importante.”

(Fala de uma professora de Língua Portuguesa de escola de AEP).

WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
âncorados na verdade



Relacionar: A oratória na escola (Bluedorn (2001))

ENSINAMOS ORATÓRIA NA ESCOLA? NÃO? PORQUE NÃO? SIM? COMO?

Até 10 anos : Foco em **vocabulário, ortografia e leitura. Leitura em voz alta, recontagem** de narrativas em suas próprias palavras, **memorização de textos** em prosa e poemas.

Dos 10 aos 12 anos: Foco em **ortografia e gramática. Escrita de narrativas, interpretação** de textos imprimindo-lhes um **sentimento na fala.**

Dos 13 aos 15 anos: **Composição, argumentação e discurso.** Projetos escritos maiores com exigência de mais **pesquisa e proferição** dos discursos.

Dos 16 aos 18 anos: O aluno é exposto formalmente às regras da **Retórica clássica** e desenvolver seu discurso baseado nelas. **Combinar todo seu aprendizado das diversas disciplinas** em projetos que demonstrem sua habilidade de expressar-se com clareza, beleza e persuasão, estabelecendo teses e defendendo-as.



Relacionar: A oratória na escola

ORATION PROJECT- Dayspring Christian Academy



- A partir do 2º ano do EF e vai aumentando as exigências de acordo com a série.
- Trabalho inicial de **conscientização** (o que é um discurso, por que escrevê-lo)
- Atenção especial para a **escolha do tema do discurso.** O discurso deve ser sobre um assunto que suscite paixão no orador, que seja **útil** para seu **crescimento pessoal**, que seja útil para o seu **país** e que seja **aprovado por sua família.**
- Determinação do **número de palavras** para cada série assim como de um número mínimo de fontes de pesquisa. Orientação sobre **como fazer pesquisas** sobre o tema.
- Exigência do uso da **Bíblia como fonte de pesquisa.**



Relacionar: A oratória na escola (Noah Plan)

2. SUGESTÃO DE IDEIAS-GUIA PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

A. Três a cinco anos – Educação Infantil

3 anos	4 anos	Jardim de Infância	Oportunidades de serviço
1. Retórica <ul style="list-style-type: none"> Trabalhar na pronúncia e diction, contando histórias dramáticas com inflexão. 	1. Trabalhar em diction <ul style="list-style-type: none"> Instruir como fazer certos sons fisicamente para treino. Instruções sobre como respirar corretamente para ter fôlego correto no discurso. 	1. Fala <ul style="list-style-type: none"> Pronúncia, diction, treinar através de instruções de fonética. Articulação básica Palavras com rima 	1. Falar com a família, na escola e na igreja. <ul style="list-style-type: none"> Faça teatro! Memorizar poemas Versos das Escrituras Testemunhar e compartilhar oralmente
2. Etimologia <ul style="list-style-type: none"> Comunicar ideias de várias maneiras Usar variedade de palavras do vocabulário Usar tempos verbais corretamente 	2. Aumentar o vocabulário <ul style="list-style-type: none"> Falar do trabalho do papai, o trabalho de casa da mamie Vizinhança, loja Público versus privado 	2. Vocabulário <ul style="list-style-type: none"> Aumentar através da fonica e do soletrar Identificar sujeito simples e predicado Ensaie e revise! 	2. Jogos de dicionário <ul style="list-style-type: none"> Definir palavras oralmente Pesquisar por palavras Adivinhar a definição



Relacionar: A oratória na escola (Noah Plan)

1º ano	2º ano	3º ano	Oportunidades de Serviço
4. Pontuação <ul style="list-style-type: none"> Letras maiúscula Nomes próprios Dias, meses, feriados Nomes de Deus Período Abreviações Interrogação Virgula Apóstrofe 	4. Pontuação <ul style="list-style-type: none"> Regras para letras maiúsculas Substantivos para raça ou nação, títulos, livros, palavras no cabeçalho Cartas amigáveis Frases complexas Parágrafos construídos com típico fraseal 	4. Pontuação <ul style="list-style-type: none"> Letra maiúscula, citações Títulos das pessoas, poesia Apóstrofe, contração, revisão de outras áreas 	4. Escrever artigos, resumos e parágrafos de documentos e outros materiais para serem publicados em jornais da escola ou em editores em jornais públicos

C. Nove a onze anos (Fundamental 1 e 2 – 4º a 6º ano) – Gramática

4º ano	5º ano	6º ano	Oportunidade de Serviço
1. Diction oral <ul style="list-style-type: none"> Continuar a trabalhar a memória e preparar discursos em sala 	1. Diction oral <ul style="list-style-type: none"> Fala dramatizada e apresentação 	1. Diction oral <ul style="list-style-type: none"> Memória de prosa, poesia e apresentações originais 	1. Oportunidades contínuas para compartilhar no colégio, salas e arena competitiva fora do ambiente da escola



Relacionar: A oratória na escola (Iniciativa Pessoal)

1. Escreva uma declaração sucinta e direta sobre seu tema. Talvez escreva algo que comparta-se ao público, de forma a despertar a atenção para algo de novo. Use uma declaração. Às vezes, alguém já disse muitas coisas sobre o tema. Certifique-se de ser diferente.

2. Não seja tímido e seu discurso com uma pista. Você pode achar que uma pista é obrigada, mas seu público pode não ter ideia de onde você está se referindo.

3. Escolha 3 ou 5 pontos de apoio para seu assunto. Certifique-se de que seus pontos sejam concisos e diretos.

4. Escreva com sua experiência. Caso tenha um longo histórico associado a determinado tópico, suas experiências e histórias pessoais podem ser ótimos recursos. Apenas faça com que estas histórias se mantenham sucintas para que você não fale demais.

5. Decida se você irá usar auxílios visuais. Você pode criar uma apresentação simples e porca a atenção do público.

6. Use pontos auxílios visuais. Você quer que eles colaborem com o discurso, e não atrapalhem? Certifique-se de que o conteúdo de seus auxílios não que o interrompa. Normalmente é melhor que preparem detalhes.

10. Pratique seu discurso em frente a um amigo ou ao espelho. Pratique olhando para seu "público".

11. Fale lentamente e pronuncie claramente. Pausa entre sessões de seu discurso para que o público possa digerir a informação.

12. Marque detalhes de seu discurso com um lápis ou caneta. Se palavras soarem pouco naturais a você ou uma frase não estiver bem colocada, retire-a do discurso e edite-a para que ela pareça mais natural.

13. Faça uma gravação em vídeo de si mesmo discursando. Analise sua aparência, sua linguagem corporal e a execução do discurso. Certifique-se de que seus gestos sejam naturais e pouco frenéticos. Alternativamente, não fixe seus braços ao seu corpo e nem os mantenha descansados sobre o pódio. Se você fizer o discurso a um amigo e ele fornecer críticas construtivas, tente se abrir a o que ele tem a dizer.

14. Pratique várias vezes. Você ficará muito mais confiante no palco se houver ensaiado o discurso várias vezes.

15. Vista-se de maneira apropriada. Ser elegante é evitar os exageros. Vista-se de maneira discreta e harmônica assimila no processo de comunicação.

Relacionar: A oratória na escola (Iniciativa Pessoal)

1. Escreva uma declaração sucinta e direta sobre seu tema. Talvez escreva algo que comparta-se ao público, de forma a despertar a atenção para algo de novo. Use uma declaração. Às vezes, alguém já disse muitas coisas sobre o tema. Certifique-se de ser diferente.

2. Não seja tímido e seu discurso com uma pista. Você pode achar que uma pista é obrigada, mas seu público pode não ter ideia de onde você está se referindo.

3. Escolha 3 ou 5 pontos de apoio para seu assunto. Certifique-se de que seus pontos sejam concisos e diretos.

4. Escreva com sua experiência. Caso tenha um longo histórico associado a determinado tópico, suas experiências e histórias pessoais podem ser ótimos recursos. Apenas faça com que estas histórias se mantenham sucintas para que você não fale demais.

5. Decida se você irá usar auxílios visuais. Você pode criar uma apresentação simples e porca a atenção do público.

6. Use pontos auxílios visuais. Você quer que eles colaborem com o discurso, e não atrapalhem? Certifique-se de que o conteúdo de seus auxílios não que o interrompa. Normalmente é melhor que preparem detalhes.

10. Pratique seu discurso em frente a um amigo ou ao espelho. Pratique olhando para seu "público".

11. Fale lentamente e pronuncie claramente. Pausa entre sessões de seu discurso para que o público possa digerir a informação.

12. Marque detalhes de seu discurso com um lápis ou caneta. Se palavras soarem pouco naturais a você ou uma frase não estiver bem colocada, retire-a do discurso e edite-a para que ela pareça mais natural.

13. Faça uma gravação em vídeo de si mesmo discursando. Analise sua aparência, sua linguagem corporal e a execução do discurso. Certifique-se de que seus gestos sejam naturais e pouco frenéticos. Alternativamente, não fixe seus braços ao seu corpo e nem os mantenha descansados sobre o pódio. Se você fizer o discurso a um amigo e ele fornecer críticas construtivas, tente se abrir a o que ele tem a dizer.

14. Pratique várias vezes. Você ficará muito mais confiante no palco se houver ensaiado o discurso várias vezes.

15. Vista-se de maneira apropriada. Ser elegante é evitar os exageros. Vista-se de maneira discreta e harmônica assimila no processo de comunicação.

O QUE VOCÊ PODE FAZER JÁ?

- Recital
- Declamação
- Memorização
- Apresentações teatrais
- Debates
- Jornal Mirim
- Júri Simulado
- Diário temático

Embora a oratória seja, principalmente, do domínio da linguagem, **o desenvolvimento dessa habilidade não é tarefa exclusiva dos professores de língua portuguesa.** PROFESSORES DE TODAS AS DISCIPLINAS podem e devem colaborar no desenvolvimento dos alunos nessa área.

WORKSHOP 20
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
atendidos na verdade

O QUE VOCÊ PODE FAZER JÁ?



FAZER UM ESTUDO PESSOAL RÁPIDO SOBRE O TEMA



VER UM FILME SOBRE ORATÓRIA COM SUA TURMA



DESENVOLVER UM PEQUENO PROJETO DE 5 AULAS SOBRE ORATÓRIA COM SUA TURMA



PROPOR UM TRABALHO INTERDISCIPLINAR COM ORIENTAÇÃO SOBRE ORATÓRIA



PROPOR UM GRUPO DE DEBATE EM HORÁRIO EXTRA CLASSE



PROPONHA A REALIZAÇÃO DA CONFERÊNCIA FINAL DE SÉRIE APENAS NA SUA DISCIPLINA OU NA ESCOLA TODA

DE
dade

DICAS DE FILMES SOBRE O TEMA



WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
âncorados na verdade

Não me sinto capacitado! Minha escola não valoriza! Não sei por onde começar!



“Se clamares por conhecimento, e por inteligência alçares a tua voz, Se como a prata a buscares e como a tesouros escondidos a procuraes, Então entenderás o temor do Senhor, e acharás o conhecimento de Deus. Porque o Senhor dá a sabedoria; da sua boca é que vem o conhecimento e o entendimento.”

Provérbios 2:3-6

WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
âncorados na verdade

VAMOS FAZER ISSO JUNTOS?

Vamos nos preparar?



WORKSHOP
ONLINE 20

DISCERNINDO A ATUALIDADE
âncorados na verdade

<https://rhetoricsocietyeurope.eu/rhetoric-programs-in-europe/>